

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

OS ARGONAUTAS GUATÓ:

**aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos
que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense**

JORGE EREMITES DE OLIVEIRA

(E-mail: eremites@ceud.ufms.br - Fone: (67) 411-3645 e 9952-5751)

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter C. Hilbert

Dissertação apresentada como requisito
parcial e último para obtenção do grau de
Mestre em História, na Área de
Concentração em Arqueologia.

Porto Alegre, Janeiro de 1995.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Para Margareti,
pelo amor, apoio e paciência indispensáveis.

Para Luiz Octavius,
pela inspiração.

Para os Guató,
pela amizade, sabedoria e resistência.

“Além de tudo isso o guató é um habitante aquático por excelência; mais do que qualquer outra tribo do continente sul-americano” (Max Schmidt, 1942b, p. 249).

“De Corumbá para cima é o país dos Guatós, tribo de navegantes eternos que, consubstanciados com suas canoas, quase como o caramujo com a sua concha, erra e vive por aquelas alegres e fartas regiões dos pantanais do alto Paraguai, S. Lourenço e Cuiabá. Para o índio essa é a região onde a vida é fácil: a caça e o peixe são aí não só em grande abundância, mas tão facilmente colhidos que, para viver e gozar de abundância, não é necessário trabalhar” (José V. Couto de Magalhães, 1873, p. 375).

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas. São tantas que, desde já, quero pedir desculpas e agradecer aquelas que por ventura não estejam citadas nominalmente na relação abaixo:

- Amélia, Idalina e Humberto, três figuras importantes da minha família, sempre me apoiaram;
- Margareti, minha esposa, foi companheira em todas as horas;
- Luiz Octavius, meu filho, representou um estímulo à minha jornada, apesar da distância;
- Pedro Ignacio Schmitz, meu mestre, muito me ensinou sobre arqueologia e antropologia, e sempre confiou na minha capacidade, dando apoio total e orientação cruciais;
- Klaus Hilbert acompanhou toda a elaboração deste trabalho e mostrou ser um grande amigo e indispensável orientador;
- Severo Ferreira e Dalva Ferreira ajudaram no contato com os Guató;
- Francolina Rondon, Josefina Alves Ribeiro e Pedro Gomes da Silva deram verdadeiras lições de vida e aulas sobre a cultura Guató;
- Sérgio Wilton Gomes Isquierdo e Maria Angélica de Oliveira Bezerra, companheiros desde meus tempos de graduação, deram apoio, incentivo e importantes sugestões sobre a descrição do ambiente;

- José Luis dos Santos Peixoto, outro amigo importante e parceiro de **survey**, juntamente com sua família, muito me ajudaram desde que cheguei no Rio Grande do Sul pela primeira vez, em 1991, para estagiar no IAP;
- Maria Eunice Jardim Schuch compartilhou do debate sobre diversos problemas referentes a etnologia e etnoistória do Pantanal Matogrossense, e ajudou na aquisição de parte da bibliografia examinada;
- Francisco da Silva Noelli e Fabíola Andréa Silva, amigos dedicados à ciência, leram a maior parte dos rascunhos e fizeram críticas e sugestões de grande pertinência;
- Marcos Alberto Rahmeier traduziu os textos em alemão com muita habilidade, os quais foram de grande serventia;
- André Osorio Rosa, Geraldo Alves D. Júnior, Ítala Basile Becker, Jairo Henrique Rogge, Marcelo Chaparro, Marcus Vinicius Beber, Maribel Girelli, Paulo Marcos Esselin e Rodrigo Lavina discutiram alguns tópicos no decorrer dos trabalhos e apresentaram relevantes considerações;
- Antônio João de Jesus, Edvaldo de Assis e Elizabeth Madureira Siqueira contribuíram com sugestões bibliográficas e abriram as portas da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, onde pude encontrar e examinar vários documentos históricos;
- Adair Pimentel Palácio enviou textos e, por telefone, esclareceu algumas dúvidas e relatou sua experiência com os Guató, sendo uma referência importante;
- Branislava Susnik e Adelina Pusineri muito gentilmente colocaram à minha disposição o acervo da biblioteca do Museu Etnográfico “Andrés Barbero”, quando estive em Assunção, Paraguai;
- Maucir Pauletti e Nereu Schneider do CIMI-MS, e Yuri Matsunaka da Associação de Índios Desaldeados Kaguateca “Marçal de Souza”, companheiros que militam pela causa indígena, cederam cópias dos relatórios que dispunham sobre os Guató;
- Agostinho Carlos Catella ajudou na identificação das espécies de peixes que levantei através de relatos orais junto aos informantes Guató;

- Carla e Rosana da secretaria do “Pós”, da mesma forma que as funcionárias responsáveis pelo COMULT junto à biblioteca da PUCRS, sempre estiveram disponíveis para o pronto atendimento;
- Os demais colegas e professores do mestrado, com os quais tive contato no decorrer do curso, também contribuíram para o meu amadurecimento intelectual ao longo de tantos seminários, não raras vezes em momentos de confraternização.

Por último, mas não menos importante, sou grato também a CAPES pela cedência de uma bolsa de mestrado durante o período de julho/1992 a janeiro/1995, sem a qual não poderia ter me dedicado exclusivamente a este projeto.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
RESUMO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
1 PANTANAL MATOGROSSENSE: AMBIENTE E OCUPAÇÃO INDÍGENA.....	21
1.1 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE FÍSICO.....	21
1.1.1 Informações paleoambientais.....	23
1.1.2 Aspectos geológicos, geomorfológicos e pedológicos.....	25
1.1.3 Clima e hidrografia.....	28
1.1.4 Aspectos florísticos e faunísticos.....	30
1.2 ESBOÇO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA.....	34
1.2.1 Grafismos rupestres.....	36
1.2.2 Tradição Tupiguarani.....	41

1.2.3 Tradição Aratu-Sapucai.....	44
1.2.4 Sítios de ocupação cerâmica sem filiação tecnológica.....	52
1.2.5 Aterros.....	58
1.2.6 Grupos étnicos conhecidos historicamente.....	68
2 OS GUATÓ: CANOEIROS POR EXCELÊNCIA.....	71
2.1 FONTES DE PESQUISA.....	71
2.1.1 Fontes etnológicas.....	72
2.1.2 Fontes etnohistóricas.....	79
2.2 HABITAT.....	82
2.2.1 Tentativa de delimitação da área de ocupação.....	83
2.2.2 Aspectos gerais do ambiente físico.....	104
2.3 ASSENTAMENTOS E SUAS ESTRUTURAS.....	106
2.3.1 Tipos de assentamentos.....	106
2.3.2 Estruturas de habitação.....	122
2.3.3 Estruturas de combustão.....	129
2.3.4 Estruturas funerárias.....	131
2.3.5 Outras estruturas funerárias.....	132
2.4 SUBSISTÊNCIA.....	134
2.4.1 Pesca.....	135
2.4.2 Caça.....	138

2.4.3 Coleta.....	143
2.4.4 Cultivo.....	147
2.5 CULTURA MATERIAL.....	149
2.5.1 Equipamento de subsistência.....	150
2.5.1.1 Arcos.....	150
2.5.1.2 Flechas.....	153
2.5.1.3 Bodoques.....	162
2.5.1.4 Zagaias.....	163
2.5.1.5 Canoas, remos e zingas.....	165
2.5.1.6 Artefatos líticos.....	169
2.5.1.7 Armadilhas de caçar.....	172
2.5.1.8 Outros.....	172
2.5.2 Equipamento de uso doméstico e de trabalho.....	172
2.5.2.1 Trabalhos em madeira e a utilização de conchas de moluscos.....	173
2.5.2.2 Cerâmica.....	177
2.5.2.3 Trançado e tecelagem.....	183
2.5.2.4 Outros.....	188
CONCLUSÃO	190
BIBLIOGRAFIA	193

LISTA DE FIGURAS

1 Localização do Pantanal Matogrossense.....	22
2 Províncias fitogeográficas e áreas de influência que atuam no Pantanal.....	31
3 Mapa das sub-regiões do Pantanal Matogrossense.....	31
4 Áreas abrangidas pelo Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul	35
5 “Letreiro da Gaíba”.....	37
6 Quadro geral dos tipos de grafismos rupestres estudados por Girelli (1994).....	40
7 Cerâmica da Tradição Tupiguarani.....	42
8 Material cultural coletado do Cemitério I	45
9 Material cultural coletado do Cemitério II	46
10 Material cerâmico coletado na Fazenda Barranco Vermelho.....	48
11 Material lítico coletado na Fazenda Barranco Vermelho.....	49
12 Vasilhame coletado na Fazenda Barranco Vermelho e doado ao Museu Rondon.....	50
13 Cerâmica do Segundo Grupo	54
14 Cerâmica do Segundo Grupo	55
15 Cerâmica do Segundo Grupo	56
16 Cerâmica do Terceiro Grupo	57

17 Perfil aproximado de um aterro localizado no Pantanal do Abobral (Fazenda Bodoquena)...	59
18 Cerâmica dos aterros.....	65
19 Cerâmica dos aterros.....	66
20 Cerâmica dos aterros.....	67
21 Itinerário de Cabeza de Vaca.....	86
22 Localização do <i>Puerto de los Reyes</i>	87
23 Grupos étnicos do <i>Gran Chaco</i> e de sua periferia em fins do século XVI.....	89
24 Grupos étnicos do <i>Gran Chaco</i> e de sua periferia em 1720.....	94
25 “Território dos Guató”	98
26 “Território dos Guató”	99
27 “Território dos Guató”	100
28 Área aproximada de ocupação Guató.....	103
29 Perfil esquemático dos elementos da paisagem no Pantanal Matogrossense, com destaque para os locais onde podem ocorrer os assentamentos Guató.....	107
30 Aterros Guató da região do Caracará.....	114
31 Abrigo provisório Guató.....	123
32 Casa tradicional Guató.....	125
33 Desenho esquemático da casa tradicional Guató.....	128
34 Arco Guató.....	152
35 Arco e flechas infantis Guató.....	153
36 Flecha do <i>primeiro grupo</i>	154
37 Flechas do <i>segundo grupo</i>	155
38 Flechas do <i>terceiro grupo</i>	156
39 Flechas do <i>quarto grupo</i>	157
40 Flechas do <i>quinto grupo</i>	158

41 Flecha do <i>sexto grupo</i>	160
42 Emplumação das flechas Guató.....	161
43 Extremidade do encaixe das flechas Guató.....	161
44 Bodoque Guató.....	163
45 Zagaías Guató com ponteiros de metal e de osso.....	164
46 Família Guató em sua canoa.....	166
47 Remo infantil e remo adulto Guató.....	167
48 Extremidade da zinga Guató.....	168
49 “Quebra-coquinho” utilizado pelos Guató.....	170
50 Material lítico encontrado em aterros Guató.....	171
51 Colheres e espátulas Guató.....	174
52 Espátulas utilizadas na tecelagem , arco para cardar algodão e fusos.....	175
53 Molinilho utilizado pelos Guató para produzir fogo.....	176
54 Vasilha cerâmica utilizada para armazenar água.....	178
55 Vasilhame Guató.....	180
56 Esteira feita de palha de acuri.....	184
57 Esteira feita de taboa.....	185
58 Cesto feito de palha de acuri.....	185
59 Abano de fogo feito de palha de acuri.....	186
60 Abano de mosquito feito de fibras de tucum.....	187
61 Abano de mosquito feito de fibras de algodão.....	187
62 Mosquiteiro feito de fibras de tucum.....	188

RESUMO

O presente trabalho aborda os assentamentos e a subsistência do grupo étnico Guató, com base em dados etnográficos obtidos a partir da documentação escrita (etnohistórica e etnológica), e através de relatos orais recolhidos de três informantes que residem na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. O objetivo é inferir sobre questões relacionadas à adaptação ecológica desse grupo canoeiro e, dessa forma, também contribuir para uma melhor compreensão e interpretação das evidências arqueológicas dos demais grupos, notadamente os ceramistas, que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense, e que estão associados aos aterros que ali ocorrem.

Os Guató historicamente ocuparam uma área inclusa entre, aproximadamente, os paralelos de 16°30' a 21°00' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°30' de longitude Oeste de Greenwich. Possuem três tipos básicos de assentamentos, todos relacionados a cursos d'água: "aterros" ou *marrabóró*, "beira de rio" ou *modidjécum* e "beira de morraria" ou *macáirapó*. Esses assentamentos são ocupados sazonalmente, sendo os *modidjécum* e os *macáirapó* principalmente durante a seca, e os *marrabóró* destacadamente no período da cheia.

A subsistência de cada família depende fundamentalmente da sua própria capacidade autônoma de obter os recursos necessários para sua sobrevivência, o que justifica a grande mobilidade espacial e a ocupação sazonal dos seus assentamentos, sendo que os relatos etnohistóricos destacam a pesca

como uma das principais atividades desenvolvidas, embora a caça, a coleta e o cultivo também estejam presentes.

Os elementos da cultura material Guató registrados desde o século XIX, não indicam grandes variações tecnológicas quanto aos produtos finais, apesar do grupo estar socialmente organizado em famílias autônomas, independentes umas das outras, que vivem isoladamente. Mas atestam uma tecnologia bastante simples que satisfaz às necessidades das famílias, sendo esta sua principal característica do ponto da funcionalidade dos artefatos.

Supõe-se que, assim como o Guató, os demais grupos que ocuparam as áreas inundáveis da região e que se estabeleceram em aterros, principalmente os ceramistas, deveriam ser canoeiros de grande mobilidade espacial, ter uma semelhante forma de organização social, possuir assentamentos sazonais, subsistir fundamentalmente da exploração dos recursos naturais ali existentes, e portar uma tecnologia bastante simples

INTRODUÇÃO

O assunto central desenvolvido no presente trabalho compreende os assentamentos e a subsistência Guató. Trata-se de questões pertinentes à problemática ecológico-cultural a respeito das relações entre sociedade humana e meio ambiente. Não é propriamente um trabalho etnoarqueológico, pois está baseado fundamentalmente em dados etnográficos obtidos em fontes escritas (etnológicas e etnohistóricas) e através de relatos orais. É a primeira etapa de um trabalho que poderá culminar com a realização de pesquisas etnoarqueológicas na área historicamente ocupada pelo grupo.

A idéia de desenvolver um projeto deste tipo surgiu no decorrer dos trabalhos do **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá**, principalmente diante da necessidade de melhor compreender os sítios arqueológicos que ocorrem nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense, destacadamente os aterros que correspondem à maioria dos sítios arqueológicos até então levantados na região. O referido projeto de pesquisa está em andamento desde 1989, na área dos municípios sul-matogrossenses de Corumbá e Ladário, através de um convênio de mútua cooperação entre a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o Instituto Anchieta de Pesquisas e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a coordenação científica do Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz.

O anteprojeto que antecedeu o projeto ora concluído com esta dissertação, também previa o estudo dos aterros localizados na área da Lagoa do Jacadigo, situada no município de Corumbá, e a comparação dos dados arqueológicos desses sítios com os dados etnográficos sobre os Guató. Pensava-se dessa forma, poder inferir, através de uma analogia sistemática, sobre os assentamentos e a subsistência dos grupos canoeiros que se estabeleceram no Pantanal. Contudo, devido à grande quantidade de informações etnográficas obtidas na documentação histórica, na literatura etnológica e através de informações orais, o anteprojeto foi reformulado limitando-se a proposta de trabalhar basicamente com dados etnográficos buscando respostas para problemas inerentes à arqueologia da região.

Optou-se por estudar o grupo étnico Guató - também citado na documentação histórica como *Guataes*, *Guatás*, *Guathós*, *Guatos*, *Guatòs*, *Goatos*, *Guattos* e *Guatues* - devido a quatro razões principais: 1ª) por estar associado a aterros que ocorrem na região; 2ª) por ser o mais conhecido e melhor documentado, em termos etnológicos, dos grupos canoeiros que se estabeleceram no Pantanal, sendo, inclusive, o último remanescente dos mesmos; 3ª) por ter sido pouco estudado, principalmente dos pontos de vista arqueológico, etnológico e etnohistórico; 4ª) por existirem representantes falantes da língua original que residem na cidade de Corumbá.

É preciso deixar claro que não se pretende realizar uma analogia direta entre os sítios que estão sendo estudados pelo projeto de pesquisa anteriormente citado e os Guató, pois, até o presente momento, não há evidências que possam comprovar uma continuidade cultural. A proposta se limita ao estudo de uma cultura do presente para que, também, seja possível, posteriormente, melhor compreender e interpretar as evidências arqueológicas de culturas que existiram no passado, dentro de uma mesma área geográfica.

Neste sentido, o objetivo do trabalho é demonstrar, o mais detalhadamente possível, que o

Guató constitui um exemplo etnográfico de grupo essencialmente canoeiro, organizado em famílias autônomas, independentes umas das outras, cuja adaptação ecológica se caracteriza, entre outros fatores, pela ocupação sazonal de diferentes assentamentos, todos relacionados às áreas inundáveis que compreendem a maior parte da região pantaneira. Constitui, portanto, uma possibilidade de melhor compreender os vestígios materiais das manifestações culturais que ali ocorrem, de modo especial os aterros. Servirá, por exemplo, para uma melhor interpretação de estruturas detectáveis em escavações arqueológicas sistemáticas e, ao menos, para estimular uma discussão acerca da influência antrópica na formação dos aterros do Pantanal.

Esta possibilidade de trabalho, conforme está explicado em Oliveira (1993), não é nenhuma novidade na arqueologia, principalmente diante das contribuições etnoarqueológicas apresentadas a partir da *Nova Arqueologia*, como se pode comprovar em alguns trabalhos já bastante conhecidos, como os de Binford (1967, 1973 e 1980), Borrero & Yacobaccio (1989), Campbell (1968), Chang (1967) e outros que foram publicados em Kramer (1979). O fato é que, no caso específico da arqueologia brasileira, ainda pouco se tem feito a esse respeito, embora mais recentemente tenham sido produzidos alguns interessantes trabalhos, como o de Lavina (1994) e, destacadamente, o de Noelli (1993), onde se comprova a utilização de dados arqueológicos, etnográficos, etnohistóricos e lingüísticos, com o objetivo de abordar questões pertinentes à arqueologia moderna.

No caso específico deste trabalho, realizou-se uma pesquisa exaustiva nas fontes escritas, de tal maneira que as informações contidas na literatura etnológica e na documentação relevante à etnohistória, foram recolhidas e sistematizadas com o objetivo de construir um arquivo de dados culturais sobre os Guató. Para a conclusão desta proposta metodológica, todas as leituras realizadas resultaram em fichamentos, nos quais foram classificados os dados culturais então apresentados. A confecção das referidas fichas foi orientada pelo **Guía para clasificación de los datos culturales** (Murdock, Ford, Hudson et al., 1963). Outras obras também foram utilizadas, como o **Guia práctico**

de antropologia (Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, 1973), o **Manual de etnografia** (Mauss, 1993) e a obra **Como se faz uma tese** (Eco, 1983).

Na prática, todos os dados etnográficos apresentados numa determinada obra ou documento histórico consultado foram transferidos para uma única ficha de leitura, sendo organizados conforme temáticas específicas de interesse da arqueologia e da etnologia, tais como: tipos de assentamentos e suas estruturas, equipamento de subsistência, equipamento de uso doméstico e de trabalho, pesca, caça, coleta e assim por diante. O arquivo de dados culturais foi útil para a comparação dos dados apresentados por diferentes autores, além de, em certos casos, observar a própria evolução das idéias de alguns etnólogos que escreveram a respeito dos Guató, como será demonstrado no decorrer do trabalho.

Utilizaram-se ainda valiosas informações etnográficas obtidas a partir dos relatos orais de três informantes Guató, todos residentes em bairros da periferia de Corumbá. Esta possibilidade de trabalho, como bem explica Debert (1986), é especialmente relevante quando se almeja produzir uma nova documentação, pois ela possibilita o estabelecimento de uma conversação entre informante e analista. Além disso, o relato oral também é uma forma de transmissão de conhecimentos e, como tal, não pode ser desprezado pelos arqueólogos.

O primeiro contato feito com os Guató, com o propósito de obter informações orais, foi em julho de 1993, inicialmente com as lideranças Severo Ferreira e sua esposa Dalva Ferreira, em Campo Grande, na Associação de Índios Desaldeados Kaguatoca “Marçal de Souza”. A partir do contato com essas lideranças, e no mesmo período, foi feito contato com vários outros Guató residentes na cidade de Corumbá, em sua maioria já incorporados na massa de proletários e subempregados da região. Na ocasião, reivindicavam - e com muita propriedade - a demarcação e o reconhecimento, por parte do governo federal, da Ilha Ínsua ou Bela Vista como área a ser

transformada na futura reserva indígena do grupo.

A escolha dos informantes se deu de imediato e de acordo com um requisito fundamental, a qualidade de falante da língua original. Isto porque se observou que os Guató que dominam sua língua original, geralmente com idade igual ou superior a cinquenta anos, são os que mais conhecem a cultura tradicional do grupo. Assim, teve-se como informantes Francolina Rondon, Josefina Alves Ribeiro e Pedro Gomes da Silva, todos falantes, sendo que os dois primeiros muito contribuíram com os estudos lingüísticos de Palácio (1984).

Os relatos foram obtidos entre os meses de julho e agosto de 1993 e 1994 através de entrevistas despadronizadas, isto é, conversações informais incentivadas por determinadas temáticas, como assentamento, subsistência e cultura material. As informações etnográficas relatadas pelos informantes foram registradas em diários e através de gravador, e muito contribuíram para a revisão das interpretações apresentadas por cronistas e etnólogos, assim como para o desenvolvimento de hipóteses, sugestões de trabalhos futuros e melhor refinamento dos dados conhecidos sobre a cultura Guató.

Faz-se imprescindível dar o testemunho de que, ao longo das descontraídas conversações, os informantes sempre demonstraram uma grande sinceridade e, na maioria das vezes, um igual interesse em dialogar sobre questões pertinentes à arqueologia. Portanto, acredita-se que as informações obtidas são confiáveis e dignas de serem averiguadas através de pesquisas futuras.

As palavras em Guató registradas durante as entrevistas não se encontram transcritas foneticamente neste trabalho. A transcrição provisória foi feita o mais próximo possível da língua portuguesa falada no Brasil, a saber: as sílabas tônicas encontram-se sublinhadas; as vogais “e” e “o”, quando abertas, estão indicadas respectivamente pelo acento agudo (“é”, “ó”); as vogais fechadas somente receberam o acento circunflexo (“ê”, “ô”) nos casos gerais em que palavras da

língua portuguesa o recebem, como acontece com as proparoxítonas; e as consoantes “d”, “j” e “t” quando pronunciadas como “dj” e “tch”, foram transcritas tal qual como seria a pronúncia. As listas de palavras em Guató registradas por outros autores, como Palácio (1984) e Schmidt (1942b), também foram utilizadas.

Por último, se faz necessário explicar que esta dissertação está dividida em duas partes ou grandes capítulos.

A primeira parte ou *Capítulo 1* é relevante para o conhecimento geral do Pantanal Matogrossense e, indispensável, para melhor compreender as idéias desenvolvidas no decorrer do trabalho, pois trata do ambiente físico e da ocupação indígena da região.

A segunda parte ou *Capítulo 2* é a mais importante, porque aborda especificamente os Guató, tendo sido estruturada em cinco itens: 1º) análise das fontes de pesquisa, na qual consta, inclusive, informações biográficas sobre os três informantes Guató; 2º) tentativa de delimitar a área ocupada pelo grupo através da documentação escrita, e apresentação de algumas de suas características ambientais; 3º) abordagem dos assentamentos e de suas estruturas, com relevantes considerações acerca dos aterros Guató; 4º) ponderações sobre aspectos da subsistência - pesca, caça, coleta e cultivo; 5º) descrição do equipamento de subsistência e de uso doméstico, sempre com inferências sobre a funcionalidade dos artefatos.

Espera-se que o presente trabalho possa servir, entre outras coisas, para estimular a pesquisa e a discussão interdisciplinar acerca da ocupação indígena pretérita e contemporânea das áreas inundáveis do Pantanal e, porque não dizer, da conseqüente influência antrópica na sua atual configuração ambiental. Outrossim, para que possa chamar a atenção dos pesquisadores para a necessidade iminente de melhor conhecer a cultura desse grupo que é, sem dúvida alguma, um dos últimos remanescentes dos grupos canoeiros do continente americano.

**PANTANAL MATOGROSSENSE:
AMBIENTE E OCUPAÇÃO INDÍGENA**

1.1 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE FÍSICO

Nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, **pantanal** não é sinônimo de grande pântano, brejo, charco ou outros termos semelhantes, normalmente mencionados em dicionários da língua portuguesa. É um vocábulo utilizado para substantivar a porção brasileira de uma das maiores planícies de inundação do globo, conhecida como Pantanal Matogrossense.

Situa-se no centro da América do Sul, na Bacia do Alto Paraguai que, por sua vez, está compreendida, a grosso modo, entre os paralelos de 14°00' a 22°00' de latitude Sul e os meridianos de 53°00' a 66°00' de longitude Oeste de Greenwich.

Godoi Filho (1986) calcula que a Bacia do Alto Paraguai possui uma área aproximada de 500.000 km², dos quais 28%, ou 140.000 km², pertencem à Bolívia e ao Paraguai. Quanto ao

Pantanal Matogrossense, Adámoli (1982) e García (1984) estimam sua extensão em aproximadamente 139.111 km².

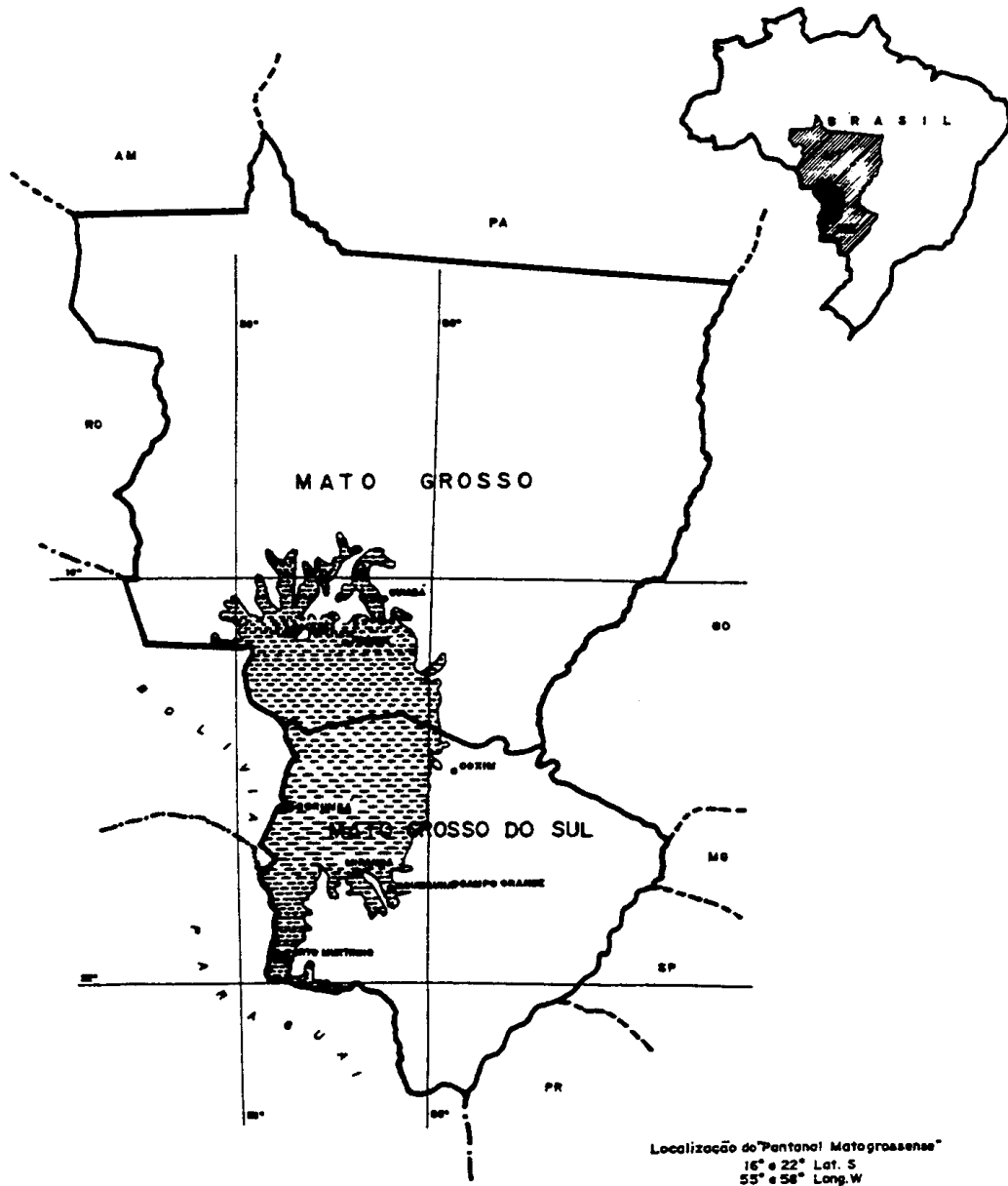


FIGURA 1: Localização do Pantanal Matogrossense (Fonte: García, 1981).

Em função das diferentes fisionomias, regionalmente o termo **pantanal** também pode ser empregado para designar quaisquer das suas sub-regiões ou pantanais; como por exemplo, Pantanal da Nhecolândia, Pantanal do Nabileque, Pantanal do Abobral, etc.

Para descrever o ambiente físico regional é possível contar com uma considerável bibliografia de exposições gerais ou amplas considerações, tais como os trabalhos realizados pelo **Projeto Radambrasil** (1982) e os artigos publicados por ocasião do **Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal** (1986). No entanto, no que tange a temáticas específicas, como a paleoambiental, assim como sobre determinadas áreas, como a Lagoa do Jacadigo, há poucas informações que possam subsidiar os trabalhos arqueológicos na perspectiva de inferir sobre as relações existentes entre sociedades humanas e meio ambiente.

Diante deste quadro, as informações ambientais aqui expostas têm por objetivo maior apresentar um panorama dos aspectos naturais mais gerais da região. O propósito último é facilitar a compreensão das formulações desenvolvidas no decorrer do trabalho, de modo específico as considerações arqueológicas e etnológicas de natureza ecológico-cultural.

1.1.1 Informações paleoambientais

A maioria das informações paleoambientais disponíveis sobre o Pantanal Matogrossense, se enquadra nas grandes formulações utilizadas para explicar as mudanças paleoclimáticas que ocorreram na América Tropical durante o Quaternário. Pode-se encontrar importantes contribuições a este respeito no trabalho de Ab'Saber (1988), e também em Ab'Saber (1977), Brown Jr. (1986), Del'Arco, Silva, Tarapanoff et al. (1982) e Klammer (1982).

O modelo climático para o último período prolongado de seca e frio, entre 20.000 a 13.000 anos A.P. (Würm - Wisconsin), indica que o Pantanal era mais seco do que na época que corre, em decorrência de não haver a atual influência amenizante das inundações de inverno, *“pois o nível do mar era quase 100 m mais baixo de que hoje, fazendo todos os rios encaixados nos tabuleiros da planície atual”* (Brown Jr., 1986, p. 140). O referido autor considera que nesse período as

condições climáticas do Pantanal tenham sido mais restritas e desfavoráveis à diversidade da vida vegetal e animal em relação aos tempos atuais, existindo eventualmente alguns organismos intimamente associados aos cursos d'água que sempre cortavam a planície.

No limite Pleistoceno-Holoceno (por volta de 12.000 anos A.P.), quando então predominava na região um clima semi-árido com chuvas torrenciais, ocorreu a definição dos principais rios da sua rede hidrográfica, e a formação dos extensos leques aluviais, cujas feições ainda hoje permanecem preservadas (Del'Arco, Silva, Terapanoff et al., 1982).

A transição do Pleistoceno para o Holoceno, que aconteceu em decorrência do processo de umidificação de âmbito continental, trouxe para o Pantanal uma radical modificação climato-hidrográfica de condições subtropicais semi-áridas para condições tropicais úmidas sob sazonalidade marcante. A partir do momento em que essa situação climato-hidrográfica foi definida, ocorreu “*uma reconquista do antigo espaço seco por diferentes stocks de vegetação tropical, a partir de refúgios acantonados nas chapadas, serranias e terras firmes adjacentes*” (Ab'Saber, 1988, p. 45). A partir daí aconteceu a multiplicação dos tipos e padrões de habitats animais, enriquecendo extraordinariamente a diversidade biológica da região pantaneira.

Mas, prossegue Ab'Saber (1988), os principais contornos e ecossistemas aquáticos, subaquáticos e terrestres do Pantanal Matogrossense devem ter sido elaborados nos últimos cinco ou seis milênios, o que corresponde ao período do *Optimum Climaticum*.

Através das considerações paleoambientais apresentadas é possível deduzir que, somente quando o Pantanal se transformou numa região geocologicamente diversificada, pode oferecer maiores condições à subsistência e ao estabelecimento de populações indígenas pré-cabralinas. Também é possível supor que a ocupação humana da região pantaneira, propriamente dita, possa ter principiado ou se intensificado em torno do final do *Optimum Climaticum*, quando o Pantanal

passou a se apresentar de forma semelhante à sua atual configuração ambiental.

Esta hipótese, associada ao posicionamento geográfico do Pantanal, também pode ser um dos pontos de partida para a compreensão da densidade populacional e diversidade étnica e lingüística constatadas na região no início da Conquista Ibérica.

1.1.2 Aspectos geológicos, geomorfológicos e pedológicos

A origem da região, conforme argumenta Almeida (1959), está relacionada com os grandes abatimentos que ocorreram no interior do continente sul-americano na Era Cenozóica. Tais abatimentos acompanharam e sucederam a gênese da Cordilheira dos Andes.

Com base em Godoi Filho (1986) é possível afirmar que o Pantanal é uma paisagem geologicamente recente, uma planície aluvial quaternária (holocênica), um exemplo de bacia tectônica de sedimentação atual com características de bacia intratectônica, que se individualizou no final do Mesozóico.

Segundo os dados apresentados por Del'Arco, Silva, Terapanoff et al. (1982) e, principalmente, por Godoi Filho (1986), o Pantanal Matogrossense e sua área de influência compreendem as seguintes formações geológicas: Complexo Rio Apa, Complexo Xingu, Grupo Amonguijá, Suíte Intrusiva Alumiador, Suíte Intrusiva Rio Alegre, Grupo Aguapéi, Grupo Rio Branco, Suíte Intrusiva Guapé, Grupo Cuiabá, Grupo Corumbá, Grupo Jacadigo, Grupo Alto Paraguai, Formações da Bacia Sedimentar do Paraná, Basalto Tapirapuã, Formação Jauru, Intrusivas Ácidas, Depósitos Cenozóicos da Bacia do Pantanal, Cobertura Detrito-Laterítica, Depósitos Detríticos, Formação Xaraiés e Formação Pantanal.

Sobre sua área de influência, esclarece Godoi Filho (1986, p. 63): “*Considera-se como área de influência aquela situada fora da região geográfica do Pantanal Mato-grossense (...), mas que*

constitui sua área fonte de água e sedimentos”.

A esculturação do seu relevo decorreu de processos erosivos atuantes que rebaixaram as superfícies circunjacentes, provocando o recuo das escarpas, a dissecação das encostas e a erosão dos terraços, em decorrência de um contínuo trabalho de ordem natural que fornece sedimentos à região (Geografia do Brasil, 1989).

O processo de sedimentação que ocorre no Pantanal está diretamente relacionado com os rios da Bacia do Alto Paraguai. No caso, os rios atuam decisivamente no transporte de sedimentos das porções mais elevadas à planície pantaneira, pois ela está circundada por um planalto cristalino com cotas que variam de 600 a 700 m, e que corresponde a sua área fonte de água e sedimentos. Por isso, a evolução pretérita, atual e futura da região está submetida às condições das áreas elevadas que a circundam (Godoi Filho, 1986).

Franco & Pinheiro (1982) em seu trabalho sobre a geomorfologia de parte considerável do Pantanal Matogrossense e áreas adjacentes, constatam a ocorrência de uma grande variedade de aspectos geomorfológicos, litológicos e estruturais, caracterizados pelas seguintes unidades geomorfológicas: Planaltos Residuais do Urucum-Amolar, Planaltos Residuais do Alto-Guaporé, Planalto de Maracajú-Campo Grande, Planalto do Taquari-Itiquira, Planalto dos Guimarães, Província Serrana, Planalto da Bodoquena, Depressão do Rio Paraguai, Depressão do Guaporé e Pantanaís Matogrossenses. Estas unidades geomorfológicas comprovam que, ao contrário do que se possa pensar num primeiro momento, também ocorrem na região algumas áreas elevadas - como as morrarias inclusas nos Planaltos Residuais de Urucum-Amolar -, embora a maior parte do Pantanal seja constituída por áreas inundáveis e grandes banhados.

Situa-se topograficamente entre 80 a 160 m, e possui uma declividade extremamente fraca do terreno, de 6 a 12 cm/km no sentido Leste-Oeste e de 1 a 2 cm/km no sentido Norte-Sul, o que

favorece a ocorrência do fenômeno das inundações periódicas, caracterizando o Pantanal como um macroecossistema ecológico peculiar (Adámoli, 1982).

Ocorrem na planície pantaneira algumas formas de relevo peculiares e com denominações regionais, tais como: **baías** - termo genérico utilizado para designar vários tipos de lagoas de diferentes formas e dimensões, podendo ser temporárias ou permanentes; **salinas** - baías com grande concentração de sais alcalinos em suas águas; **cordilheiras** - elevações do terreno que separam baías, geralmente areno-argilosas e com 1 a 2 metros de altura, caracterizadas por uma densa vegetação que as destaca na paisagem, podendo ter formas comumente alongadas; **capões-de-mato** - semelhantes às cordilheiras, se distinguindo dessas basicamente pelo fato de apresentar formas circulares e subcirculares, muitas vezes de menor tamanho; **vazantes** - canais temporários ou permanentes, que servem de escoadouros a baías e rios; **corixos** - pequenos cursos d'água, normalmente permanentes, que conectam baías¹.

Sobre as características dos solos do Pantanal, de acordo com Amaral Filho (1986) e Orioli, Amaral Filho & Oliveira (1982), a quase totalidade do Pantanal Matogrossense é formada por solos hidromórficos em consequência da deficiência de drenagem generalizada, e da sua forte tendência a inundações periódicas e prolongadas. Sua litologia é constituída de sedimentos aluviais, que associados a dinâmica do regime de inundação, provocam a grande variação constatada nos solos. De uma forma geral, os solos arenosos da planície pantaneira possuem baixa fertilidade, sendo mais férteis os argilosos.

Amaral Filho (1986), ao mapear os solos do Pantanal, constata que a parte norte da região compreende solos que possuem o horizonte subsuperficial de textura mais argilosa: laterita

¹ Conceitos elaborados com base em Almeida (1959, p. 47-48), Amaral Filho (1986, p. 92), Corrêa Filho (1946, p. 96 e 1969, p. 70), Geografia do Brasil (1977, p. 17 e 1989, p. 66), Guerra (1978, p. 49, 107 e 433), Macrozoneamento geoambiental do Estado de Mato Grosso do Sul (1989, p. 221-232), Magalhães (1992, p. 10 e 23-26), Stefan (1964, p. 177) e Valverde (1972, p. 60).

hidromórfica, planossolo, solonetz solodizado, vertissolo, podzólico vermelho-amarelo, glei pouco húmico e solos aluviais. A parte central está constituída de sedimentos de natureza arenosa transportados pelo rio Taquari, predominando o podzol hidromórfico seguido por areias quartzosas hidromórficas, planossolo, laterita hidromórfica e glei pouco húmico. A parte sul, por último, se apresenta formada por sedimentos de natureza argilosa, depositados principalmente pelos rios Miranda, Negro e Paraguai, originando os seguintes tipos de solos: planossolo, vertissolo, solonetz solodizado, glei pouco húmico e laterita hidromórfica.

1.1.3 Clima e hidrografia

Segundo García (1984), o clima do Pantanal está relacionado com o da Bacia do Alto Paraguai e com fatores orográficos que influenciam os movimentos das massas de ar.

Observam-se na região variações climáticas orientadas em mais de um sentido, em consequência de complexas interações de fenômenos que ali atuam: baixas pressões, altas intensidades de radiações solares, incidências variáveis de massas de ar (tropicais do Atlântico e equatoriais Continentais) responsáveis pelas chuvas, e as massas polares da Antártica responsáveis pelas baixas temperaturas de junho/agosto (García & Castro, 1986).

O clima do Pantanal é do tipo AW, conforme a classificação de Köppen, ou seja, tropical sub-úmido, com duas estações notadamente distintas, uma seca, de maio a setembro, e outra chuvosa, de outubro a abril.

Adámoli (1986a) menciona ainda que, além da variabilidade climática interanual, a região do Pantanal também apresenta uma variabilidade plurianual, isto é, a alternância de ciclos de anos muito chuvosos ou relativamente secos. Pott (1988) informa que o último ciclo seco do Pantanal foi de 1960 a 1974. Carvalho (1986) levanta a hipótese de que o fenômeno das enchentes cíclicas que

ocorre na região deve obedecer um período de 10 a 13 anos.

Atualmente é possível que o Pantanal Matogrossense esteja iniciando um ciclo seco. Esse fenômeno chamou a atenção da imprensa nacional, devido à grande seca de 1994, como se pode comprovar na revista **Isto É** n. 1.304, de 28 de setembro de 1994. Uma das explicações apontadas por **Isto É** (1994, p. 42-45), segundo informações de especialistas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), de São José dos Campos, é que a seca constatada na época possa ter alguma relação com o fenômeno meteorológico *El Niño*, caracterizado pelo aquecimento excessivo de correntes de água do Oceano Pacífico, ao norte do Peru, e que, quando ocorre, interfere no clima brasileiro. Entretanto, a existência ou não de uma relação do *El Niño* com a variabilidade climática da região, seja anual ou plurianual, é uma questão ainda por ser estudada pelos especialistas.

Durante o semestre primavera-verão, as superfícies baixas do Pantanal apresentam uma temperatura elevada, predominando máximas diárias de 30° a 35° C. Por vezes foram registradas temperaturas superiores a 40° C. No inverno, devido à ocorrência de temperaturas elevadas em contraste com dias muito frios, as médias mínimas são superiores a 14° C. Mas há dias em que a temperatura atinge ao redor de 0° C, podendo ocorrer geadas. As médias anuais estão em torno de 25° C, tendo como mínima 15° e máxima 34° C (Geografia do Brasil, 1989; Magalhães, 1992).

No decorrer do período de dezembro a maio/junho o teor de umidade do ar se mantém elevado, acima dos 76%, enquanto no período de março, no norte da região, municípios de Cáceres e Cuiabá, os valores da umidade relativa do ar são superiores a 80%, tendo um piso de 84% nos meses de fevereiro a março (Tarifa, 1986). Segundo Silva (1986), as precipitações alcançam médias de 1.500 mm (NE) a 1.200 mm (S) e 800 a 900 mm (NW). A descarga máxima ocorre em fevereiro e a mínima em agosto ou setembro.

A fraca declividade do curso do alto rio Paraguai, como já foi explicado anteriormente, é um

dos motivos que interferem sobremaneira na dinâmica de inundação regional. Abaixo de Cáceres ele possui uma declividade de 6,3 cm/km e decresce na confluência do Apa até 1,0 cm/km. Sua drenagem é feita por córregos, corixos, vazantes e baías (Carvalho, 1986).

De acordo ainda com Carvalho (1986), a porção brasileira da Bacia do Alto Paraguai tem como principais tributários os seguintes rios: Jauru, Cabaçal e Sepotuba, pela margem direita; Cuiabá (e seus afluentes São Lourenço e Piquiri), Taquari, Miranda (e seu afluente Aquidauana) e Apa, pela margem esquerda. Os tributários menos importantes, aqueles que possuem canais claramente definidos, embora sem vazão permanente, são: Negro (ou Utuquis) - afluente da margem direita vindo da Bolívia -, Paraguaizinho, Bento Gomes, Negrinho, Negro, Abobral, Aquidabã, Branco, Tereré e Amongujá. Há ainda vários outros rios, sendo que alguns não conseguem atingir nenhum outro rio ou se apresentam intermitentes.

1.1.4 Aspectos florísticos e faunísticos

O Pantanal pode ser definido, em termos de vegetação, como um mosaico de diferentes comunidades florísticas (Prance & Schaller, 1982) e/ou como um verdadeiro *“carrefour fitogeográfico de primeira magnitude, no qual convergem quatro das principais províncias fitogeográficas da América do Sul: Amazônia, Cerrados, Florestas Meridionais e Chaqueña”* (Adámoli, 1986b, p. 105).

Adámoli (1982) explica que o Pantanal está longe de ser uma comunidade de paisagem homogênea, pois apresenta uma heterogeneidade interna que, quanto à regulação local, é possível reconhecer a existência de diversos pantanais (ou sub-regiões), a saber: Pantanal de Cáceres, Pantanal do Poconé, Pantanal de Barão de Melgaço, Pantanal de Paiaguás, Pantanal da Nhecolândia, Pantanal do Paraguai, Pantanal de Aquidauana, Pantanal de Miranda, Pantanal do Abobral e Pantanal

do Nabileque.

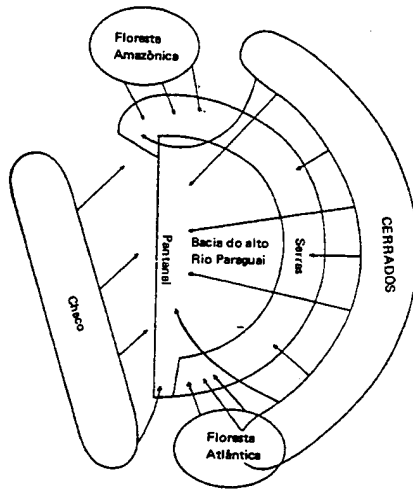


FIGURA 2: Províncias fitogeográficas e áreas de influência que atuam no Pantanal

(Fonte: Adámoli, 1986b).

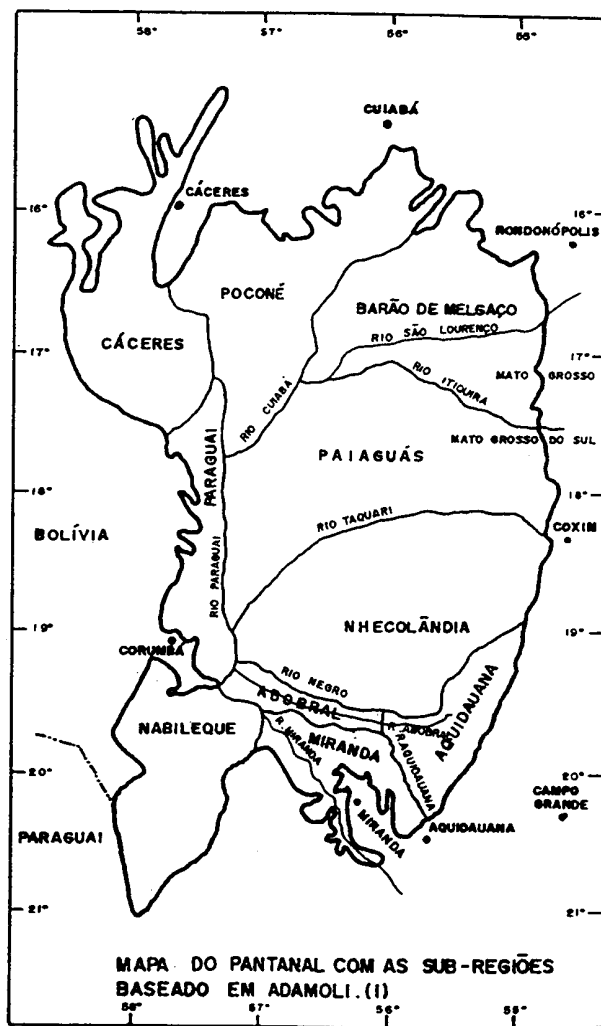


FIGURA 3: Mapa das sub-regiões do Pantanal Matogrossense (Fonte: Pott, 1988).

Sob os aspectos faunísticos, o Pantanal é caracterizado de forma semelhante às idéias apresentadas por Adámoli (1982 e 1986b) e Prance & Schaller (1982): um “*corredor de dispersão (papel importante), barreira à dispersão (secundário) e criadouro importante para muitos animais*” (Brown Jr., 1986, p. 138). Não se constitui numa região geradora de endemismo, mas que absorve espécies das regiões limítrofes não inundáveis.

A diversidade florística regional pode ser constatada no trabalho de Loureiro, Lima & Fonzar (1982), que mapearam os tipos de vegetação que ocorrem em grande parte do Pantanal Matogrossense e adjacências, identificando quatro tipos de regiões fitogeográficas:

a) **Savana (cerrado)** - definida como vegetação xeromórfica que ocorre predominantemente em solos arenosos das áreas alagáveis, de fisionomia caracterizada por fanerófitas de pequeno porte, isoladas ou agrupadas sobre um revestimento graminóide hemicriptófitico. Compreende formações de Savana Arbórea Densa (Cerradão), Savana Arbórea Aberta (Campo Cerrado), Savana Parque (Parque de Cerrado) e Savana Gramíneo-Lenhosa (Campo);

b) **Savana estépica (vegetação chaquenha)** - vegetação neotropical de cobertura arbórea estépica, pouco expressiva na região, caracterizada geralmente por plantas lenhosas, baixas e espinhosas, associadas a um campo graminoso, savanícola, geralmente em relevo plano. Está representada por fisionomias de formações Savana Estépica Arbórea Densa, Savana Estépica Arbórea Aberta, Savana Estépica Parque e Savana Estépica Gramíneo-Lenhosa;

c) **Floresta estacional semidecidual** - caracterizada por uma decidualidade parcial de suas espécies arbóreas em consequência de uma relação direta com as condições climáticas estacionais das áreas de domínio, se apresentando descontínua e restrita às florestas-de-galeria e a pequenas faixas de vegetação dos terraços, onde os solos são mais férteis. Consiste nas formações Floresta Aluvial e Floresta das Terras Baixas;

d) **Floresta estacional decidual** - de pouca expressão regional devido à descontinuidade existente entre suas pequenas áreas no Planalto dos Guimarães, Planaltos Residuais de Urucum-Amolar, Depressão do Rio Paraguai e extremidade sul da serra da Bodoquena. Assemelha-se à região fitogeográfica anterior, variando somente no seu grau de estacionalidade climática, apresentando as formações Floresta das Terras Baixas e Floresta Submontana.

A fauna regional, por sua vez, além de ser diversificada, é abundante em toda a planície e circunvizinhanças, em função da diversidade de habitats ali existentes. Brown Jr. (1986), Magalhães (1992), Paiva (1984) e Rizzini, Coimbra Filho & Houaiss (1988) relacionam diversas espécies distribuídas entre os anfíbios, aracnídeos, aves, crustáceos, insetos, mamíferos, moluscos, peixes e répteis.

Na opinião de Magalhães (1992), esta particularidade faunística destaca o Pantanal como um dos maiores conglomerados de espécies animais do mundo. Rizzini, Coimbra Filho & Houaiss (1988) consideram a região como o bioma brasileiro onde a concentração faunística atingiu sua maior expressão.

1.2 ESBOÇO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA

Este item compreende um resumo da arqueologia do Pantanal Matogrossense e um rápido painel dos grupos étnicos conhecidos historicamente. É uma tentativa de sistematizar os dados então conhecidos, apresentando uma síntese da ocupação indígena da região.

O atual conhecimento arqueológico, etnológico e etnohistórico sobre as populações indígenas no Pantanal Matogrossense e sua área de influência, ainda é muito restrito se comparado com sua importância geográfica e cultural para o conhecimento da ocupação indígena da América do Sul.

Do período correspondente a segunda metade do século passado até a década de oitenta deste século, pouco se produziu sobre a arqueologia da região. Destacam-se principalmente as contribuições de Schmidt (1905, 1912, 1914, 1928, 1940a, 1940b e 1942b), além de Petrullo (1932), Susnik (1959 e 1982) e, em menor importância, Silimon (1972a e 1972b), Bluma (1973), Souza (1973) e Passos (1975).

Muitas das principais informações arqueológicas disponíveis até o presente momento, foram obtidas a partir das pesquisas realizadas pelo **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá**, que abrange uma área de aproximadamente de 20.000 km², situada nos municípios de Corumbá e Ladário. Os trabalhos até então apresentados são os seguintes: Bitencourt (1992), Chaparro & Bezerra (1993), Girelli (1994), Oliveira (1993), Oliveira & Peixoto (1993a e 1993b), Rogge & Schmitz (1992 e 1993) e Schmitz (1993)².

² Maiores informações sobre o **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá** em Girelli (1994) e Schmitz (1993).

Os dados arqueológicos apresentados pelos referidos autores indicam uma diversidade de conjuntos cerâmicos, cada qual ocorrendo em áreas e ambientes característicos, sugerindo uma possível diversidade cultural. Também chamam a atenção para questões relacionadas com a definição de habitats dos grupos que ali se estabeleceram no passado.

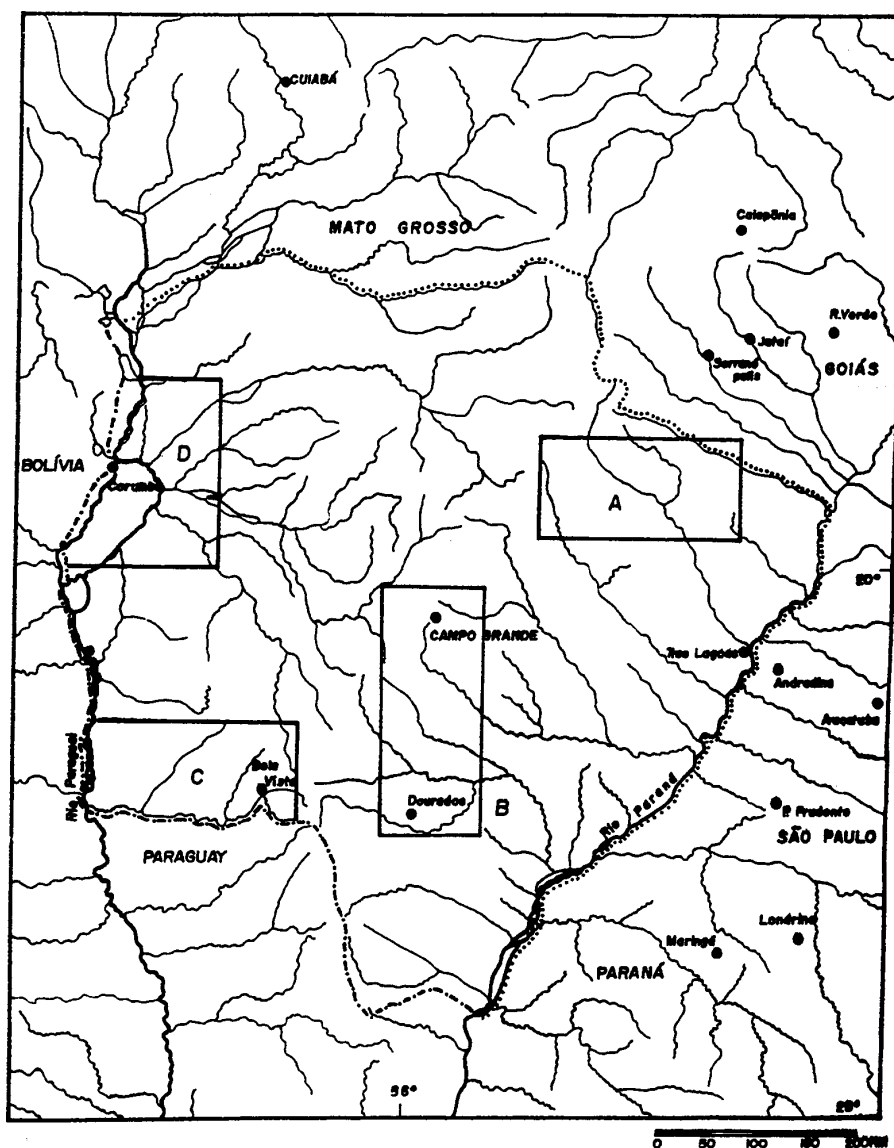


FIGURA 4: Áreas abrangidas pelo Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul

(Fonte: Schmitz, 1993).

Sobre as populações indígenas conhecidas historicamente, a maioria das considerações etnográficas sobre o Pantanal Matogrossense constitui parte de trabalhos que enfocam, de maneira geral, a etnologia e a etnoistória da região do *Gran Chaco*. Destacam-se, entre outros, os trabalhos de Carvalho (1992), Kersten (1968), Métraux (1944 e 1963), Schindler (1983) e, de maneira singular, Susnik (1972 e 1978).

1.2.1 Grafismos rupestres

No Pantanal Matogrossense, a ocorrência de grafismos rupestres é restrita a áreas de morrarias, localizadas próximas às áreas alagáveis que compreendem a maior parte da região.

Dentre as informações apresentadas por Fonseca (1880) e, principalmente, por Schmidt (1912, 1914, 1928, 1940b e 1942b), constatam-se a existência de, ao menos, três sítios com grafismos rupestres na porção norte da região pantaneira, onde predominam signos geométricos, como círculos concêntricos e grandes sulcos sinuosos. O primeiro corresponde a uma íngreme parede rochosa localizada à margem da Lagoa Gaíba, local conhecido como “Letreiro da Gaíba”. Os outros dois sítios estão situados na parte inferior do rio São Lourenço ou Cuiabá, nos morros do Triunfo e do Caracará, e apresentam grafismos notadamente semelhantes aos do “Letreiro da Gaíba”.

Susnik (1978, p. 15), com base nos relatos dos cronistas do século XVI, associa os grafismos descritos por Schmidt, sobressaidamente os grandes sulcos sinuosos, ao culto da serpente relacionado a grupos “*neolíticos paleoamazônicos*” que se dispersaram via rio Tapajós, trazendo consigo “*el característico mitologema de la serpiente*”. Trata-se de uma associação direta, cujo maior mérito é chamar a atenção para a necessidade da realização de pesquisas amplas e meticolosas no campo da arqueologia, etnologia e etnoistória, com o objetivo de, entre outras questões, buscar possíveis indicadores de continuidade temporal e cultural entre grupos que se estabeleceram no

Pantanal Matogrossense e na Amazônia.

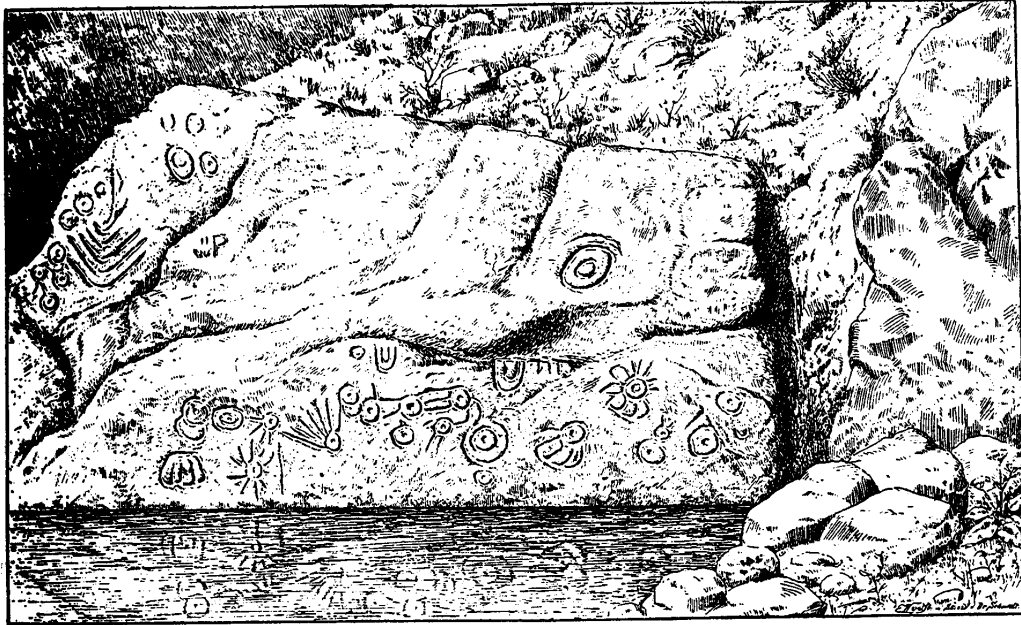


FIGURA 5: “Letreiro da Gaíba” (Fonte: Schmidt, 1942b).

Nas circunvizinhanças das cidades de Corumbá e Ladário também ocorrem sítios semelhantes aos documentados por Fonseca (1880) e Schmidt (1912, 1914, 1928, 1940b e 1942b). As primeiras informações sobre a existência desse tipo de manifestação cultural foram apresentadas por Silimon (1972a e 1972b), Bluma (1973), Souza (1973) e Passos (1975).

O mais recente trabalho sobre os sítios com grafismos rupestres existentes na área dos referidos municípios, foi apresentado por Girelli (1994), sob forma de dissertação de mestrado. A autora apresenta um detalhado registro e documentação de quatro sítios: MS-CP-01 (Fazenda Laje ou Moutinho), MS-CP-02 (Fazenda Band'Alta), MS-CP-03 (Fazenda Figueirinha) e MS-CP-04 (Centro de Recuperação Maria Aparecida Pedrossian - CRMAP). Tratam-se de lajedos horizontais de minério de ferro, chamados localmente de “pedra canga”, nos quais foram produzidas diversas gravuras possivelmente pela técnica de picoteamento. Possuem dimensões variadas e se encontram

próximos a córregos d'água e encostas de morrarias.

As siglas dos sítios arqueológicos levantados pelo **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá** apresentam a seguinte seqüência: sigla do Estado, sigla da sub-bacia hidrográfica e a ordenação numérica. A definição das sub-bacias hidrográficas está orientada pelo **Referencial hidrográfico do Estado de Mato Grosso do Sul** (1990, p. 10), conforme Oliveira & Peixoto (1993b).

De acordo com Girelli (1994), os sítios possuem um mesmo tipo de suporte rochoso, a mesma técnica de produção e tipos de signos, bem como a mesma estrutura de composição dos painéis. Estão caracterizados por signos, em sua grande maioria geométricos, destacadamente círculos e sulcos curvos que ocupam grandes extensões dos lajedos. Foram tipologicamente classificados em dez tipos básicos de signos: a) círculos e depressões circulares, que constituem a maior parte dos grafismos; b) depressões circulares com ou sem sulcos; c) retangulares ou elípticos, com divisões de acordo com o preenchimento; d) figuras que lembram pisadas, humanas ou não; e) complexos; f) compostos por sulcos sinuosos com ou sem círculos nas extremidades; g) em forma de espiral; h) fechados, formados por linhas sinuosas; i) formados por outros sulcos; j) combinações de outras formas de círculos com sulcos.

A autora ressalva que, além desses signos, *“existem ainda grandes sulcos, geralmente sinuosos, que incorporam ou vêm acompanhados por círculos, os quais foram classificados independentemente da tipologia acima”* (Girelli, 1994, p. 99).

Girelli (1994) conclui que possivelmente o conjunto dos sítios estudados apresentam grafismos rupestres que foram feitos por uma mesma população, pois apresentam semelhante tipologia e estruturação nos painéis. Levanta a hipótese de que estão associados com os grupos que se estabeleceram em aterros localizados nas áreas inundáveis das proximidades, uma vez que os

grafismos parecem refletir a própria fisiografia da região pantaneira, destacadamente sua hidrografia.

Os signos rupestres estudados apresentam certa semelhança tipológica com os que ocorrem no Alto Araguaia, Estado de Goiás e, assim como esses últimos, podem ser incorporados no “Complexo Estilístico Simbolista Geométrico Horizontal”. Não constituem um fenômeno isolado, mas fazem parte de um horizonte estilístico que abrange a região pantaneira e, pelo menos, a borda meridional da bacia amazônica, podendo estar relacionados a grupos ceramistas que vivem nas proximidades de grandes rios, embora seja ressaltado que as tradições ceramistas que ocorrem no Alto Araguaia não são as mesmas registradas nas proximidades das cidades de Corumbá e Ladário (Girelli, 1994).

Nos trabalhos de campo de 1994 do **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá** foi feito o registro da ocorrência de outro sítio, MS-CP-41, com o mesmo padrão de grafismos, localizado na morraria Grande, município de Corumbá, sendo aparentemente menos expressivo, em termos quantitativos, do que a maioria dos sítios estudados anteriormente.

Embora a arqueologia moderna ainda não disponha de instrumentos teórico-metodológicos que possam equacionar os significados dos signos rupestres que ocorrem no Pantanal Matogrossense, as hipóteses de interpretação levantadas por Susnik (1978) e Girelli (1994) chamam a atenção para o estudo das mitologias, principalmente através da etnoistória, dos grupos étnicos que habitaram e/ou habitam o Pantanal e áreas adjacentes.

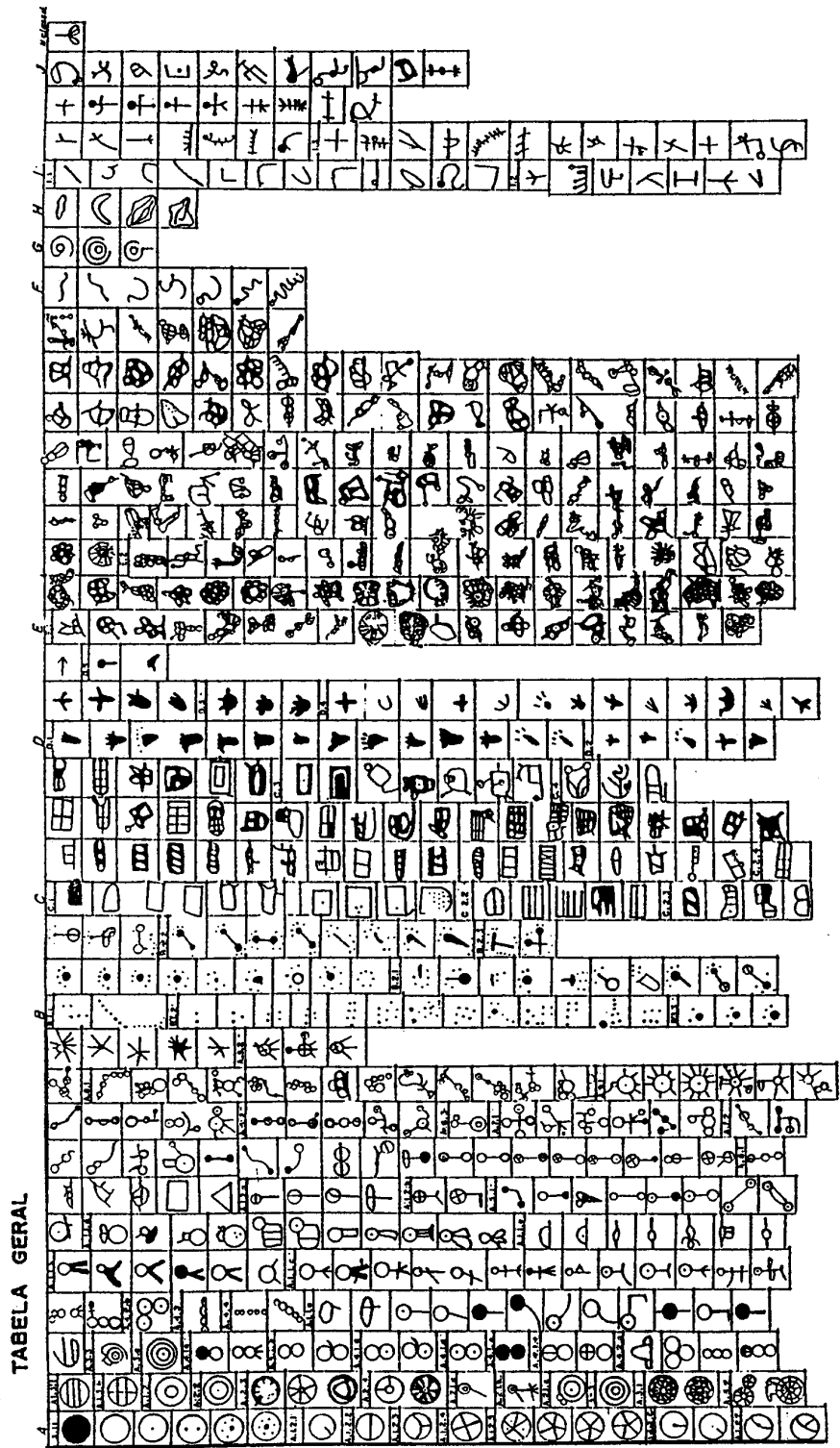


FIGURA 6: Quadro geral dos tipos de grafismos rupestres estudados por Girelli (1994).

1.2.2 Tradição Tupiguarani

A Tradição Tupiguarani, aqui entendida como uma tradição definida arqueologicamente a partir da tecnologia cerâmica, está representada pelos seguintes sítios: MS-CP-05, MS-CP-06, MS-CP-07, MS-CP-08, MS-CP-09, MS-CP-10, MS-CP-11, MS-CP-12, MS-CP-13, MS-CP-14, MS-CP-15, MS-CP-29, MS-CP-30, MS-CP-31, MS-CP-42, MS-CP-43, MS-CP-44, MS-CP-45, MS-CP-46 e MS-CP-48.

Os sítios geralmente são encontrados em patamares baixos e altos das morrarias próximas às cidades de Corumbá e Ladário, sempre relacionados a córregos d'água, em áreas favoráveis ao cultivo e em locais onde a temperatura é menos elevada em relação às áreas baixas e inundáveis, devido à maior altitude.

No morro do Caracará, porção norte do Pantanal Matogrossense, em Mato Grosso, pesquisadores da EMBRAPA, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal, também encontraram material cerâmico Tupiguarani.

A cerâmica dos sítios da Tradição Tupiguarani apresenta o mesmo padrão tecnológico em comparação à que ocorre na região sul do país, e que é amplamente conhecida na arqueologia sul-americana.

Na América do Sul, há muitas evidências etnohistóricas, etnológicas, lingüísticas e arqueológicas que comprovam a relação direta entre a Tradição Tupiguarani e as populações falantes de línguas filiadas ao tronco lingüístico Tupi. No caso específico do Pantanal Matogrossense, a tradição está relacionada direta ou indiretamente com grupos falantes do Guarani.

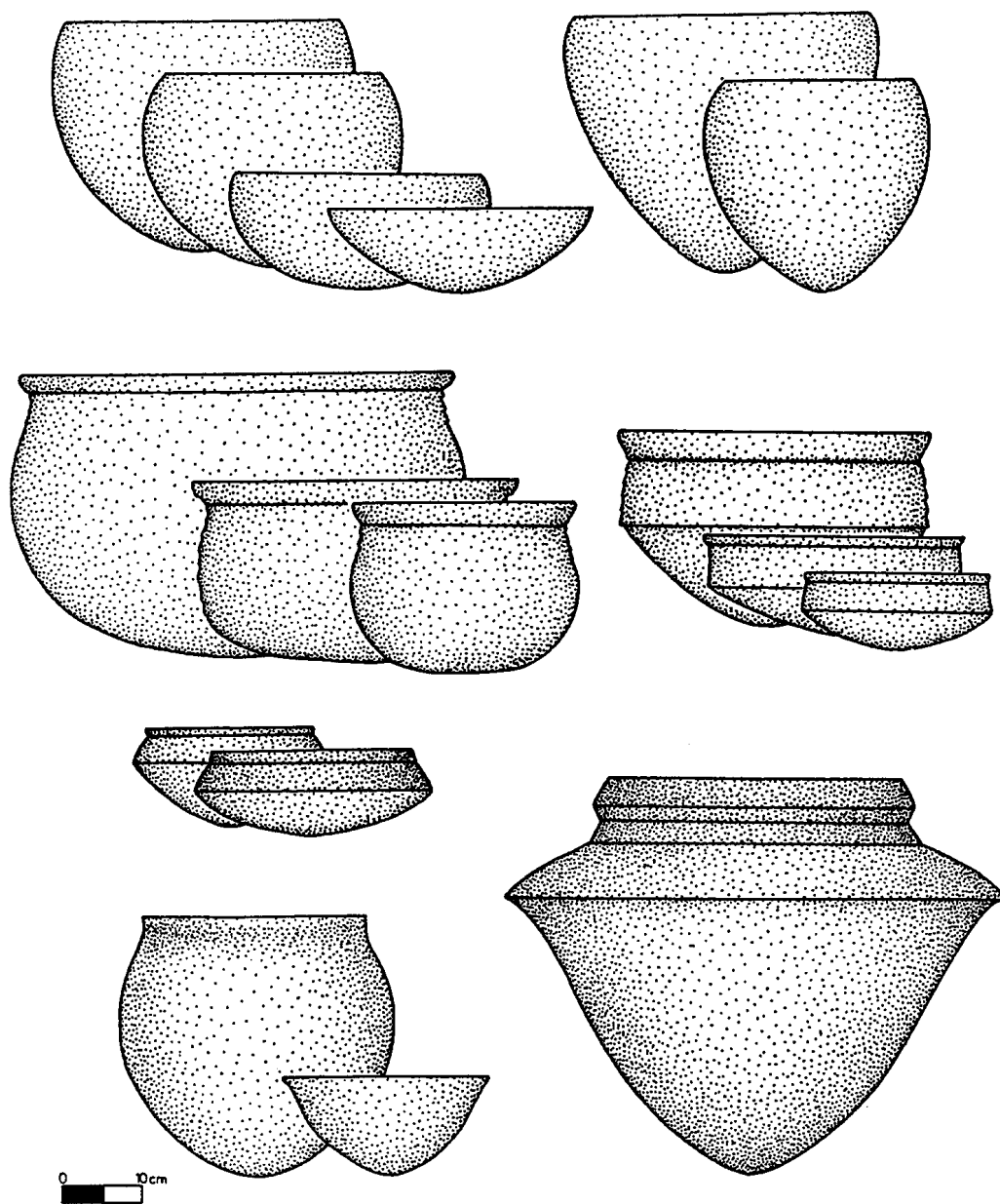


FIGURA 7: Cerâmica da Tradição Tupiguarani (Fonte: Rogge & Schmitz, 1993).

As evidências históricas constam desde os tempos de Cabeza de Vaca (1984, p. 250-251 e 259-260). Pouco antes da chegada de Cabeza de Vaca na região do Pantanal, em 1543, os Guarani, originários do Itatim, fizeram uma grande convocatória de guerra entre os seus para combater diversas tribos inimigas que ali estavam estabelecidas. Durante os conflitos a grande maioria dos Guarani foram mortos, restando apenas uns duzentos sobreviventes, cuja maioria permaneceu nas “*montañas*” (morrarias) temerosos de serem destruídos pelos Guaxarapo, Guató e outros grupos estabelecidos na região. Esta situação foi relatada a Cabeza de Vaca por um índio Guarani do Itatim adotado pelos Xaray.

É oportuno esclarecer três questões: 1ª) o Itatim se situava nas imediações da foz do atual rio Miranda (Corrêa Filho, 1969); 2ª) os Guaxarapo correspondem a um grupo canoeiro, atualmente extinto, de provável filiação lingüística na família Guaicuru, também conhecidos como Guachi, Guachico ou Guacharapo, e que habitaram a porção Centro-Sul do Pantanal Matogrossense, principalmente os rios Taquari, Miranda e parte do Paraguai (Susnik, 1978, p. 22-24); 3ª) os Xaray, atualmente extintos e sem quaisquer registros lingüísticos, constituíram um grupo agricultor de complexa organização sócio-política, também conhecidos como Sarabe e Jaray, que habitaram algumas áreas da porção noroeste do Pantanal Matogrossense, principalmente as margem do rio Paraguai, como nas proximidades da sua confluência com o Jauru até a desembocadura do Sepotuba (Susnik, 1978, p. 28-33).

Outra evidência pode ser extraída da carta ânua do padre jesuíta Ferrer (1952), datada de 21 de agosto de 1633, onde informa a existência de índios Guarani, chamados de *Ibitiguara* ou *Gente da Serra*, que moravam em grandes aldeias e mantinham relações comerciais com os Chiriguano e Itatim.

Portanto, os dados arqueológicos e etnohistóricos indicam que, no Pantanal, os assentamentos Tupiguarani estão limitados a áreas não alagáveis e favoráveis ao cultivo. Embora ainda não haja

datações absolutas para os sítios, é provável que sejam recentes, ao redor do período inicial da Conquista Ibérica, e seu estudo é relevante, entre outros motivos, para a melhor compreensão da dispersão da cerâmica Tupiguarani no leste da América do Sul.

1.2.3 Tradição Aratu-Sapucaí

A existência de possíveis sítios cerâmicos da Tradição Aratu-Sapucaí - que corresponde às antigas tradições Aratu e Sapucaí - na região do Pantanal encontra-se em nível de hipótese, inicialmente apresentada por Prous (1992). Sua hipótese está baseada nas informações contidas no relatório do norte-americano Petruzzo (1932), que realizou pesquisas arqueológicas nas localidades de Descalvado e Barranco Vermelho, porção noroeste do Pantanal Matogrossense, município de Cáceres, em Mato Grosso.

No Centro e Nordeste do Brasil, a Tradição Aratu-Sapucaí corresponde a uma tradição tecnológica ceramista de grupos horticultores e moradores de grandes aldeias a céu aberto, semelhantes a alguns grupos lingüisticamente Macro-Jê (Schmitz & Barbosa, 1985).

Petrullo (1932) em 1931 investigou dois sítios na região, distantes entre si cerca de 8 km, totalizando 50 m² de área escavada, com uma profundidade média de 1,5 m. Tratam-se de dois cemitérios, de consideráveis dimensões, localizados na margem do rio Paraguai, onde o autor encontrou vários sepultamentos de diversas formas, em sua maioria completos, em urnas e associados a material cultural.

O primeiro sítio, ou **Cemitério I**, situado na localidade de Barranco Vermelho, está caracterizado por uma grande quantidade de sepultamentos infantis. O material cultural de superfície está representado basicamente por pequenos cacos de cerâmica simples, e raramente outros materiais. Dos estratos inferiores foi recolhido material cerâmico semelhante ao da superfície, e

algumas vasilhas de formato esférico que apresentam uma decoração feita com impressão de corda. Do material lítico coletado, o autor dá destaque a lâminas-de-machado polidas e com garganta. Alguns sepultamentos estavam acompanhados de conchas de gastrópodes (*Pomacea australis*), vasilhas cerâmicas e adornos feitos de dentes de macacos.

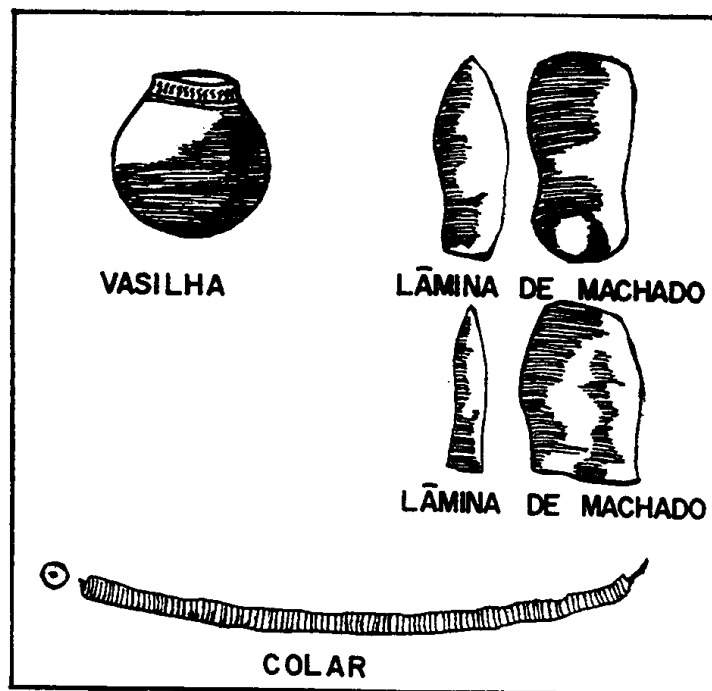


FIGURA 8: Material cultural coletado do **Cemitério I** (redesenhado de Petruccio, 1932).

O segundo sítio ou **Cemitério II**, situado na localidade de Descalvado, aparentemente apresentou algumas diferenças em relação ao material cerâmico do sítio anterior. O material cultural de superfície e dos estratos inferiores está caracterizado, entre outros, por vasilhas esféricas de variados tamanhos e com engobo vermelho, algumas pintadas, uma ponta-de-flecha óssea, um pingente lítico e um possível batedor.

Este sítio apresentou um material cerâmico mais preservado e significativo para ser comparado com a cerâmica da Tradição Aratu-Sapucai.

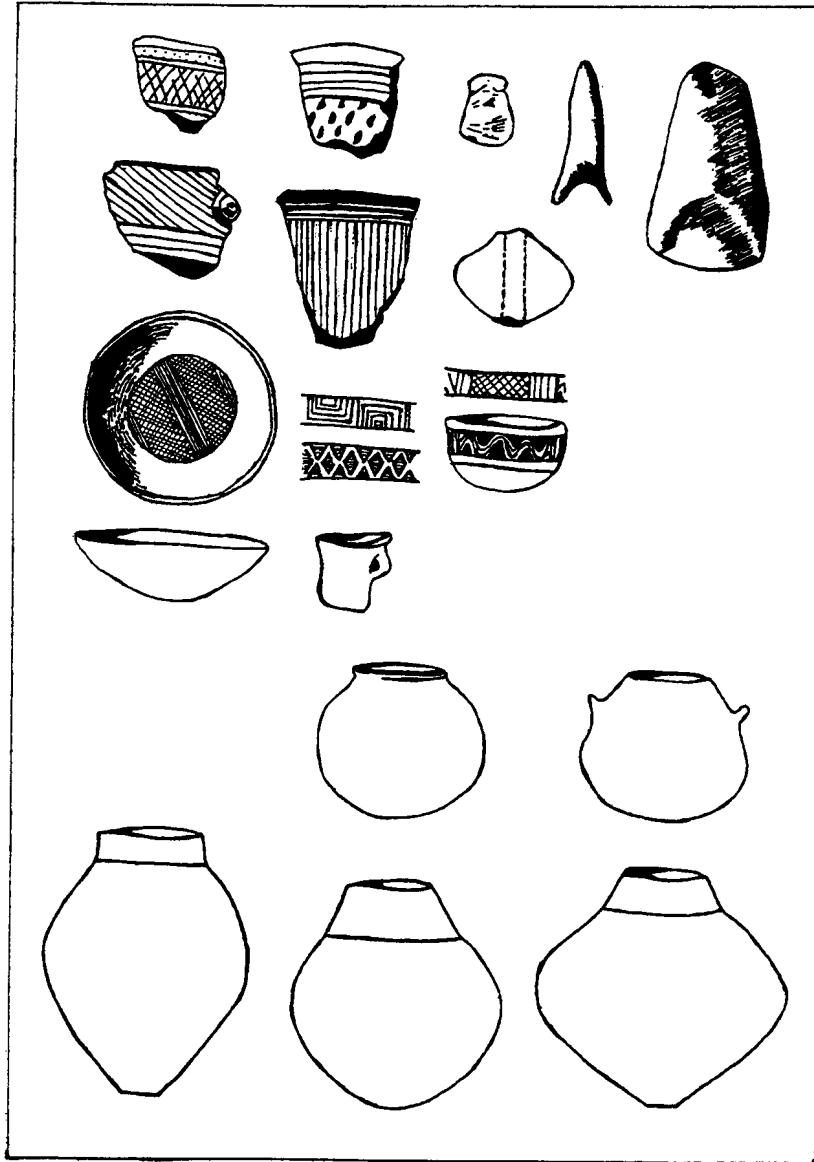


FIGURA 9: Material cultural coletado do **Cemitério II** (redesenhado de Petruzzo, 1932).

Schmidt (1940a) também apresenta material cultural semelhante ao descrito por Petruzzo (1932). Suas pesquisas foram realizadas entre 1926 a 1928 nas fazendas Facão e Passagem Velha, e nas mesmas localidades onde posteriormente Petruzzo realizou suas escavações. Porém, em Descalvado,

o autor não teve permissão, por parte dos administradores deste então estabelecimento norte-americano, para realizar suas escavações. Grande parte dos resultados mais significativos foi obtida em um sítio localizado na Fazenda Barranco Vermelho.

Dos artefatos coletados nessas localidades por Schmidt (1940a), sobressaíram os seguintes: **cerâmico** - grande quantidade de cacos cerâmicos, alguns com pintura geométrica, vasilhas inteiras como uma grande “urna funerária” bem conservada e com ossos humanos, um cachimbo e uma ocarina com incisões geométricas; **lítico** - uma lâmina-de-machado polida e com garganta e dois prováveis quebra-coquinhos.

Segundo Schmidt (1940a), Rhode (1888 apud Baldus, 1954) também retirou “urnas funerárias” e outros artefatos das proximidades de Descalvado que foram levados ao Museu Etnológico de Berlim, na Alemanha.

Rego (1899), que acompanhou a viagem da expedição alemã ao Xingu de Karl von den Steinen, cita outro sítio, um cemitério situado na localidade de Tucum, município de Cáceres, onde foram encontradas várias “urnas funerárias” com tampas, retiradas e levadas por Hermann Meyer, provavelmente para a Alemanha.

Bertelli (1984, p. 21, 40 e 41) apresenta três fotografias de “urnas funerárias” encontradas num sítio arqueológico às margens do rio Paraguai, mas não informa sobre sua localização precisa. Foram retiradas pelo próprio autor em 1978, sem quaisquer critérios ou fins científicos.

No Instituto Luiz de Albuquerque (ILA), em Corumbá, e no Museu Dom Bosco, em Campo Grande, também há vasilhas cerâmicas encontradas na região pantaneira que possuem semelhanças com a Tradição Aratu-Sapucai e que necessitam ser analisadas.

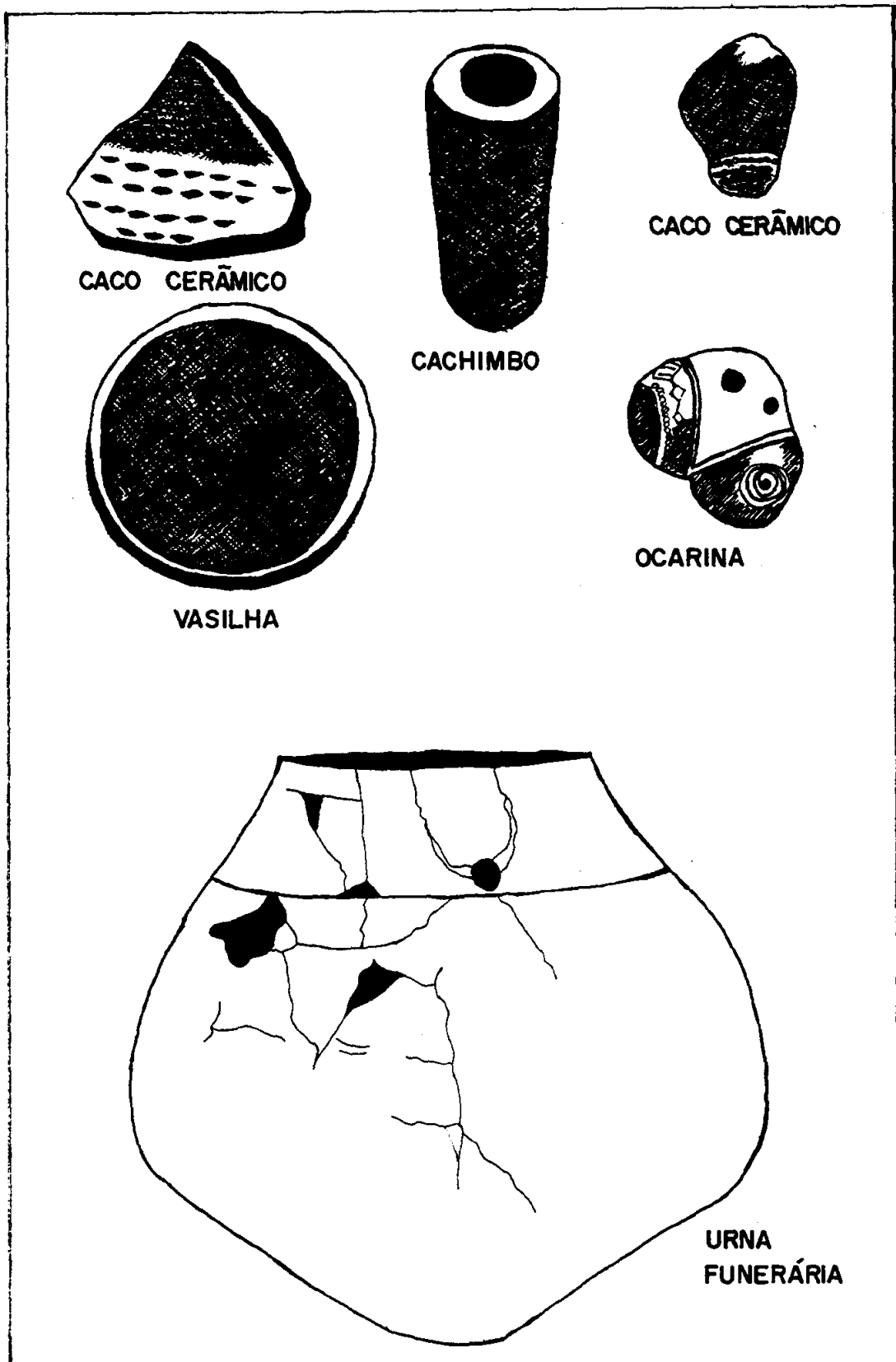


FIGURA 10: Material cerâmico coletado na Fazenda Barranco Vermelho

(redesenhado de Schmidt, 1940a).



FIGURA 11: Material lítico coletado na Fazenda Barranco Vermelho

(redesenhado de Schmidt, 1940a).

No Museu Rondon, órgão pertencente à Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, há oito vasilhas cerâmicas semelhantes às apresentados por Petrucco e Schmidt. Segundo informação verbal recebida do indigenista Antônio João de Jesus, um dos responsáveis pelo acervo do museu, o material procede da localidade de Barranco Vermelho e estava associado a sepultamentos. Numa observação prévia do material cerâmico, constatou-se tratar de uma cerâmica acordelada com vários tipos de contornos, e sua quase totalidade está representada por vasilhas pequenas, com 20 cm de tamanho médio de altura, de base arredondada, total ou parcialmente decorada com engobo vermelho escuro, sendo que alguns exemplares apresentam as bordas pintadas de vermelho. A queima é parcialmente oxidante, e o antiplástico é predominantemente composto por areia fina, raros grãos de quartzo, outros minerais e possivelmente alguma concha moída. As vasilhas com boca estreita deveriam servir para armazenar líquidos.

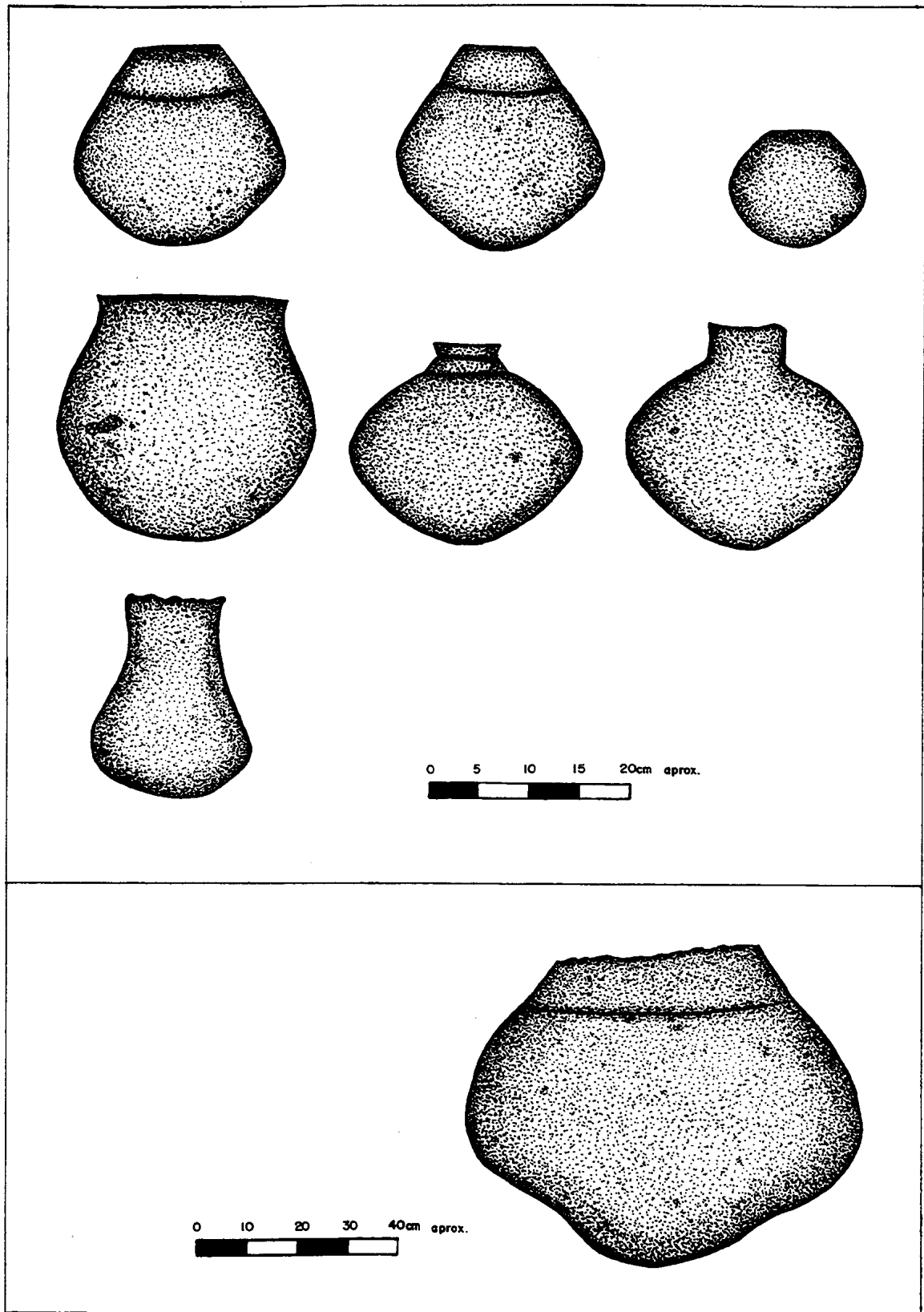


FIGURA 12: Vasilhame coletado na Fazenda Barranco Vermelho e doado ao Museu Rondon.

Nota-se que o material aqui exposto, especialmente as “urnas funerárias”, realmente lembram a

Tradição Aratu-Sapucaí. Todavia, é mais pertinente considerar essa filiação tecnológica como uma hipótese a ser melhor verificada. Por outro lado, até o presente momento não há evidências que possibilitam estabelecer correlações, ainda que apriorísticas, desse material cultural com quaisquer grupos reconhecidamente Macro-Jê, que ali estavam estabelecidos durante o período colonial ou em tempos mais recentes. De todo modo, permanece uma hipótese a ser testada, um estímulo à discussão e a novas pesquisas arqueológicas na região.

De acordo com Susnik (1978), nessa área do Alto Paraguai estavam estabelecidos, ao menos nos séculos XVI e XVII, os cultivadores Orejone e Xaray, que talvez fossem Arawak, mencionados pelos cronistas da época. Koslowsky (1895), em analogia direta e característica de seu tempo, associa o sítio de Descalvado aos Xaray, o que para Schmidt (1914) foi uma conclusão precipitada, pois Koslowsky (1895) não realizou uma pesquisa minuciosa na região.

Faz-se necessário explicar que o termo **Orejone** corresponde a um apelativo utilizado pelos espanhóis do século XVI, como se atesta em Cabeza de Vaca (1984, p. 248), para grupos que usavam grandes adornos nos lóbulos das orelhas, atualmente extintos, e dos quais não há testemunhos lingüísticos. Segundo Susnik (1978, p. 24-28) eram canoeiros como os Guaxarapo e Guató, seus aliados, e habitaram as lagoas Mandioré, Gaíba e Uberaba, e parte do rio Paraguai próximo a essas grandes lagoas, na porção noroeste do Pantanal Matogrossense. Seriam Nambiquara?

Segundo informação escrita recebida do informante anteriormente citado, e verbal recebida de Pedro Ignacio Schmitz, no segundo semestre de 1994 Irmild Wüst realizou pesquisas arqueológicas, em nível de avaliação de sítios arqueológicos, nas localidades de Barranco Vermelho e Descalvado. Seus resultados poderão esclarecer melhor a questão da presença, ou não, da Tradição Aratu-Sapucaí na região pantaneira.

1.2.4 Sítios de ocupação cerâmica sem filiação tecnológica

A quase totalidade dos sítios, sem filiação tecnológica, levantados na área dos municípios de Corumbá e Ladário não possuem uma cronologia absoluta. São sítios superficiais que foram classificados de acordo com aspectos da tecnologia cerâmica e a inserção dos respectivos assentamentos no relevo, sendo divididos em três grupos ou conjuntos cerâmicos.

Com base também nos trabalhos de Rogge & Schmitz (1992 e 1993), percebe-se que os conjuntos cerâmicos evidenciam, em sua maioria, um vasilhame utilitário destinado a armazenar, preparar e servir alimentos. Não apresentam, em princípio, quaisquer evidências que possam ser enquadradas nos padrões tecnológicos gerais das tradições cerâmicas atualmente conhecidas. Entretanto, necessitam de uma reavaliação à luz dos dados produzidos nos dois últimos anos, a fim de que seja possível melhor definir os grupos. A reavaliação é imprescindível e já se encontra em andamento.

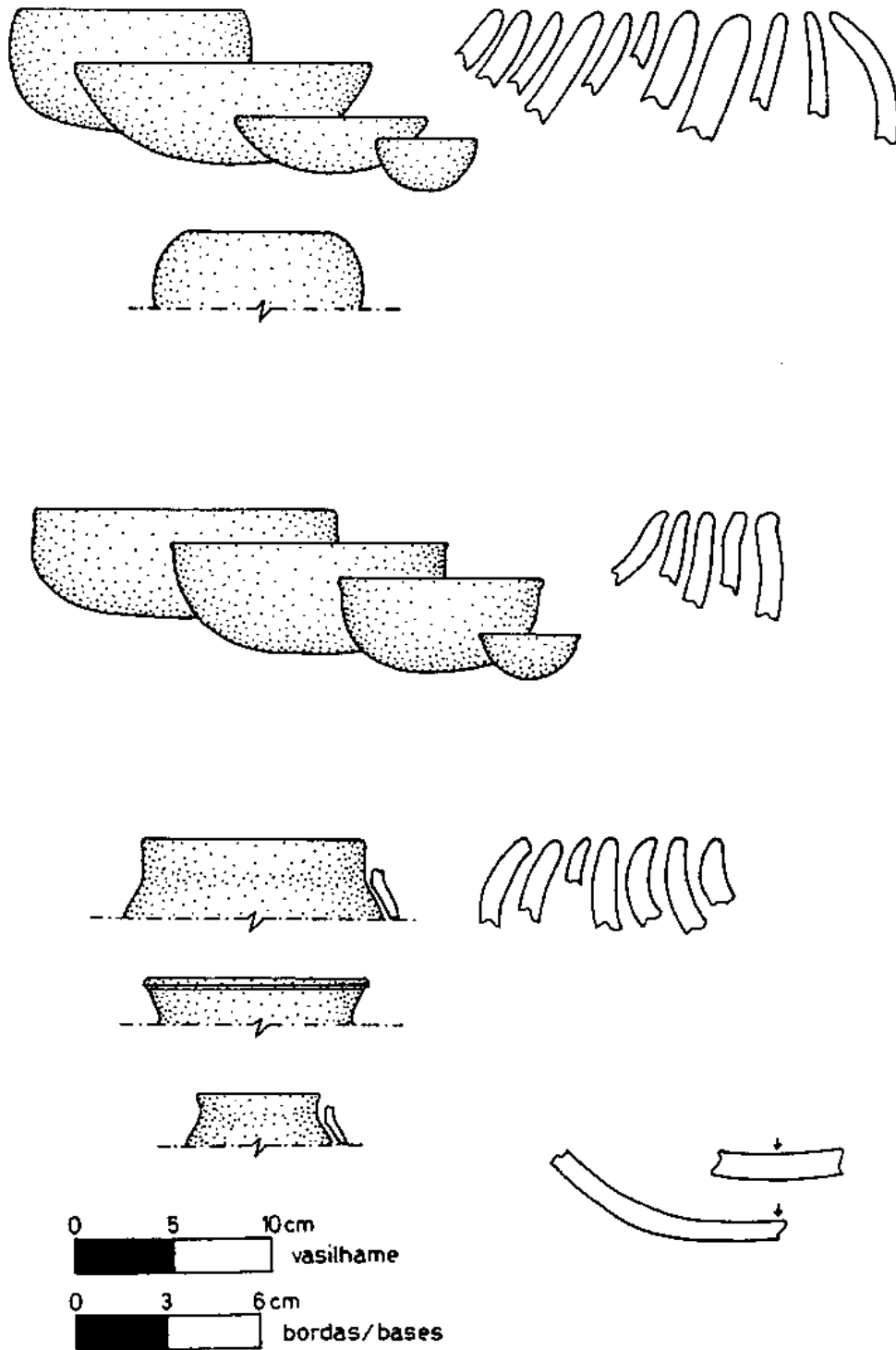
O **Primeiro Grupo** compreende mais de uma centena de aterros que ocorrem em áreas alagáveis, e que serão abordados de maneira específica neste capítulo.

O **Segundo Grupo** corresponde a sítios cujos assentamentos estão relacionados à vegetação da porção mais baixa da encosta das morrarias, próximos a áreas alagáveis. Três sítios se encontram na borda da Lagoa do Jacadigo, dentre eles o MS-CP-17 e o MS-CP-18. Outro sítio, MS-CP-26, está situado entre as morrarias de Santa Cruz e Rabichão. Segundo Rogge & Schmitz (1993), os 3.060 cacos coletados indicam vasilhas abertas e pouco profundas, de bordas diretas ou infletidas, com bocas que variam de 10 a 42 cm, sendo que a maioria permanece entre 10 a 30 cm. É uma cerâmica acordelada, tendo como antiplástico quartzo, hematita, minerais opacos, cacos moídos e, raramente, concha moída. Possui coloração avermelhada e sua quase totalidade é constituída por fragmentos alisados, ocorrendo em pequena proporção as decorações vermelho interno e/ou externo, corrugado simples, roletado, ungulado, pinçado, serrungulado, inciso, impressão de corda e aplicado.

A cerâmica do **Segundo Grupo** e os locais onde se encontram os respectivos sítios, apontam para uma considerável semelhança com o **Primeiro Grupo**. Nesta perspectiva, Rogge & Schmitz (1993) chamam a atenção para a possibilidade de alguns materiais cerâmicos coletados estarem misturados. Em verdade, somente o sítio MS-CP-26 apresenta diferenças marcantes em relação aos outros sítios que foram incluídos nesse grupo, havendo mais um sítio, MS-CP-47, levantado em 1994, cujo material cerâmico será analisado em breve.

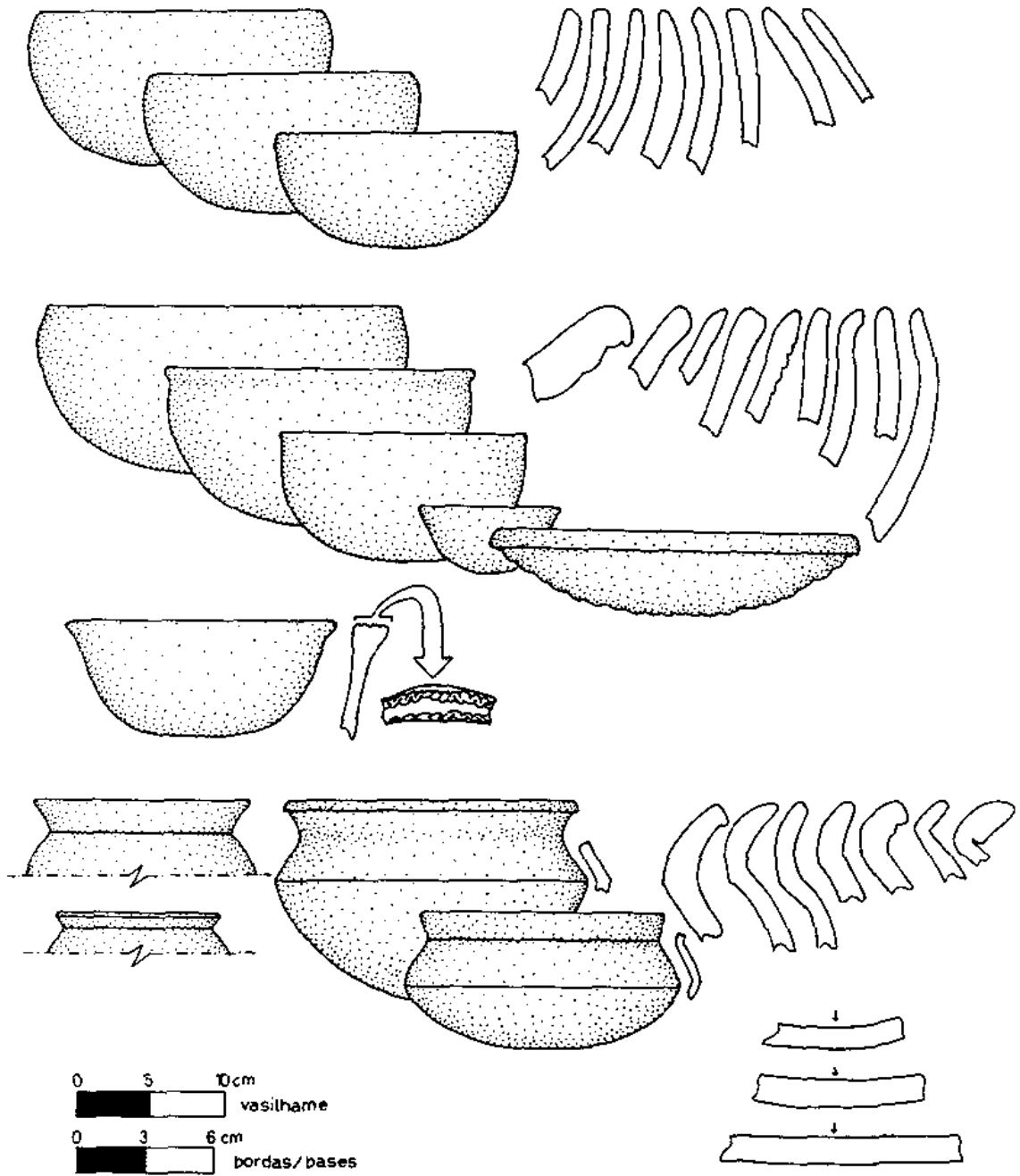
O **Terceiro Grupo**, representado pelo sítio MS-CP-25, está localizado próximo à encosta da Morraria Santa Cruz e a um córrego d'água permanente que desce da mesma. Encontra-se a mais de 5 km de distância das áreas inundáveis mais próximas. Os 934 cacos cerâmicos analisados estão caracterizados pela técnica do acordelado, predominando a cerâmica simples (85,76%), seguida por uma relativamente alta porcentagem de impressão de corda (13,38%) e pela pintura vermelha (0,85%). Os lábios podem ser do tipo simples ou com corda impressa, com uma seqüência regular de entalhes transversais ao eixo do lábio. O antiplástico é predominantemente constituído por grãos de quartzo, ocorrendo, em menor proporção, concha moída (4,71%). As bordas são geralmente diretas ou infletidas, raramente com uma carena. As vasilhas são de coloração avermelhada ou castanha, rasas e pouco profundas, com uma abertura da boca entre 12 a 42 cm, predominando as de 16 a 26 cm (Rogge & Schmitz, 1993).

A característica mais marcante do **Terceiro Grupo**, aquela que basicamente o distingue dos demais grupos, é a maior porcentagem da decoração feita por impressão de corda. Esta característica também é muito comum na região chaquenha e, segundo as considerações arqueológicas e etnográficas de Willey (1971, p. 458), caracteriza a “Tradição Chaquenha”.



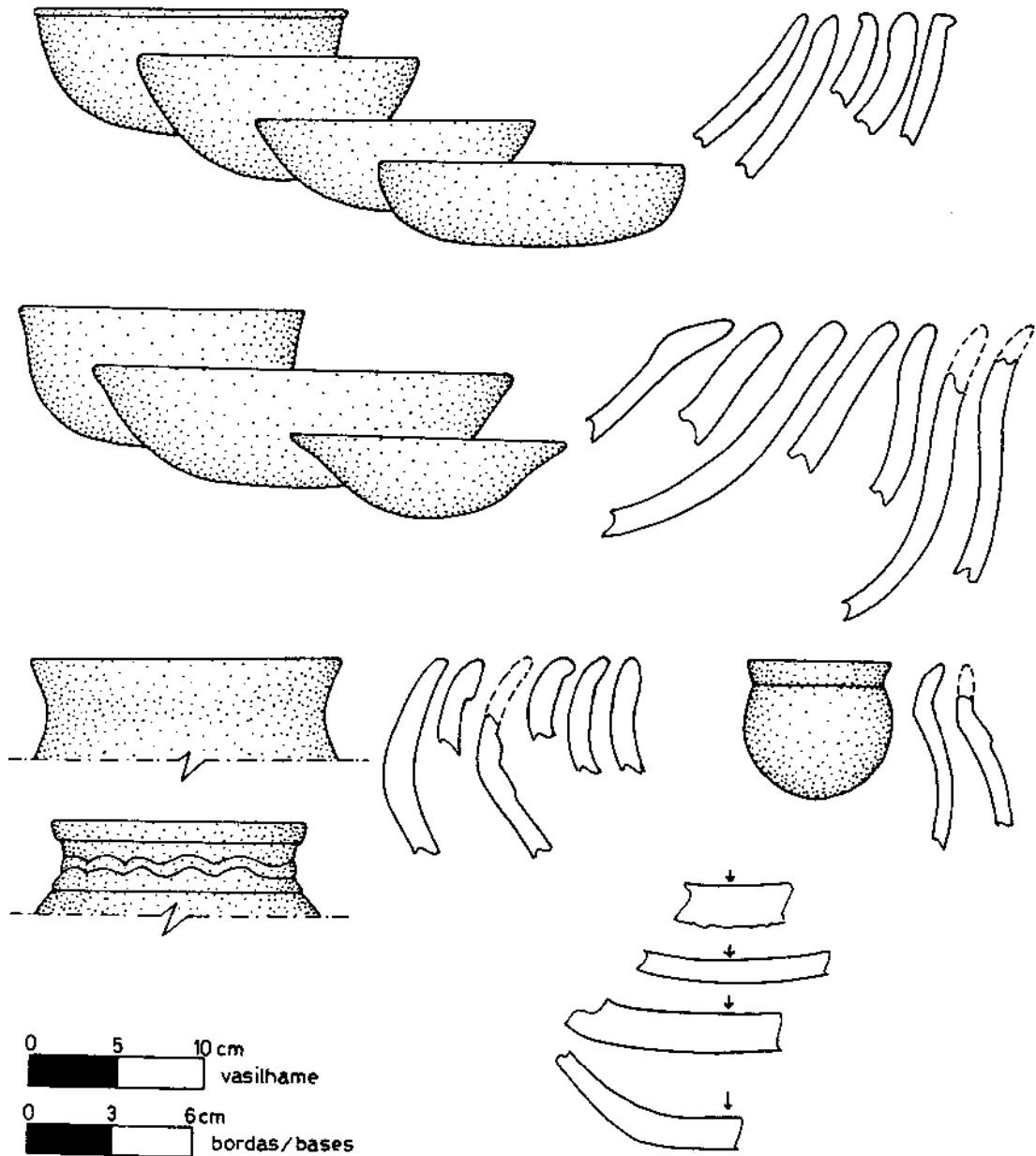
MS-CP-26 : GRUPO 2

FIGURA 13: Cerâmica do Segundo Grupo (Fonte: Rogge & Schmitz, 1993).



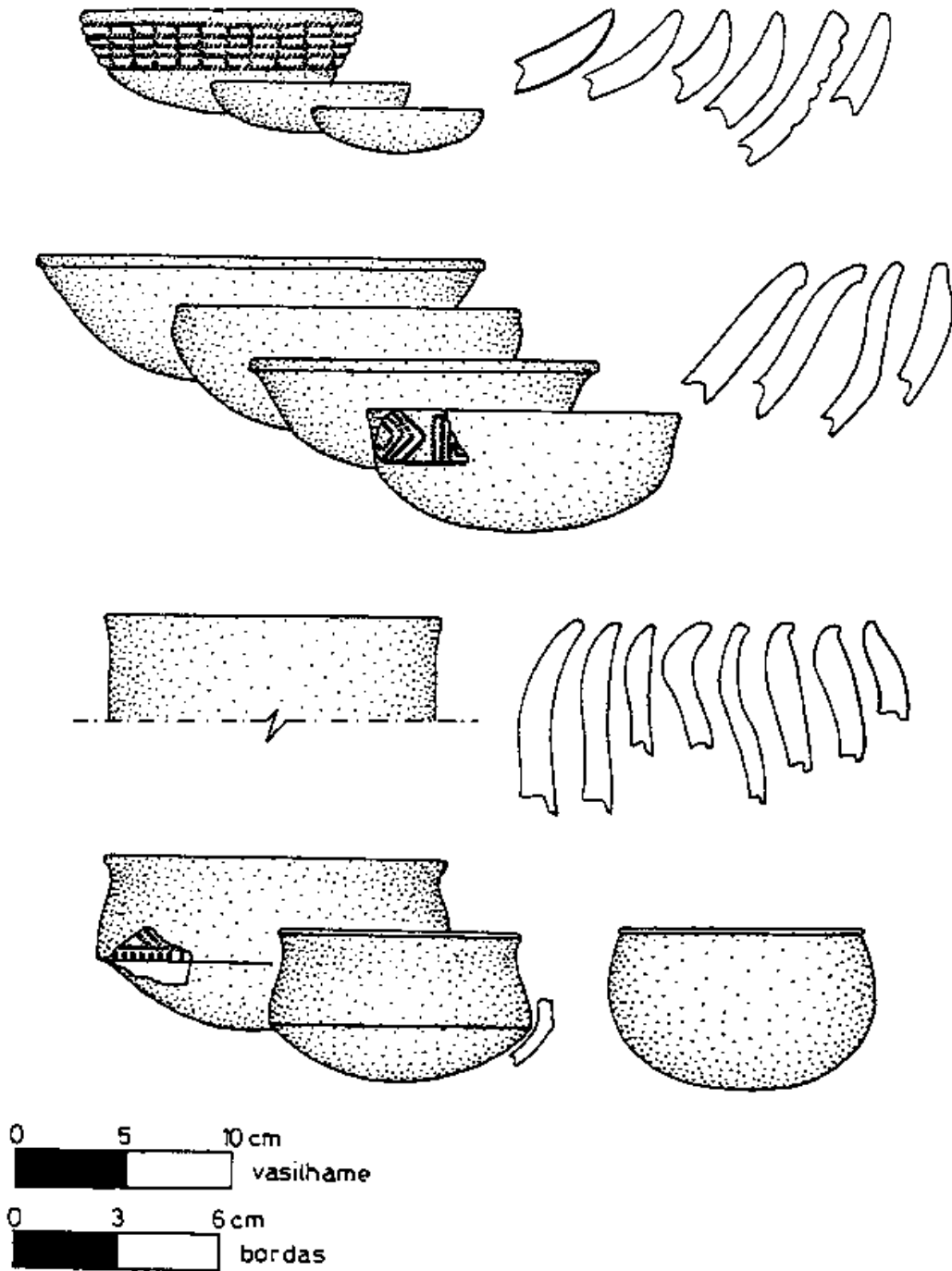
MS-CP-19 : GRUPO 2

FIGURA 14: Cerâmica do **Segundo Grupo** (Fonte: Rogge & Schmitz, 1993).



MS-CP-17 : GRUPO 2

FIGURA 15: Cerâmica do **Segundo Grupo** (Fonte: Rogge & Schmitz, 1993).



MS-CP-25 : GRUPO 3

FIGURA 16: Cerâmica do **Terceiro Grupo** (Fonte: Rogge & Schmitz, 1993).

1.2.5 Aterros

Entende-se por **aterro** um tipo de sítio arqueológico de interior, a céu aberto, que se apresenta na paisagem como uma elevação do terreno, total ou parcialmente antrópica, e que normalmente ocorre em áreas inundáveis.

No Pantanal Matogrossense os aterros em geral possuem aspecto de capão-de-mato e cordilheira, o que não significa dizer que todos os capões-de-mato e cordilheiras que ocorrem na região sejam aterros, ou vice-versa. Em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul possuem várias denominações: aterrados, aterros-de-bugre, capões-de-aterro ou simplesmente aterros. Ocorrem em áreas de topografia bastante plana, como o Pantanal do Abobral, e também em áreas próximas às morrarias, como é o caso da Lagoa do Jacadigo. Apresentam-se como pontos protegidos das cheias periódicas, sendo atualmente os preferidos para a instalação das sedes das fazendas e dos currais de gado. São formados basicamente por um acúmulo de material siltico-arenoso e orgânico associado, principalmente, a conchas de gastrópodes aquáticos e a material arqueológico, como fragmentos de vasilhas cerâmicas.

Em muitos relatos de viajantes, alguns dos quais produzidos por etnógrafos, é possível encontrar algum registro sobre esse tipo de manifestação cultural que ocorre na região. Lévi-Strauss (1986, p. 158), por exemplo, observou alguns aterros nas proximidades de Porto Esperança, distrito que pertence ao município de Corumbá, quando da sua viagem à região dos Kadiwéu. Mas a maioria desses relatos informa principalmente sobre os aterros Guató, que serão tratados no próximo capítulo.

As pesquisas sobre os aterros estão em andamento pelo **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá**, faltando apenas mais uma etapa dos trabalhos de campo para que seja possível concluir a etapa dos trabalhos de laboratório.

Até o presente momento, já foram identificados mais de uma centena de aterros, todos associados a cursos d'água, como rios, baías e corixos. A metodologia mais utilizada para o levantamento e identificação dos sítios consiste na sua localização, através de fotografias aéreas e imagens de satélite, para uma posterior investigação *in loco*.

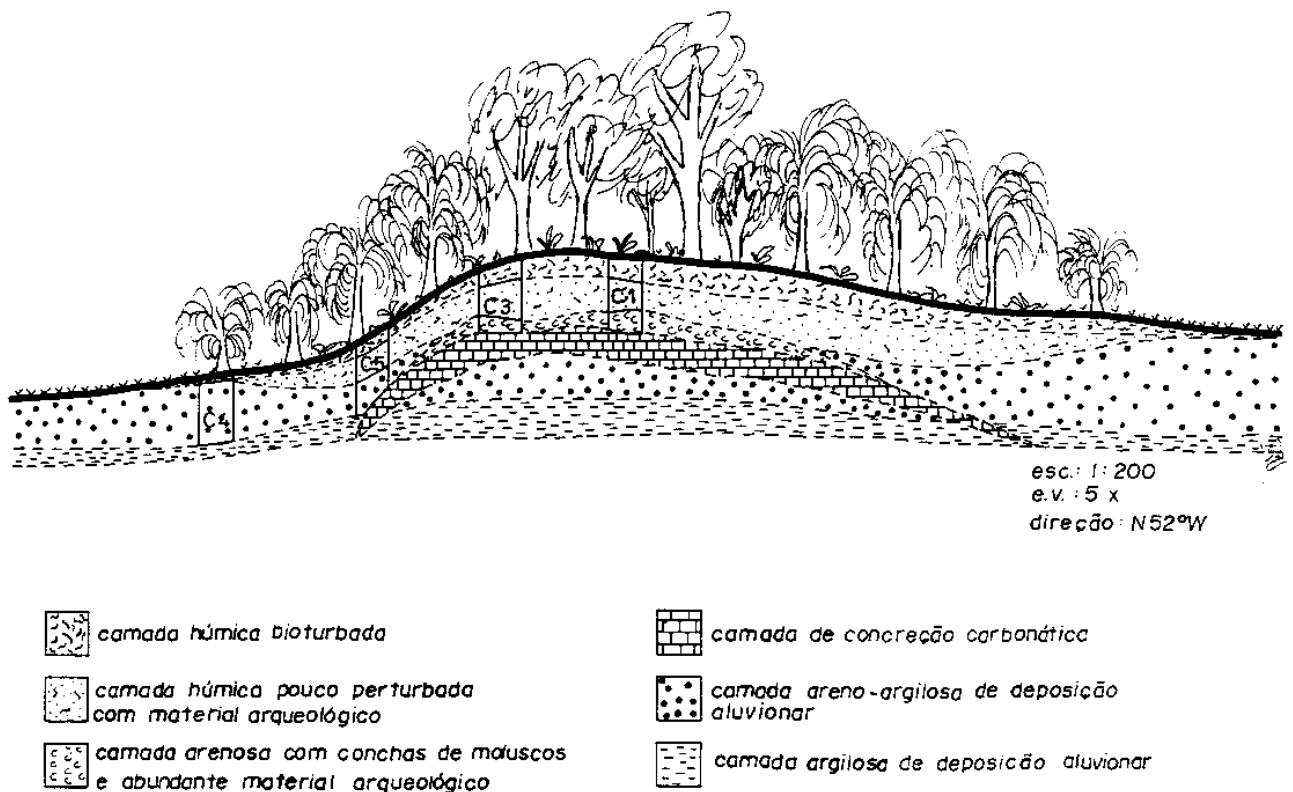


FIGURA 17: Perfil aproximado de um aterro localizado no Pantanal do Abobral

(Fazenda Santa Clara) elaborado por Jairo Henrique Rogge.

Numa área de 91,84 km², situada no Pantanal do Abobral, entre os paralelos de 19°30'00" a 19°25'00" de latitude Sul e os meridianos de 57°00'00" a 57°06'24" de longitude Oeste de Greenwich, foram levantados 87 aterros em 1991, todos cerâmicos. De acordo com Bitencourt (1992, p. 797-798) os 87 aterros *“correspondem apenas a uma parcela da totalidade dos sítios que ocorrem nesta área. Pela análise aerofotogramétrica podemos localizar os demais sítios, os quais estimam-se em 200”*.

Oliveira & Peixoto (1993b) relacionam e localizam em coordenadas geográficas outros 48 aterros, a maioria distribuídos entre a Lagoa do Jacadigo, o rio Verde e suas adjacências, e entre os pantanais do Nabileque e Miranda (na Fazenda Bodoquena). São os seguintes: MS-CP-19, MS-CP-20, MS-CP-21, MS-CP-22, MS-CP-23, MS-CP-24, MS-CP-32, MS-CP-33, MS-CP-34, MS-CP-35, MS-CP-36, MS-CP-37, MS-MA-01, MS-MA-02, MS-MA-03, MS-MA-04, MS-MA-05, MS-MA-06, MS-MA-07, MS-MA-08, MS-MA-09, MS-MA-10, MS-MA-11, MS-MA-12, MS-MA-13, MS-MA-14, MS-MA-15, MS-MA-16, MS-MA-17, MS-MA-18, MS-MA-19, MS-MA-20, MS-MA-21, MS-MA-22, MS-MA-23, MS-MA-24, MS-MA-25, MS-MA-26, MS-MA-27, MS-MA-28, MS-MA-29, MS-MA-30, MS-MA-31, MS-MA-32, MS-MA-33, MS-MA-34, MS-MA-35 e MS-MA-36. Acrescenta-se a esta relação o sítio MS-CP-38, localizado na Lagoa do Jacadigo.

Grande parte dos aterros investigados apresentam ocupações cerâmicas, embora existam alguns, como o sítio MS-CP-16, localizado na Lagoa do Jacadigo, que apresentam nítidas evidências de ocupações pré-cerâmicas estratigraficamente cobertas por ocupações cerâmicas. Em ambos os casos, as ocupações devem estar relacionadas a populações canoieiras que, mais frequentemente, poderiam permanecer estabelecidas nos aterros durante a cheia, período em que muitas áreas permanecem inundadas, o que favorece maior mobilidade fluvial.

Na cidade de Ladário, foi identificado um grande aterro pré-cerâmico (MS-CP-22), localizado numa barranca alta da margem do rio Paraguai, onde não foram encontrados, num primeiro

momento, quaisquer indícios de ocupações cerâmicas. Sobre parte do sítio foi construído um estabelecimento de ensino, a Escola 17 de Março.

No caso específico do aterro MS-CP-16 dispõe-se de datações absolutas (C^{14}) para as ocupações pré-cerâmicas, que foram realizadas através de amostras de conchas de moluscos aquáticos (Ampullaridae), obtidas por meio de um corte estratigráfico. As datações foram realizadas no laboratório Beta Analytic Inc. da University Branch, em Miami, Flórida (EUA), através da técnica radiométrica. Os resultados obtidos são os seguintes:

NÍVEL	C^{14} (IDADE EM ANOS A.P.)	C^{13}/C^{12}	C^{13} (IDADE AJUSTADA)
30-40 cm	3.590 ± 60 A.P.	-5.0* o/oo	3.920 ± 60 A.P.*
60-70 cm	3.610 ± 60 A.P.	-5.0* o/oo	3.940 ± 60 A.P.*
130-140 cm	3.810 ± 80 A.P.	-5.0* o/oo	4.140 ± 80 A.P.*
* Estimadas as proporção de C^{13}/C^{12} e ajustadas as idades (usadas no calendário de calibrações). As proporções assumidas são típicas de conchas de moluscos de água doce.			

As datações obtidas estão em torno de 2.000 anos a.C., período posterior ao *Optimum Climaticum*, onde o Pantanal já se apresentava, em termos ambientais, de forma semelhante à sua atual configuração, o que deve ter favorecido sobremaneira a instalação de grupos humanos, conforme foi explicado no início deste capítulo. De maneira geral, é provável ainda que os grupos pré-cerâmicos relacionados aos aterros, sendo os primeiros a chegar na região, inicialmente se estabeleceram em áreas menos vulneráveis às cheias periódicas, próximas a morrarias, para, posteriormente, ocuparem áreas mais baixas e que sofrem um maior grau de inundação.

Para as ocupações cerâmicas ainda não se dispõe de datações absolutas, embora o conjunto da documentação histórica utilizada neste trabalho possibilite supor que, ao menos, as últimas ocupações sejam recentes, ao redor do início da Conquista Ibérica.

Explicar a gênese dos aterros tem sido outra das principais questões estudadas e discutidas pelos pesquisadores envolvidos no projeto de pesquisa anteriormente citado. Até o presente momento, as evidências indicam que também houve uma influência antrópica no acúmulo das conchas de gastrópodes aquáticos que comumente se encontram sobre antigas elevações naturais do terreno, possivelmente de origem aluvial. A justificativa maior está no fato de que as conchas sempre foram encontradas associadas a material cultural, como fragmentos de vasilhas cerâmicas, e a restos de alimentação, como ossos de peixes.

Chaparro & Bezerra (1993, p. 6) analisaram conchas de moluscos de aterros do Pantanal do Abobral e constataram a predominância de gastrópodes aquáticos da família Ampullaridae, gêneros *Pomacea* e *Marisa*, também aparecendo conchas pertencentes à família Strophocheilidae, gênero *Strophocheilus*. Contudo, ainda não se sabe com exatidão em que proporção as conchas de moluscos representam, por exemplo, restos de alimentação humana ou material de construção dos aterros.

O material cerâmico analisado por Rogge & Schmitz (1992 e 1993) indica um mesmo padrão de tecnologia cerâmica, com poucas variações, sendo atualmente denominado de **Primeiro Grupo**:

“Os 1.550 fragmentos recolhidos num desses aterros da Baía do Jacadigo podem servir de amostra para este grupo. A manufatura é acordelada, o antiplástico é constituído, predominantemente, de grãos de quartzo, mas há grande ocorrência de fragmentos de concha e caco moído. O núcleo apresenta-se, invariavelmente preto e cinza. A textura é compacta e resistente. A queima é oxidante incompleta. A dureza vai de 2,5 a 3 graus na escala de Mohs. A cor da superfície costuma ser cinza. A decoração é variada: simples (54,10%), corrugada simples com variações (33,87%), cestaria impressa (7,69%), incisa (1,74%), vermelha (1,48%), roletada

(0,71%), com impressão de corda (0,38%). As formas, geralmente infletidas são, em sua maior parte, abertas, as bases arredondadas ou levemente aplanadas. Os vasilhames são pequenos, medindo as bordas de 12 a 34 cm, com corpos sub-esféricos. É uma cerâmica tipicamente utilitária, sem nenhum refinamento, apesar do bom acabamento de muitas peças” (Rogge & Schmitz, 1993, p. 4).

Sabe-se recentemente que, na cerâmica dos aterros, não ocorre impressão de cestaria, como se pensava anteriormente, mas sim um tipo de corrugado que muito se assemelha a esse tipo de decoração.

A dispersão da cerâmica não se restringe apenas aos aterros levantados, pois também ocorre em sítios superficiais relacionados a lagoas e próximos de morrarias, como é o caso dos seguintes: MS-CP-49, MS-CP-50 e MS-CP-51, localizados à margem da Lagoa Negra; e MS-CP-27 e MS-CP-28, situados na área de influência da Lagoa do Jacadigo, próximos aos sítios com grafismos rupestres MS-CP-03 e MS-CP-04.

Nos aterros da Lagoa do Jacadigo foram encontrados sepultamentos primários estendidos ou fletidos, alguns provavelmente secundários (Rogge & Schmitz, 1993, p. 3). O material lítico é escasso e o pouco que foi coletado está por ser analisado.

No Puerto 14 de Mayo, porção do Pantanal que pertence ao Paraguai, Susnik (1959) investigou um aterro ou *conchal*, tendo encontrado material cerâmico, lítico e ósseo associado a uma camada de conchas de moluscos da espécie *Ampullaria canaliculata*, cuja espessura varia de 40 a 60 cm. Ossos humanos, colares de contas feitas de conchas, pingentes feitos de dentes de capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) e lâminas-de-machado polidas e com garganta também foram

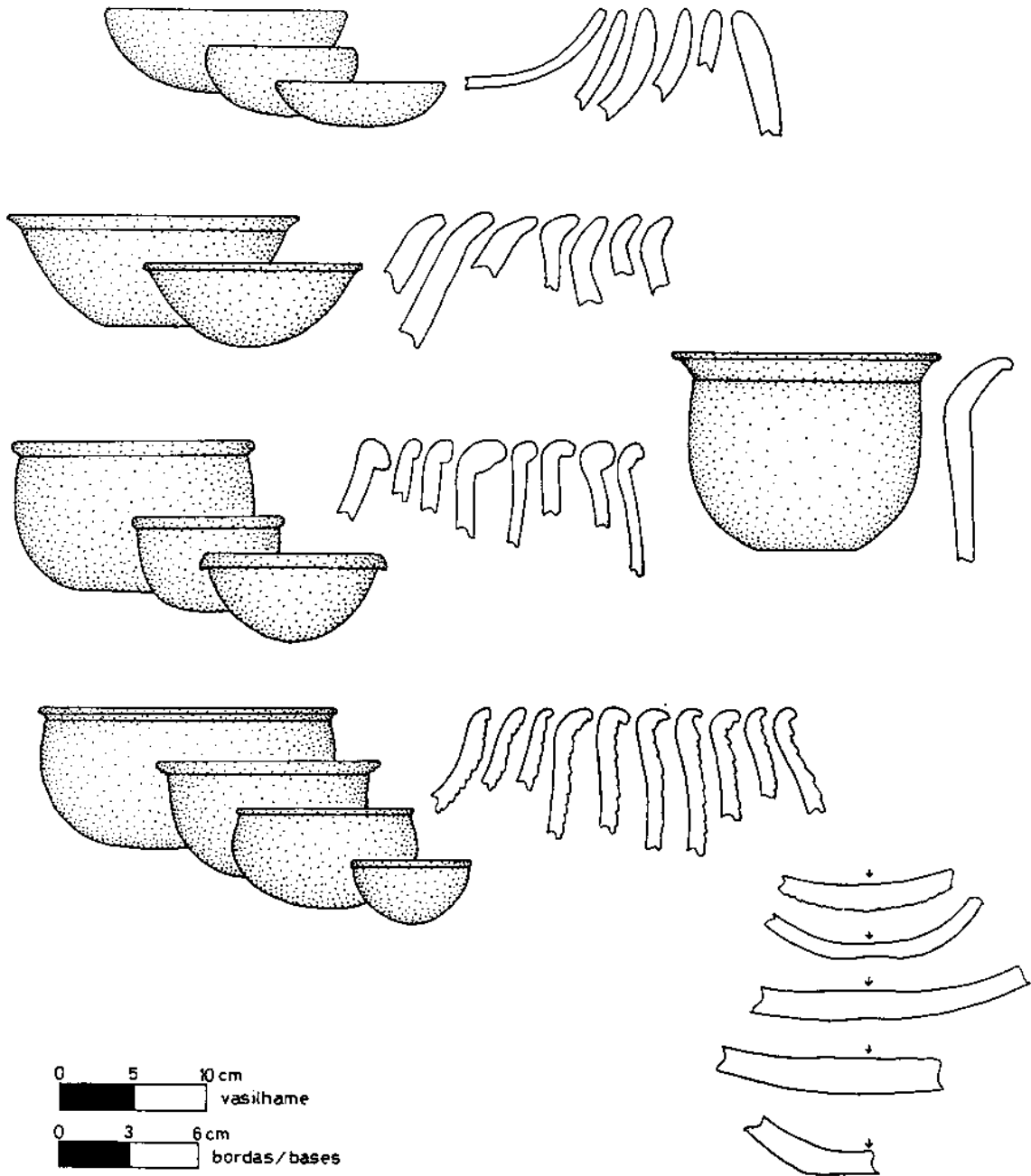
encontrados³

O material cerâmico recolhido do aterro é semelhante ao descrito por Rogge & Schmitz (1992 e 1993), conforme pode-se comprovar através da observação de alguns fragmentos de vasilhas em exposição no Museu Etnográfico “Andrés Barbero”, em Assunção. Entretanto, é preciso fazer uma análise detalhada do material recolhido do referido aterro para melhores comparações.

É interessante mencionar que, na ocasião de suas pesquisas, Susnik estava acompanhada por cinco Chamacoco que associaram o sítio aos Wettiadau-Mbayá - “*wettiadau*” é um termo Chamacoco utilizado para todos os grupos inimigos Mbayá do norte. Esta é uma questão que deve ser melhor averiguada pela arqueologia, assim como também pela etnoistória e etnologia.

Em suma, é possível deduzir, em princípio, que os aterros do Pantanal atestam uma forma de adaptação ecológica relacionada a fatores sazonais que ali ocorrem, pois são os únicos lugares protegidos das cheias, principalmente em áreas de topografia bastante plana, sendo os mais importantes vestígios de manifestações culturais que ocorrem nas mesmas. Uma das possibilidades de melhor compreendê-los é através do conhecimento da etnografia de grupos canoeiros que se estabeleceram na região, como os Guató, Guaxarapo e Payaguá. Neste sentido, há uma vasta documentação histórica a ser explorada pelos arqueólogos. Outra possibilidade é compará-los com aterros que ocorrem em outras regiões da Bacia do Prata e da Bacia Amazônica; como por exemplo, os *cerritos* do Rio Grande do Sul e Uruguai, os *montículos* ou *conchales* da região chaquenha, a cultura dos *Ribereños Plásticos* e os *conchales* do “Litoral do Paraná” (Argentina), os *llanos de moxos* da Bolívia e os *mounds* da Ilha de Marajó. Esta questão, inclusive, é de grande interesse para o estudo dos aterros que ocorrem na América do Sul.

³ Em função das mudanças que constantemente ocorrem no campo da sistemática, é possível que a espécie *Ampullaria canaliculata* que Susnik (1959) menciona, corresponda à espécie *Pomacea canaliculata*, que também ocorre em aterros no Pantanal Matogrossense.



MS-CP-20 : GRUPO I

FIGURA 18: Cerâmica dos aterros (Fonte: Rogge & Schmitz, 1993).

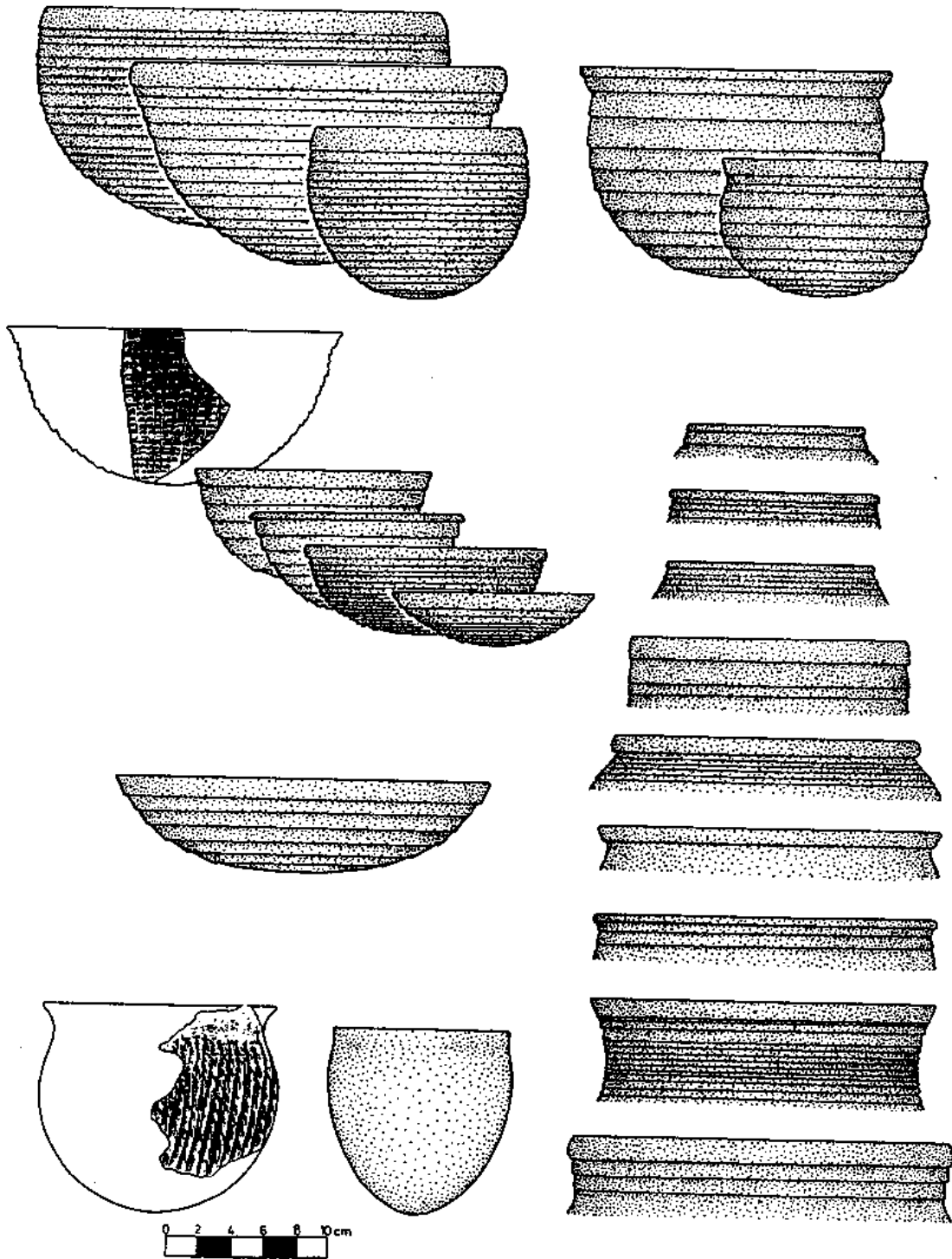


FIGURA 19: Cerâmica dos aterros (Fonte: Rogge & Schmitz, 1992).

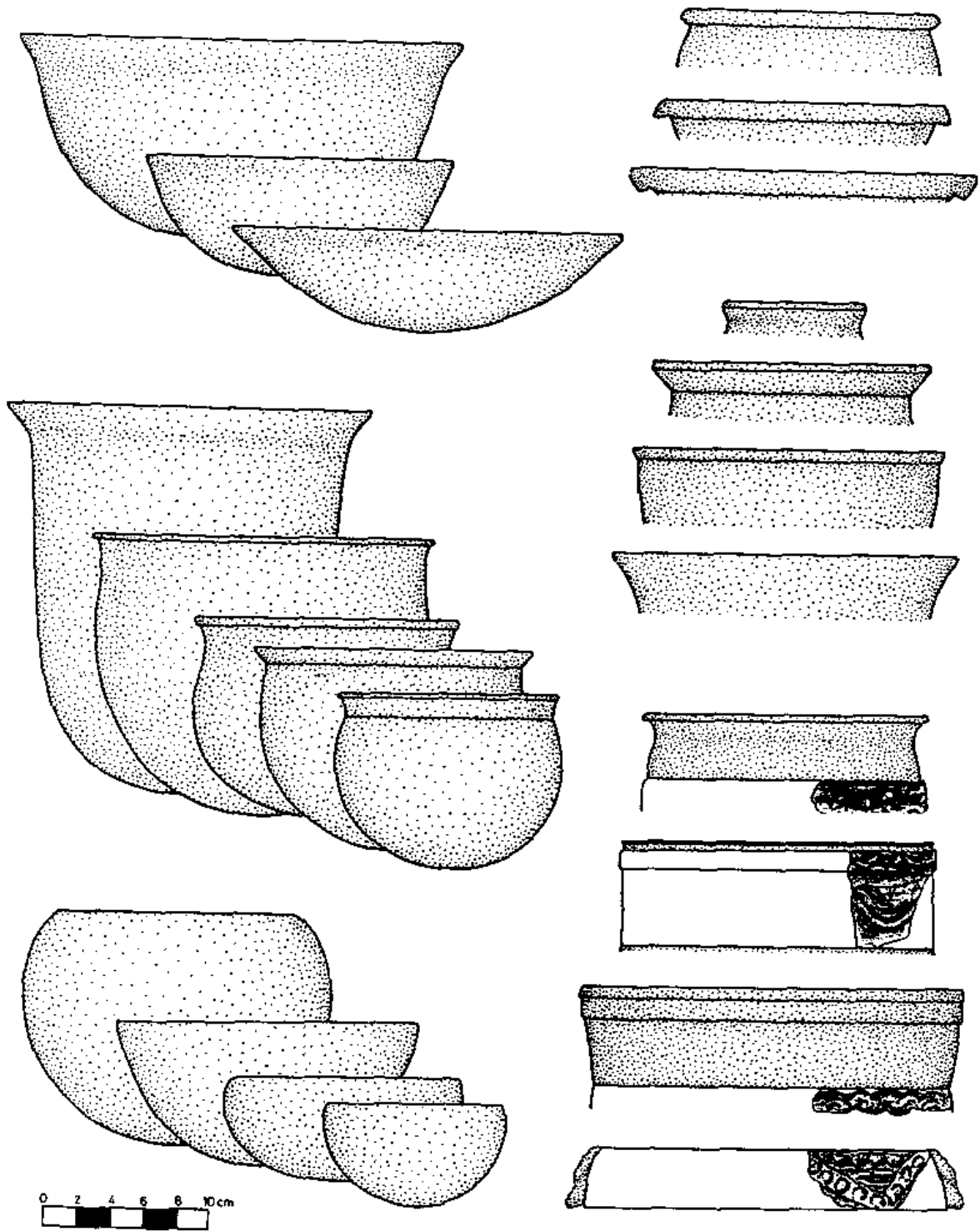


FIGURA 20: Cerâmica dos aterros (Fonte: Rogge & Schmitz, 1992).

1.2.6 Grupos étnicos conhecidos historicamente

É comum em algumas sínteses sobre a etnografia e arqueologia chaquenhas, como Kersten (1968), Métraux (1963a) e Willey (1971), a inserção do Pantanal Matogrossense na área cultural do *Gran Chaco*. Todavia, embora sejam regiões vicinais, constituem paisagens perceptivelmente distintas, conforme esclarece Moura (1943). Por outro lado, Susnik (1972 e 1978), ao focar as populações indígenas chaquenhas, não acrescenta explicitamente o Pantanal Matogrossense na área cultural do *Gran Chaco* e o relaciona como parte de sua periferia, onde se pressupõe que periferia possua o sentido de vizinhança ou proximidade.

Portanto, é preciso tornar inteligível que o Pantanal Matogrossense, enquanto região geocologicamente caracterizável, não compreende parte da área geográfica típica do *Gran Chaco*, e vice-versa, nem tampouco da sua, assim chamada, área cultural. Esta constatação, porém, não conota a omissão, principalmente diante das evidências etnohistóricas, dos contatos e influências culturais mantidos principalmente durante o período colonial, entre diversos grupos que se estabeleceram em ambos os territórios.

Dos modelos apresentados sobre a ocupação indígena do Pantanal, sobressaem as formulações de Susnik (1972 e 1978). Suas idéias são fundamentadas em vasta documentação histórica e em trabalhos etnológicos.

Segundo Susnik (1972), nos princípios da Conquista Ibérica o Pantanal também constituía um limite natural para as populações chaquenhas, e se caracterizava por um elevado índice de densidade demográfica, representada sobretudo por diversos grupos “cultivadores”, como os Xaray, e “canoeiros-pescadores”, como os Guaxarapo, que ali estavam estabelecidos. Todos esses grupos estavam sob a pressão dos Paressi-Arawak, ao norte, e pelos Itatim-Guarani, ao sul, sendo que estes últimos estariam necessitando de áreas cultiváveis na zona do rio Miranda.

De acordo com Susnik (1961 e 1978) e Métraux (1963a), e também com a classificação lingüística de Rodrigues (1986), das populações indígenas que se estabeleceram no Pantanal Matogrossense e áreas circunvizinhas, cuja filiação lingüística é conhecida, destacam-se as seguintes famílias lingüísticas e seus respectivos grupos:

a) **Arawak** - cultivadores que se estabeleceram desde alguns pontos do rio Apa e áreas próximas, até partes da porção leste do alto curso do rio Paraguai. Estão representados pelos *Layaná* ou *Laiana* (*Chané* e *Guaná*), *Echoaladi* (*Choarana*, *Chararana?*), *Tereno* ou *Terena* (*Terenoá*, *Etelena*), *Kinikinao* (*Equiniquinao*, *Quainacona*) e talvez os próprios *Orejone*;

b) **Guaicuru** - 1) *Mbayá-Guaycurú* ou *Eyiguayeguí* (*Gente do Palmar*), que também habitaram parte do Pantanal e seus limites com o Chaco, representados pelos *Guetiadegodí* ou *Montarace* (*Os Habitantes das Montanhas*), *Cadiguregodí/Kadiwéo* (*Os Habitantes dos Lugares onde Cresce a Planta Cadi*), *Apacachodegodeguí* (*Os Habitantes dos Campos das Emas*), *Lichagotegodí* (*Os Habitantes da Terra Vermelha*), *Eyibegodeguí* ou *Enacagas* (*Os Escondidos*), e *Gotocogodeguí* (*Os Habitantes do Bambuzal*); 2) *Payaguá* ou *Evueví* (*Gente do Rio* ou *Gente da Água*), canoeiros que se locomoviam por grande parte do alto curso do rio Paraguai, também representados pelos *Siracuá* ou *Sarigué*, *Agaz* (*Agace*) e provavelmente pelos *Guaxarapo*;

c) **Jê** - populações *Kaingang* “guaranizadas” que no século XVI ocupavam terras ao norte do rio Apa até a zona dos Caiapó, representados pelos *Guetri* ou *Ñu-guára*;

d) **Tupi-Guarani** - provavelmente os *Guarambarenses*, entre os rios Ypané e Apa, e, com certeza, os *Itatim*, entre os rios Apa e Miranda;

e) **Zamuco** - *Chamacoco* ou *Yshyr*, representados pelos *Xorshio*, que talvez sejam os antigos *Caitporade*, habitantes das áreas próximas à Lagoa Negra, próxima ao atual limite Brasil-Paraguai, abaixo do paralelo 20°00' de latitude Sul.

Há ainda o Guató, língua filiada genética e diretamente no tronco Macro-Jê, e outras línguas desconhecidas que foram extintas, juntamente com seus falantes, ao longo do contato com as sociedades coloniais; a exemplo, segundo os grupos citados por Susnik (1978), da língua falada pelos cultivadores Xaray.

Apesar de vários grupos ter sido extintos, há ainda remanescentes, como o Guató, Kadiwéó e Terena, que possuem representantes falantes da sua língua original.

Diante da configuração étnica da região pantaneira, se faz mister o aprofundamento das pesquisas arqueológicas com o intuito de definir as áreas, ou talvez os nichos ecológicos, onde cada grupo conhecido historicamente encontrava-se assentado.

Num contexto mais amplo, as formulações apresentadas por Susnik (1961, 1972 e 1978) são de grande relevância, porque apresentam um primeiro panorama da ocupação indígena histórica do Pantanal Matogrossense e áreas adjacentes. Seu modelo de ocupação pressupõe, em princípio, uma situação de pressão demográfica, e esta, por sua vez, caracteriza o Pantanal como uma área de grande diversidade étnica e lingüística, de intensos contatos interétnicos e influências culturais, inclusive, com grupos originários da região do *Gran Chaco*.

Em conclusão às elucidações deste capítulo, é de se consignar que o atual discernimento sobre a arqueologia, etnologia e etnohistórica do Pantanal Matogrossense, embora ainda diminuto, é significativamente expressivo para registrar a complexidade que envolve o estudo da ocupação indígena da região. Esta constatação também se fundamenta na quantidade e diversidade de sítios arqueológicos levantados até 1994 na região, e que por sua vez corroboram, desde já, a diversidade étnica registrada nos documentos relevantes à etnohistória regional.

No capítulo seguinte, será abordado especificamente o Guató, na perspectiva de também contribuir para uma melhor elucidação a respeito da ocupação indígena das áreas inundáveis do Pantanal, principalmente em termos de adaptação ecológica (assentamento e subsistência)

OS GUATÓ: CANOEIROS POR EXCELÊNCIA

2.1 FONTES DE PESQUISA

Para a elaboração deste capítulo, realizou-se, em primeiro lugar, uma pesquisa exaustiva sobre os Guató a partir da bibliografia indicada nas seguintes obras: Baldus (1954 e 1969), Costa e Silva (1992), Hartmann (1984), Loukotka (1939 e 1968), Martins (1992), Mendonça (1975), Nimuendaju (1981), Planella (1983), Susnik (1992) e Tovar (1961). Em seguida aprofundaram-se as pesquisas na literatura etnológica mais recente e na documentação histórica regional para, por último, realizar o levantamento de informações orais junto a alguns Guató residentes na cidade de Corumbá.

Praticamente toda a bibliografia levantada foi devidamente analisada, permanecendo de fora apenas algumas poucas publicações (relatos sem grandes informações etnográficas) que não foi possível conseguir, o que não comprometeu, de maneira alguma, o desenvolvimento dos trabalhos.

As fontes de pesquisa utilizadas, primárias e secundárias, podem ser divididas, arbitrariamente e a grosso modo, em duas categorias básicas, segundo a natureza do registro dos dados culturais: etnológicas (escritas e orais) e etnohistóricas (escritas).

2.1.1 Fontes etnológicas

Considera-se como fontes etnológicas, aquelas produzidas por etnólogos de formação, ou por pessoas com habilidade no registro e/ou manipulação de dados culturais, quer tratem da arqueologia, cultura material, etnociências, lingüística, mitologia, organização social e política ou outros assuntos afins. Neste sentido, é oportuno e necessário explicitar as definições de etnografia e etnologia elaboradas por Lévi-Strauss (1991):

“... a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade (...), e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles; ao passo que a etnologia utiliza de modo comparativo (...) os documentos apresentados pelo etnógrafo” (Lévi-Strauss, 1991, p. 14).

As fontes etnológicas primárias, isto é, aquelas que, entre outras informações, apresentam um conjunto de dados culturais obtidos e organizados diretamente pelo autor, são as seguintes: Azanha (1991), Cardoso (1985), Castelnau (1949 [1850-1851 apud Baldus, 1954]), Cruvinel (1977 apud Cardoso, 1985), Figueiredo (1939), Florence (1948 [1875]), Hassler (1888 apud Baldus, 1954), Koslowsky (1895), Leverger (1862a), Magalhães (1975 [1876]), Monoyer (1905), Moure (1862), Palácio (1978, 1984, 1986 e 1987), Palácio & Rodrigues (1979), Rohde (1885 apud Baldus, 1954), Rondon (1949), Rondon (1938), Schmidt (1902, 1903, 1904, 1912, 1914, 1918, 1922, 1928, 1940a, 1942a, 1942b [1905], 1951 e 1974 apud Palácio, 1984), Silva (1930) e Wilson (1959).

Ressalva-se que da relação acima, somente Hassler (1888) merece pouco crédito, pois, segundo Baldus (1954, p. 297-298), seu relatório entregue ao Museu de Aarau, na Alemanha, apresenta informações fantasiosas, não dignas de confiança.

Ao que se sabe, a primeira descrição etnográfica dos Guató foi realizada entre fins de 1826 e início de 1827 por Florence (1948 [1875]), desenhista da expedição Langsdorff. Através de relatos e ilustrações, Florence (1948 [1875]) apresenta uma importante descrição geral dos Guató. No entanto, foi Castelnau (1949 [1850-1851]) quem publicou pela primeira vez uma descrição etnográfica e informações lingüísticas sobre o Grupo, obtidas em 1845. Segundo Palácio (1984) sua relação de palavras da língua Guató foi reproduzida por Martius (1867), parcialmente copiada por Moutinho (1869 apud Palácio, 1984) e republicada por Schmidt (1942b [1905]) que a comparou com o seu próprio levantamento de 507 palavras e 39 orações.

Grande parte das descrições realizadas após Florence (1948) e Castelnau (1949) apresentam um semelhante, mas não menos importante e fidedigno, panorama etnográfico dos Guató. Destacam-se as publicações de Figuêiredo (1939), Koslowsky (1895), Leverger (1862a), Magalhães (1975 [1876]), Monoyer (1905), Moure (1862), Cândido Rondon (1949), Frederico Rondon (1938) e Silva (1930).

Os primeiros e os mais importantes estudos etnológicos, propriamente ditos, foram realizados pelo etnólogo alemão Max Schmidt (1874-1950) durante os anos de 1901, 1910 e 1928. Dos seus trabalhos já citados, os principais foram publicados em 1902, 1912, 1914, 1942a e 1942b [1905]. Seus estudos seguem a linha evolucionista da época, com grande destaque para os estudos jurídicos, econômicos e ergológicos. Elaborou as principais descrições e análises sobre a cultura material Guató, caracterizadas por uma meticulosa descrição dos artefatos e por uma preocupação contínua em inferir a sua função no cotidiano do grupo. Seus estudos econômicos, orientados pelas ciências

naturais, também acrescentam importantes contribuições para a compreensão dos assentamentos e da subsistência Guató.

Em Baldus (1951) e Susnik (1991) há maiores informações biográficas sobre Max Schmidt.

A investigação arqueológica é a outra característica marcante em algumas de suas pesquisas etnológicas. Em Schmidt (1914) se verifica um grande interesse e empenho do autor em estudar os aterros ocupados pelos Guató que, no contexto atual da arqueologia moderna, pode ser definido como um verdadeiro trabalho etnoarqueológico, cujos resultados serão abordados no decorrer deste capítulo.

Palácio (1984), mais recentemente, inspirada na leitura do artigo de Rodrigues (1966), realizou o mais importante registro e descrição estrutural sistemática da língua Guató, concluindo um estudo da fonologia e da gramática (morfologia e sintaxe). Seu trabalho está parcialmente resumido em Palácio (1986 e 1987). Tem-se ainda Palácio (1978), um breve relato de seu primeiro contato com os Guató e os resultados preliminares de suas pesquisas; e um artigo em parceria com Aryon D. Rodrigues (Palácio & Rodrigues, 1979), onde os autores comparam os marcadores de pessoa em Guató e Kadiwéu. Wilson (1959) apresenta uma lista de 201 palavras em transcrição fonética, que o autor registrou na Ilha de Bela Vista em 1959.

Na mesma categoria de fontes etnológicas, podem ser enquadrados vários trabalhos secundários, que, em sua quase totalidade, apresentam algumas formulações fundamentadas em dados primários contidos na literatura etnológica e/ou na documentação histórica. São eles: Chamberlain (1913), Lehmann & Scotti (1972 apud Hartmann, 1984), Manizer (1967), Martins (1992), Martius (1867), Métraux (1942 [apud Baldus, 1954], 1963a e 1963b), Moutinho (1869 apud Palácio, 1984), Oberg (1953), Oliveira, Laraia & Oliveira (1979), Rodrigues (1970 [apud Palácio, 1984] e 1986) e Susnik (1978).

Avalia-se que desta relação os mais completos trabalhos sejam Métraux (1963b) e Susnik (1978).

Ramires (1987), jornalista de formação, também apresenta um interessante artigo sobre os Guató. O mais importante em Ramires (1987) é a apresentação de algumas informações contidas no arquivo de Estanislao Pryjemski, taxidermista que esteve com os Guató entre as décadas de 30 e 50; porém, durante as pesquisas não foi possível ter acesso ao arquivo de Pryjemski.

Oberg (1953) apresenta um diagrama de parentesco dos Guató que é pouco confiável, uma vez que o autor não deixa explícita a fonte de seus dados. Baldus (1969, p. 514) faz uma interessante observação a respeito de Oberg: *“O autor pertence à classe de etnólogos que sempre escrevem bem e que freqüentemente observam bem, mas que quando pensam que pensam bem, não se esforçam especialmente para inspirar-nos confiança”*.

Os demais trabalhos apresentam poucas contribuições para a etnologia Guató: Chamberlain (1913) apenas menciona a língua Guató como tronco lingüístico, faz referência à sua área de ocupação e indica uma pequena bibliografia levantada; Lehmann & Scotti (1972) informam sobre a coleção etnográfica sul-americana Boggiani pertencente ao Museu Etnológico de Berlim, que deve contar algum material Guató; Manizer (1967) relata sobre a expedição Langsdorff, apresenta informações etnográficas baseadas em Florence (1948) e informa sobre o material etnográfico Guató adquirido pela expedição; Martins (1992) apresenta uma breve descrição de caráter didático; Martius (1867) e Moutinho (1869), como já foi esclarecido anteriormente, se basearam em Castelnau (1850-1851); Oliveira, Laraia & Oliveira (1979) se basearam exclusivamente em Schmidt (1942b) e chamam a atenção ao processo de “aculturação” já bastante acelerado na época de suas pesquisas, em 1901; e Rodrigues (1970 e 1986) apresenta importantes argumentos científicos que justificam a hipótese da filiação da língua Guató genética e diretamente ao tronco lingüístico Macro-Jê.

Além das fontes escritas, utilizaram-se ainda informações etnográficas obtidas a partir dos relatos orais dos Guató Francolina Rondon, Josefina Alves Ribeiro e Pedro Gomes da Silva.

Sobre os informantes seguem as informações abaixo.

Francolina Rondon ou *Sadjuguiacam*, mais conhecida como “dona Negrinha”, de 80 anos, nasceu no porto da Fazenda Conceição, localizada às margens do rio Alegre e na época propriedade de Antônio João de Arruda. É filha da Guató Maria Domingas e do não-índio Manoel Rondon, um negro que ganhava o sustento como trabalhador braçal na referida localidade. Também domina a língua Guató e conhece as técnicas de fabricação de vasilhas cerâmicas, de tecelagem, trançados e cestaria.

Francolina foi casada com o Guató Pedro, filho do conhecido capitão Fernandes que Max Schmidt ali conheceu em 1928, pelo qual foi muito bem recebido, e de quem apresenta a seguinte referência:

“En un pequeño puerto estaban colocadas varias canoas típicas de estos indios y a la ribera se hallaba una casa en forma de rancho. Vivía por aquí el Guató Chico, llamado por lo común nombre de su padre «Capitão Fernandez». Su familia constaba de su mujer, de una hija adulta, de un hijo de más o menos 12 años y de un hijo adulto junto con su mujer que tenía una tez bastante oscura y estaba mestizada, ciertamente, de sangre de negro” (Schmidt, 1942a, p. 44).

É muito provável que a esposa do filho do capitão Fernandez, mencionada como mestiça por apresentar alguns traços africanos, seja a própria Francolina Rondon que, inclusive, está retratada em Schmidt (1942a, lâmina 25, figura 2)⁴.

Francolina não se recorda de Max Schmidt, mas se lembra que vários estrangeiros contataram os Guató que moravam no porto da Fazenda Conceição.

Outra informante, que muito contribuiu com a realização desta etapa dos trabalhos, foi Josefina Alves Ribeiro ou *Mobedê*, de 65 anos, irmã de Francolina Rondon, também nascida no porto da Fazenda Conceição. É filha de Maria Domingas, que, após ter ficado viúva, casou-se com Américo, também não-índio. Quando ainda era muito pequena sua mãe teve de ir trabalhar na Fazenda São José e, por este motivo, Josefina foi enviada para junto de sua avó materna para que fosse desmamada. Sua avó morava em frente ao porto da Fazenda Conceição, na outra margem do rio Alegre, possivelmente num aterro, e lhe ensinou, entre outras coisas, a língua Guató. Alguns anos mais tarde sua mãe regressou e Josefina foi morar com ela e com seus tios João Quirino e Joana, ambos Guató falantes.

No mesmo porto da Fazenda Conceição, Josefina casou-se aos quatorze anos de idade com um não-índio, e foi morar no rio Cabaçal, onde seu marido trabalhava na extração de poaia (*Cephaelis ipecacuanha*). Posteriormente, se mudou para a Ilha Ínsua e lá morou durante doze anos, e depois se estabeleceu definitivamente em Corumbá.

Pedro Gomes da Silva ou *Gatu*, ou simplesmente “seu Pedro” como todos o conhecem, de 82 anos, tio de Francolina e Josefina, também foi um dos importantes informantes. Nasceu na margem

⁴ Faz-se necessário explicar que em nota abaixo dessa figura está escrito equivocadamente “*Mujer del Guató Fernandez*”, o que constitui um erro, possivelmente ocorrido durante a impressão gráfica, pois na verdade trata-se da esposa do filho do capitão Fernandez, conforme a citação acima de Schmidt (1942a).

da Lagoa Uberaba, filho de Pedro Gomes de Assis e Josefa ou *Didetche*, ambos Guató falantes. Foi criado num aterro no rio São Lourenço, onde seu pai trabalhava para um fazendeiro conhecido como “major Miné”. Ali Pedro morou até por volta de seus quinze anos de idade, quando decidiu partir para trabalhar na Fazenda São José da Barra, localizada às margens do mesmo rio. Mais tarde também trabalhou em outras fazendas da região - Santo Amaro, Boa Vista, Coqueiro e São Miguel - , sempre como trabalhador braçal. Durante alguns anos chegou a defender seu sustento como pescador e caçador de capivara.

Aos trinta anos de idade, Pedro casou-se com uma Guató que veio a falecer dois anos mais tarde, por ocasião do parto de seu primeiro filho. Aos trinta e cinco anos Pedro casou-se novamente, desta vez com a Guató Estelita, com quem teve seis filhos, sendo que dois deles, um menino e uma menina, morreram quando ainda eram muito pequenos. Com sua segunda esposa Pedro também morou num aterro pertencente ao seu sogro, próximo ao porto da Fazenda Conceição, à margem do rio Alegre. Posteriormente perdeu Estelita, sua segunda esposa, vítima de sarampo e pneumonia. Já bastante idoso, sozinho e quase completamente cego, decidiu morar num asilo para idosos em Corumbá, onde residiu durante anos, sendo muito bem tratado. Desde então, muito raramente faz uso da língua Guató.

Atualmente Pedro reside na casa de seu sobrinho Severo Ferreira, que o trouxe do asilo para morar consigo num bairro da periferia da cidade de Corumbá.

Todos os informantes, durante a maior parte de suas vidas, tiveram um intenso e contínuo contato com os fazendeiros que se apossaram do território Guató, tornando-se inevitáveis as influências culturais da sociedade nacional. Mesmo assim, sempre mantiveram um estreito vínculo com suas respectivas famílias Guató, apesar de ter havido inúmeros casamentos com não-índios. Isto significa dizer que, de maneira alguma, o contato com a sociedade nacional lhes impossibilitou

aprender e fazer uso da sua língua de origem entre suas famílias, aprender ou ter observado as técnicas de fabricação das vasilhas cerâmicas e outros artefatos, ter um profundo conhecimento sobre o ambiente onde moravam ou ter aprendido, por exemplo, as técnicas utilizadas para caçar e pescar. Também a convivência com os mais antigos, principalmente com seus pais e avós, propiciou uma grande quantidade de experiências vividas e tradições orais que lhes foram transmitidas, muitas delas importantes para as pesquisas arqueológicas.

Pode-se constatar que a memória dos informantes geralmente recua até cerca de 150 anos atrás, pois eles receberam muitas informações dos Guató com quem conviveram, especialmente de seus pais e avós. Francolina, por exemplo, falou, segundo informações que recebeu de sua avó materna, sobre alguns momentos de conflito que os Guató tiveram com os paraguaios durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870).

Dessa maneira, as informações obtidas através dos relatos orais ajudaram a melhor entender muitos dados etnográficos apresentados por diversos autores, como Schmidt, bem como a ter uma maior compreensão dos tipos de assentamentos e a forma de subsistência Guató.

2.1.2 Fontes etnohistóricas

Carmack (1979, p. 17) define etnohistória como “*un conjunto de técnicas y métodos para estudiar la cultura a través del uso de las tradiciones escritas y orales*”. Dessa maneira, considera-se como fontes etnohistóricas primárias a documentação histórica que apresenta informações a respeito de grupos étnicos, produzida sem rigor ou fins científicos (etnológicos). São relatos de viajantes e missionários, documentação oficial produzida pela Diretoria Geral de Índios e

documentos encontrados em arquivos de entidades indigenistas, muitos dos quais ainda não publicados⁵.

Segue a seguinte bibliografia: Alincourt (1857 e 1975), Azara (1962), Banks (1991), Beaurepaire-Rohan (1869), Berthod (1952), Bolland (1901 apud Schmidt, 1942b), Bossi (1863), Brandão (1872), Bueno (1916), Cabeza de Vaca (1984 e 1987), Caldas (1887), Campos (1862), **Conflitos da missão do Itatim com o bispo de Assunção e com algumas bandeiras paulistas** (1952), Conselho Indigenista Missionário-MS (1988), Cunha (1949), Ferreira (1993 [1905] e 1914), Ferrer (1952), Jardim (1869), Labrador (1910), Leite (1869), Leverger (1862a, 1862b, 1993a e 1993b), Lins Neto, Pereira & Gutman (1991), Lizarraga (1941), Lozano (1874-1875 e 1952), Macerata (1843), Magalhães (1942), Oliveira (1862a, 1862b e 1864), Quiroga (1970 [1838]), Rego (1899), Rodrigues, Matsunaka & Duarte (1991), Rondon (1946), Rondon (1971 e 1972), Roosevelt (1944), Roquette-Pinto (1975), Sá (1975), Serra (1866), Taunay (1940), Techo (1897) e Vieira (1852, 1853, 1855 e 1856).

A maioria dos autores acima relacionados apresentam rápidas considerações sobre os Guató, muitas vezes um único parágrafo onde mencionam a localização geográfica dos locais ocupados pelas famílias. Os mais antigos, como Cabeza de Vaca (1984) e Campos (1862), são de grande relevância para uma delimitação aproximada da área ocupada pelo grupo durante os séculos XVI e XVIII, respectivamente. Outros, como Rodrigues, Matsunaka & Duarte (1991), tratam da situação atual do grupo e são de grande utilidade para o pesquisador interessado na história recente dos Guató.

No decorrer do capítulo, os referidos autores, quando citados, serão devidamente comentados.

⁵ A **Diretoria Geral de Índios** foi uma instituição que funcionou durante o século passado em Mato Grosso, “*cuja função era resolver as contentas entre brancos e índios, através de critérios de justiça, retirados das leis provinciais*” (Siqueira, Costa & Carvalho, 1990, p. 277).

Por último, merecem destaque algumas fontes etnohistóricas secundárias, ou seja, aquelas publicações que apresentam informações sobre os Guató, baseadas principalmente em documentação primária, sem realizar grandes análises etnológicas a respeito do grupo. São elas: César (1979), Corrêa Filho (1939, 1946 e 1969), Gandía (1929), Guzmán (1980), Ribeiro (1957 e 1986), Sganzerla (1992), Steinen (1940) e Souza (1973). Grande parte destas publicações contém apenas algumas poucas informações sobre os Guató, em geral a compilação de alguns documentos históricos ou uma breve referência sobre sua participação em determinado momento da história regional, acrescentando muito pouco para o conhecimento da cultura e da história do grupo.

2.2 HABITAT

A totalidade da documentação escrita permite afirmar que o habitat Guató, isto é, a área geográfica ocupada pelo grupo, está limitado exclusivamente à região pantaneira. Entretanto, delimitar sua área de ocupação é uma das tarefas mais difíceis de se concluir, pois até o presente momento dispõe-se apenas de fontes etnológicas e etnohistóricas para este propósito. Diante desta realidade, somente é possível chegar a uma delimitação aproximada de sua área de ocupação, até porque para uma formulação mais apurada é necessário que as informações etnológicas e etnohistóricas possam ser testadas e/ou complementadas com dados obtidos através de um levantamento arqueológico sistemático.

A maior parte das fontes etnológicas e etnohistóricas que apresentam informações a este respeito, compreendem registros que foram produzidos a partir da primeira metade do século XIX. Os registros anteriores, principalmente os relatos dos conquistadores espanhóis e missionários jesuítas - que datam desde a primeira metade do século XVI -, apresentam informações de difícil discernimento em termos de localização geográfica. Um dos motivos é que a maioria dos rios que são afluentes do Paraguai, ou que nele deságuam, possuíam outras denominações, muitas vezes em línguas indígenas, como a Guarani, e nem sempre passíveis de localização.

Os relatos etnohistóricos e as descrições etnográficas geralmente foram elaborados a partir do registro de viagens exploratórias, normalmente restritas aos cursos dos principais rios, como o Paraguai e o São Lourenço, e ocorreram durante o período da cheia, quando os rios que cortam a planície pantaneira se apresentam mais favoráveis à navegação. Logo, embora indispensáveis à etnohistória e à etnologia regionais, apresentam limitações quanto à perspectiva de se procurar definir com exatidão a área ocupada por qualquer grupo étnico. No caso específico dos relatos das viagens exploratórias dos séculos XVI e XVII, como Cabeza de Vaca (1984), muitas das etnias mencionadas

não correspondem a uma autodenominação, mas a apelativos Guarani ou espanhóis para determinados grupos, como é o caso do Orejone. Alguns grupos também são confundidos com outros, como é o caso do Guató com o Guaxarapo, ambos canoieiros.

Outra questão que dificulta a tarefa, como salienta Cardoso (1985), é a própria forma de organização social e ocupação do espaço pelos Guató que, diferentemente de outros grupos, não se organizam em aldeias, mas em famílias autônomas umas com relação às outras. Em cada família a maior autoridade e liderança é exercida pela figura do pai, e a ocupação do espaço em geral ocorre de forma dispersa e sazonal. Cada família ocupa uma determinada área e há locais onde, na maioria das vezes, permanecem estabelecidas durante o período da seca e outros onde permanecem durante a cheia.

2.2.1 Tentativa de delimitação da área de ocupação

Os Guató foram mencionados pela primeira vez nos **Comentarios** de Cabeza de Vaca (1984), que esteve no Pantanal em 1543. Os **Comentarios** foram escritos por Pedro Hernández, secretário de Cabeza de Vaca. Ao todo há três passagens onde eles aparecem mencionados pela autodenominação Guató.

Faz-se relevante esclarecer que a autodenominação Guató ainda não foi devidamente explicada em termos lingüísticos. Susnik (1978, p. 19), com base nas informações lingüísticas de Schmidt (1942b, p. 230), afirma que seu “*nombre tribal se correlaciona con la palabra «maguaatö» (guaató), designativo para la gallineta de agua, una especie de aves zancudas*”. Ramires (1987, p. 45) apresenta a mesma idéia, segundo informações de Estanislao Pryjemski.

Constatou-se, através de informações orais, que a palavra *maguato* pode ser utilizada tanto para

a ave denominada localmente de “frango-d'água” (*Gallinula chloropus*), quanto para designar a “nação Guató” ou no sentido de “gente”, ou seja, possui mais de um significado, dependendo da situação em que é empregada. Segundo Palácio (1984, p. 48) o prefixo “ma” é uma flexão determinativa dos substantivos e está presente na maioria das palavras em Guató. Dessa forma, *maguato* é a aglutinação de *ma* e *guato*. Em princípio, e ressaltando a inexperiência que se tem com a lingüística, acredita-se que o vocábulo *maguato* está diretamente relacionado com a autodenominação *Guato/Maguato* - ou *Guató/Maguató?* -, pois essa espécie de ave pode estar associada com a própria identidade social, enquanto grupo canoeiro adaptado a uma região inundável.

Na primeira citação de Cabeza de Vaca (1984, p. 260) os Guató aparecem como aliados dos Guaxarapo e de outros grupos que também eram inimigos dos Guarani, conhecidos posteriormente como Itatim, e que estavam assentados nas “*montañas*” (morrarias) que ocorrem na planície pantaneira.

Na segunda citação (Cabeza de Vaca, 1984, p. 273), são novamente associados aos Guaxarapo e a outras tribos que fizeram um chamamento para combater os espanhóis e os Guarani que acompanhavam a armada espanhola.

Na terceira e última referência feita por Cabeza de Vaca (1984, p. 280), são mencionados nas proximidades do *Puerto de los Reyes*, e outra vez aparecem como aliados de vários grupos, dentre eles os Guaxarapo, Socorino, Xaquese e outros que moravam numa ilha situada a uma légua do referido porto. Todos esses grupos se aliaram para combater os invasores espanhóis e seus aliados Guarani. Numa ocasião atacaram alguns Guarani que pescavam numa lagoa, acompanhados por cinco espanhóis. Durante o ataque muitos Guarani morreram, os cinco espanhóis foram capturados e, depois de mortos, repartidos os pedaços entre os que moravam na referida ilha e entre os

Guaxarapo e Guató que tinham sido convocados para a guerra. Segundo Cabeza de Vaca (1984) todos levaram suas respectivas partes da divisão, cada qual para o local onde morava, e realizaram um suposto ato de antropofagia. Logo em seguida voltaram a atacar o povoado onde estavam os espanhóis, levando outros cristãos que tiveram o mesmo destino que os cinco primeiros.

Segundo Susnik (1978, p. 24-28), os Socorino (Surucuci, Sacoci ou Sicoci) e os Xaquese (Xaquete ou Xaquede), atualmente extintos, foram tribos canoieiras Orejone que habitavam as lagoas Mandioré, Gaíba e Uberaba, e suas proximidades, sobre os quais não se dispõe de quaisquer informações lingüísticas.

Os relatos de Cabeza de Vaca (1984) atestam a diversidade étnica constatada no Pantanal desde o início da Conquista Ibérica, e a complexidade que envolve a identificação dos grupos relacionados nos documentos da época. No que diz respeito a antropofagia, esta é uma questão duvidosa, ao menos para os Guató, pois não foi encontrada nenhuma outra referência desse tipo de peculiaridade cultural em quaisquer dos outros documentos históricos que foram examinados, nem sequer na literatura etnológica.

A localização do *Puerto de los Reyes* é o problema inicial para se determinar o local aproximado, onde Cabeza de Vaca (1984) contatou com os Guató.

Para o historiador Roberto Ferrando, responsável pela edição e notas dos **Comentarios**, o *Puerto de los Reyes* estava situado na região da atual cidade de Corumbá e, conseqüentemente, no mapa do itinerário de Cabeza de Vaca os Guató estão localizados, ao invés dos Guaxarapo, entre os atuais rios Taquari (*Taquarinono*) e Negro. A localização é equivocada, pois segundo Susnik (1978, p. 24-25) o *Puerto de los Reyes* foi fundado por Domingo Martinez de Irala, na margem do rio Paraguai, em frente a Lagoa Gaíba, e servia de apoio a várias expedições espanholas originárias de Assunção.

Mello (1958, p. 87-91), conhecedor da documentação histórica luso-espanhola e da geografia regionais, apresenta um estudo sobre a localização do *Puerto de los Reyes*. Explica que sua fundação se deu em 6 de janeiro de 1543 por Irala a mando de Cabeza de Vaca, e seu nome corresponde à festa da Epifania ou dos Reis Magos. Sua localização também contraria a hipótese de Roberto Ferrando e é mais precisa que a de Susnik (1978):

“Por tudo quanto expendi, baseado na opinião geral dos autores, posso situar o célebre Porto dos Reis na costa ocidental da lagoa de Gaíba, possivelmente no mesmo lugar em que se encontra o porto boliviano de Quijarro, em face da fronteira brasileira” (Mello, 1958, p. 91).



FIGURA 21: Itinerário de Cabeza de Vaca (Fonte: Cabeza de Vaca, 1984).

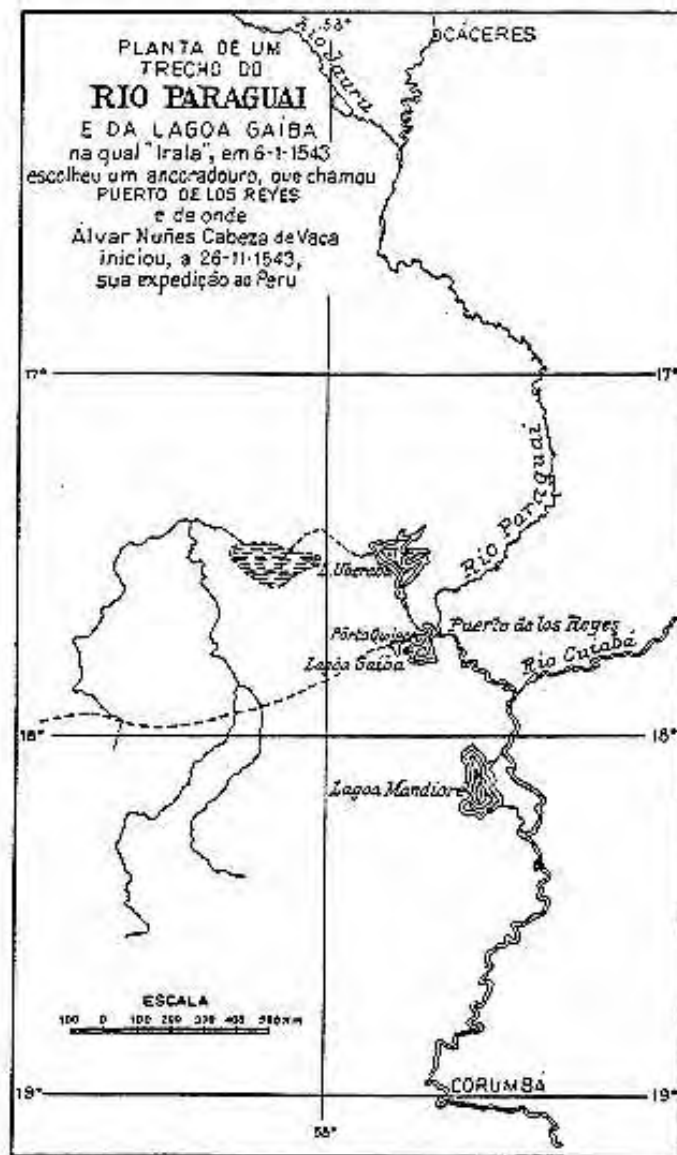


FIGURA 22: Localização do *Puerto de los Reyes* (Fonte: Mello, 1958).

Deduz-se *a posteriori* que nesse período os Guató, também, habitavam as proximidades da Lagoa Gaíba, onde estava localizado o *Puerto de los Reyes*.

Segundo Guzmán (1980), nesse mesmo século, em 1557, o espanhol Nuflo de Chaves comandou 220 soldados e mais de 1.500 índios numa expedição que partiu de Assunção, seguiu até o porto de Itatim, e dali chegou até o alto curso do rio Paraguai. Informa Guzmán:

“Y prosiguiendo adelante, llegaron a los pueblos de los Guayasapos, que estaban a la mano izquierda y, a los de los Guatos que estaban a la derecha del río Paraguay, con quienes tuvieron comunicación y, desde allí fueron a reconocer aquella tierra que llaman el Paraíso, que es una gran isla, que está en medio de los brazos en que se divide el río, tierra tan amena y fértil como queda referido” (Guzmán, 1980, p. 162).

Nuflo de Chaves deve ter encontrado os Guató nas proximidades do ponto de encontro dos rios Paraguai e São Lourenço.

É preciso esclarecer em tempo que o rio São Lourenço corresponde ao antigo Porrudos. Atualmente parte do antigo São Lourenço - desde as proximidades do seu ponto de encontro com o Piquiri até encontrar com o Paraguai - é também conhecido cartograficamente como Cuiabá, embora na região ainda seja mantido o nome de São Lourenço. A partir das proximidades do seu ponto de encontro com o Piquiri até rio acima, passa a ser conhecido apenas pelo nome de Cuiabá. Outrossim, não se deve confundir o rio São Lourenço habitado pelos Guató com o rio homônimo habitado pelos Bororo.

A expedição de Nuflo de Chaves prosseguiu para reconhecer a terra dos Guaxarapo, chegando até as bocas de dois ou três rios ou lagoas, que deve ser o atual “rio de Três Bocas”, situado num trecho do Paraguai, próximo à serra do Amolar. Entraram pelo “rio Araguay”, possivelmente um trecho do Paraguai acima do seu ponto de encontro com São Lourenço, que estava povoado de muitos Guató, os quais fizeram uma emboscada para a armada, matando 11 espanhóis e mais de 80 Guarani (Guzmán, 1980).

As referências de Nuflo de Chaves apresentadas por Guzmán (1980) são de difícil inteligibilidade em termos de uma precisa localização geográfica. Supõe-se que a expedição de Chaves tenha contatado com os Guató no curso principal do rio Paraguai, desde as proximidades do seu ponto de encontro com o São Lourenço.

Nos relatos produzidos no século XVII, os quais pode-se examinar, encontraram-se apenas dois relatos de missionários jesuítas que subsidiam a tentativa de definir a área ocupada pelos Guató. A documentação produzida pelos missionários jesuítas, de uma maneira geral, atesta um grande conhecimento dos grupos étnicos, especialmente no que se refere às diferenciações lingüísticas e, portanto, constituem fontes históricas confiáveis.

Em 1650, um padre jesuíta ao descrever os **Conflitos da missão do Itatim com o bispo de Assunção e com algumas bandeiras paulistas** (1952), noticia que a nação Guató é a mais próxima da redução de *Nuestra Señora de Fee del Taré*, mas não informa a que distância.

De acordo com o testemunho sobre a história das reduções do Itatim, escrito em 1652 pelo também jesuíta padre Berthod (1952), *Nuestra Señora de Fee del Taré* foi invadida em 1647 pelos portugueses de São Paulo, que mataram alguns índios e levaram outros consigo, despovoando e dispersando a gente daquele lugar. Em seguida foi fundada outra redução a 18 ou 20 léguas de distância da primeira, que havia sido destruída, no rio Boy Boy ou Mboiboi, próxima à Redução de Santa Maria. O objetivo era que as duas reduções, próximas uma da outra, pudessem se auxiliar contra os inimigos bandeirantes.

Na redução de *Nuestra Señora de Fee del Taré*, também participavam alguns Guató e, segundo os aportes cartográficos contidos em Labrador (1910) o antigo rio Boy Boy ou Mboiboi corresponde ao atual Aquidabã, que encontra com o Paraguai próximo ao paralelo de 21°00' de latitude Oeste de Greenwich⁶.

Com base nos **Conflitos da missão do Itatim com o bispo de Assunção e com algumas**

⁶ Considera-se a légua jesuíta equivalente a légua paraguaia que, segundo Beaurepaire-Rohan (1869), é de 2.000 braças. Cada braça correspondia a 2,2 m (Ferreira, 1986, p. 280). Portanto, cada légua jesuíta deve corresponder a 4,4 km atuais.

bandeiras paulistas (1952) e em Berthod (1952), é possível supor que no século XVII os Guató foram contatados em alguns locais ao longo do alto curso do rio Paraguai, como nas proximidades do ponto onde se encontra com o rio Aquidabã.

No século XVIII o bandeirante Campos (1862) relata sobre as populações indígenas que conheceu nas minas de Cuiabá e seu recôncavo, desde 1718 até 1723. Campos (1862, p. 441-442) se refere aos Guató como o primeiro “*lote de gentio*” que habitavam o rio Porrudos, atual São Lourenço (ou Cuiabá), a partir de seu encontro com o Paraguai. Os demais também são “*gente de corso e sem aldeias*”: Caracará, Guacharapo (Guaxarapo), Surucuba (Socorino?), Guacamão, Cuvuqua e Tuque.

A informação de Campos (1862) sobre a localização dos Guató no rio São Lourenço é pertinente e condiz com os relatos que foram produzidos no século seguinte. Contudo, a dos Guaxarapo é duvidosa, pois segundo Susnik (1978) esse grupo estava dividido em diversas “parcialidades”, todas assentadas na margem oriental do Paraguai, entre os rios Miranda e Taquari. Os demais grupos, sobre os quais nada se encontrou, talvez fossem os Socorino e Xaquese mencionados por Cabeza de Vaca (1984), ou mesmo uma confusão do autor em se referir aos próprios Guató.

No ano de 1760, o padre jesuíta Lozano (1952) informa que abaixo da confluência do rio Miranda, antigo Mbotetei, com o Paraguai habitavam os Guancha, Guapi e Guató. Os dois primeiros talvez sejam Guaxarapo.

Sá (1975), cronista do século XVIII, em 1775 escreveu um relato no qual informa que em 1725 uma expedição de canoas comandada por Diogo de Souza, onde havia muitos escravos e

“fazendas”, foi atacada pelos Payaguá na barra do rio Xarés, morrendo 600 pessoas e sobrevivendo apenas um branco e um negro. Os Payaguá lhes declararam que ...

“... eram Payaguás gentio de corso que não tinham morada certa viviam sobre as águas sustentando-se de montaria pelo Paraguai e pantanais gente que já em outro tempo fora aldeada pelos Padres missionários da província do Paraguai de donde haviam fugido rebelando-se contra os Padres que os doutrinavam e que enquanto os Guatós tiveram forças não fizeram os Payaguás aventuras por serem deles coçados e que como os brancos destruirão os Guatós fossem também destruir os Payaguás ...” (Sá, 1975, p. 18).

Percebe-se neste interessante relato de Sá (1975) que os Guató tinham um papel importante na defesa de seu território, principalmente contra os inimigos Payaguá. Mas a partir do momento em que os Guató tiveram sua população reduzida pelos ataques dos bandeirantes, os Payaguá não mais tiveram obstáculos para adentrar por todo o alto curso do rio Paraguai, bem como para investir contra os próprios bandeirantes que significavam uma ameaça para eles.

Outra questão que fica evidente em Sá (1975) é que muitos Guató devem ter sido capturados e vendidos como escravos pelos bandeirantes, pois Siqueira, Costa & Carvalho (1990) afirmam que seu objetivo principal era a caça de índios e, possivelmente, encontrar metais preciosos.

Azara (1962, p. 391), que permaneceu no Paraguai entre os anos de 1781 a 1801, localizou os Guató em fins do século XVIII *“en laguna al Occidente del río Paraguay, con quien comunica en los 19°12’ de latitud, y algunos escritores los han equivocado con los Guasarapo”*. Para Schmidt (1942a, p. 69) o ponto definido por Azara somente pode ser a Lagoa de Cáceres, próxima a Corumbá, na fronteira com a Bolívia. Esta hipótese é a mais plausível. Todavia, prossegue Schmidt, quando os Guató ficaram mais conhecidos, seus assentamentos estavam situados mais ao norte, mas se tratando de um grupo de grande mobilidade fluvial durante o período das cheias, é possível supor que em fins do século XVIII os Guató também tenham ocupado ocasionalmente a Lagoa de Cáceres.

Os Guató também são mencionados, embora não nominalmente, na descrição do padre jesuíta Quiroga (1970 [1838]) sobre o rio Paraguai, desde a boca do Jauru até a confluência com o Paraná. Seus relatos devem ter sido produzidos em fins do século XVIII. O autor localiza os Guató mais acima do rio Taquari, no rio Porrudos, atual São Lourenço.

Até então, os documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII sugerem que os Guató, e outros grupos canoeiros, ocupavam, sazonalmente ou não, uma grande extensão do alto curso do rio Paraguai e do rio São Lourenço, ao menos, os respectivos trechos situados entre os paralelos de 17°30' a 21°00' de latitude Sul e os meridianos de 57°00' a 58°30' de longitude Oeste de Greenwich.

Esta hipótese também está parcialmente contemplada no mapa étnico do *Gran Chaco* e de sua periferia, válido para o ano de 1720, elaborado por Susnik (1972).

Os aportes de Kersten (1968), assim como os de Nimuendaju (1981), sobre a localização dos Guató em fins do século XVIII são pouco seguros se comparados com os de Susnik (1972), porque os autores acrescentam o rio Taquari na área ocupada pelos Guató, quando se sabe que historicamente esta é uma área que foi ocupada pelos Guaxarapo. Trata-se de um problema que talvez possa ser resolvido pela arqueologia.

A partir do século XIX, as informações sobre a delimitação da área ocupada pelos Guató aumentaram substancialmente. Em sua maioria são relatos de viajantes, e também relatórios reunidos no **Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província** (1848-1872).

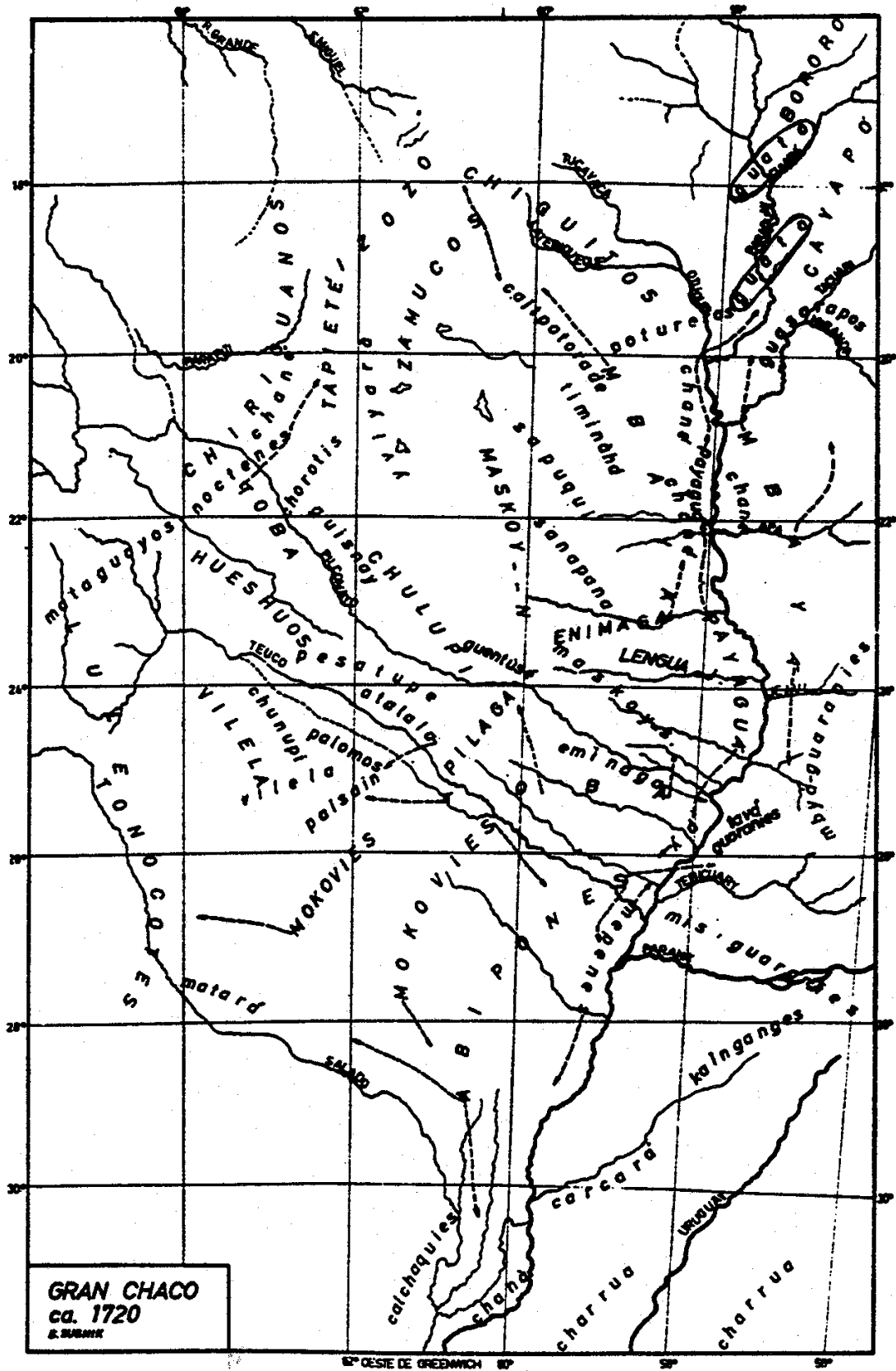


FIGURA 24: Grupos étnicos do Gran Chaco e de sua periferia em 1720 (Fonte: Susnik, 1972).

Em 1826, Alincourt (1975) registrou a presença dos Guató no morro dos Dourados e, principalmente, na Lagoa Uberaba onde seguem os morros Chané, Três Barras e da Laranjeira⁷.

Em fins de dezembro, do mesmo ano e início de janeiro de 1827, Florence (1948) esteve com os Guató no rio Paraguai, desde a localidade de Amolar até a Lagoa Gaíba, e no rio São Lourenço, desde sua confluência com o Paraguai até rio acima⁸.

Frei Macerata (1843, p. 4), em correspondência a Zefirino Pimentel Moreira Freire, datada de 5 de dezembro de 1843, informa que os Guató residem “*pelo rio Paraguai abaixo até a boca superior do Paraguai-Mirim e uma parte pelo S. Lourenço acima que corre para o mesmo Paraguai*”.

Castelnau (1949), em 1845, registrou alguns locais ocupados pelos Guató e, para alguns pontos, tomou nota da respectiva denominação dada por eles. Encontrou famílias estabelecidas ao longo do rio Paraguai desde morraria dos Dourados ou “*Marapó*” até a Fazenda Descalvado, na Lagoa Gaíba, ao longo do canal D. Pedro II ou “*Jequié*” - isto é, na Ilha Ínsua -, na Lagoa Uberaba ou “*Torequê-Bacô*” e no rio São Lourenço⁹.

Em 1846 Jardim (1869), em seu discurso sobre a criação da Diretoria Geral de Índios, se refere ao Guató como uma nação pouco numerosa, inofensiva e semi-civilizada, que reside ordinariamente ao lado direito do Paraguai, mas que vagueiam em certos tempos do ano por água e por terra, desde o Paraguai-Mirim até as lagoas de Gaíba e Uberaba.

No mesmo ano Beaurepaire-Rohan (1869), confirma as informações de Jardim (1869), e

⁷ O morro dos Dourados está situado entre o paralelo 18°00'02" de latitude Sul e o meridiano de 59°44'50" de longitude Oeste de Paris (Leverger, 1993b [1905], p. 163).

⁸ A localidade de Amolar está localizada entre o paralelo 18°01'46" de latitude Sul e o meridiano 59°46'30" de longitude Oeste de Paris (Leverger, 1993b [1905], p. 163).

⁹ A denominação “canal D. Pedro II” foi dada por Castelnau (1949) em homenagem ao então imperador do Brasil. Os bolivianos o conhecem como rio Pando.

acrescenta o rio São Lourenço como parte da área ocupada pelos Guató.

De acordo com as informações registradas em 1847 por Leverger (1862a), o rio São Lourenço era ocupado pelos Guató desde a barra do Cuiabá.

Os relatos e descrições etnográficas apresentados posteriormente, aqueles cujas informações foram registradas ao longo do século XIX até a primeira década do século XX, confirmam os dados apresentados desde Alincourt (1975) a Leverger (1862a). São eles: Bolland (1901 apud Schmidt, 1942a), Bossi (1863), Brandão (1872), Caldas (1887), Ferreira (1993 [1905]), Koslowsky (1895), Leite (1869), Magalhães (1975 [1876]), Moure (1862), Oliveira (1862a, 1862b e 1864) e Vieira (1853).

Dos autores acima relacionados, vale a pena citar o relato de Couto de Magalhães (1873), militar de grande conhecimento antropológico, que ocupou a presidência da então Província de Mato Grosso nos dois últimos anos da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, em 1869 e 1870:

*“Estes **Guatós** são os índios que habitam os imensos campos paludosos do Alto Paraguay, S. Lourenço e Cuiabá; a região de sua residência se estende, pela margem direita do Paraguai, até a baía denominada por nós Gaíba (...); pela margem direita até a baía a que chamamos Chanés (...); pelo Paraguai arriba suas habitações vão até o morro do Descalvado; pelo S. Lourenço até a confluência do Cuiabá; e por este até dez léguas ao sul do ponto do Cassange. Pelos limites que acabo de traçar, vê-se que não tratamos de uma pequena tribo; e, se bem que não possamos nem de longe avaliar a sua população, compreende-se, pela área que ocupa, que tratamos de uma grande nação, dividida talvez em muitas tribos, o que por enquanto não sabemos, porque habitando eles montes isolados (aterros?) em meio daqueles vastos pantanais, ocupam por esse só fato uma região pouco acessível; e o que dizemos de seus costumes ou nos foi referido pelos oficiais fugitivos de Coimbra, ou pelo que pudemos observar, quando, para evitar a vigilância das forças paraguaias na ocasião em que as íamos atacar, tivemos necessidade de fazer nossas marchas em centenas de canoas, por pantanais conhecidos por eles, e onde nos foram de grande e valiosíssimo socorro, já indicando lugares de descanso no meio daquelas imensas paludes, já guiando a nossos soldados o caminho naquela emaranhadíssima rede de canais” (Magalhães, 1873, p. 479-480).*

As informações apresentadas pelo autor são aceitáveis, mais apuradas que as de Leverger (1862a) e, além de comprovar muitas das informações anteriormente apresentadas sobre a área de ocupação dos Guató, atestam, entre outras coisas, que sua participação nesse episódio de conflito contra o Paraguai foi de grande importância para o Brasil. Isto porque, segundo Magalhães (1873, p. 481), na época os Guató consideravam os paraguaios como espanhóis, seus inimigos, e os brasileiros como portugueses, seus aliados.

Na primeira metade deste século, Monoyer (1905) e Schmidt (1914, 1942a e 1942b) buscaram delimitar com maior precisão a área ocupada pelos Guató.

Durante os anos de 1900, 1901 e 1902, Monoyer (1905, p. 155), francês com conhecimento em etnografia, esteve em Mato Grosso e observou os Guató nos rios Paraguai e São Lourenço, numa área pantanosa que margeia os rios entre os paralelos de 17°00' a 19°00' de latitude Sul.

Em 1901, Schmidt (1942b) realizou sua primeira expedição etnológica aos Guató, contatando com várias famílias que habitavam a morraria dos Dourados, serra do Amolar, canal D. Pedro II (na Ilha Ínsua) e lagoas Gaíba e Uberaba. Também obteve informações da existência de alguns Guató no rio Caracará, um leito do rio Paraguai. Schmidt (1942b) define o território Guató entre os paralelos de 16°30' a 19°30' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°30' de longitude Oeste de Greenwich, totalizando 72.600 km².

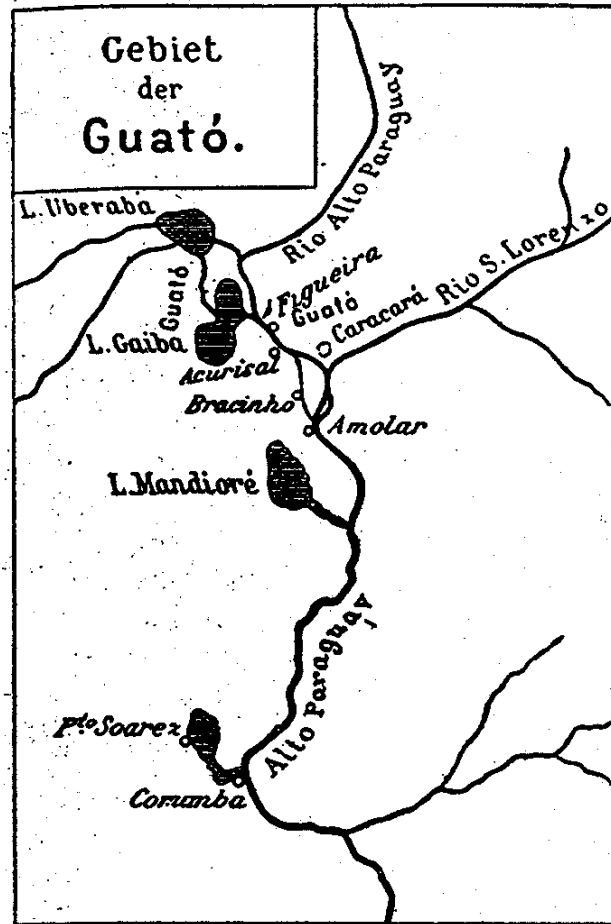


FIGURA 25: “Território dos Guató” (Fonte: Schmidt, 1942b).

Anos mais tarde, em 1910, Schmidt (1914) efetuou sua segunda expedição aos Guató. Seu objetivo principal era estudar os Guató que moravam no rio Caracará e seus respectivos aterros. Define o território Guató entre, aproximadamente, os paralelos de $17^{\circ}30'$ a $19^{\circ}00'$ de latitude Sul e os meridianos de $57^{\circ}00'$ a $58^{\circ}00'$ de longitude Oeste de Greenwich. Além disso, levanta a hipótese de que a origem do grupo está na região do Caracará. Contudo, a área delimitada não corresponde exatamente à demarcada anteriormente em Schmidt (1942b).

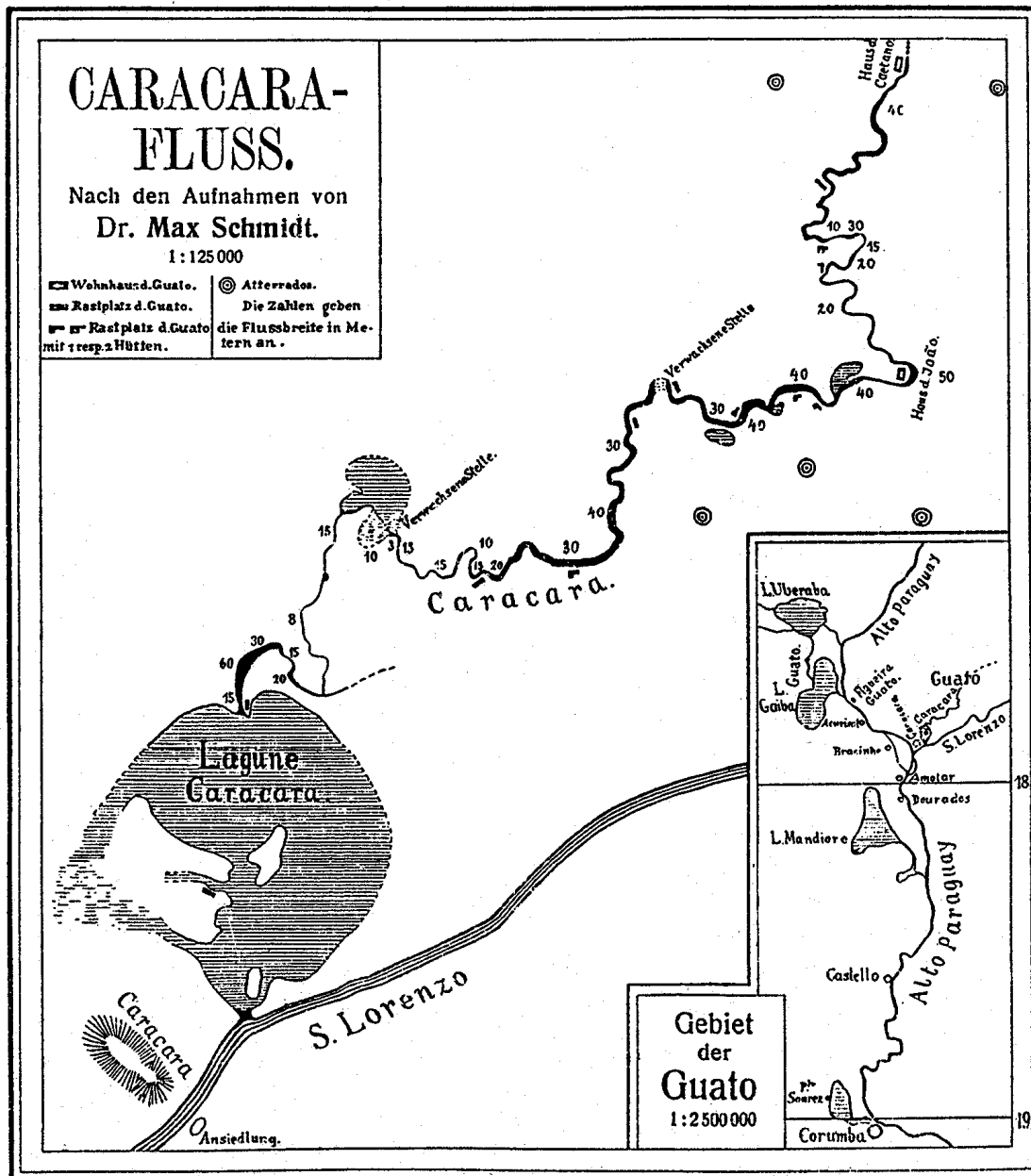


FIGURA 26: "Território dos Guató" (Fonte: Schmidt, 1914).

Em 1928, Schmidt (1942a) empreendeu sua terceira e última expedição etnológica aos Guató. Contatou com algumas famílias que moravam às margens do rio Paraguai desde a localidade de Descalvado até abaixo da Lagoa Gaíba, no rio Alegre e no canal D. Pedro II (na Ilha Ínsua). Schmidt (1942a) reavalia seus trabalhos anteriores (Schmidt, 1942b e 1914) e melhor define o território dos

Guató entre, aproximadamente, os paralelos de 16°30' a 18°15' de latitude Sul e os meridianos de 57°00' a 58°00' de longitude Oeste de Greenwich¹⁰.

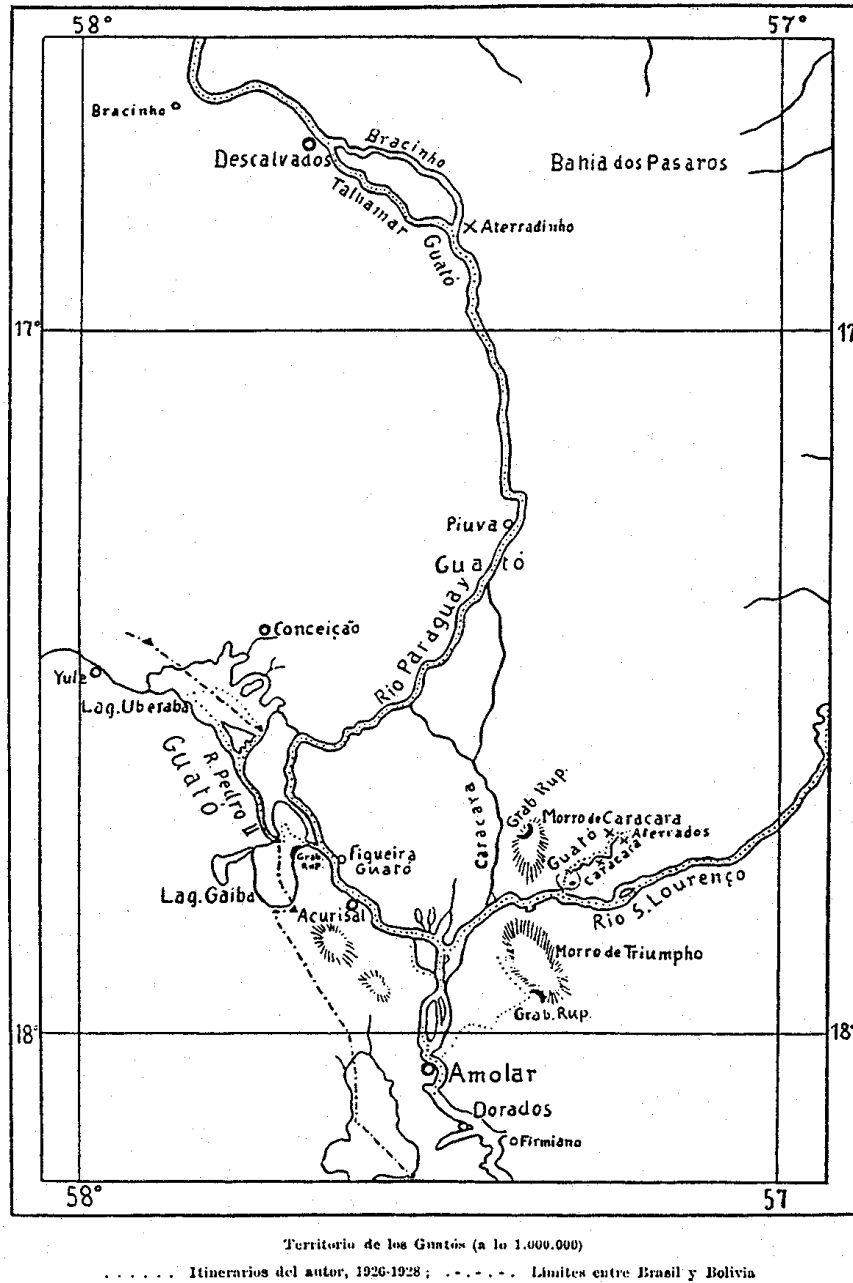


FIGURA 27: “Território dos Guató” (Fonte: Schmidt, 1942a).

¹⁰ Segundo Adámoli (1986b, p. 55) o rio Alegre aparentemente é um rio sem bacia, mas na realidade é um braço do rio Cuiabá, que dele sai pela margem direita.

Nota-se que a maioria dos relatos, descrições etnográficas e estudos etnológicos produzidos ao longo do século XIX até a primeira metade deste século, apontam o Guató como o único grupo a ocupar a área compreendida entre os paralelos de 16°30' a 18°30' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°00' de longitude Oeste de Greenwich. Constatase também que a extensão da área é mais restrita em relação à sugerida na documentação dos séculos XVI, XVII e XVIII.

O esclarecimento desta questão está sujeito às limitações impostas pela documentação histórica e, fundamentalmente, pelo atual conhecimento da arqueologia da região. Em nível de hipótese, é mais coerente buscar uma explicação que implique na concatenação de, ao menos, dois fatores cultural e historicamente importantes: 1º) durante os três primeiros séculos da Conquista Ibérica houve a provável extinção dos outros grupos que habitavam a área, canoeiros ou não, quer seja apenas por parte dos colonizadores através de conflitos diretos e epidemias, quer seja também por parte dos próprios Guató no decurso de prováveis guerras pela disputa de determinados territórios; 2º) o avanço das frentes colonizadoras, principalmente a partir da primeira metade do século XVIII com a descoberta de ouro em Cuiabá, por entre a fundação de povoados, fortificações militares e fazendas, causaram a diminuição da população Guató decorrente, da mesma forma - de conflitos diretos e epidemias -, forçando a redução da sua área de ocupação.

O conjunto das evidências documentais, aqui apresentadas, indica que a área de ocupação dos Guató, na qual se devem encontrar seus respectivos sítios arqueológicos, está contida, a grosso modo, entre os paralelos de 16°30' a 21°00' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°30' de longitude Oeste de Greenwich. Encontra-se encerrada na região pantaneira, a maior parte em território brasileiro, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, havendo ainda uma porção inclusa em terras bolivianas. Destacam-se dessa área as seguintes extensões, comprovadamente ocupadas pelos Guató: curso principal do rio Paraguai, rio Paraguai-Mirim, rio Alegre, região do Caracará, rio São Lourenço, parte do rio Cuiabá, canal D. Pedro II, lagoas Uberaba e Gaíba, morraria dos Dourados,

serra do Amolar e Ilha Ínsua. Outras grandes lagoas, como a Mandioré, Vermelha e Cáceres, também devem ter sido ocupadas pelo grupo. Trata-se de extensões que ainda não foram investigadas pelos pesquisadores que integram o **Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá**.

Apesar de não se poder negar a importância da documentação histórica e das pesquisas etnológicas, é a arqueologia que, em concatenação com as fontes escritas, poderá fornecer dados para a elaboração de um mapa mais apurado da área de ocupação do grupo, numa perspectiva espaço-temporal. Uma das justificativas desta idéia é o fato do Guató ser um grupo canoieiro de grande mobilidade espacial e, portanto, é de se consignar que não haveria grandes barreiras naturais que pudessem impedir as famílias de ocupar outras áreas inundáveis da região, sobre as quais não se dispõe de dados históricos. Se houver barreiras que pudessem impedir a mobilidade das famílias na região, elas deveriam ser culturais, conforme se atesta no relato de Sá (1975), anteriormente citado.

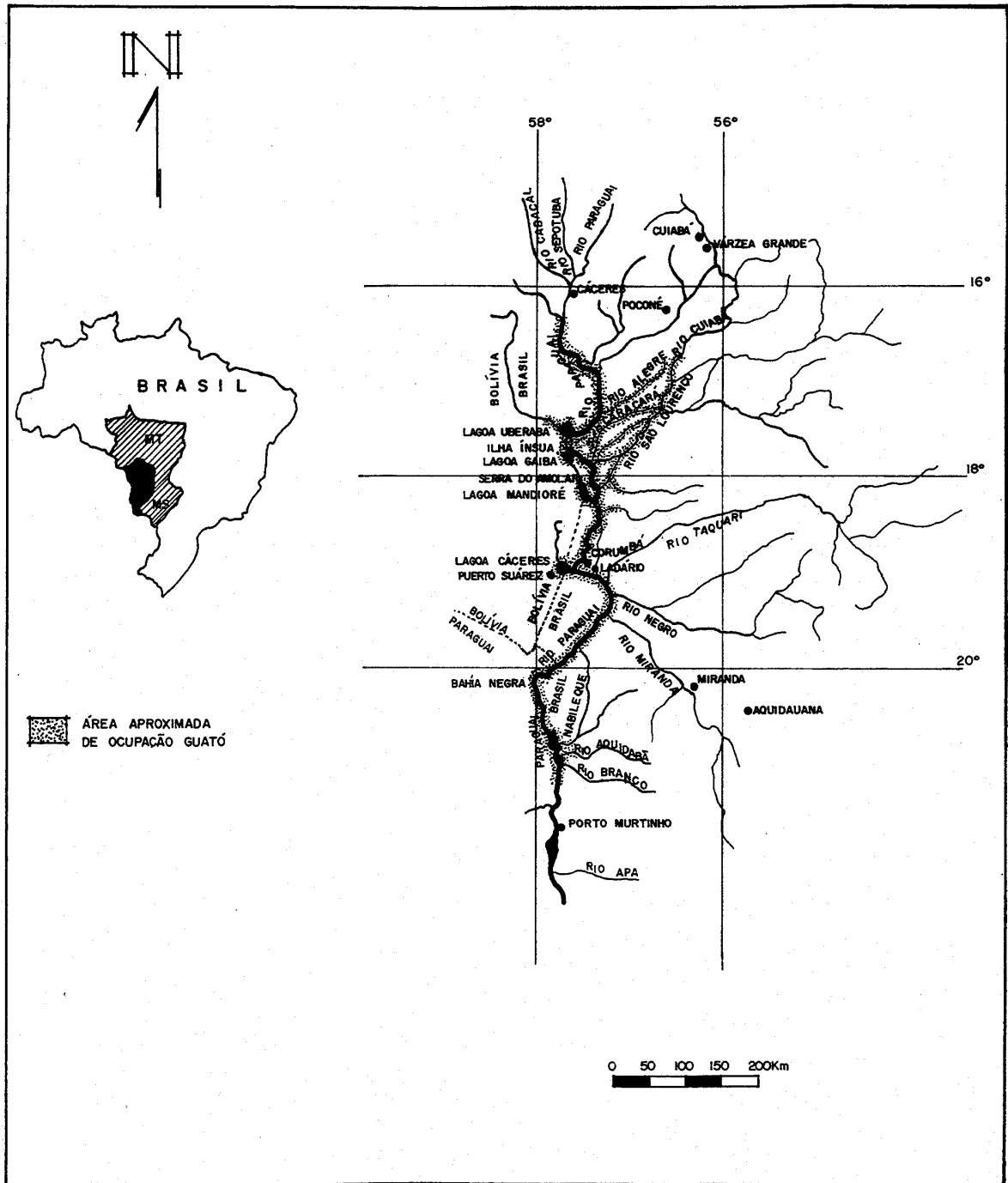


FIGURA 28: Área aproximada de ocupação Guató (Mapa básico: National Geographic Magazine, 1962).

2.2.2 Aspectos gerais do ambiente físico

A área ocupada pelos Guató é caracterizada por uma grande diversidade fisiográfica, e está inclusa em parte dos pantanais do Paraguai, Paiaguás, Cáceres e Poconé.

Nela se encontram, olhadas de maneira simplificada, as formações geológicas Complexo Rio Apa, Complexo Xingu, Grupo Corumbá, Grupo Jacadigo, Grupo Alto Paraguai, Intrusivas Ácidas e Depósitos Cenozóicos, apontadas em Godoi Filho (1986).

Em termos geomorfológicos, merecem destaque duas unidades geomorfológicas definidas em Franco & Pinheiro (1982): Planaltos Residuais do Urucum-Amolar e Planícies e Pantanais Matogrossenses.

A unidade Planaltos Residuais do Urucum-Amolar, posicionada na região fronteira com Bolívia, compreende dois conjuntos de relevos residuais, um setentrional e outro meridional, que são porções protegidas das inundações periódicas do Pantanal. O conjunto setentrional abrange, entre outros relevos, a serra do Amolar e as morrarias da Ínsua e dos Novos Dourados (ou Dourados), locais historicamente ocupados pelos Guató.

A unidade Planície e Pantanais Matogrossenses, a mais expressiva na região, compreende a extensão de uma superfície de acumulação de sedimentos. Possui uma topografia bastante plana e periodicamente sujeita a inundações, cuja rede de drenagem é orientada pelo rio Paraguai (Franco & Pinheiro, 1982, p. 190).

Na área, também ocorrem grandes lagoas como a Uberaba, Gaíba, Mandioré, Vermelha e Cáceres que, para Almeida (1959), representam ser fossas tectônicas ou calhas que permanecem como nível de base. Para exemplificar a grandeza dessas lagoas, segundo Carvalho (1986), a Uberaba alcança 50 km² em níveis mínimos e nas grandes enchentes 1.000 km².

No mapa de solos do Pantanal Mato-Grossense de Amaral Filho (1986), constata-se basicamente a ocorrência do podzóico vermelho-amarelo, planossolo, planossolo solódico, solonetz solodizado, glei pouco húmico, solos aluviais e solos litólicos. A maior parte da área é composta por solos inundáveis e/ou sujeitos à elevação do lençol freático próximo à superfície, de textura argilosa.

Quanto ao clima, hidrografia, fauna e flora, as características gerais estão contempladas no primeiro capítulo.

A área ocupada pelos Guató, por ser diversificada em termos fisiográficos e bióticos, é consideravelmente importante para a subsistência e o estabelecimento do grupo, bem como para o fornecimento de matéria-prima para a produção de seus artefatos.

Os dados etnográficos apresentados nos tópicos que serão tratados a seguir, são restritos à área ocupada pelos Guató nos séculos XIX e XX, ou seja, aquela inclusa entre os paralelos de 16°30' a 18°30' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°00' de longitude Oeste de Greenwich.

2.3 ASSENTAMENTOS E SUAS ESTRUTURAS

Os assentamentos Guató podem ser entendidos como qualquer lugar ocupado por um ou mais indivíduos, temporariamente ou não, e que constitui, sob o ponto de vista arqueológico, “*una unidad arqueológica, analítica e históricamente significativa, sobre cuya base se realizan los análisis y comparaciones de las culturas prehistóricas y las historias culturales*” (Chang, 1976, p. 50).

O estudo dos assentamentos Guató e de suas respectivas estruturas, ainda que restrito a dados etnográficos obtidos a partir de fontes escritas e orais, também representam uma possibilidade de melhor inteligibilidade dos resultados das pesquisas arqueológicas realizadas no Pantanal Matogrossense. De maneira singular, poderá contribuir para o conhecimento da adaptação ecológica dos grupos ceramistas que se estabeleceram nas áreas inundáveis da região e que estão relacionados aos aterros que ali ocorrem.

2.3.1 Tipos de assentamentos

De acordo com os próprios Guató, eles possuem três tipos básicos de assentamentos, segundo sua localização na paisagem, sendo todos relacionados a áreas ecológicas próximas a cursos d'água: “aterro” ou *marrabóro*, “beira de rio” ou *modidjécum* e “beira de morraria” ou *macáirapó*¹¹.

A ocupação desses assentamentos está diretamente relacionada, ao menos, a três fatores cultural e ecologicamente importantes para a subsistência desse grupo essencialmente canoieiro: 1º) sazonalidade (períodos de seca e cheia); 2º) forma de organização social (famílias autônomas); 3º)

¹¹ Devido a problemas relacionados com a qualidade da gravação dos relatos, talvez a palavra *modidjécum* esteja com erro de grafia. Outras palavras transcritas acrescidas de ponto-de-interrogação, também indicam que a grafia pode

grande mobilidade espacial (fluvial).

Magalhães (1992) apresenta um perfil esquemático dos elementos da paisagem no Pantanal que serve para elucidar a ocorrência desses assentamentos no ambiente, da seguinte maneira: a) *marrabóró* - podem ocorrer nas matas ciliares, nos campos limpos, sob forma de capões-de-mato ou cordilheiras, e também nas margens de baías, banhados e rios; b) *modijécum* - nas margens dos rios relacionados à mata ciliar; c) *macáirapó* - relacionados à mata ciliar e aos campos limpos, quando estes ocorrem próximos de serras e morros isolados.

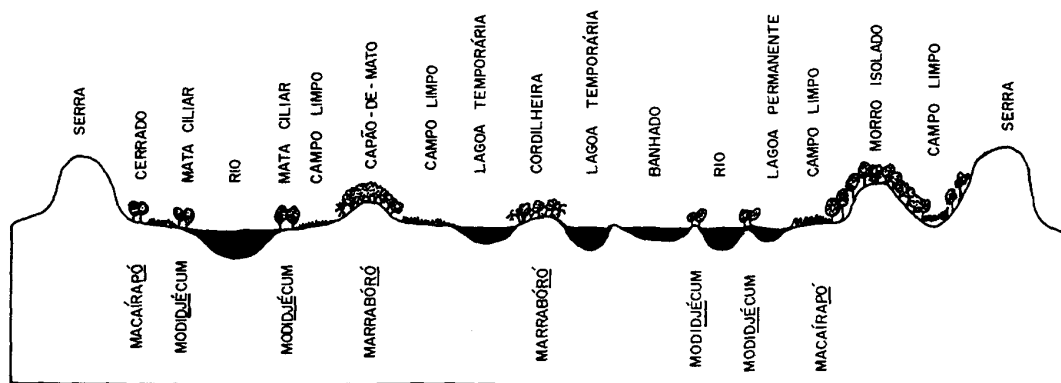


FIGURA 29: Perfil esquemático dos elementos da paisagem no Pantanal baseado em Magalhães (1992), com destaque para os locais onde podem ocorrer os assentamentos Guató.

estar incorreta em função do mesmo motivo. A tradução das palavras em Guató foi feita pelos próprios informantes.

Em alguns casos, não se pode descartar a possibilidade dos assentamentos *modidjécum* corresponderem arqueologicamente a aterros, tendo em vista sua localização na paisagem. Muitas vezes são assentamentos que servem somente para o período da seca, pois, dependendo da intensidade da cheia, podem permanecer inundados por meses, o que acarreta a deposição de sedimentos e matéria orgânica através das águas. Isto significa que para identificá-los através de um levantamento arqueológico, talvez seja mais pertinente a utilização de tradagens sistemáticas.

Os assentamentos *macáirapó* são locais protegidos das inundações, mas não devem ser confundidos com patamares elevados de morrarias. Os do tipo *marrabóró*, por sua vez, devem ser os mais importantes para as famílias e são ocupados principalmente no período da cheia.

Na documentação histórica e na literatura etnológica há várias informações que comprovam a existência de assentamentos sazonais dos Guató.

Cabeza de Vaca observou alguns índios canoieiros nas proximidades do *Puerto de los Reyes*, e apresenta pela primeira vez informações a respeito de seus assentamentos:

“... y los naturales del río, cuando el agua llega encima de las barrancas, ellos tienen aparejadas unas canoas muy grandes para este tiempo, y en medio de las canoas echam dos o tres cargas de barro, y hacen un fogón; y hecho, métese el indio en ella con su mujer e hijo y casa, y vanse con la creciente del agua donde quieren, y sobre aquel fogón hacen fuego y guisan de comer y se calientan, y ansí andan cuatro meses del año que dura esta creciente de las águas; y como las aguas andan crecidas, saltan en algunas tierras que quedan descubiertas, y allí matan venados y antas y otras salvajinas que van huyendo del agua; y como las aguas hacen repunta (yemas) para volver a su curso, ellos se vuelven cazando y pescando como han ido, y no salen de sus canoas hasta que las barrancas están descubiertas donde ellos suelen tener sus canoas; y es cosa de ver, cuando las aguas vienen bajando, la gran cantidad de pescado que deja el agua por la tierra en seco; y cuando esto acaesce, que es en fin de marzo y abril, todo este tiempo hiede aquella tierra muy mal, por estar la tierra emponzoñada; ...” (Cabeza de Vaca, 1984, p. 242).

Fica evidente que esses índios canoeiros possuíam, ao menos, dois tipos de assentamentos relacionados à sazonalidade do ambiente: 1º) nas margens dos rios durante a seca; 2º) em outras áreas protegidas das inundações, durante a cheia. Por outro lado, a citação acima sugere tratar-se de um grupo socialmente organizado em famílias, pois ...

“Esta gente no tenía principal, puesto que en la tierra los hay entre todos ellos; mas éstos son pescadores, salvajes y salteadores; es gente de frontera, todos los cuales, y otros pueblos que están a la lengua del agua por do el gobernador pasó, no consintió que ningún español ni indio guaraní saliese en tierra, por que no se revolviesen con ellos, por los dejar en paz y contentos; y les repartió graciosamente muchos rescates, y les avisó que venían otros navíos de cristianos y de indios guaraníes, amigos suyos; que los tuviesen por amigos y que tratasen bien” (Cabeza de Vaca, 1984, p. 242-243) (sic).

É muito provável que Cabeza de Vaca (1984) esteja se referindo aos Guató, que habitavam as proximidades do *Puerto de los Reyes* na primeira metade do século XVI, como já foi exposto anteriormente. Os relatos sugerem tratar-se dos assentamentos *modidjécum* e *marrabóro*.

Outras informações etnohistóricas, relevantes ao estudo dos assentamentos Guató, somente foram produzidas a partir do século XIX.

Castelnau (1949), ao passar pelo Canal D. Pedro II, tendo encontrado algumas famílias provavelmente na Ilha Ínsua, observou o seguinte:

“Os Guató apresentam exemplo raro de um povo sem nenhum liame nacional e que nunca se concentra em povoados; cada família leva vida isolada e constrói a sua moradia nos lugares mais inacessíveis. No meio de vastos pantanais ou de terras inundadas, avista-se uma pequena clareira em plena mata. Ali, sob o tosco barracão, instala o Guató a sua morada; por mobiliário apenas algumas cabaças e peles de onça, animal que abunda na região e é alvo de encarniçada guerra. Não conhecem outra diversão afora a caça deste terrível animal que é atacado corpo a corpo, por meio de uma comprida lança, que o índio nunca abandona. Passam quase toda a vida em suas canoas, onde se refugiam com a família inteira

quando as enchentes lhes alagam os ranchos, forçando-os a passar semanas inteiras sem descer em terra” (Castelnau, 1949, p. 321).

A descrição de Castelnau (1949) indica a ocupação dos *marrabóro* em áreas inundadas durante o período da cheia, provavelmente os que são encontrados nos campos limpos. Nota-se também que a canoa é um elemento fundamental para o modo de vida Guató.

Vieira (1852), diretor geral de índios, relata ao presidente da Província, Augusto Leverger, que os Guató constituem uma ...

“Nação que nenhum espírito apresenta de sociedade, vivendo cada família sozinha, em distância de 5 e mais léguas uma da outra, e da qual nada se pode esperar, negando-se inteiramente o terreno em que habitam (imensos pantanais) a qualquer estabelecimento fixo” (Vieira, 1852, p. 17)¹².

As informações de Vieira (1852), também contempladas em Vieira (1853), Ferreira (1993 [1905]) e Oliveira (1862b), chamam a atenção ao fato de que cada família procura se estabelecer a uma certa distância das outras, não apresentando assentamentos fixos para todo o ano.

Cândido Rondon (1949, p. 159) manteve contato com os Guató entre 1900 e 1906, durante os trabalhos da “Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso”. Esteve num aterro parcialmente destruído pela ação das águas, conhecido como “Aterrado do Bananal”, situado à margem direita do rio São Lourenço, a duzentos metros para dentro, que servia de sede a um retiro da Fazenda Rio Novo. Apesar de sua localização ser pouco precisa, Rondon explica que o aterro deve ter sido erguido pelos Guató no intuito de se protegerem das cheias. O mais interessante é a justificativa de sua hipótese:

¹² A política da Diretoria Geral de Índios era de reunir os índios em aldeias, tentativa essa que fracassou com os Guató.

“Lembramo-nos então do que havíamos visto nos rios S. Lourenço e Cuiabá, cujos aterros foram feitos pelos paulistas Lemes com o auxílio dos Guató. Estes aterros acham-se desde os tempos coloniais cobertos de bananeiras, que se reproduzem admiravelmente” (Rondon, 1949, p. 159).

A justificativa acima é pertinente, porque está fundamentada em observações próprias realizadas *in loco*, e em informações orais recebidas dos moradores locais, comprovando a influência antrópica na formação do referido aterro.

Mas Rondon (1949) não é o único a apresentar este tipo de informação. Florence (1948), antes mesmo de Rondon, relata que no dia 8 de janeiro de 1827 a expedição Langsdorff atingiu o citado aterro, também conhecido simplesmente como “Bananal” devido à grande quantidade de bananeiras plantadas por um descobridor de ouro dos tempos das explorações dos paulistas (século XVIII), chamado João Lemos. O objetivo do paulista era atender viajantes e até fundar um estabelecimento de agricultura. Naquele lugar João Lemos ...

“... construiu uma casa num alto, para fugir das inundações, teve que aterrar, plantou bananeiras, laranjeiras e mamoeiros; mas depois, por motivos especiais que não souberam contar-nos, abandonou o muito que já estava feito” (Florence, 1948, p. 161).

As informações de Rondon (1949) e Florence (1948) são confiáveis, e podem servir de ponto de partida para a localização do aterro mencionado, com o propósito de se realizar pesquisas arqueológicas.

Roquette-Pinto (1975) também observou uma família Guató num aterro, possivelmente à margem do rio São Lourenço, quando da sua viagem para o Xingu, em 1912.

Roosevelt (1944), ex-presidente dos Estados Unidos, durante a expedição Roosevelt-Rondon, em 1913, notou que havia várias habitações Guató às margens do Paraguai, acima do seu ponto de

encontro com o São Lourenço. Um dos assentamentos observados lhe chamou a atenção:

“Uma destas habitações ficava sobre um antigo terrapleno índio, exatamente como os que formam os únicos montículos ao longo do baixo Mississipi e que também são de origem índia. Os outeiros índios, construídos em tempos idos, são os mais elevados monchões de terreno nos pantanais imensos da região do alto Paraguai” (Roosevelt, 1944, p. 112).

O major Frederico Rondon (1938), durante sua expedição à região fronteira com a Bolívia em 1937, encontrou alguns Guató no “Aterrado da Mangueira”, situado à margem do rio Paraguai, talvez próximo de Descalvado:

“Cerca de cinqüenta metros do rio, ergue-se o aterrado dos Guatós. Não tem mais de quinze metros, no cume, acima do nível das águas (estamos ainda na estação da seca). Um sistema de valas (vazante), que canaliza as águas, na enchente, protege o aterrado, impedindo o desmoronamento - rudimentar engenharia em abono à inteligência dos Guatós” (Rondon, 1938, p. 265).

Rondon (1938, p. 259) define os “aterrados” Guató como *“um monchão artificial. Onde escasseavam os firmes, no Pantanal, os Guatós faziam aterrados, amontoando, no ponto escolhido, a terra que tiravam dos arredores”*.

Somente em Schmidt (1902, 1912, 1914, 1922, 1928, 1942a, 1942b e 1951) há maiores esclarecimentos sobre os assentamentos Guató, em especial sobre os *marrabóro*.

Em 1901, Schmidt (1902 e 1942b) verificou que os *marrabóro* são semelhantes a sambaquis, porque apresentam grande quantidade de moluscos aquáticos. Posteriormente, em 1910, o autor (Schmidt, 1912 e 1914) encontrou vários aterros ao longo do curso do rio Caracará, e se refere a eles como “lugares de descanso”, isto é, assentamentos temporários, às vezes por uma única noite, utilizados durante o período da cheia quando os Guató abandonam os locais onde permanecem

estabelecidos na seca. Explica que os aterros são facilmente reconhecíveis, pois possuem forma elíptica e uma densa vegetação que os destaca no ambiente (Schmidt, 1912, p. 139).

Em verdade, muitos aterros Guató possuem forma de capão-de-mato e cordilheira. Isto não implica, vale a pena repetir, na afirmação de que todos os capões-de-mato e cordilheiras que ocorrem na área ocupada pelos Guató sejam arqueologicamente aterros, ou vice-versa. Há aterros nas margens de rios e lagoas que não possuem essa fisionomia, e deve haver capões-de-mato e cordilheiras que não sejam aterros, embora possam ter sido ocupados durante a cheia.

Para Schmidt (1914, p. 251), a explicação científica da origem dos aterros está no discernimento de três problemas: 1º) se são de origem antrópica, ou se foram construídos pela natureza e depois ocupados pelo homem; 2º) se construídos pelo homem como simples auxiliar da natureza - como por exemplo, através do acúmulo de detritos; 3º) se foram edificadas pelo homem com um objetivo definido, e qual seria esse objetivo.

Uma das possibilidades encontradas por Schmidt (1914), para explicar a presença de conchas de moluscos aquáticos nos aterros, se respalda numa observação própria feita sobre o comportamento de alguns pássaros. O autor encontrou acúmulos de conchas em pequenas elevações que ocorrem nas margens dos rios, e que não submergem na época das cheias. Nas árvores de grande porte que ocorrem nesses locais, centenas de pássaros permanecem pousados e se alimentando de moluscos aquáticos que retiram das áreas inundadas das proximidades, e ali depositam suas conchas, contribuindo cada vez mais para a elevação do terreno¹³.

Cinco aterros foram localizados pelo etnólogo na região do rio Caracará. Na tentativa de esclarecer sua origem, escavações arqueológicas foram realizadas em dois deles, situados a uns dois

¹³ Schmidt (1914, p. 252) se refere especificamente aos biguás (*Carbo brasiliensis*). Talvez seja a espécie *Phalacrocorax phalacrocorax*. Todavia, há outros pássaros, como alguns falconiformes, que também se alimentam de

quilômetros do leito do rio. Os aterros escavados possuíam forma elíptica e uma densa vegetação, e o solo estava perturbado por animais, como o tatu (*Dasypodidae*).

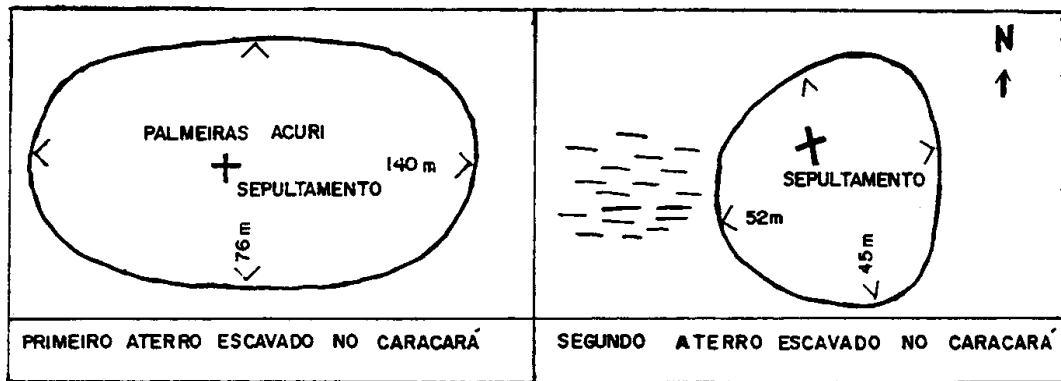


FIGURA 30: Aterros Guató da região do Caracará redesenhado de Schmidt (1914).

No primeiro aterro, cujo tamanho era de 140 x 76 m, Schmidt (1914 e 1922) realizou uma pequena escavação de 95 cm de profundidade na área central e mais elevada. Dois níveis foram claramente identificados. Os primeiros 55 cm corresponderam ao primeiro nível, constituído de sedimentos escuros - talvez sedimentos areno-argilosos com material orgânico em decomposição -, onde encontrou material cultural, como cacos de vasilhas cerâmicas e ossos de animais. O nível inferior se apresentou formado de sedimentos mais argilosos, de cor mais clara e compactos - possivelmente concreção calcária. Entre os dois níveis foram encontrados fragmentos de vasilhas cerâmicas.

No segundo aterro, de menor tamanho (52 x 45 m), o autor também identificou estratigraficamente dois níveis semelhantes aos do aterro anteriormente escavado, tendo o primeiro nível 45 cm.

Schmidt (1914 e 1922) conclui que os aterros foram edificados pela ação humana, pelos antepassados ou “parentes” mais próximos dos Guató. Foram construídos com a técnica da retirada de terra fértil de lugares mais baixos do pantanal para ser depositada em partes mais elevadas e, dessa forma, dar vida à pobre, infrutífera e velha camada. A fertilidade do solo dos aterros e sua posição favorável à proteção das cheias favoreceu o surgimento de uma densa vegetação, inclusive com grandes árvores, tornando-se refúgio e moradia de uma rica fauna.

Em Schmidt (1922, p. 119), este modelo hipotético é generalizado na tentativa de buscar uma explicação para a ocorrência de aterros no continente americano. A idéia central é de que a construção dos aterros está associada à necessidade econômica de cultivar, embora seja ressaltado que também tenham sido utilizados para habitação e cemitério. Segue sua formulação teórica:

“Uno de los métodos más primitivos para crear artificialmente un suelo fértil consiste en la aplicación de tierra fértil sobre el suelo destinado para el cultivo, que es de por sí estéril y, por eso, no cubierto de vegetación tupida. Para esta clase de agricultura he elegido el nombre de «cultivo de mounds» (montículos), pues por la aplicación repetida de tierra fértil se producen pequeños montículos artificiales que son llamados en América del Norte, por lo general, «mounds». En la región pantanosa de la desembocadura del Río S. Lourenço en el Alto Paraguay y especialmente en los sitios al lado del pequeño río Caracará que es un brazo del Río S. Lourenço inferior, tuve oportunidad de encontrar y examinar tales montículos que se llaman ahí «aterrados» y que hasta hoy día son empleados por los indios Guató para plantaciones y especialmente para el cultivo de la palma acurí. En lo que respecta a estos aterrados se trata de lugares en pântanos, por su naturaleza ya elevados que han sido cubiertos de medio metro de matillo húmífero extraído de partes bajas y pantanosas. Como el desgaste de la tierra por la plantación exige la aplicación repetida de siempre nuevas capas de matillo, estos aterrados bastante extensos no han sido levantados sino poco a poco y eso aclara mejor la distribución de la tierra por varias capas. Aun hoy los Guató viven durante la época de la obtención del jugo de las palmas de acurí, plantadas en los aterrados y aun hoy ellos entierran ahí a sus muertos, lo que explica de por sí el aparecer de esqueletos humanos y de residuos de objetos de cultura en estos aterrados” (Schmidt, 1951, p. 246).

As idéias de Schmidt (1951) podem servir como um dos pressupostos para a compreensão dos aterros dos Guató, mas necessitam ser reavaliadas à luz de pesquisas arqueológicas modernas e mais detalhadas.

Faz-se necessário e oportuno abordar a explicação dos próprios Guató sobre a origem dos aterros ou *marrabóró*.

Os Guató disseram a Schmidt (1902 e 1942b) que os Matschubehe ou Matsubehe foram os responsáveis pela construção dos aterros, e também pelas plantações de banana que neles são encontradas. Mas foram expulsos da região pelos próprios Guató¹⁴.

No início de 1991, Lins Neto, Pereira & Gutman (1991) registraram um relato oral do Guató João Quirino, falecido a poucos anos, que talvez tenha alguma relação com as informações de Schmidt (1942b) sobre os Matschubehe:

“Informou-nos que os aterros onde os Guató se protegiam das águas eram feitos por outros índios, mais claros e de denominação desconhecida. Esses índios, segundo o senhor João, eram canibais, de hábitos noturnos e moravam em campos altos, no começo da mata. Cansados de sofrerem baixas os Guató teriam feito guerra ao inimigo (índios brancos), matando muitos deles a flechadas. Os que sobreviveram fugiram rumo ao Descalvado e nunca mais foram vistos” (Lins Neto, Pereira & Gutman, 1991, p. 5).

Para Susnik (1978, p. 24), os Matschubehe correspondem aos Orejone do século XVI. Entretanto, não há dados históricos que possam comprovar sua hipótese, pois não se encontrou nenhuma referência sobre esse possível grupo nos documentos da época.

Nos relatos obtidos dos informantes Guató, de maneira especial de Francolina Rondon ou

¹⁴ Em Schmidt (1902) está citado Matschubehe, e em Schmidt (1942b [1905]) está escrito Matsubehe.

Sadjuguiacam, observou-se que em alguns mitos são mencionados os *Tchubé* ou *Matchubé* (*ma* + *tchubé*), que correspondem aos Matschubehe ou Matsubehe citados por Schmidt (1902 e 1942b).

Foi possível constatar que na mitologia Guató os *Tchubé* aparecem como o grupo que lhes ensinou a técnica de construir aterros, mas que, em contrapartida, também aprendeu com os Guató a utilizar a canoa nos pantanais. Dessa maneira, explica Francolina, nem todos os aterros ocupados recentemente pelos Guató foram construídos por eles, uma vez que há alguns que foram construídos e ocupados anteriormente pelos *Tchubé*, que não eram seus inimigos, ao contrário, foram seus aliados.

Quem foram os *Tchubé* é uma outra questão difícil de ser esclarecida diante dos dados disponíveis; porém, o estudo estratigráfico dos aterros Guató pode auxiliar na questão.

O fato é que os Guató explicam os aterros como resultado da ação antrópica, de um trabalho coletivo sob a coordenação do “chefe” (ou *madjô*?). Toda vez que um jovem Guató se casava e não dispunha de um aterro para morar, o chefe se encarregava de organizar as pessoas e coordenar os trabalhos para a construção de um novo *marrabóro*. Em tempos recentes havia aterros suficientes para todos, por causa da diminuição da população.

Os aterros eram construídos durante o período da seca, através do transporte, em cestoscargueiros, de sedimentos, conchas de gastrópodes aquáticos e de bivalves, de pontos mais baixos para locais naturalmente elevados - que podem ser elevações de origem aluvial. As conchas são importantes porque, além de dar maior volume, firmam a terra contra a ação das águas, e poderiam ser encontradas nas proximidades do local escolhido para a construção do aterro, e geralmente pertenciam a indivíduos que já estavam mortos por motivos naturais. Os Guató explicam que grande parte das conchas encontradas nos extratos dos seus aterros constituem material de construção ou foram ali depositados pela ação de animais.

Para melhor proteção contra a ação das águas, caso necessário, plantavam nas bordas dos aterros acuris ou *mudjé* (*Scheelea phalerata*), espécie de palmácea que ocorre na região, de grande valor para a subsistência dos Guató.

No decorrer da ocupação dos aterros, normalmente durante a cheia, ali são depositados os seus lixos, como cacos de vasilhas cerâmicas que quebraram e ossos de diversos animais que serviram como alimento. Também poderiam servir de locais para sepultar os mortos.

Cada aterro ocupado pertence a uma determinada família e é conhecido pelo nome de seu patriarca: “aterro do capitão Fernandes”, “aterro do João Quirino”, “aterro do Joaquim”, etc. Na morte do patriarca o aterro passava a pertencer a seus descendentes.

Mais de uma família poderia ocupar, eventualmente, um mesmo aterro por um certo tempo, comumente respaldadas pela consangüinidade. Por outro lado, caso o aterro não estivesse sendo ocupado durante um determinado período, devido à mobilidade sazonal das famílias, poderia ser momentaneamente ocupado por outras famílias, às vezes por uma única noite de descanso no decorrer de uma longa viagem. Dessa forma, se denota a existência de uma continuidade das ocupações dos *marrabóró*.

Algumas famílias poderiam ser numerosas, pois os Guató são polígamos. Beurepaire-Rohan (1869, p. 377) conheceu um Guató apelidado de “João Rebanho” que possuía doze esposas e um número proporcional de filhos, mas, segundo Moure (1862, p. 38), geógrafo e médico francês, a maioria dos homens não possuía mais de duas ou três mulheres. Como nenhum dos autores conviveu muito tempo com os Guató, a questão do número de mulheres para cada homem deve ser refletida, principalmente diante da inexistência de dados demográficos mais detalhados.

Outro fato interessante, e não menos lógico, é que os Guató são categóricos ao explicar que, para cada aterro há uma correspondente depressão do terreno nas proximidades, lugar de onde se

retirou a terra e que, quando inundada pelas águas da cheia, forma uma baía, ou “*moreeku*” (Schmidt, 1942b, p. 220).

Sobre esta questão, o sertanejo Lucídio Rondon (1971), que foi fazendeiro no Pantanal de Poconé, faz uma elucidativa observação a respeito da construção dos aterros Guató:

“Na parte cavada, donde tiraram a terra, ficava uma depressão, onde ainda acumula água de chuva e é renovada, substituída com a alagação. Passava a ser viveiro de traíras, rubafos para muitos; freqüentado por pássaros, tuiuiús, cabeças-sêcas, tabuiaiás, garças, patos, colhereiros, marrecos, frangos-d'água, carões e muitos outros” (Rondon, 1971, p. 101-102).

Segundo Rondon (1971), bem próximo de qualquer “capão-de-aterro” existe uma depressão conhecida regionalmente como corixo. Em outra obra Rondon (1972) ratifica sua idéia:

“Tudo nos leva a acreditar que os corixos existentes no pantanal, principalmente no município de Poconé, são escavações dos brasilíndios guató, que alcançamos como reservatórios de água e viveiros de peixe, resultaram de iniciativas visando ter ali perto do aterro não só os peixes como também água e pássaros - patos, marrecos, tabuiaiás, jaburus, frangos-d'água, colhereiros, socós, baguaris e muitos outros como ainda aparecem assim os peixes, principalmente traíras, nos corixos que ainda existem” (Rondon, 1972, p. 19).

Rondon (1971 e 1972) não deixa explícita a fonte de suas informações, mas sugere ter convivido com alguns Guató que devem ter trabalhado em sua fazenda, no Pantanal de Poconé. Suas considerações são relevantes, mas devem ser ponderadas quanto às generalizações sobre os corixos. Contudo, apesar de ser um sertanejo, como o próprio autor se intitula, suas formulações seguem uma certa lógica e atestam uma forma de manejo do ambiente.

Com base nas formulações de Posey (1987b) sobre o manejo da floresta secundária, capoeiras,

campos e cerrados pelos Kayapó, pensa-se que, no caso dos Guató, à medida em que as depressões originárias da retirada de terra para a construção de aterros se transformam em baías, conseqüentemente passariam a funcionar como fontes de recursos ictiofaunísticos e como áreas de atração de caça, principalmente durante a cheia. Este é, sem sombra de dúvida, um interessante problema a ser investigado do ponto de vista etnoarqueológico.

Em suma, os três tipos de assentamentos Guató - *marrabóró*, *modidjécum* e *macaírapó* - refletem uma adaptação sazonal relacionada à ocupação de áreas inundáveis que, por sua vez, implica, entre outros fatores, na maior exploração de determinados recursos naturais durante períodos distintos, seca e cheia. Podem, em nível de hipótese, ser indicadores de áreas de circulação das famílias, principalmente durante a cheia, e também indicadores de ecozonas, definidas por Posey (1987a, p. 17) como categorias cognitivas (êmicas) que podem ou não coincidir com as tipologias científicas.

Quanto à origem dos *marrabóró*, a explicação mais pertinente, por tudo quanto foi exposto, é a de que eles realmente foram formados por um conjunto de fatores de ordem natural e antrópica, como bem explicam os próprios Guató. Atestam uma forma de manejo do ambiente relacionado à subsistência, ao assentamento e à demografia do grupo. São ocupados, principalmente, durante a cheia, mas até o presente momento não é possível definir o grau de influência natural e antrópica na sua constituição. Permanece um problema a ser resolvido numa perspectiva interdisciplinar, que envolva diversas áreas do conhecimento humano, como a arqueologia, geologia e geomorfologia.

Os aterros quando não ocupados pelo homem, podem servir de refúgio a diversas espécies de animais. Certamente muitas espécies podem morrer ali mesmo, por motivos naturais. O fato é que nos aterros podem ser encontrados arqueologicamente restos faunísticos que não fizeram parte da dieta alimentar humana, necessitando de uma análise laboratorial detalhada para identificar com

maior precisão o que corresponde a restos de alimentação e aquilo que possa ser natural. Talvez até pudessem funcionar como “*ilhas de recursos naturais*”, isto é, áreas onde poderiam estar concentradas determinadas espécies florísticas e faunísticas úteis à subsistência, como define Posey (1987b, p. 177). Esta questão está orientada pela seguinte lógica: considerando que os Guató realmente se estabeleceram em aterros, então é muito provável que também tenham manejado determinadas espécies florísticas nesses locais, buscando minimizar o tempo gasto para obtê-las em outras áreas. Poderiam servir como um atrativo para algumas espécies faunísticas a serem caçadas. Assim, identificar essas espécies florísticas, e por ventura as faunísticas, é uma questão fundamental.

Os assentamentos *modidjécum* estão relacionados com a vegetação da mata ciliar. Normalmente são ocupados na seca, podendo ficar parcial ou totalmente inundados durante a cheia e, como já foi dito anteriormente, em alguns casos podem corresponder arqueologicamente a aterros.

Por último, no caso específico dos assentamentos *macáirapó*, deve-se ressaltar que, apesar de serem os mais protegidos das inundações, e talvez os mais aptos para o cultivo, normalmente são ocupados sazonalmente, na seca. Isto porque durante o período da cheia, quando os campos são inundados, aumenta a mobilidade dos Guató, tornando possível a maior exploração de outras áreas ecologicamente mais aptas para a subsistência. É nesse período que também ocorre a confraternização com outras famílias que habitam locais mais distantes, revitalizando assim os laços que mantêm a união e a identidade social do grupo étnico.

2.3.2 Estruturas de habitação

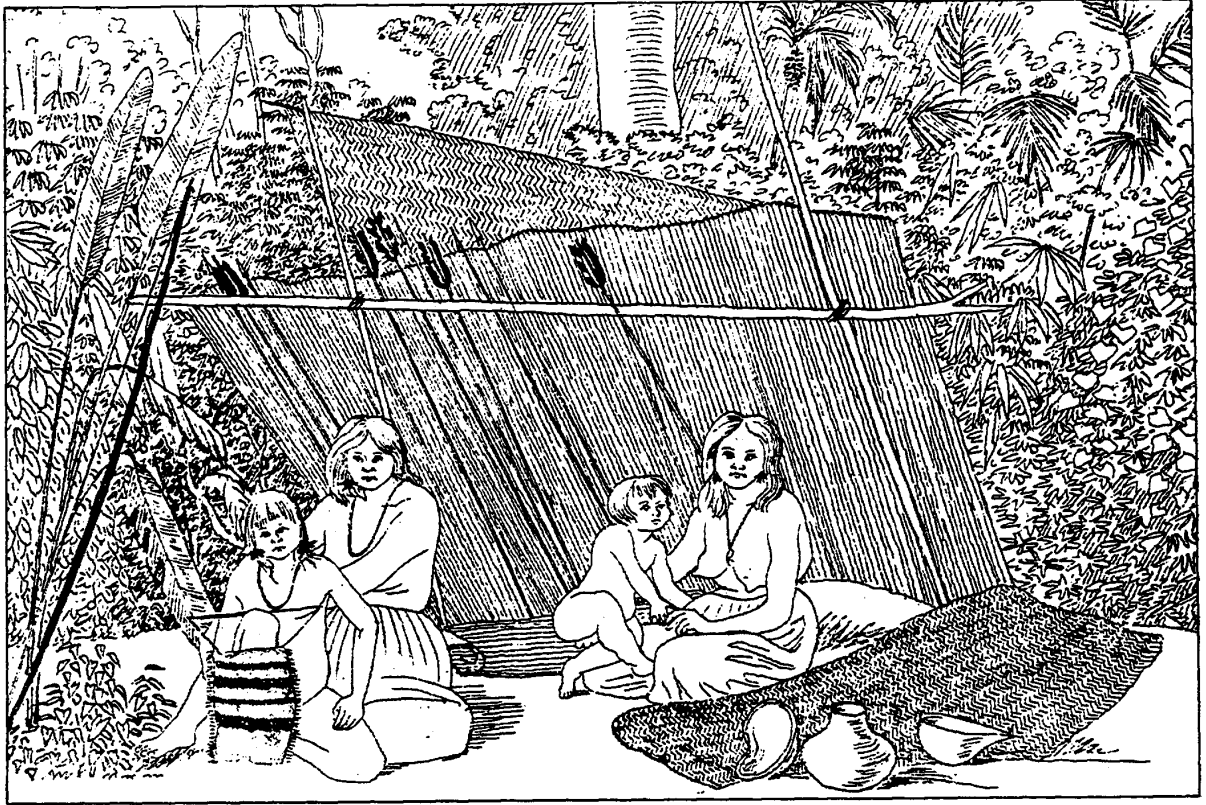
Ao contrário de outros grupos, o Guató não possui casa-aldeia, mas habitações que podem ser classificadas como abrigos provisórios e casas permanentes, que servem basicamente para abrigar as famílias diante de fatores climáticos, como a chuva.

Os abrigos provisórios e as casas permanentes podem ter um mesmo padrão de estruturas, que pode ser interpretado como o da casa tradicional Guató, chamada "*movír*" (Schmidt, 1942b, p. 221).

As habitações foram descritas, geralmente de maneira simplificada, por vários viajantes e cronistas, a partir da primeira metade do século XIX. Em sua maioria, apresentam semelhantes considerações, tais como: "*cabanas mal construídas*" (Macerata, 1843, p. 4); "*tosco barracão*" (Castelnau, 1949, p. 321); "*pequenos ranchos de ramagens, que fazem a pressa quando os ameaça a chuva*" (Beurepaire-Rohan, 1869, p. 377-378); "*pequenos ranchos em que dormem abrigados do tempo*" (Leverger, 1862a, p. 216); pequenos e baixos ranchos construídos de galhos, paus e folhas de palmeiras, que são "*apenas suficientes para abrigá-los do sol e da chuva*" (Ferreira, 1993 [1905], p. 84); pequenas cabanas com ramos de árvores e folhas de palmeiras, somente para protegerem-se do sol e da chuva (Moure, 1862, p. 38); habitações muito rudimentares, um simples pára-vento com teto de folhas de palmeiras sobre quatro esteios (Monoyer, 1905, p. 156-157).

Outros autores, como Figuiêredo (1939, p. 207), militar que estudou a fronteira do Brasil com a Bolívia entre 1928 e 1929, chegam mesmo a afirmar, com base em suas próprias observações, que os Guató não possuíam casas, pois moravam basicamente em suas canoas, que construíam e navegavam como mestres.

Florence (1948) é, sem dúvida alguma, uma excelente fonte de dados iconográficos. Nele se pode encontrar uma figura que exemplifica um típico abrigo provisório construído pelos Guató, talvez num aterro, situado no rio São Lourenço junto à sua confluência com o Paraguai.



Índios Guató, na confluência do rio São Lourenço

FIGURA 31: Abrigo provisório Guató desenhado por Hércules Florence (Fonte: Florence, 1948).

O abrigo provisório apresenta uma construção de estruturas improvisadas, basicamente com equipamentos de uso doméstico e de subsistência. É menos elaborado que a casa tradicional e possui pequenas dimensões. Serve para uma família passar a noite ou descansar por alguns poucos dias. Constitui-se de dois esteios centrais fincados na terra e que sustentam um frechal improvisado por uma zinga. O frechal é fixado por uma amarração de enlace que deve ter sido feita com cipó. Dez flechas funcionam como caibros para sustentar um revestimento improvisado com dois tipos de esteiras de dormir que servem de cobertura: uma de junco (*Typha dominguensis*) e outra de palma de acuri (*Scheelea phalerata*). Percebem-se ainda na figura outros artefatos: um arco, um abanador de mosquitos feito de algodão, outras duas esteiras, cabaças e uma provável vasilha cerâmica para

armazenar líquidos¹⁵.

Rondon (1938, p. 259) descreve um outro tipo de abrigo provisório semelhante: “*habitações rudimentares - quatro estacas, sustentando um teto de couro de anta ou veado ou ainda de palha de acuri, sem paredes*”.

Quando os Guató mudam de lugar, este tipo de abrigo é desfeito, sendo menos provável encontrar evidências de suas estruturas nos sítios arqueológicos. No entanto, os relatos apresentados anteriormente, como Beaurepaire-Rohan (1869), Ferreira (1993 [1905]) e Monoyer (1905), indicam que os abrigos provisórios também poderiam ser construídos com outros materiais, como varas e palmas de acuri (*Scheelea phalerata*). Podem ter, inclusive, o mesmo padrão das casas tradicionais, também utilizadas como casas permanentes. A diferença básica está na qualidade da madeira, uma vez que o abrigo provisório está relacionado a uma ocupação momentânea, principalmente durante a cheia, de determinado assentamento, que pode ser um *marrabóró*.

Florence (1948, p. 157) apresenta uma outra figura, muito provavelmente de uma casa tradicional permanente, habitação utilizada por maior tempo, que pode servir como moradia, tanto no período da seca quanto na cheia, e na maioria das vezes por uma única família. Acredita-se que seja mais utilizada na seca, quando as famílias permanecem fixas por meses num único assentamento.

Em Monteiro & Kaz (1988, p. 63), essa figura está mais nítida que em Florence (1948) e pode ser melhor analisada.

¹⁵ Os termos utilizados para a descrição das habitações Guató estão conceituados no **Glossário da habitação** de Malhano (1987).



FIGURA 32: Casa tradicional Guató pintada em aquarela negra por Hércules Florence em dezembro de 1826 (Fonte: Monteiro & Kaz, 1988).

A casa desenhada por Florence (1948) está caracterizada, em termos morfológicos, por uma planta baixa retangular e fachada frontal. Os esteios são enterrados no chão. Dois esteios centrais em forquilha apoiam uma cumeeira e quatro esteios periféricos, também em forquilha, sustentam os frechais. Há dois esteios periféricos para cada lado dos esteios centrais. A amarração da cumeeira e dos frechais é do tipo encaixe ou apoio sobre forquilha. Sobre a cumeeira e frechais são colocados caibros e sobre estes ripas, talvez amarradas com enlaces de cipó. Fixada nos caibros há, inclusive, ripas que sustentam várias varas que formam uma estrutura próxima à parte mais elevada da casa, e que serve de estante para guardar materiais diversos. O revestimento da cobertura é de palmas de acuri (*Scheelea phalerata*) e chega próximo ao solo. O teto é do tipo duas-águas. No interior da casa nota-se um jirau, que é uma pequena estrutura composta de quatro varas em forquilha, fincadas no chão, que apoiam outras varas sob forma de estrado, e que está servindo para pendurar um cesto e apoiar algumas flechas. Observa-se ainda no interior da casa um fogão, vasilhas cerâmicas, esteiras e cestos. Em frente da casa há um arco e um remo.

Outra questão possível de se observar nesta gravura é que, provavelmente, ela esteja próxima ao rio, pois é perceptível a proa de uma canoa. Seria um assentamento do tipo *modidjécum* ou *marrabóró*?

Koslowsky (1895) descreve uma casa tradicional Guató, de estruturas semelhantes à desenhada por Florence:

“La enramada, situada entre árboles á unos veinte pasos del rio, estaba sostenida por dos orquetas en las que descansaba una viga que soportaba las perchas cubiertas densamente con hojas de palmeiras, alcanzando el techo, á ambos lados, hasta el suelo. El interior sólo contenía unas vasijas de barro para sazonar alimentos, y dos cueros de ciervos extendidos en el suelo, sirviendo de cama. Junto á un poste descansaba un arco y largas flechas; detrás de una puerta había un entretejido de hojas de palmera en forma de bolsa ó canasta comprimida” (Koslowsky, 1895, p. 3).

Schmidt (1942b) apresenta a descrição de uma casa tradicional Guató, que melhor elucida as descrições de Florence (1948) e Koslowsky (1895):

“O esquema da casa típica (...) é um quadrado, cujos lados medem 4 ms. Na parte central desse esquema ergue-se uma vara de 3,10 ms. de altura. As partes superiores das duas varas são ligadas a uma outra em sentido horizontal que apoia os dois lados do telhado, que se estendem até o solo. Estes constam de uma armação de varas, que se acha necessariamente coberta pelas grandes folhas de acuri. Por toda a parte a chuva penetra por esse abrigo mal feito e aberto na cumeeira” (Schmidt, 1942b, p. 140).

O autor prossegue com sua descrição:

“A nota típica das habitações guató observa-se no cavalete, sob a cumeeira, que serve para armazenar diversos utensílios principalmente a reserva de flechas. Evidentemente essa singularidade das choças guató se relaciona com a singularidade da natureza em que vivem. Como nessas paragens pantanosas as habitações certamente se acham sujeitas às inundações, o engenho humano arranhou um recurso contra essa desvantagem, que aqui provoca interessante desenvolvimento das habitações lacustres, sobretudo diante de outras regiões da terra. Os objetos domésticos, que não encontram lugar no mencionado cavalete, são metidos no sapé dos lados do telhado ou se dependuram sobre uma acuri ali próximo, cujas folhas voltadas para baixo se oferecem para isso (...). Vêem-se, freqüentemente, tais palmeiras carregadas de colheres de sopa, fuso de fiar, brinquedos e outras coisas” (Schmidt, 1942b, p. 140-141).

Segundo o referido autor a casa tradicional Guató reflete o fato de possuírem poucos bens, que podem ser transportados na canoa, além de uma grande mobilidade fluvial. Não encontrou mais de duas casas juntas, e observou que geralmente estão localizadas próximas d'água, escondidas no meio da vegetação, quase sempre junto a uma grande figueira (*Ficus* spp.) que se destaca das demais árvores. Muitas vezes são pequenas para abrigar toda a família, sendo comum dormirem fora da casa, no chão, sobre uma esteira, desde que não haja chuva. Quando servem como abrigos provisórios são abandonadas no final da cheia, quando as famílias retornam para seus assentamentos

mais fixos. Neste caso, o abrigo pode ser ocupado por outras famílias num outro momento, que pode ser numa próxima cheia.

Schmidt (1914, p. 273) melhor detalha a técnica da construção da tradicional casa Guató. A planta baixa é retangular e a fachada é frontal, tal qual a gravura de Florence. Primeiramente são fincados no solo dois esteios centrais em forquilha numa distância de 1,93 m que, após fincados, ficam com uma altura de 1,25 m. Em seguida é colocada a cumeeira sobre os esteios centrais. Em cada parte lateral da casa são amarrados três caibros na cumeeira, com enlaces de cipós. Os caibros também são fincados no solo, em posição diagonal, compreendendo uma abertura de 2,15 m. Em cada lateral, e sobre os caibros, são amarradas três ripas com enlaces de cipós. Na parte mais elevada da casa, os caibros enlaçados com cipós formam uma espécie de forquilha, um pouco acima dos esteios centrais, onde é colocada uma segunda cumeeira que suporta o revestimento da cobertura feito de palmas de acuri (*Scheelea phalerata*) que seguem contíguas até o solo.

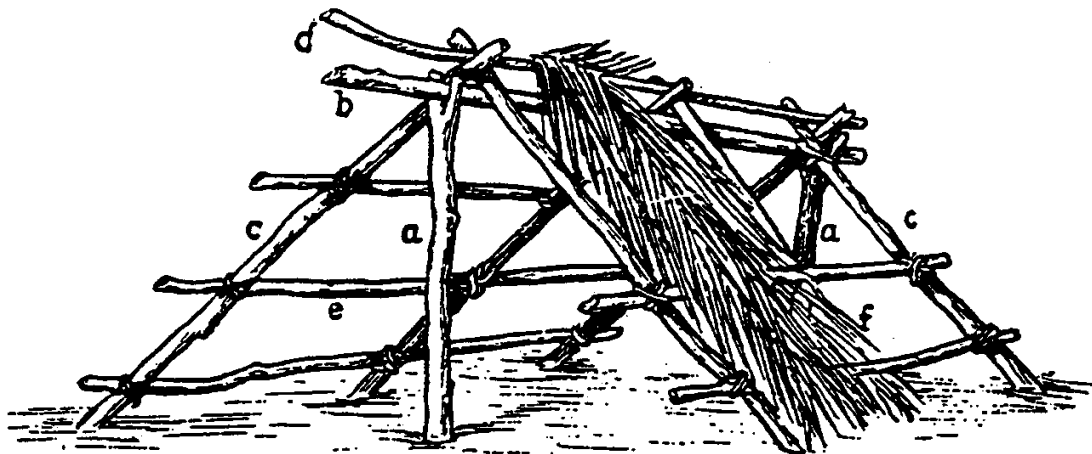


FIGURA 33: Desenho esquemático da casa tradicional Guató (Fonte: Schmidt, 1914).

As estruturas de habitação descritas por Schmidt (1914) se apresentam, de uma maneira geral, semelhantes às representadas na pintura de Florence. As variações principais são as seguintes: a planta baixa pode ser quadrada ou retangular; ausência ou não de esteios periféricos, frechais e pequenas estruturas no interior da casa que funcionam como estante e jirau. São pequenas variações dentro de um mesmo padrão de construção de casas permanentes.

A duração da casa tradicional Guató varia conforme o tipo de madeira utilizada, podendo durar vários anos. São construídas com madeiras encontradas no próprio local do assentamento ou nas proximidades. As casas permanentes duram mais tempo e são construídas com madeiras de melhor qualidade, ou seja, aquelas mais resistentes à ação do tempo, como a de aroeira (*Astronium urundeuva*), sendo necessário substituir com mais frequência a cobertura feita de palmas de acuri (*Scheelea phalerata*) e os enlases feitos com vários tipos de cipós, como o imbê (*Philodendron bipinnatifidum*). As casas tradicionais que funcionam como abrigos provisórios, podem ser construídas com madeira de qualidade inferior.

O número de casas num dado local de assentamento está relacionado com o tamanho da família, e as evidências de suas estruturas podem ser detectadas em escavações arqueológicas. Em decorrência do contato com a sociedade nacional os Guató também passaram a construir casas com outros tipos de estruturas, como a de pau-a-pique.

2.3.3 Estruturas de combustão

As informações disponíveis sobre as estruturas de combustão utilizadas pelos Guató, se restringem aos trabalhos de Schmidt (1912 e 1914) e aos relatos orais recolhidos.

O fogão é uma das principais estruturas de combustão, e geralmente é feito fora das habitações, sem pedras delimitadoras, e pode ser entendido a partir da descrição de Schmidt (1912):

“Enquanto que em outras estirpes dos índios sul-americanos, normalmente, depois de desbravado o mato, ele era queimado, a «lareira» típica dos Guató era composta de dois ou três troncos de árvores mais ou menos grossas os quais, radiando em brasas, as suas pontas eram encostadas uma nas outras. Eles conseguiram essas árvores da seguinte forma: numa árvore seca eles ateavam fogo na parte inferior, sendo assim, não era necessário o uso do machado para derrubá-las” (Schmidt, 1912, p. 144).

As fogueiras são feitas dessa maneira, para que as achas de lenha dispostas radialmente possam servir de apoio à vasilha cerâmica que é colocada no centro do fogão para o preparo de alimentos (Schmidt, 1914, p. 276). A fim de manter o fogo aceso costumam colocar, depois, achas menores (Schmidt, 1942b, p. 166).

Na figura da casa tradicional Guató, produzida por Florence, nota-se um fogão no interior da habitação, próximo ao esteio central, que se enquadra na descrição de Schmidt (1912, 1914 e 1942b).

A técnica de moquear também poderia servir-se dessas estruturas.

A queima das vasilhas cerâmicas era feita geralmente pela colocação de madeira seca sobre os recipientes que eram empilhados, ou, muito raramente, em buracos para melhor proteger as vasilhas dos ventos.

Qualquer madeira, desde que seca, poderia servir para os fogões, e nos locais dos assentamentos há grande quantidade de madeira disponível para isso. Fogueiras também eram feitas por baixo das canoas que eram sustentadas em estruturas de madeira, nos próprios assentamentos, e que serviam para retirar água acumulada nos poros da madeira, através do seu aquecimento e evaporação.

Em escavações meticolosas, é possível detectar todas as estruturas de combustão aqui descritas.

2.3.4 Estruturas funerárias

Os Guató geralmente sepultavam seus mortos em locais específicos e protegidos das cheias, mas não muito próximos dos assentamentos mais fixos, os utilizados na seca.

Os mortos eram enterrados em valas, em posição de decúbito dorsal, estendidos sobre uma esteira.

No “Aterrado do Bananal”, Koslowsky (1895) encontrou o local onde foi sepultado o pai do Guató Joaquim Antônio. Havia uma cruz como marco e símbolo cristão.

Quando morria um Guató, havia apenas o seu enterramento e o lamentar de sua perda. O luto era restrito às mulheres, que deixavam o cabelo muito curto quando perdiam o marido. Quando morria um filho, a mãe cortava seu cabelo pela metade do comprimento.

No mesmo aterro, Cândido Rondon (1949) encontrou vários ossos humanos numa parte que desbarrancou com a grande cheia de 1905. Segundo o autor um crânio parecia ter pertencido a um indivíduo idoso.

Em um aterro localizado no rio Caracará, Schmidt (1914) observou um sepultamento Guató:

“No meio da plantação das palmeiras encontrei um recente túmulo Guató (...) que estava demarcado por dois pedaços de madeira, de mais ou menos 0,50 m cada, fincados no chão. As duas estacas, que tinham uma distância de 2 m uma da outra significavam, segundo o meu guia Guató João, uma o lado da cabeça e a outra o lado dos pés. Ele ainda falou que eles enterravam o defunto com a cabeça para oeste e os pés para o leste o que realmente indicavam as estacas. Segundo as palavras do Guató, os defuntos são enterrados rente à superfície” (Schmidt, 1914, p. 256).

No menor aterro dos dois escavados na região por Schmidt (1914), cujas medidas foram apresentadas anteriormente, foi encontrado um sepultamento na camada superior do sítio. Na superfície do aterro havia grande quantidade de cerâmica, conchas de gastrópodes aquáticos, conchas de bivalves e ossos de animais. Na camada inferior não havia nenhum sepultamento. Schmidt (1914) constatou que diretamente sobre o crânio havia uma camada de cacos de vasilhas cerâmicas, e deduz que, provavelmente, deveriam ter sido depositadas vasilhas inteiras no momento do sepultamento do morto que, posteriormente, devido à ação de animais e raízes, foram fragmentadas. Outros sepultamentos também foram encontrados, a maioria perturbados por raízes e buracos de tatu (*Dasypodidae*), indicando tratar-se de um cemitério. Em dois sepultamentos havia uma lâmina-de-machado polida e com garganta.

A partir da totalidade dos sepultamentos encontrados, Schmidt (1914, p. 260) pode inferir que os sepultamentos se assemelham ao padrão Guató: “... *mais ou menos meio metro abaixo da superfície, deitado, estendido e com a cabeça para o Oeste*”.

Frederico Rondon (1938) também encontrou um antigo sepultamento Guató no “Aterrado da Mangueira” onde havia fragmentos de vasilhame cerâmico. Um outro mais recente estava marcado por uma cruz de madeira e resíduos de velas.

Na parte norte da Ilha Ínsua, Cardoso (1985) observou cemitérios com cerâmica mortuária, e afirma ser Guató. Trata-se de uma associação direta e equivocada, pois o fato de haver urnas funerárias em áreas atualmente ocupadas pelos Guató, não significa que pertençam a sua cultura. Outrossim, porque a cerâmica Guató, conhecida historicamente, atesta uma funcionalidade essencialmente doméstica, característica desse grupo canoeiro, como será explicado mais adiante.

2.3.5 Outras estruturas correlatas

Além das estruturas já descritas, a literatura não indica outras prováveis que por ventura existissem. Schmidt (1942b) apenas informa que a palmeira acuri (*Scheelea phalerata*) também servia como suporte para tudo quanto é objeto. No entanto, os relatos orais atestam a utilização de estruturas para moquear carne, semelhantes às de um jirau, que consiste numa grelha apoiada em quatro varas com forquilha fincadas no solo, do lado externo da casa. Estruturas de madeira também eram utilizadas para sustentar a canoa em posição elevada, para eventuais trabalhos de manutenção.

2.4 SUBSISTÊNCIA

“Realmente, o estrangeiro tem a impressão de se encontrar numa paragem lendária. Primeiro pensa-se que se está numa completa prisão, num pedacinho de terra fechado pelo rio e pelas íngremes montanhas onde a natureza generosa provê tudo de uma variedade fabulosa. Para o botânico e o zoólogo isto aqui (a serra do Amolar) seria realmente um eldorado. Em parte alguma vi tanta variedade de animais e plantas, em parte alguma me arrependi tanto de não ser um pouco naturalista para poder regalar-me como o que via” (Schmidt, 1942b, p. 105).

As atividades relacionadas à subsistência Guató estão pouco registradas na documentação histórica e na literatura etnológica. Muitos dos dados que serão apresentados provém de relatos orais que, neste caso, servem basicamente para estabelecer uma pequena aproximação da realidade.

Apesar das limitações, uma questão está nitidamente evidente: a subsistência de cada família depende exclusivamente da sua própria capacidade autônoma de obter os recursos necessários para a sua sobrevivência. Esta é uma característica cultural importante para o grupo, e que também implica em uma maior exploração dos recursos naturais disponíveis na sua área de ocupação. Por outro lado, a totalidade das informações escritas contidas nas fontes etnológicas e etnohistóricas não indicam uma escassez de alimentos na subsistência do grupo, ao contrário, sempre chamam a atenção para a abundância de recursos naturais facilmente explorados pela pesca, caça e coleta.

A identificação provisória das espécies faunísticas e florísticas foi feita, principalmente, com base em Berg (1986), Brown Jr. (1986), Caravello (1986), Conceição & Paula (1986), Ferreira (1986), Loureiro, Lima & Fonzar (1982), Macrozoneamento geoambiental do Estado de Mato Grosso do Sul (1989) e Magalhães (1992).

2.4.1 Pesca

A pesca talvez seja a principal atividade de subsistência dos Guató, e sempre mereceu destaque na documentação escrita, como se comprova em Beaurepaire-Rohan (1869), Ferreira (1993 [1905]), Moure (1862) e Monoyer (1905). Susnik (1978, p. 18-22), por exemplo, se refere aos Guató como “canoeiros-pescadores”.

Trata-se de uma atividade realizada com muita frequência durante todo o ano, principalmente na cheia, período em que os Guató abandonam suas habitações permanentes e sua subsistência passa a depender basicamente dos recursos ictiofaunísticos. Quase toda a família, excetuando os filhos menores, participa dessa atividade, realizada basicamente de canoa e com arco e flecha.

Durante o período do contato com os colonizadores, os Guató passaram a utilizar anzóis de metal, mas normalmente com linha de fibra de tucum (*Bactris glaucescens*), o que sugere, em nível de hipótese, um provável conhecimento e utilização de outros tipos de anzóis em tempos mais remotos, como o feito de osso. A pesca com anzol pode ser feita à linha ou com caniço e, neste caso, a isca utilizada varia conforme a espécie de peixe, podendo ser desde pequenos peixes e crustáceos a alguns frutos, como o próprio tucum. Outra possibilidade é o uso de redes e peneiras ou assemelhados para a captura eventual de espécies de pequeno porte. Utilizam também um porrete para bater na cabeça do peixe que é flechado ou fisgado com anzol.

Na cheia a pesca se torna mais fácil e rendosa, porque nos campos inundados e nas baías ocorrem com maior frequência algumas espécies de peixes, como o pacu (*Piaractus mesopotamicus*), normalmente encontrado em locais onde existem espécies florísticas em frutificação, como tucum e carandá (*Copernicia alba*). São locais que funcionam como verdadeiras cevas para certas espécies.

Nos campos inundados, a mobilidade com a canoa é grande, assim como também a visibilidade

dos peixes na água. Normalmente a mulher permanece sentada, remando na popa da canoa, e o homem em pé, na proa, com arco e flecha, observando os peixes que serão flechados.

Os Guató sempre fazem questão de afirmar que todas as espécies de peixes ocorrem durante todo o ano, na seca ou na cheia, bastando saber onde as encontrar. Evidentemente que algumas espécies são mais freqüentes na seca e outras durante a cheia. A escolha das espécies utilizadas na alimentação se dá em função do sabor de sua carne e da sua aparência.

Exploram a maioria das espécies mais conhecidas no Pantanal Matogrossense, conforme a seguinte relação:

NOME COMUM	NOME EM GUATÓ	NOME CIENTÍFICO
bagre-mandim	<i>miré</i>	<i>Pimelodus</i> sp.
barbado	<i>maradaturum</i>	<i>Pinirampus pinirampu?</i>
cachara	<i>mapote</i>	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>
casculo	<i>matê</i>	Loricariidae
curimbatá	<i>mivô</i>	<i>Prochilodus lineatus</i>
dourado	<i>macudja</i>	<i>Salminus maxillosus</i>
jerupoca	<i>mocodjevanti</i>	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i>
muçum	<i>mufá</i>	<i>Synbranchus marmoratus</i>
pacu	<i>moguaquá</i>	<i>Piaractus mesopotamicus</i>
pacupeva	<i>mofá</i>	Characidae, Myleinae
piava	<i>maduyô</i>	Characidae
piavuçu	<i>marradimoti</i>	<i>Leporinus macrocephalus</i>
pirambeva	<i>motidequá</i>	<i>Serrasalmus</i> spp.
piranha	<i>motê</i>	<i>Pygocentrus nattereri</i>
piraputanga	<i>matabó</i>	<i>Brycon microlepis</i>
sardinha	<i>mogupé</i>	<i>Pellona flavipinnis</i> ou <i>Triportheus angulatus?</i>
surubi	<i>piriacumbucu</i>	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>
traíra	<i>guapichi</i>	<i>Hoplias malabaricus</i>

Uma das espécies mais exploradas e apreciadas é o pacu (*Piaractus mesopotamicus*), espécie rica em gordura e comumente pescada com arco e flecha.

Algumas espécies de peixes aparentemente não são utilizadas na alimentação, tais como: arraia ou *macu* (*Potamotrygon* spp.), cascudinho ou *maté* (Loricariidae), jaú ou *madicu/motodeatchê* (*Paulicea luetkeni*) e piquira ou *modidjevoti* (Characidae). Os Guató justificam a não exploração dessas espécies devido à sua aparência pouco atrativa para o uso alimentar ou, no caso da piquira, por ter um tamanho muito pequeno.

É interessante que, em relação ao jaú, os Guató identificam dois tipos, *madicu* e *motodeatchê*, conforme sua coloração, embora provavelmente correspondam a uma única espécie.

Os peixes geralmente são cozidos em vasilhas cerâmicas, acompanhados de algum vegetal e, pouco freqüentemente, assados. Schmidt (1942b, p. 123) menciona que o “*prato indígena nacional*” dos Guató é o ensopado gorduroso de peixe com banana verde (*Musa* spp.). Aparentemente não possuíam sal, que somente ficou conhecido a partir do contato com os colonizadores.

Na maioria das vezes, a refeição é preparada pelos homens que permanecem em pé, ao redor da panela, servindo-se com uma grande colher de madeira, utilizada para mexer os alimentos e que também serve de prato. Durante as refeições as mulheres sentam-se ao redor de uma outra panela ou de um tipo de tigela, onde o preparador da comida despeja o alimento, e elas não comem com as colheres, mas com conchas de bivalves chamadas “*maguá(a)*” (Schmidt, 1942b, p. 166). A distribuição é igualitária e os ossos dos peixes são jogados no mesmo local onde fazem a refeição.

2.4.2 Caça

No Pantanal, ocorrem várias espécies de mamíferos, répteis e aves, exploradas pelos Guató, destacadamente aquelas que habitam áreas inundadas e cuja população é mais expressiva do que as demais, como o jacaré-do-pantanal (*Cayman crocodilus yacare*) e a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*).

Em Schmidt (1942b) há um parágrafo que melhor elucidada esta questão:

“É circunstância decisiva para as relações econômicas dos guatós a riqueza da flora e da fauna que os cercam, fornecendo-lhes tudo de que precisam para se manterem sem que despendam maiores esforços para isso. Os densos bosques estão cheios de caça, em que predomina o veado dos pântanos, a capivara e diversas espécies de macacos próprios para comer, assim como diversas aves. Frequentemente aparece um sinimbu, que é aquele grande lagarto, cujos ovos se apreciam muito, uma boa, ou ainda uma tartaruga. Mas o elemento principal, a água, oferece ao índio guató rica fonte de alimentos: os crocodilos, cujas caudas são extraordinariamente apreciadas, encontram-se em superabundância, ao passo que os lagos e braços de rio estão cheios de peixes, entre os quais predominam a piranha e o pacu” (Schmidt, 1942b, p. 162).

A atividade da caça envolve um grande conhecimento do habitat, dos hábitos e locais em que se encontram determinadas espécies. Entre os Guató ela é realizada com arco e flecha, armadilhas, bodoque e zagaia. Assim como nas pescarias, as mulheres também podem acompanhar o marido nas caçadas que geralmente fazem de canoa.

Para a caça de pequenos mamíferos e aves, poderiam utilizar armadilhas. Contudo, aparentemente o mais comum é a caça com arco e flecha e zagaia, equipamento sempre presente entre os Guató, realizada muitas vezes em locais próximos dos assentamentos.

As técnicas utilizadas para a caça da onça-parda (*Felis concolor*) e, principalmente, da onça-pintada (*Panthera onca*), foram documentadas por vários viajantes, como se comprova em Florence (1948):

“Valentes agressores da onça, procuram de princípio enfurecê-la, fazendo-lhe a flechadas ligeiros ferimentos: quando a fera irritada se atira, o Guató a espera de pé quedo e crava-lhe a zagaia, lança curta armada de um osso de jacaré ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros” (Florence, 1948, p. 146-149).

Outros autores, como Ferreira (1993 [1905]), Jardim (1869), Macerata (1843) e Moure (1862), também chamam a atenção para a caça das onças. Koslowsky (1895) informa que as onças poderiam ser caçadas à noite.

Cunha (1949), militar que em 1913 acompanhou, durante três semanas, Theodore Roosevelt em suas caçadas na região, descreve uma outra estratégia semelhante de caçar onças:

“Esses índios são grandes caçadores de onças, e, em tais caçadas, adotam o processo que tem tanto de original quanto de ardiloso e arrojado: aproveitando que o pantanal cheio transforme alguns capões de mato em ilhas, o nosso Guató observa em qual destes terá urrado uma onça ciosa de amores ou de combates, e, conforme a época, de um outro capão julgado próprio, o ardiloso Guató provoca o animal ao combate, ou o atrai aos desejos, imitando o urro que for conveniente; a mulher do índio acompanha-o na perigosa empresa, e quando a onça, iludida pelo arremedo do índio, procura a nado ganhar o capão de onde a chamam, o casal de índios lança-se na canoa ao encontro da fera, e o vasto e deserto pantanal é testemunho desse combate em que, o índio armado de zagaia e a índia de espingarda ou flecha, nem sempre levam de vencida o nosso valente felino, que tem na água quase que a mesma assombrosa agilidade com que em terra faz prodígios” (Cunha, 1949, p. 63).

O autor deixa evidente que as onças poderiam ser caçadas nos próprios capões-de-mato e cordilheiras, que muitas vezes podem ser aterros, onde também se estabelecem os Guató durante a cheia. São lugares que servem de refúgio para diversas espécies nesse período, e que ali podem ser

caçadas.

A caça de onças, especialmente da espécie *Panthera onca*, possui um grande valor simbólico, talvez maior do que propriamente como fonte de alimentação. Para os homens, quanto mais onças caçadas maior o seu status de caçador. Faz parte também de uma espécie de rito de passagem dos jovens adolescentes para a etapa adulta, pois cada onça caçada poderia dar o direito a uma esposa. Em Castelnau (1949, p. 330), por exemplo, há uma referência de um jovem Guató de dezessete anos que lhe disse não haver ainda se casado, porque faltava-lhe matar onças.

A este respeito vale citar um relato de Rondon (1949):

“Vimos em redor de uma palmeira Uacurí (acuri) um número considerável de caveiras de onças, provavelmente morto pelos índios, pois, segundo o costume da Tribo Guató, que é a que mais se destaca, entre as outras, como caçadora de onças, nenhum caçador deverá deixar perder a caveira conquistada, para o fim de irem sendo depositadas, na frente do Aldeamento, que fica assim assinalado, tornando-se mais distinto aquele que maior número de caveiras apresentar. O troféu destarte constituído é o maior padrão de glória que os índios de cada Aldeia podem apresentar aos seus pares” (Rondon, 1949, p. 158).

Trata-se de outra informação importante, uma vez que crânios de onças podem ser encontrados em escavações arqueológicas, possivelmente associados às estruturas da casa tradicional Guató.

Como os Guató são canoieiros, a maioria dos animais de grande porte - como cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), jacaré-do-pantanal e capivara - eram abatidos dentro d'água, quando permanecem menos velozes do que em terra e mais fáceis de serem perseguidos. No caso específico da capivara e do biguá (*Phalacrocorax phalacrocorax*), quando esses animais mergulhavam os Guató seguiam as borbulhas da sua respiração e, quando eles subiam à superfície para respirar, eram abatidos com flechadas e/ou zagaiadas.

Os pássaros, por exemplo, também poderiam ser caçados com bodoques, arcs que atiram pelotas de barro.

Segundo Koslowsky (1895) pequenas excursões a pé também eram realizadas com o objetivo de caçar alguns animais, como o cervo-do-pantanal.

Muitas espécies de animais que ocorrem no Pantanal são exploradas pelos Guató. Segue a relação de algumas espécies utilizadas na alimentação, segundo informações orais:

CLASSE	NOME COMUM	NOME EM GUATÓ	NOME CIENTÍFICO
Mammalia	anta	<i>maô</i>	<i>Tapirus terrestris</i>
Mammalia	bugio	<i>moqüê</i>	<i>Alouatta caraya</i>
Mammalia	caititu	<i>maguaricô</i>	<i>Tayassu tajacu</i>
Mammalia	capivara	<i>macu</i>	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>
Mammalia	cervo-do-pantanal	<i>micum</i>	<i>Blastocerus dichotomus</i>
Mammalia	cutia	<i>mitô</i>	<i>Dasyprocta</i> spp.
Mammalia	jagatirica	<i>maotadjarro</i>	<i>Felis pardalis</i>
Mammalia	onça-parda	<i>machaco</i>	<i>Felis concolor</i>
Mammalia	onça-pintada	<i>mepago</i>	<i>Panthera onca</i>
Mammalia	ourico	<i>marrodjavi</i>	<i>Coendou spinosus</i>
Mammalia	preá	<i>mequi</i>	<i>Cavea aperea</i>
Mammalia	quati	<i>marradjarrá</i>	<i>Nasua nasua</i>
Mammalia	queixada	<i>mabodjaá</i>	<i>Tayassu pecari</i>
Mammalia	tatu-bola	?	<i>Tolypeutes matacus</i>
Mammalia	tatu-canastra	<i>mussódjipi</i>	<i>Priodontes giganteus</i>
Mammalia	tatu-galinha	<i>mipi</i>	<i>Dasypus novemcinctus</i>
Mammalia	veado-campeiro	<i>madjavi</i>	<i>Ozotocerus bezoarticus</i>
Mammalia	veado-mateiro	<i>mudidedjavi</i>	<i>Mazama americana</i>
Reptilia	cágado	<i>mopaguga</i>	Quelonia
Reptilia	jabuti	<i>mopago</i>	<i>Testudo tabulata</i>
Reptilia	jacaré-do-pantanal	<i>micô</i>	<i>Caiman crocodilus yacare</i>
Reptilia	sinimbu	<i>miguaú</i>	<i>Iguana iguana</i>
Reptilia	sucuri	<i>micoari</i>	<i>Eunectes</i> spp.
Aves	aracuã	<i>micarra</i>	<i>Ortalis canicollis</i>
Aves	biguá	<i>mitovea</i>	<i>Phalacrocorax phalacrocorax</i>
Aves	biguatinga	<i>maé</i>	<i>Anhinga anhinga</i>
Aves	carão	<i>matô</i>	<i>Aramus guarauna</i>
Aves	frango-d'água	<i>maguato</i>	<i>Gallinula chloropus</i>
Aves	garça-branca	<i>micu</i>	<i>Casmerodius albus</i>

Aves	jaó	<i>mufadjarrô</i>	<i>Crypturellus undulatus</i>
Aves	jurití	<i>mabó</i>	<i>Leptotila verreauxi</i>
Aves	marreca	<i>magüempó</i>	<i>Dendrocygna spp.</i>
Aves	pato-do-mato	<i>mipótchi</i>	<i>Cairina moschata</i>
Aves	pomba-trocaz	<i>micu?</i>	<i>Columba picazuro</i>
Aves	rolinha	<i>mitô</i>	<i>Columbina spp.</i>
Aves	socozinho	<i>matchó</i>	<i>Butorides striatus</i>
Aves	socó-boi	<i>micuo</i>	<i>Tigrisoma lineatum</i>
Aves	tucano	<i>matogoié</i>	<i>Ramphastos toco</i>
Aves	tuiuiú	<i>marri</i>	<i>Jabiru mycteria</i>

Schmidt (1902) presenciou ainda o preparo de uma grande jibóia (*Boa constrictor*) caçada pelos Guató.

Dentre os mamíferos, nem todas as espécies são aparentemente apreciadas como alimentos, como por exemplo, a ariranha ou *magó* (*Pteronura brasiliensis*), lobo-guará ou *maquá* (*Chrysocyon brachyurus*), lobinho ou *mugutu* (*Speothos venaticus*), lontra ou *miô* (*Lutra longicaudis*), morcego ou *mufá* (Chiroptera) e tatu-cascudo ou *marracadu* (*Euphractus sexcintus*). A ariranha (*Pteronura brasiliensis*) e a lontra (*Lutra longicaudis*), embora não façam parte da dieta alimentar, são caçadas para a obtenção da pele. Dos répteis, as inúmeras serpentes que existem no pantanal, da mesma forma que a víbora-do-pantanal ou *macarro* (*Dracaena paraguayensis*), também não são exploradas. Outras inúmeras aves, como o caracará ou *macu* (*Polyborus plancus*) e o urubu ou *muangu* (Cathartidae), são igualmente desprezados.

Os motivos apresentados, para justificar o não consumo dessas espécies, são os mesmos apresentados para os peixes.

Sobre a utilização de insetos, como algumas espécies de larvas, não se dispõe de nenhuma informação, embora seja uma possibilidade.

Outra questão, no mínimo, surpreendente é a referência que os Guató fazem a mais duas

espécies de jacarés que eles encontram ou encontravam na região, e que utilizavam na alimentação. Isto porque na literatura examinada constatou-se a referência, quase que exclusivamente, à existência de uma única espécie, o jacaré-do-pantanal. As duas outras espécies descritas se enquadram nas características do jacaretinga (*Paleosuchus palpebrosus*) e do jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) que, segundo os próprios Guató, são menos frequentes que a espécie mais conhecida, e se encontram em nichos específicos, alguns próximos a morrarias.

A carne dos animais caçados é cozida com algum vegetal, preparada e servida da mesma maneira que preparam os peixes, algumas vezes com a própria pele. Segundo Schmidt (1942b) a maneira mais comum consiste em, primeiro, chauscar os pelos no fogo, depois retirar a pele e as vísceras para, em seguida, cortar a carne em pedaços que são colocados na panela. Os alimentos cozidos sempre ficam gordurosos, e é desse jeito que são apreciados. Para maior conservação, eventualmente, a carne pode ser moqueada em grelhas quadrangulares apoiadas em quatro varas com forquilhas fincadas no solo, ou em espetos fincados ao redor da fogão. O excesso da gordura da carne a ser moqueada é retirada, para que possa ser conservada por mais tempo e posteriormente ser cozida.

Aproveitam ainda a gordura de jacaré (*Caiman crocodilus yacare*) e de capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) para a conservação de suas canoas.

2.4.3 Coleta

A diversidade biológica da região favorece uma coleta diversificada de várias espécies florísticas, mel de abelhas melíferas, ovos de aves e répteis, e moluscos. Os dados aqui apresentados evidentemente são bastante fragmentários, pois não foram realizadas pesquisas exaustivas. São úteis para uma pequena elucidação e, fundamentalmente, para chamar à atenção dos especialistas para a

necessidade de se desenvolver estudos etnobiológicos na região.

As informações etnohistóricas sobre a exploração de algumas espécies florísticas pelos Guató, remontam à primeira metade do século XVIII. Campos (1862), Ferreira (1993 [1905]) e Florence (1948) relatam sobre o arroz-do-pantanal ou *matchamo* (*Oryza* sp.), colhido pelos Guató no período da cheia, quando amadurece. Castelnau (1949, p. 328) encontrou essa espécie de arroz nativo na Lagoa Uberaba, sendo identificada como *Oryza paraguayensis*; Schmidt (1951, p. 244) identifica equivocadamente como *Oryza sativa*; Métraux (1963b, p. 410-411) questiona se se trata de *Oryza sativa* ou *Oryza perennis*; e Susnik (1978, p. 17) identifica como *Oryza subulata*. Berg (1986, p. 132), pesquisadora junto ao Museu Paraense Emílio Goeldi, menciona a espécie *Oryza subulata*. No entanto, segundo informação verbal recebida do botânico Geraldo Alves D. Júnior, professor e pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na região do Pantanal Matogrossense ocorre uma única espécie de arroz nativo, a espécie *Oryza latifolia*.

O arroz-do-pantanal (*Oryza latifolia*) é de grande importância para a subsistência, e é coletado nos campos inundados e brejos, durante a cheia. Os Guató coletam o arroz em suas próprias canoas, sacudindo as “espigas” dentro delas que logo ficam cheias dos grãos (Florence, 1948, p. 130). Os grãos são secados ao sol por alguns dias, podendo ser sobre uma pele de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*). Depois de secos, são socados num pilão de madeira e depois torrados em vasilhas cerâmicas. Podem ser conservados por meses e sempre são cozidos em água para a ingestão.

A coleta desta espécie de arroz nativo, como está implícito em Labrador (1910, v. 1, p. 185), jesuíta do século XVIII, foi motivo de muitos conflitos com outros grupos inimigos e invasores, principalmente com os Payaguá.

Segundo Schmidt (1902, 1922 e 1942b), os Guató coletavam muitas espécies florísticas próximas das casas, especialmente frutas, mas menciona apenas as seguintes: acuri ou *mudjĩ*

(*Scheelea phalerata*), forno-d'água ou *miguata* (*Victoria amazonica*), e uma fruta chamada “sitobá” ou “*mats'i*” que talvez seja a espécie siputá (*Salacia elliptica*).

Uma das principais, senão a principal, espécie vegetal explorada é a palmácea acuri (*Scheelea phalerata*). Sua exploração constitui uma questão polêmica, pois para Schmidt (1912 e 1951) essa palmácea é plantada nos aterros pelos Guató, formulação esta reproduzida por Métraux (1963b). Mas em Schmidt (1922, p. 144) é feita a ressalva de que no continente americano a separação entre coleta e cultivo é muito difícil, e um exemplo típico são as próprias palmeiras acuri utilizadas pelos Guató que, na verdade, não são cultivadas, mas transplantadas de um local para outro.

Entende-se que a palmeira acuri não é uma espécie domesticada, isto é, sua reprodução não depende exclusivamente da intervenção do homem, como ocorre no caso do milho (*Zea mays*). Em alguns casos, a presença da palmácea nos aterros Guató pode estar realmente relacionada a uma influência antrópica direta. Os próprios Guató também explicam, assim como explicaram a Schmidt, que eles retiravam a acuri, ainda no início do seu desenvolvimento, de alguns lugares próximos dos aterros e ali a transplantavam. Mas explicam que seu desenvolvimento é lento, e somente após alguns anos se dá a frutificação.

Em concatenação com as idéias desenvolvidas por Posey (1987a e 1987b), pensa-se que a transplantação constitui um verdadeiro manejo do ambiente, uma forma de minimizar esforços para localizar as plantas de que necessitam. A transplantação se dá também em substituição às palmáceas que morreram devido à produção de uma bebida que é feita da seguinte forma:

“Cada família possuía o seu próprio depósito de palmeiras. Uma picada estreita e muito sinuosa nos guiava até lá. Prepara-se o acuri de tal maneira que as folhas maiores se dobram para baixo. Na base superior do tronco, escava-se, por meio de uma concha ou pedacinho de ferro, um orifício, onde se ajunta a seiva. A bebida leitosa e de bom sabor é servida no tronco por meio de um canudo. Dizem que pela manhã ela ainda é mais embriagadora do que à noite. Isto se explica pelo fato de, durante a noite, o

líquido completar a fermentação. Todo o dia é preciso consumir toda a produção, porque do contrario o resto no orifício apodreceria, prejudicando a árvore. Logo que o buraco é esvaziado, à noite, procede-se à nova escavação, pelo que fica sempre mais fundo. Cheguei a ver buracos de até 30 cm. de fundo. Logo que as chuvas se intensificam, cessa o habito de beber a tchitcha. Naturalmente as palmeiras, roubadas em sua seiva, acabavam morrendo” (Schmidt, 1942b, p. 122-123).

Além dessa bebida, que pode ser fermentada ou não, da referida palmácea eram utilizados na alimentação o palmito e a amêndoa de seus frutos, rica em óleo graxo. Segundo Conceição & Paula (1986) sua frutificação ocorre durante todo o ano, e seus cachos, com cerca de 1 m de comprimento, têm centenas de frutos.

A espécie forno-d'água ou *miguata* (*Victoria amazonica*) também frutifica na cheia. Seus frutos são torrados e depois socados em pilão de madeira ou esfregados com a mão para retirar a casca. Segundo Schmidt (1902 e 1942b) seus grãos são farinhentos e semelhantes ao milho.

Os Guató eventualmente também coletavam, para consumo imediato, os frutos das espécies florísticas relacionadas no quadro abaixo. Contudo, na região pantaneira, devido à sua diversidade florística, há várias outras espécies que poderiam ser aproveitadas, cujo levantamento requer uma pesquisa mais detalhada e específica.

NOME COMUM	NOME EM GUATÓ	NOME CIENTÍFICO
água-pomba	<i>mapô?</i>	<i>Melicoccus lepidopetalus</i>
bacupari	?	<i>Rhedia brasiliensis</i>
bocaiúva	<i>maguedji</i>	<i>Acrocomia aculeata</i>
caraguatá	?	<i>Bromelia balansae</i>
carandá	<i>mufã</i>	<i>Copernicia alba</i>
figueira	<i>mucá</i>	<i>Ficus</i> spp.
goiabinha	<i>miguá</i>	<i>Myrcia</i> spp.
jatobá	<i>mocu</i>	<i>Hymenaea</i> spp.
jenipapo	<i>mató</i>	<i>Genipa americana</i>
laranjinha	<i>macodjê</i>	<i>Pouteria glomerata</i>

maracujá	?	<i>Passiflora</i> spp.
tarumã	<i>madô</i>	<i>Vitex cymosa</i>
tucum	<i>magueto</i>	<i>Bactris glaucescens</i>
veludinho	<i>macariguá</i>	<i>Zizyphus oblongifolius</i>

Koslowsky (1895) informa sobre a coleta de ovos de jacaré-do-pantanal (*Caiman crocodilus yacare*) que eram acrescentados aos alimentos cozidos; e Schmidt (1942b) menciona ovos de sinimbu (*Eunectes notaeus*) e indica a coleta de mel de abelhas, o qual chamam de “mápagua”.

A coleta de moluscos é uma questão ainda por ser totalmente explicada. Segundo o Guató Pedro Gomes da Silva apenas a espécie *marrá* (*Pomacea canaliculata*) faz parte, ocasionalmente, da alimentação, pois é a que oferece maior quantidade de carne. Os moluscos são assados diretamente no fogo. Para a retirada do molusco de sua concha, é necessário cortar o músculo adutor que o prende na mesma, utilizando um espeto ou a ponta de uma flecha. Depois de assados são cozidos com algum vegetal coletado ou cultivado. As conchas também funcionavam como recipientes para beber líquidos.

2.4.4 Cultivo

Na documentação histórica, percebe-se que muitos cronistas, como Ferreira (1993 [1905]), são unânimes ao afirmar que os vegetais domesticados têm pouca importância na subsistência dos Guató.

As primeiras informações a este respeito provém de Florence:

“São mui pouco agricultores e não plantam senão algumas raízes e milho. Costumam apanhar os frutos de um grande bananal, que foi plantado à margem esquerda do São Lourenço por um antigo sertanista, e colhem o arroz bravo que cresce nos pantanais circunvizinhos” (Florence, 1948, p. 149).

Além do milho (*Zea mays*), Florence (1948, p. 156) menciona o cultivo de cará (Dioscoreácea)

e mandioca (*Manihot* spp.). Leverger (1862a) confirma as informações de Florence (1948) e acrescenta o cultivo de abóbora (Cucurbitácea) e banana (*Musa* spp.).

A banana (*Musa* spp.) deve ter sido introduzida no século XVIII pelos bandeirantes, conforme as informações do próprio Florence (1948). Entretanto, esta é uma questão que requer maiores pesquisas. O fato é que passou a ter grande importância entre os vegetais cultivados pelos Guató, sendo consumida ainda verde, geralmente cozida com alguma carne.

Koslowsky (1895) visitou uma pequena roça de milho (*Zea mays*), onde diariamente pela manhã os Guató colhiam algumas espigas, que eram assadas. No começo deste século, Monoyer (1905) observou algumas plantações de mandioca (*Manihot* spp.) e cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), esta última em decorrência do contato com a sociedade nacional. Nesse mesmo período Rondon (1949) diz ter observado vários vegetais cultivados nos aterros, mas só faz referência à banana (*Musa* spp.) e ao algodão (*Gossypium* spp.) que predominavam.

De acordo com Métraux (1963b), algumas manufaturas descritas por Schmidt (1942b), indicam o provável cultivo de algodão (*Gossypium* spp.), utilizado na tecelagem.

Os relatos orais confirmam ainda o cultivo de fumo (*Nicotiana tabacum*).

O cultivo poderia ser feito no início do período chuvoso, antes das famílias abandonarem temporariamente seus assentamentos mais fixos, com a chegada da cheia. Poderiam abrir as covas onde seriam plantados os vegetais com o auxílio de um pau de cavouco.

Pelo pouco que se sabe sobre o cultivo entre os Guató, não é possível afirmar aprioristicamente que seja uma atividade menos importante que a pesca, a caça e a coleta, pois como bem diz Sauer (1987, p. 59): “*O acervo de plantas cultivadas pelos povos das Américas é um dos aspectos mais importantes, mais difíceis e menos conhecidos de sua cultura*”.

2.5 CULTURA MATERIAL

O objetivo deste item é apresentar uma descrição dos artefatos utilizados nas atividades de subsistência e de uso doméstico, através da organização e sistematização dos dados contidos na literatura etnológica. É uma tentativa de aproximação da cultura material reproduzida no cotidiano do grupo.

Para este propósito, foram indispensáveis os estudos realizados por Schmidt (1942b), que compreendem os mais importantes sobre a cultura material Guató.

Através de relatos orais, também foi possível resgatar alguns elementos da cultura material, especialmente da manufatura cerâmica. Esta possibilidade de pesquisa se justifica e se faz necessária à medida em que se entende a cultura material não somente como a codificação da forma física do artefato, mas também como uma codificação existente na mente do artesão (Newton, 1987). Outra possibilidade é estudar as coleções etnográficas que se encontram em museus, em sua maioria no exterior, e cuja relação consta em Dorta (1992). Faz-se necessário verificar, por exemplo, quais dos diversos materiais ergológicos coletados por Max Schmidt ainda existem no Museu Etnológico de Berlim, na Alemanha, pois, conforme Dorta (1992, p. 506), o referido museu perdeu parte de suas coleções etnográficas durante a Segunda Guerra Mundial.

A abordagem de vários elementos da cultura material foi realizada com base em Ribeiro (1988) e nos artigos publicados na **Suma etnológica brasileira** (Ribeiro, 1987a, v. 2). Aqui ficam de fora os artefatos que não se enquadram na categoria de equipamento de subsistência e de uso doméstico e de trabalho; como por exemplo, adornos e instrumentos musicais.

2.5.1 Equipamento de Subsistência

O equipamento de subsistência aqui apresentado, restringe-se aos artefatos utilizados diretamente na obtenção de alimentos, e está baseado principalmente no trabalho de Schmidt (1942b). A produção desses artefatos é, em geral, uma atividade masculina.

2.5.1.1 Arcos

Ribeiro (1988) define arco da seguinte maneira:

“Arma com a qual se atiram flechas. É constituída de uma ripa de madeira, recurvada por desbastamento e pela ação do calor, sendo provida de corda. Entre os grupos indígenas do Brasil, encontram-se unicamente arcos simples (em oposição aos compostos), isto é, de um único segmento curvo de madeira flexível” (Ribeiro, 1988, p. 216).

O arco Guató ou *magatcha*, muito bem descrito por Schmidt (1942b), é utilizado nas atividades de caça e pesca, e também em guerras. Pode ser classificado, segundo o corte transversal, como “arco circular”, isto é, arco *“cuja secção reta transversal na altura da empunhadura apresenta forma circular”* (Ribeiro, 1988, p. 216). É feito exclusivamente da madeira da palmeira carandá (*Copernicia alba*), como bem diz o Guató Pedro Gomes da Silva ou *Gatu*: *“Nós, os Guató, só de carandá”*.

Em regra, o tamanho do arco é superior ao de seu dono, geralmente medindo de 2 m a 2,25 m de comprimento e 3,5 cm de largura, conforme as informações de Figuêiredo (1939), Leverger (1862a), Koslowsky (1895) e Schmidt (1942b).

Koslowsky (1895) em 1894 observou um jovem Guató fabricar um arco em poucas horas, com

o auxílio de um facão para o desbastamento da madeira até seu acabamento final. Em tempos mais remotos deveria ser confeccionado com outros materiais, inclusive, líticos. Após o acabamento da madeira o arco é lubrificado com resina de jatobá (*Hymenaea* spp.) ou cera de abelha, e depois revestido com tiras de imbê (*Philodendron imbe*) para evitar rachaduras, permanecendo descoberto apenas os ombros.

Os ombros não possuem nenhum remate especial, e neles a corda ou “*mats'aagátir*” é amarrada com nós simples. Para evitar que a corda possa escorregar para o meio, é feito nos ombros do arco um anel grosso feito da própria tira de imbê (Schmidt, 1942b, p. 147-148).

De acordo com os relatos orais e com os dados disponíveis em Castelnau (1949), Koslowsky (1895) e Schmidt (1942b), a corda é feita com fibras longas de tucum (*Bactris glaucescens*). Menos freqüentemente pode ser feita de fibra de raiz de figueira (*Ficus* spp.) ou tripa de bugio (*Alouatta caraya*). As cordas poderiam ser enceradas com cera de abelha.

A manufatura das cordas de fibras vegetais é uma atividade feminina e absorve muito tempo (Koslowsky, 1895, p. 19).

A corda de tripa de bugio é feita da seguinte maneira: uma das extremidades é amarrada num galho de árvore, e na outra é necessário amarrar uma espécie de pêndulo, que pode ser qualquer pedra de certo peso; o objetivo é esticar a tripa e torcê-la gradativamente durante sua secagem, até adquirir aspecto de corda.

A distensão do arco exige bastante força, e é necessário usar um protetor ou ligadura de pulso, tecido com fibras de algodão, para maior proteção contra o impacto da corda.

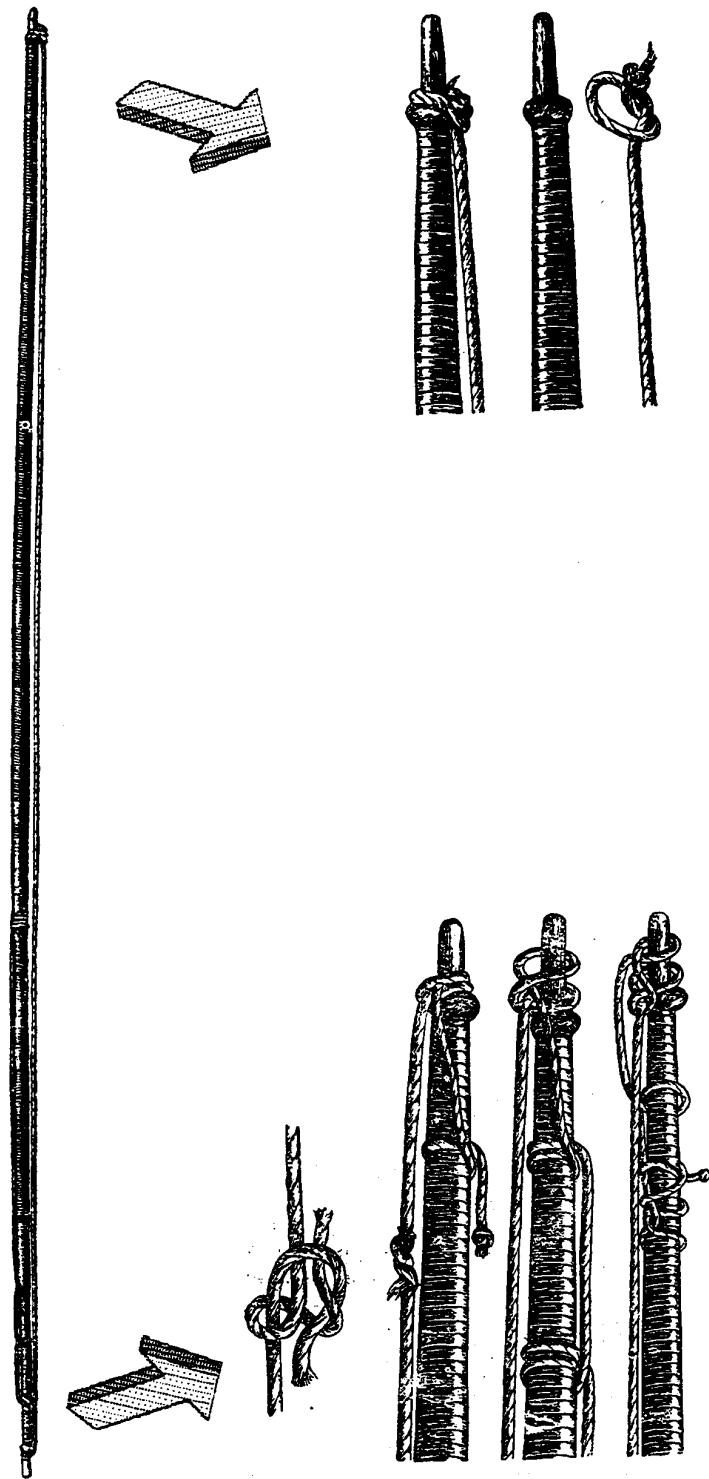


FIGURA 34: Arco Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

Arcos infantis também eram utilizados; seu tamanho deve ser proporcional ao da criança.

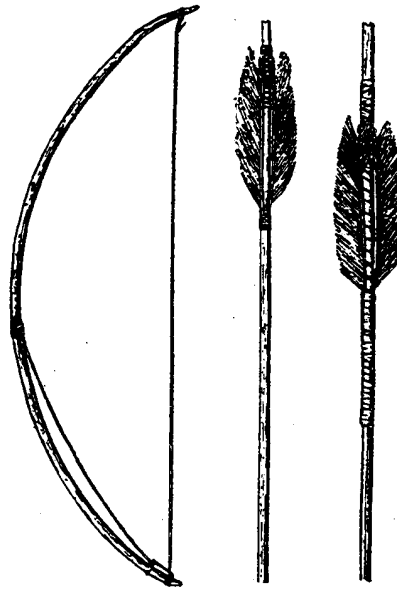


FIGURA 35: Arco e flechas infantis Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

2.5.1.2 Flechas

São armas perfurantes usadas como projétil do arco (Ribeiro, 1988, p. 224). Constituem artefatos mais complexos que os arcos, e o tipo de ponta utilizada é a principal base para uma classificação funcional (Chiara, 1987; Métraux, 1987). Neste trabalho utilizou-se basicamente a nomenclatura proposta por Chiara (1987).

Schmidt (1942b, p. 147-160) divide as flechas ou *matchê* em duas categorias básicas, conforme a madeira empregada para a aste: as de “cambaiúva” ou canaúva (Gramínea) que são as mais utilizadas devido a dois motivos - por ser uma madeira mais resistente e por ser mais fácil de ser trabalhada; e as de ubá, identificada por Schmidt (1951, p. 245) como *Ginerium parviflorum*, que são menos resistentes e requerem maior trabalho na sua elaboração.

O autor classifica seis tipos ou grupos básicos de flechas, levando em conta a forma e a utilização das pontas. Estão representadas, em sua quase totalidade, por flechas de ubá (*Gynerium parviflorum*) que Schmidt (1942b) conseguiu adquirir junto aos Guató. De maneira geral, os diferentes tipos de flechas possuem em média de 1,60 a 2 m de comprimento.

O *primeiro grupo* está representado por flechas cujas pontas são as próprias varetas de madeira. A forma é pontiaguda aguçada, e são utilizadas basicamente para exercícios de tiro ao arco.



FIGURA 36: Flecha do *primeiro grupo* (Fonte: Schmidt, 1942b).

O *segundo grupo* corresponde a flechas de pontas pontiagudas farpadas em madeira, de pouca importância, e raramente utilizadas para pescar.

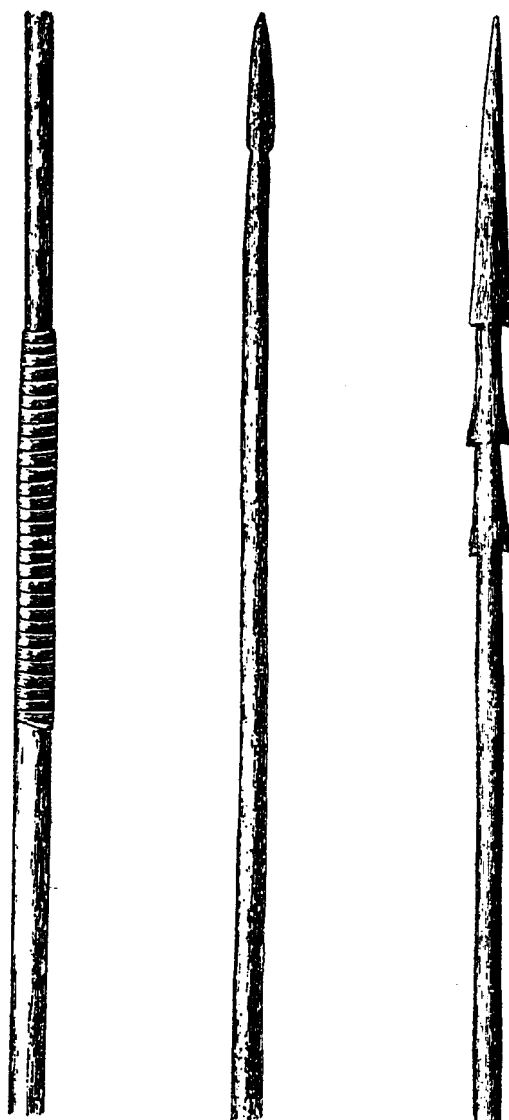


FIGURA 37: Flechas do *segundo grupo* (Fonte: Schmidt, 1942b).

O *terceiro grupo* compreende flechas de pontas rombudas, ou “*tauats'i*”, do tipo vareta talhada, utilizadas geralmente pelos mais jovens na caça de pássaros ou para derrubar frutos das árvores. Em Schmidt (1942b) há a descrição de uma única flecha de “*cambaiúva*” (Gramínea), de ponta rombuda.

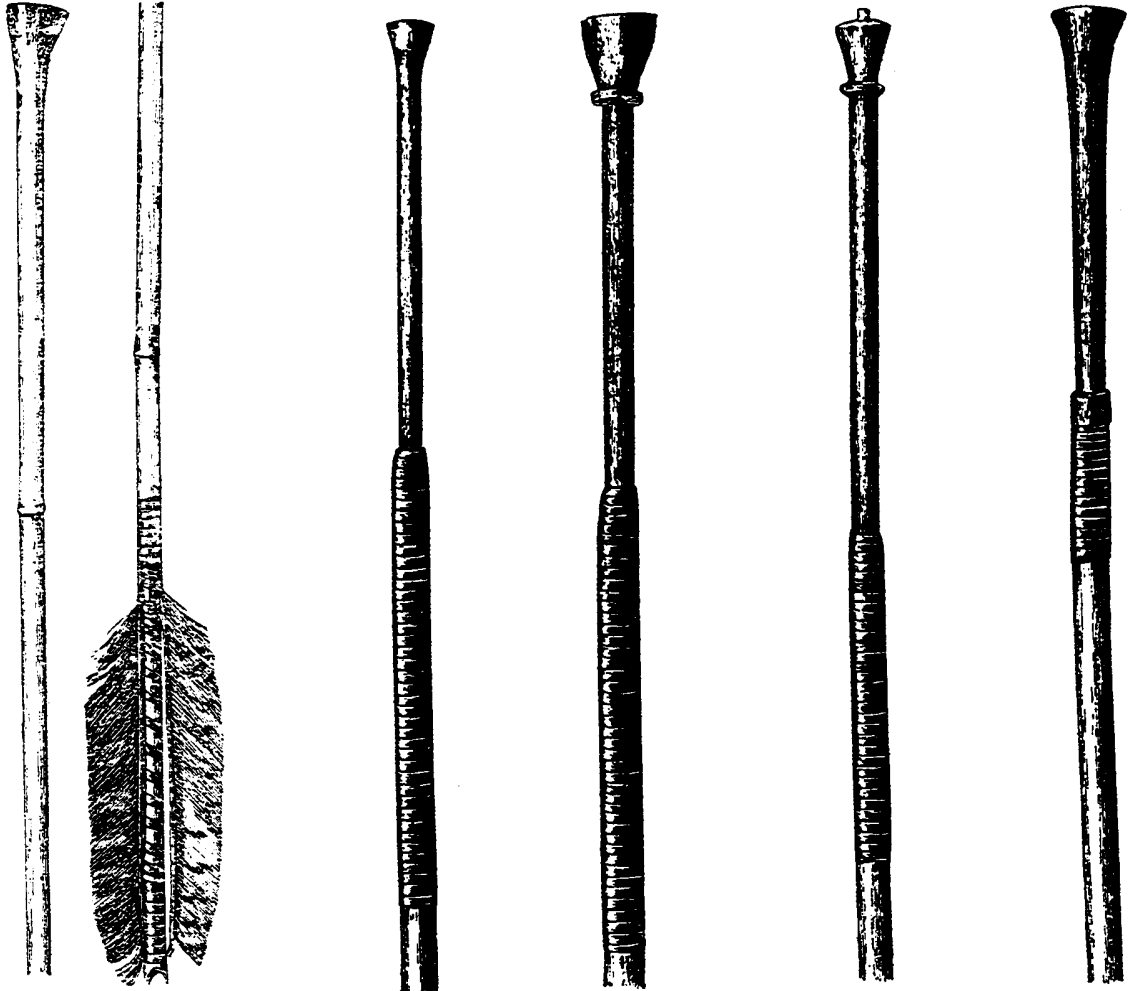


FIGURA 38: Flechas do *terceiro grupo* (Fonte: Schmidt, 1942b).

Obs.: A primeira ponta da esquerda é feita de “cambaiúva”.

O *quarto grupo* está representado por flechas de pontas lanceoladas de taquara, com encaixe, geralmente sulcadas e com ombros, chamadas de “*mandauts'í*”. Destinam-se à caça de grandes animais como onça-pintada (*Panthera onca*) e cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*).

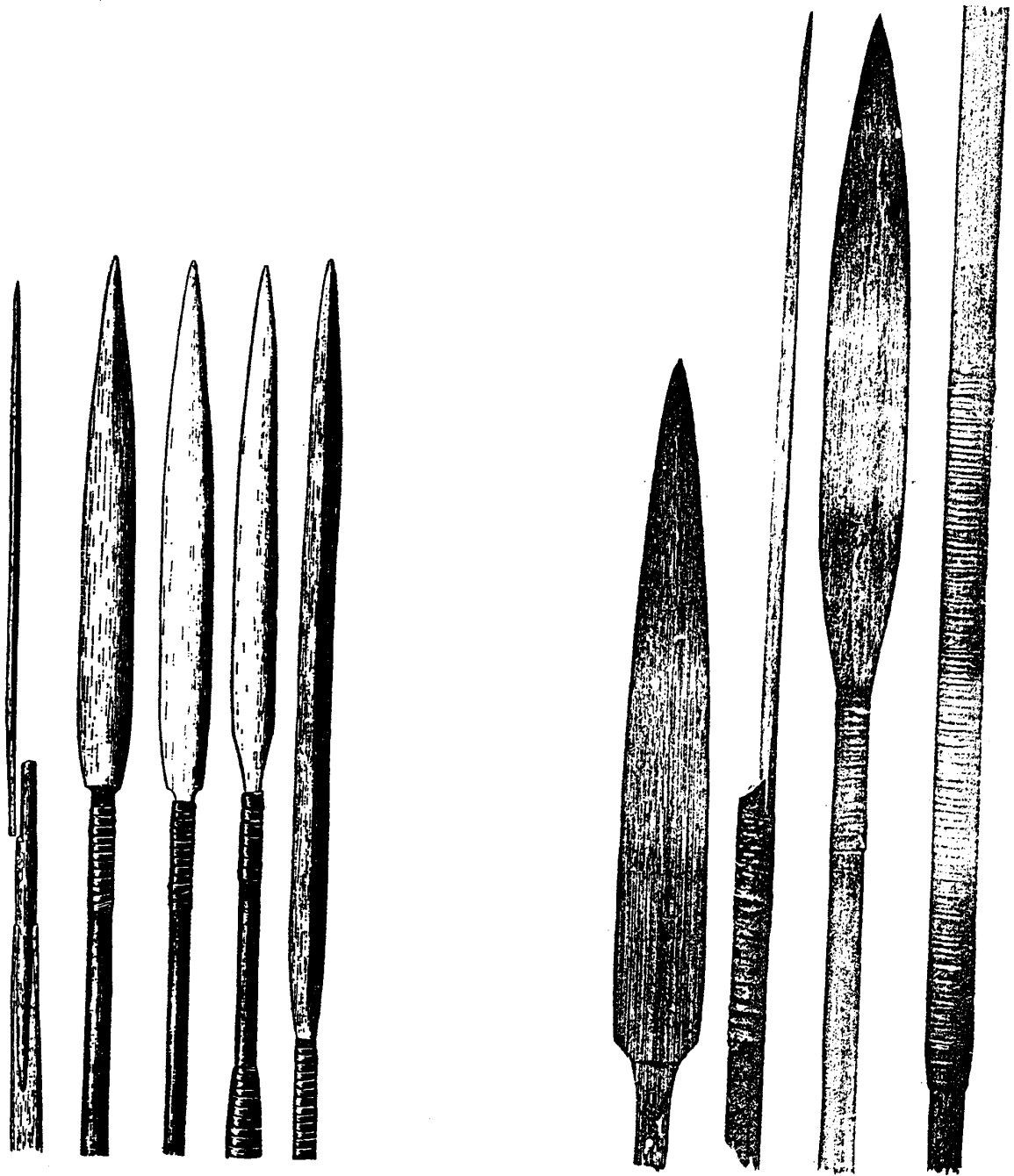


FIGURA 39: Flechas do *quarto grupo* (Fonte: Koslowsky, 1895; Schmidt, 1942b).

O *quinto grupo* corresponde a flechas de pontas de osso com ombros e encaixe ou “*mandápi*”, utilizadas para caçar pequenos animais e, principalmente, para pescar. As pontas poderiam ser feitas de ossos de mamíferos e répteis; como por exemplo, de rádio de jacaré (*Caiman crocodilus yacare*) e bugio (*Alouatta caraya*). Nas gravuras de Florence, as quais foram apresentadas anteriormente, também estão representadas várias flechas desse tipo.

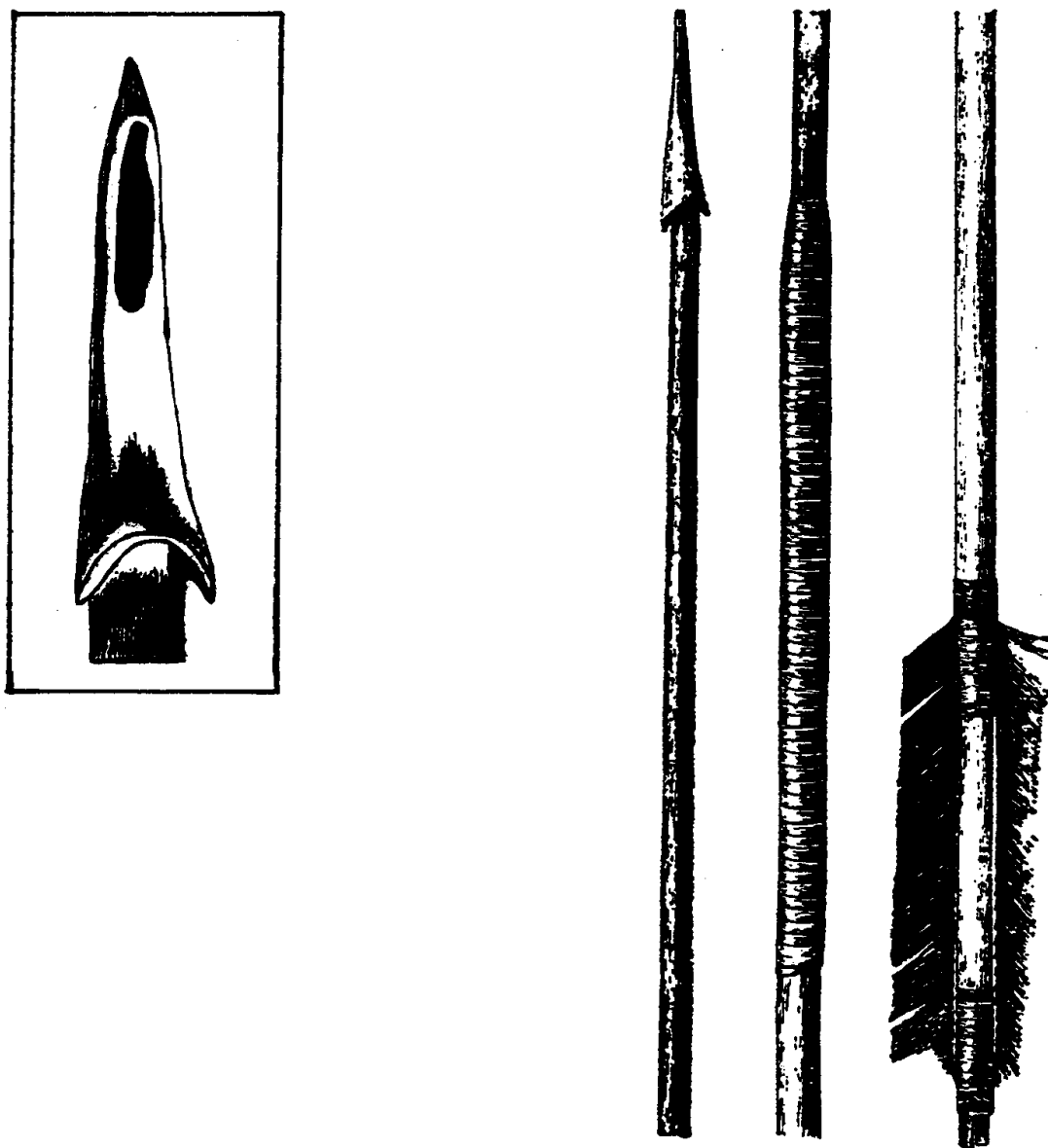


FIGURA 40: Flechas do *quinto grupo* (Fonte: Koslowsky, 1895; Schmidt, 1942b).

Koslowsky observou a fabricação de flechas de pontas de osso e apresenta as seguintes informações:

“Las flechas que hizo el indio, despues de haber concluido el arco, eran compuestas de las siguientes materias: para las astas empleó los pedículos de una caña, poco resistente, que crece en las orillas bajas del río, y que se recomienda por su ligereza, y para cuya construcion cortó trozos de un metro hasta metro y medio de largo, al que se ajusta, por medio de tiras de dicha corteza, una pequeña astilla delgada de cuarenta y cinco centímetros de largo en una de cuyas extremidades se pegan las puntas, que son de hueso, hechas del radio del yacaré, el que, cortado de siete centímetros de largo, se une con la resina del árbol «yatubá». Estas flechas son de dos metros mas ó menos de largo y tienen dos plumas fuertes atadas en la parte basal con hilo de algodón, que enceran en parte, formando anillos alternativos de color blanco y negro” (Koslowsky, 1895, p. 20).

A resina de jatobá (*Hymenaea* spp.) não é o único adesivo utilizado, pois as pontas de osso geralmente eram fixadas nas varetas com uma cola feita de bexiga natatória de peixes, já mencionada, mas não descrita, desde os tempos de Castelnau (1949). É chamada de “*madóko*” (Schmidt, 1942b, p. 227). O processo de fabricação da cola consiste em cozinhar bexigas natatórias de peixes em certa quantidade de água até dissolvê-las, formando um grude. Antes, porém, do cozimento, é preciso esfregá-las com as mãos em água durante algum tempo, para facilitar sua dissolução.

O *sexto grupo*, e último, compreende flechas com pontas de arpão em osso ou “*mats'áabaga*”, especialmente destinadas à pesca. A ponta é presa numa espiga com várias farpas que é encaixada frouxamente na parte superior da vareta, e ligada à haste por uma corda de fibras de *magueto* (*Bactris glaucescens*), chamada “*eits'áegeri*”. Ao atingir o peixe a ponta se desprende da vareta, permanecendo presa apenas na haste que funciona como um flutuador.

Segundo os relatos orais, as pontas ósseas eram trabalhadas com pequenos alisadores de arenito, que poderiam ser facilmente transportados nas viagens.

As varetas são fixadas nas hastes por encaixe e depois amarradas no ponto da junção. Para a amarração pode ser utilizado imbê (*Philodendron imbe*).

Quanto à emplumação, percebe-se em Florence (1948), Koslowsky (1895) e Schmidt (1942b), apenas o tipo radial ou paralela, arredondada e em paralelograma, atada nas duas extremidades distais com uma corda de fibras de algodão. As penas podem ser inteiras, recortadas em uma de suas partes longitudinais, formando um bordo serrilhado, ou talvez divididas em duas partes.

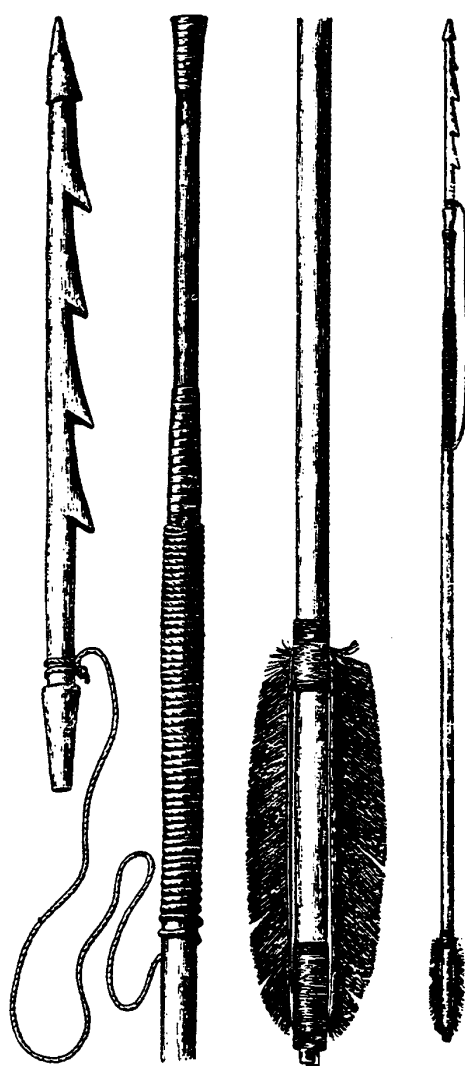


FIGURA 41: Flecha do *sexto grupo* (Fonte: Schmidt, 1942b).

Schmidt (1942b) observou que a extremidade do encaixe da flecha é composta de três palitos introduzidos na haste, o que não é comum nas flechas fabricadas por outros grupos.

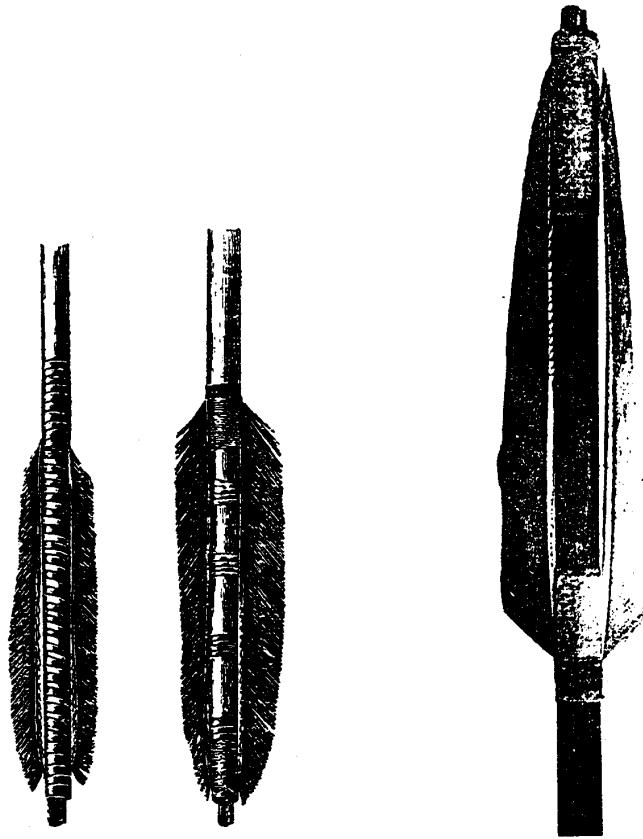


FIGURA 42: Emplumação das flechas Guató (Fonte: Koslowsky; 1895; Schmidt, 1942b).

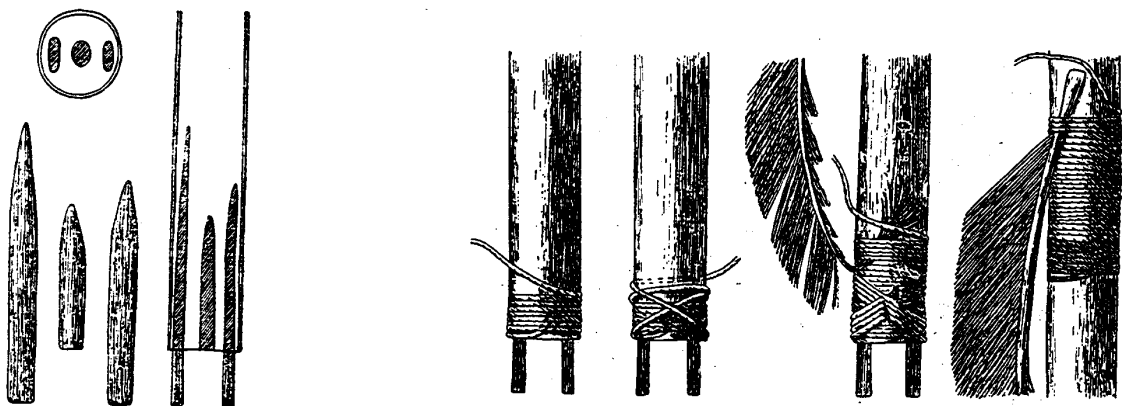


FIGURA 43: Extremidade do encaixe das flechas Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

2.5.1.3 Bodoques

Define Ribeiro (1988, p. 218): “*O bodoque é uma combinação de funda e arco servindo para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, colocadas em um invólucro de pano entre as cordas do arco*”.

A introdução do bodoque na América do Sul é considerada como pós-colombiana, devido à semelhança com os bodoques hindus. Supõe-se ter sido difundido pelos portugueses que mantiveram comércio com a Índia (Métraux, 1987, p. 149).

Entre os Guató, as informações sobre o uso do bodoque são restritas a Schmidt (1942b), o que faz pensar na possibilidade de ser um artefato introduzido ao longo do contato com a sociedade nacional, pois nos relatos e descrições etnográficas do século XIX não foi encontrado nenhuma referência sobre esse artefato.

Os bodoques ou “*madogopiinu*” são usados principalmente pelas crianças para caçar pássaros, e possuem pouca importância na subsistência do grupo. As bolas de barro, chamadas de “*madogapino*”, são levemente queimadas ao fogo. Em linhas gerais, consiste numa madeira diferente da usada na confecção dos arcos, mais larga, com corda de fibra de tucum (*bactris glaucescens*) ou algodão (*Gossypium* spp.), cujos detalhes podem ser observados na figura que segue.

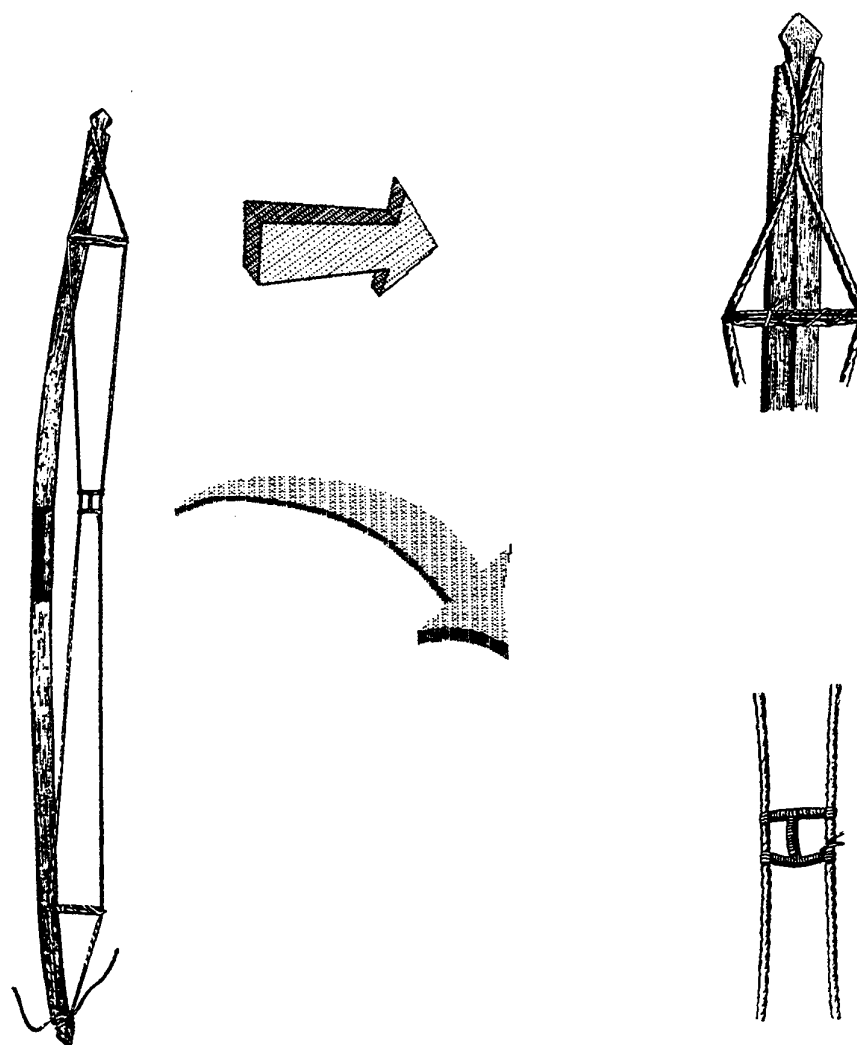


FIGURA 44: Bodoque Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

2.5.1.4 Zagaias

É uma lança curta, também conhecida como azagaia, utilizada para caçar grandes mamíferos e répteis, mencionada em Castelnau (1949), Florence (1948) e Leverger (1862a); e descrita por Koslowsky (1895) e Schmidt (1902 e 1942b) que, por sua vez, a menciona como “*madzúr*”.

Pode ser arremessada ou, no caso das onças, cravada a curta distância quando o animal salta sobre o caçador e, por isso, deve ser feita com madeira de cerne resistente. É muito utilizada para

caçar grandes mamíferos quando esses estão dentro d'água, e também para caçar jacaré (*Caiman crocodilus yacare*). Leverger (1862a, p. 216-217) informa que às vezes a zagaia é usada até para matar peixes.

Koslowsky (1895) conseguiu uma zagaia que media 1,5 m de comprimento e 8 ou 10 cm de largura, cuja ponteira era de fêmur de onça e forma lanceolada. Florence (1948) menciona o uso de ponteira de osso de jacaré (*Caiman crocodilus yacare*) e, já naquela época, utilizavam também ponta de metal conseguida por troca com os brasileiros.

Schmidt (1942b, p. 146) explica que jamais “*um homem guató se afasta da sua casa sem levar sobre os ombros a sua comprida lança (madzúr)*”. O autor também encontrou zagaias de pontas de metal e de osso.

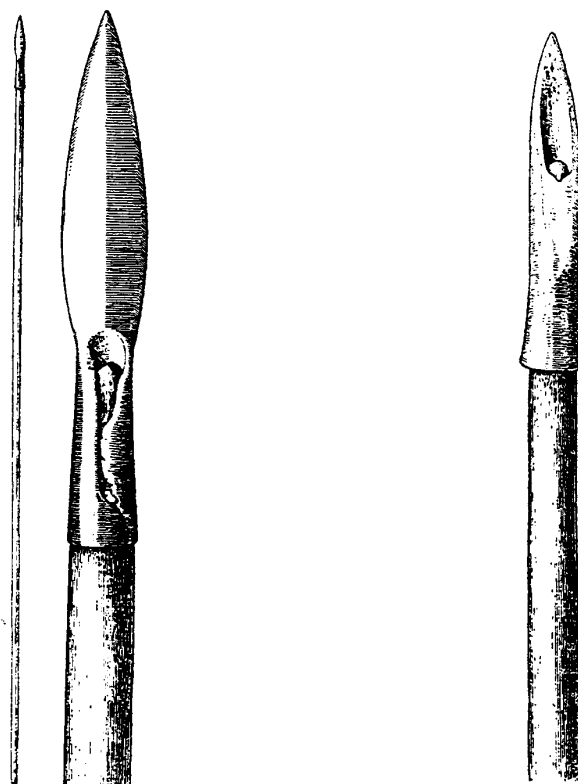


FIGURA 45: Zagaias Guató com ponteiros de metal e de osso (Fonte: Schmidt, 1942b).

2.5.1.5 Canoas, remos e zingas

“... e passam o dia nas suas canoas que eles mesmos fabricam com bastante perfeição e são pequenas e velozes; multiplicam o numero delas na proporção dos membros da familia, e como são polígamos, não é raro ver um Guató com 5 ou 6 canoas cheias de suas mulheres, e mesmo alguns contentam-se com uma” (Ferreira, 1993 [1905], p. 84-85).

A canoa monóxila ou *manum* é o principal meio de transporte para os Guató, principalmente na cheia, a tal ponto que as pernas dos homens são pouco desenvolvidas e arqueadas para dentro, enquanto o tronco permanece notadamente mais desenvolvido por causa da atividade de remar.

Moure (1862, p. 32) relata que muitas vezes as famílias passam a noite em suas próprias canoas, que são fabricadas com uma rara perfeição, e possuem notável elegância e rapidez. A mulher é responsável por governá-la, permanecendo na popa. Quando toda a família está embarcada, a borda da canoa fica alguns centímetros acima d'água, o que não impede o uso do arco e flecha para pescar e caçar (Florence, 1948).

O processo de fabricação da canoa implica na escolha da madeira apropriada, que deve ser mole, leve e flutuante, geralmente cambará (*Vochysia divergens*). Segundo Conceição & Paula (1986, p. 111) essa espécie atinge de 6 a 8 m de altura.

A derrubada da árvore deve ter sido feita no passado com o auxílio de machado com lâmina feita de material lítico. Figuiêredo (1939) explica que canoa é do tipo “ubá”, escavada com fogo à beira d'água até adquirir a forma almejada. O uso do machado deveria ser decisivo no acabamento final.

Observam-se nas ilustrações de Ayala & Simon (1914), Florence (1948) e Schmidt (1914 e 1942b), canoas com aproximadamente 5 m de comprimento. O comprimento das canoas depende do

tamanho do tronco trabalhado.



FIGURA 46: Família Guató em sua canoa pintada por Hércules Florence (1948).

A proa ou “*eopígagá*” possui forma cônica, e a popa ou “*hihe*” é mais larga para servir de assento (Schmidt, 1942b, p. 138 e 221).

Para uma melhor conservação da canoa contra a ação da água ou de brocas (insetos), quando necessário, deve-se retirá-la da água, erguê-la em estruturas de madeira para, em seguida, atear fogo por baixo, retirando a água que penetra nos poros da madeira. A impermeabilização era feita através do processo de defumação da canoa, lubrificando-a concomitantemente com gordura animal, geralmente retirada de capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) ou jacaré (*Caiman crocodilus yacare*).

Os remos ou *macum* normalmente são feitos de caneleira (*Ocotea* spp.), também conhecida na região pela sinonímia de “loro”. Koslowsly (1895) menciona que o tamanho dos remos pode variar, mas os mais usados possuem pás lanceoladas que medem 70 cm de comprimento por 26,5 cm de largura. Schmidt (1942b, p. 138) menciona remos grandes com 2,5 m e remos infantis com 84 cm de comprimento.

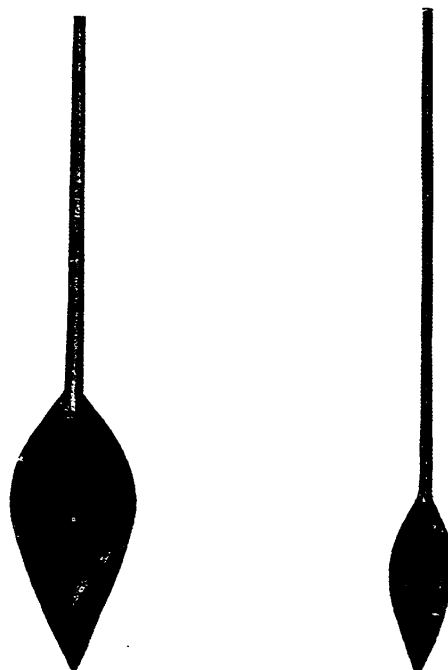


FIGURA 47: Remo infantil e remo adulto Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

A zinga ou “*madyuada*”, por sua vez, é uma vara comprida usada na propulsão da canoa em lugares pouco profundos, feita de caneleira (*Ocotea* spp.). Segue sua descrição:

“A longa vara que impulsiona o bote (em brasileiro: «zinga») termina em ponta na extremidade inferior ou, o que é o comum, ela possui uma disposição especial que a adapta às necessidades da região. É que todas essas vias fluviais são recheadas de plantas aquáticas em confusão, através das quais, muitas vezes, se torna difícil a passagem do bote. Assim, para vencer a resistência desses obstáculos, os índios introduziram na vara em

baixo uma espécie de garfo de madeira que permite segurar melhor os arbustos no caminho havendo mais firmeza no momento de impulsionar a embarcação. Este garfo (...) tem dois pedaços de pau amarrados de modo tal que a extremidade pontuda da vara forma o terceiro dente no centro. A vara propriamente, (...), da «zinga» tem o comprimento de 4 metros, ao passo que o garfo em baixo só se estende até 12 centímetros” (Schmidt, 1942b, p. 139-140).

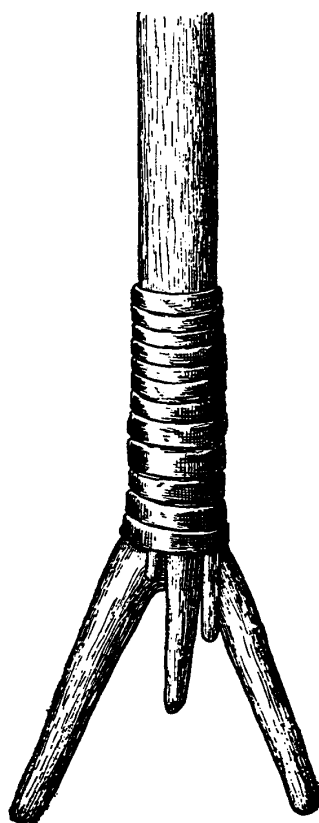


FIGURA 48: Extremidade da zinga Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

Schmidt (1914, p. 271) observou ainda uma zinga com ponta feita de dente de onça-pintada (*Panthera onca*), que possuía duas finalidades, empurrar a canoa no meio da vegetação e ser usada como zagaia.

2.5.1.6 Artefatos líticos

As informações contidas na documentação escrita sobre a utilização de artefatos líticos entre os Guató, são escassas e restritas a algumas poucas referências feitas por Schmidt (1902, 1912, 1914, 1940a, 1942b e 1951). Contudo, a utilização de diversos artefatos, principalmente os de madeira, indica que a indústria lítica Guató é bem maior do que os dados ora apresentados.

A matéria-prima para a indústria lítica é encontrada num lugar chamado “*vaígukuárigaku*” ou “pedreira”, palavra registrada em Schmidt (1942b, p. 223). Os “*vaígukuárigaku*” são lugares onde há afloramentos rochosos, ou seja, as áreas de morrarias que ocorrem na planície pantaneira.

Schmidt (1902 e 1942b) descreve um “malhador de pedra” ou “*mátaha*” que é encontrado em grande quantidade nas proximidades das casas, e que serve para quebrar os frutos da acuri (*Scheelea phalerata*) e de outras palmáceas. Trata-se de um interessante artefato:

“O único utensílio de pedra dos guató é o malhador para partir caroços de palmeira, principalmente o da acuri. Chego a chamar de «utensílio» a essas pedras rudes, porque com o uso elas adquirem forma; assim, ao colocar-se uma pedra para suporte e outra (...) para malhar nela os caroços, o manejo constante acaba por lhes dar uma forma côncava, evitando que os grãos pulem longe, obtendo-se assim, um verdadeiro utensílio. Quanto mais usado mais perfeito fica. O importante é que, durante o manejo certo de ambas as pedras, elas adquiram uma concavidade idêntica. É claro que na pedra que oferece dois ou mais lados por onde se possa malhar, as escavações vão se formando nessas superfícies à proporção que são utilizadas. Encontram-se esses malhadores em maiores quantidades junto às casas ou aos pontos de maior movimento, sob as palmeiras” (Schmidt, 1942b, p. 169-171).

O material descrito é um verdadeiro “quebra-coquinho”, chamado de “*mátaha*”, cuja matéria-prima devem ser seixos. A depressão descrita por Schmidt (1942b) é formada a partir do uso do seixo, por picoteamento, e pode existir em ambos os lados do artefato. O autor chama a atenção para uma área de atividade próxima da casa, onde se encontram os quebra-coquinhos. Isto significa

que, em escavações arqueológicas meticolosas, além das estruturas de habitação, é possível evidenciar este tipo de artefato lítico que pode ser indicador de uma área de atividade, o local onde se quebra cocos de palmáceas.

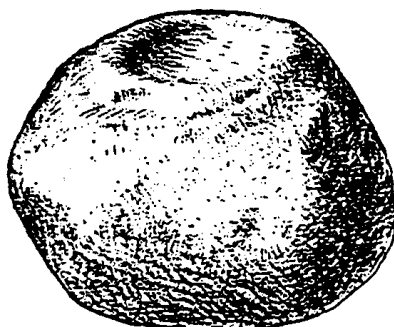


FIGURA 49: “Quebra-coquinho” utilizado pelos Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

Em outra publicação Schmidt (1940a) relata que encontrou um quebra-coquinho junto à casa do Guató João Cotó, situada no canal D. Pedro II (na Ilha Ínsua), e apresenta a seguinte descrição:

“... es un utensilio para golpear, fabricado de una piedra, de color gris, que muestra en su superficie seis cavidades redondas de forma de tales cuales son producidas por abrir de golpe las frutas de palmeros. De estas cavidades una está al lado superior, dos están al lado inferior y una a cada uno de tres lados laterales ... El otro utensilio de piedra, de forma global, se asemeja a un ejemplar que he hallado, antes, al pié del Morro de Caracará, junto a los grabados rupestres” (Schmidt, 1940a, p. 60).

Nas escavações dos dois aterros localizados na região do Caracará, Schmidt (1914) encontrou os seguintes materiais, todos associados a sepultamentos: quebra-coquinho com marcas de picoteamento, lâmina-de-machado lítica com garganta e marcas de percussão, mão-de-mó, alisador portátil em arenito e com marcas de polimento, uma lasca, um fragmento de hematita e líticos fragmentados não identificados.

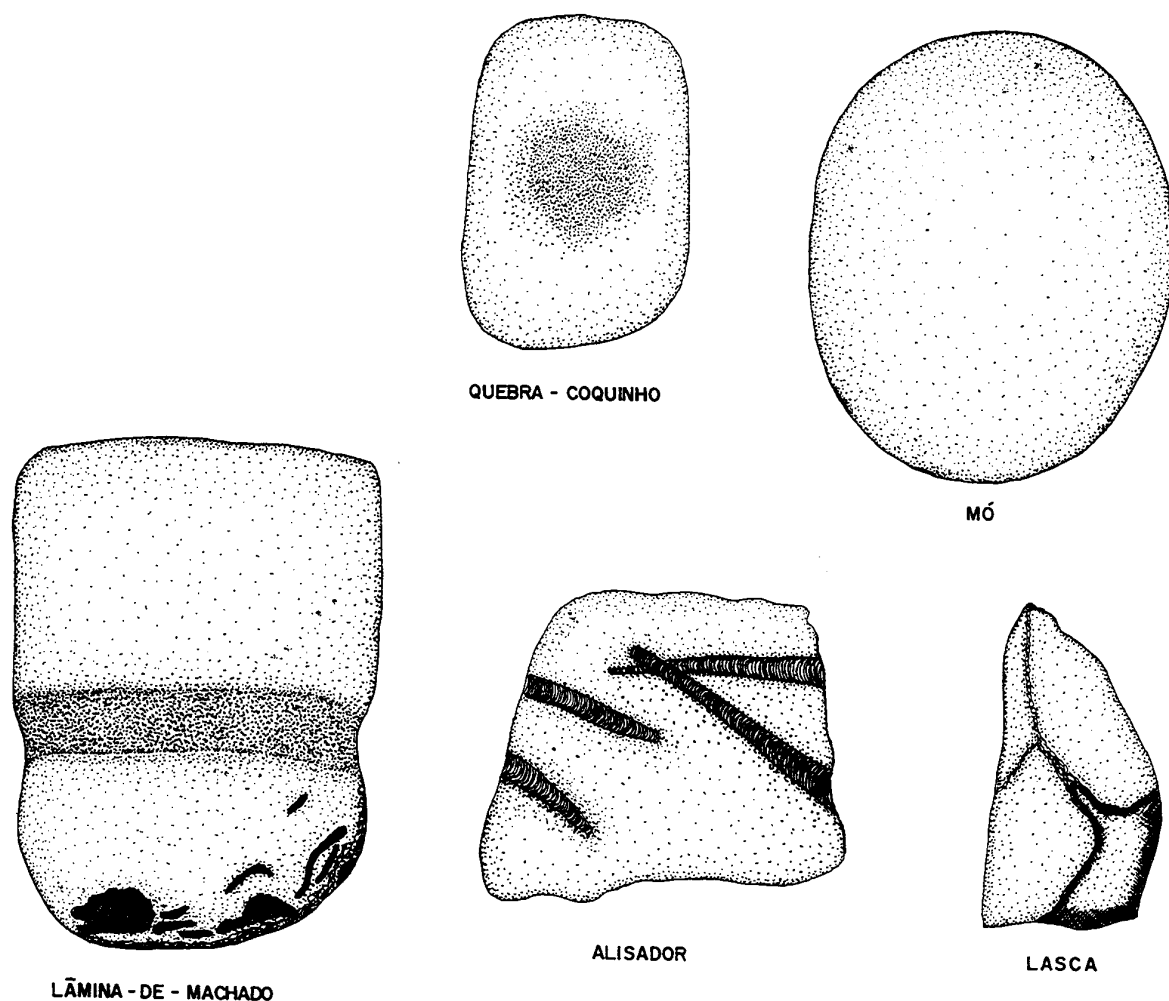


FIGURA 50: Material lítico encontrado em aterros Guató (redesenhado de Schmidt, 1914).

Os relatos orais confirmam o uso de quebra-coquinhos na extração da amêndoa do fruto da acuri (*Scheelea phalerata*), e de alisadores portáteis de arenito na manufatura das pontas ósseas para flechas e zagaias. A matéria-prima era obtida nas morrarias próximas aos assentamentos.

Machados com lâmina lítica também eram utilizados, ao que se sabe, até a primeira metade do século XIX, pois no Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo, na Rússia, há um exemplar que foi adquirido pela expedição Langsdorff (Dorta, 1992, p. 503).

2.5.1.7 Armadilhas para caçar

Sobre as armadilhas não há quaisquer dados na literatura, porém as informações orais recebidas comprovam a utilização de armadilhas de aprisionamento por enlaçamento para a caça de pequenos mamíferos, como a preá (*Cavea aperea*), e o uso de armadilhas de aprisionamento que funcionam com a força da gravidade para a caça de pequenas aves, como a juriti (*Leptotila verreauxi*).

3.5.1.8 Outros

Existem poucas referências e descrições sobre outros artefatos utilizados pelos Guató. Utilizavam pau de cavouco para abrir as covas onde seriam plantados os vegetais, e um porrete ou “maragueu” de madeira resistente, com 50 cm, para dar na cabeça do peixe que era pescado.

Palácio (1984, p. 141) registrou ainda a palavra “ótoçoce” equivalente a “zarabatana”, que será objeto de pesquisas futuras.

2.5.2 Equipamento de uso doméstico e de trabalho

Sobre o equipamento de uso doméstico e de trabalho explica Velthem (1987):

“O item «equipamento doméstico e de trabalho» compreende elementos descritos nas várias categorias em que, tradicionalmente, se divide a cultura material de grupos tribais: trançados, tecelagem, cerâmica, trabalhos em madeira e outros. Neste sentido, ele não deve ser entendido como uma categoria específica, da mesma natureza das acima citadas; ou seja, um conjunto de artefatos caracterizados pela matéria-prima e a técnica de manufatura. No presente trabalho utiliza-se um artifício de sistematização de dados, cujo critério classificatório único é a funcionalidade: o conjunto de utensílios que guarnece a casa indígena. Em virtude disso, o repertório de artefatos que o integra se caracteriza por

grande diversidade e complexidade, detectável não apenas em relação aos grupos tribais, como também em diferentes aldeias de uma mesma tribo e, ainda, de uma a outra casa” (Velthem, 1987, p. 95).

Apesar de concordar com a autora, ressalva-se que neste primeiro momento será apresentado o equipamento doméstico e de trabalho Guató a partir da matéria-prima utilizada. Isto porque, em princípio, o objetivo maior é abordar a questão da cerâmica Guató, pois esta pode ser encontrada nos seus sítios arqueológicos, ao contrário dos artefatos cuja matéria-prima é de origem orgânica. Outrossim, porque sobre a cerâmica dispõe-se de maiores informações, principalmente orais.

2.5.2.1 Trabalhos em madeira e a utilização de conchas de moluscos

Sobre os artefatos de madeira de uso doméstico, as informações são basicamente restritas a Koslowsky (1895) e, fundamentalmente, a Schmidt (1902, 1914, 1918 e 1942b). São os seguintes:

a) **utensílios para preparar, servir e armazenar alimentos** - cabaça utilizada para armazenar líquidos, cocho, colher ou “*mágua(a)dá*” utilizada para mexer e servir alimentos, canudo de taquara ou “*matiók*” para tomar a bebida feita da seiva da palmeira acuri (*Scheelea phalerata*), concha de bivalve para retirar o palmito da palmeira acuri (*Scheelea phalerata*), copo de cabaça ou “*mis'evekn*”, copo de concha de *Pomacea canaliculata* ou *marrá*, espátula ou “*mákuada*” para mexer alimentos cozidos, fogão, jirau que poderia servir para acondicionar alimentos, mão-de-pilão, moquém, peneira para farinha de mandioca, pilão, ralador de mandioca ou “*mateúkuma*”, tigela para servir alimentos ou “*mús'aadá*”;

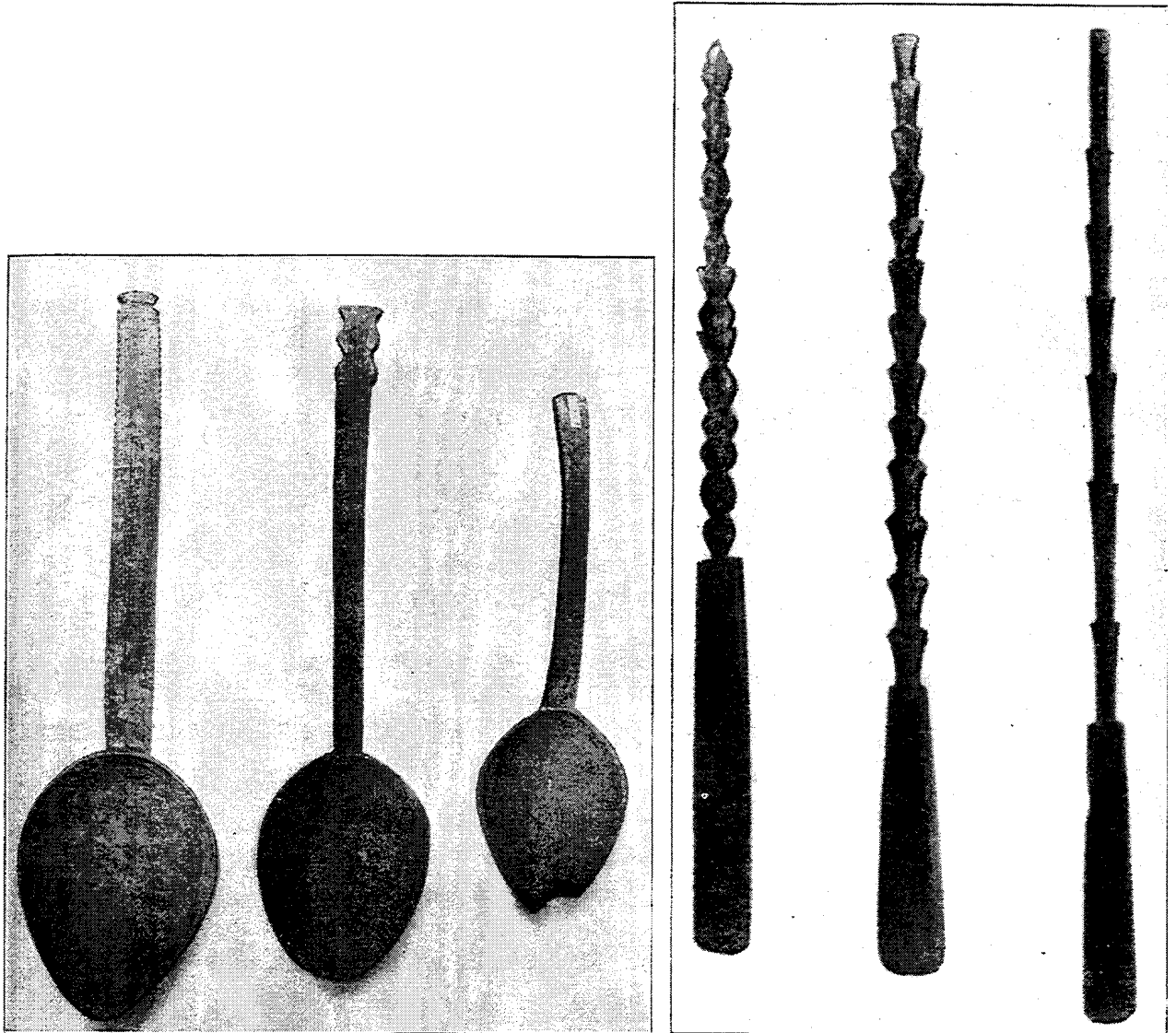


FIGURA 51: Colheres e espátulas Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

b) **utensílios para o preparo de artefatos** - arco para cardar algodão ou “*magayida*”, espátulas lanceoladas ou “*mapára*” utilizadas na tecelagem de abanos de mosquito, fuso ou “*madáhuits'i*”, tear para redes ou “*madátiadaápana*”;

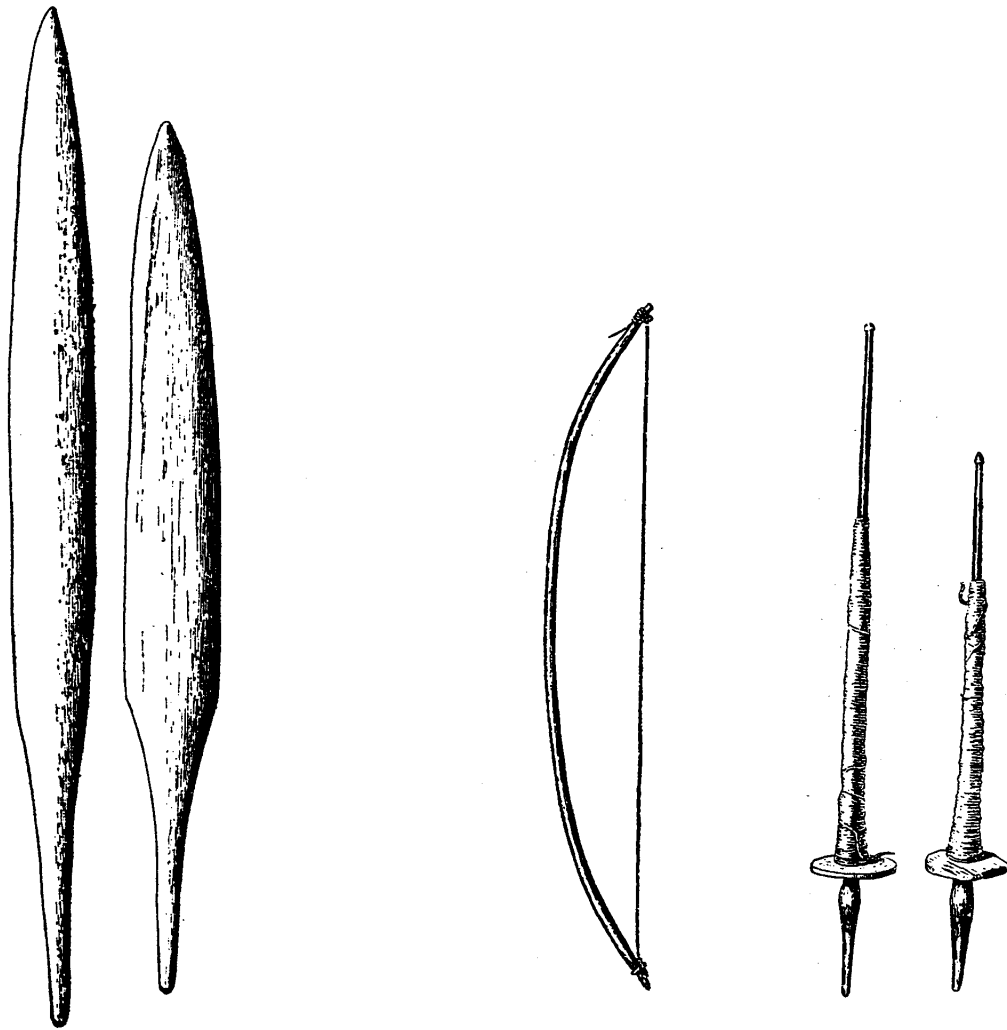


FIGURA 52: Espátulas utilizadas na tecelagem, arco para cardar algodão e fuso

(Fonte: Schmidt, 1942b).

c) **utensílios para o conforto pessoal** - banco para assento ou “*mikirbada*”.

Há também o equipamento utilizado para obter fogo que consiste na fricção de duas madeiras, uma mole e outra dura. A madeira mole ou *madetchum* funciona como eixo, podendo ser ingá (*Inga* spp.), e a dura ou *matódadetchum* funciona como fuso, sendo geralmente caneleira (*Ocotea* spp.). A madeira que funciona como eixo deve ser mais grossa que a do fuso. Em Schmidt (1903 e 1942b) há a descrição da técnica utilizada na obtenção de fogo:

“Obtêm o fogo, com o molinilho como se sabe, colocando-se um pau, denominado o fuso, na cavidade de um outro, o eixo, de modo que o primeiro está de pé e o outro horizontal, remexe-se então com as palmas das mãos para lá e para cá, devendo fazer-se uma pressão tão forte para baixo, que a fricção produza suficiente quantidade de farelo e calor, provocando o encandecimento do farelo” (Schmidt, 1942b, p. 169).

É importante, ressalva o autor, que o orifício do eixo possua uma abertura lateral, feita por meio de um corte agudo, para que o farelo desprendido da madeira mole seja amontoado até se obter a combustão.

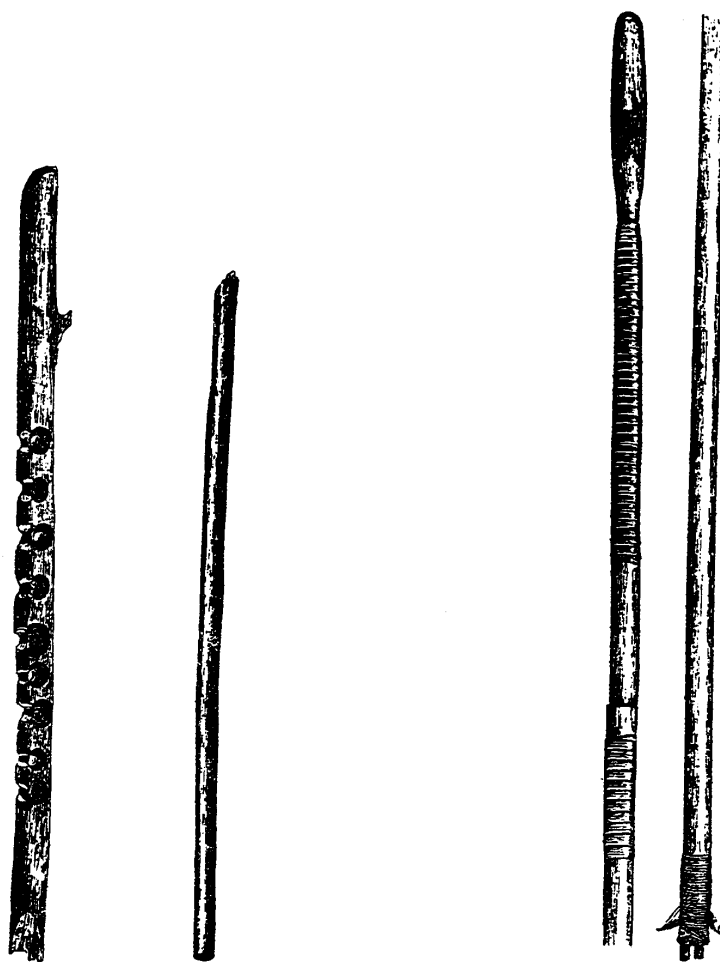


FIGURA 53: Molinilho utilizado pelos Guató para produzir fogo (Fonte: Schmidt, 1942b).

Obs.: O fuso da direita foi feito a partir de uma velha flecha.

2.5.2.2 Cerâmica

O conjunto das informações escritas e dos relatos orais atestam que o vasilhame Guató é essencialmente de uso doméstico, isto é, serve basicamente para armazenar líquidos, preparar e servir alimentos. Sua produção é uma atividade exclusivamente feminina.

A argila é facilmente encontrada próxima aos assentamentos, nas margens dos rios. Pode ser retirada com o auxílio de uma pá de remo e depositada dentro da canoa, sobre uma esteira ou, mais usualmente, dentro de uma couraça de jacaré (*Caiman crocodilus yacare*) em forma gamela, onde será trabalhada. Quanto mais escura for a cor da argila, melhor matéria-prima será para a fabricação do vasilhame.

No local dos assentamentos, fora da casa, a argila é limpa de todo tipo de impurezas orgânicas, principalmente de pequenas raízes, para evitar que o vasilhame possa apresentar rachaduras durante a queima. Depois é devidamente amassada juntamente com o antiplástico, até atingir um aspecto homogêneo. O antiplástico utilizado é feito de caco moído de vasilhame quebrado, devidamente peneirado.

Utilizam a técnica do acordelado, ou seja, são feitos roletes de argila que vão sendo, gradativamente, sobrepostos por outros até atingir a forma e o tamanho desejados para a vasilha. Primeiramente são alisadas interna e externamente com os dedos e, em seguida, raspadas com o auxílio de uma concha de bivalve, constituindo dessa forma uma decoração simples. A secagem geralmente é feita à sombra, e as formas das vasilhas, em sua maioria, são esféricas ou sub-esféricas, de contornos simples ou infletidos, conforme a sua função. A queima do vasilhame deve ser feita em lugares protegidos dos ventos, por entre a vegetação, ou, muito raramente, em buracos. As vasilhas são cobertas com madeira seca, que pode ser ingá (*Inga spp.*), e então queimadas, tendo como resultado um vasilhame de coloração avermelhada. É possível que, em geral, a queima seja

parcialmente oxidante.

As fontes escritas complementam as informações orais aqui apresentadas, e elucidam melhor as formas e tamanhos das vasilhas.

As informações apresentadas por Koslowsky (1895) confirmam a descrição feita através de relatos orais:

*“Las mujeres se ocupaban, mientras tanto, en la fabricacion de potes de diferentes tamaños, empleando como material el fango del río, que conducian en una coraza ventral de yacaré, la que tambien emplean entre los objetos de su vajilla pobre, haciendo las veces de una fuente. El barro ó fango lo trabajan bien con las manos, en rollos, los que son agregados unos á los otros por presión de los dedos. El objeto manejado de este modo, adquiere la forma de una espiral ascendente, correspondiendo á la parte media el diámetro mayor, y toma el aspecto, por la impresion dejada por los dedos, de una sogá arrollada. Cuando han dado, de esta manera, forma y tamaño al pote, lo raspan y alisan con una concha, tanto la parte externa como la interna, hasta que consiguen el grosor deseado de las paredes, las que en general son muy delgadas. Ponen despues la vasija á la sombra para que se seque. Cuando está seco el pote, amontonan hojas y ramitas delgadas y secas á su alrededor, lo que proporciona un fuego de poca fuerza y duracion. Diez minutos es lo mas que dura la llama, quedando el barro cocido y la vasija pronta para el uso. En el árbol, debajo del cual trabajan las mujeres, habia una numerosa colonia del pájaro *Cassicus persicus*, el «japuíra» de los brasileros”* (Koslowsky, 1895, p. 20-21).

O autor adquiriu uma vasilha utilizada para armazenar água, com as seguintes características: cerca de 30 cm de comprimento, contorno infletido, forma esférica, decoração simples, base plana, borda aparentemente cambada e possível lábio plano.



FIGURA 54: Vasilha cerâmica utilizada para armazenar água (Fonte: Koslowsky, 1895).

Nas figuras produzidas por Florence, anteriormente apresentadas, nota-se o seguinte: a) na Figura 32 é possível observar, dentro da casa, três vasilhas de pequenas dimensões, contorno simples, forma sub-esférica, decoração simples e base arredondada - uma próxima a um esteio periférico e outras duas no fogão, uma servindo de panela e outra de tampa; b) na Figura 31 se percebe apenas uma provável vasilha com cerca de 30 cm de altura, contorno infletido, forma esférica, decoração possivelmente simples e base arredondada, utilizada para armazenar líquidos, e localizada próximo a uma esteira feita de palma de acuri (*Scheelea phalerata*).

Schmidt (1942b, p. 163-169) classifica o vasilhame que encontrou sendo utilizado pelas famílias Guató, em três categorias: panelas ou “*mik(í)r*” que servem para preparar alimentos; tigelas rasas ou “*mús’a*” utilizadas como tampas de panelas e como pratos; e bilhas-d’água ou “*matum*” que são acompanhadas por cabaças (Cucurbitácea) que servem de tampas, copos e para retirar água de dentro do vasilhame.

As “*mik(í)r*”, num total de três vasilhas coletadas pelo autor, possuem cor cinza escuro, provavelmente em decorrência do contato direto com o fogo durante o preparo dos alimentos, e apresentam as seguintes características: vasilha “a” - com 22,6 cm de altura e 35,5 cm da boca, contorno simples, forma sub-esférica, decoração simples, base cônica, borda direta e lábio aparentemente plano; vasilha “b” - com 18,2 cm de altura e 28 cm de diâmetro da boca, contorno simples, forma sub-esférica, decoração simples, base arredondada, borda direta e lábio plano; vasilha “c” - com 15,7 cm de altura e 35,5 cm de diâmetro da boca, contorno simples, forma sub-esférica, decoração simples, base arredondada, borda direta e possivelmente lábio plano.

As duas “*mús’a*” retratadas, também de cor cinza escuro, apresentam as seguintes características: vasilha “d” - 12,6 cm de altura e 39,3 cm de diâmetro da boca, contorno simples, forma de meia calota, decoração simples, base arredondada, borda inclinada interna e um possível

lábio plano; vasilha “e” - semelhante à vasilha “d”, com 6,8 cm de altura e 26 cm de diâmetro da boca. Tanto as “mús’a” quanto às “mik(i)r” possuem boca proporcionalmente maior que a altura.

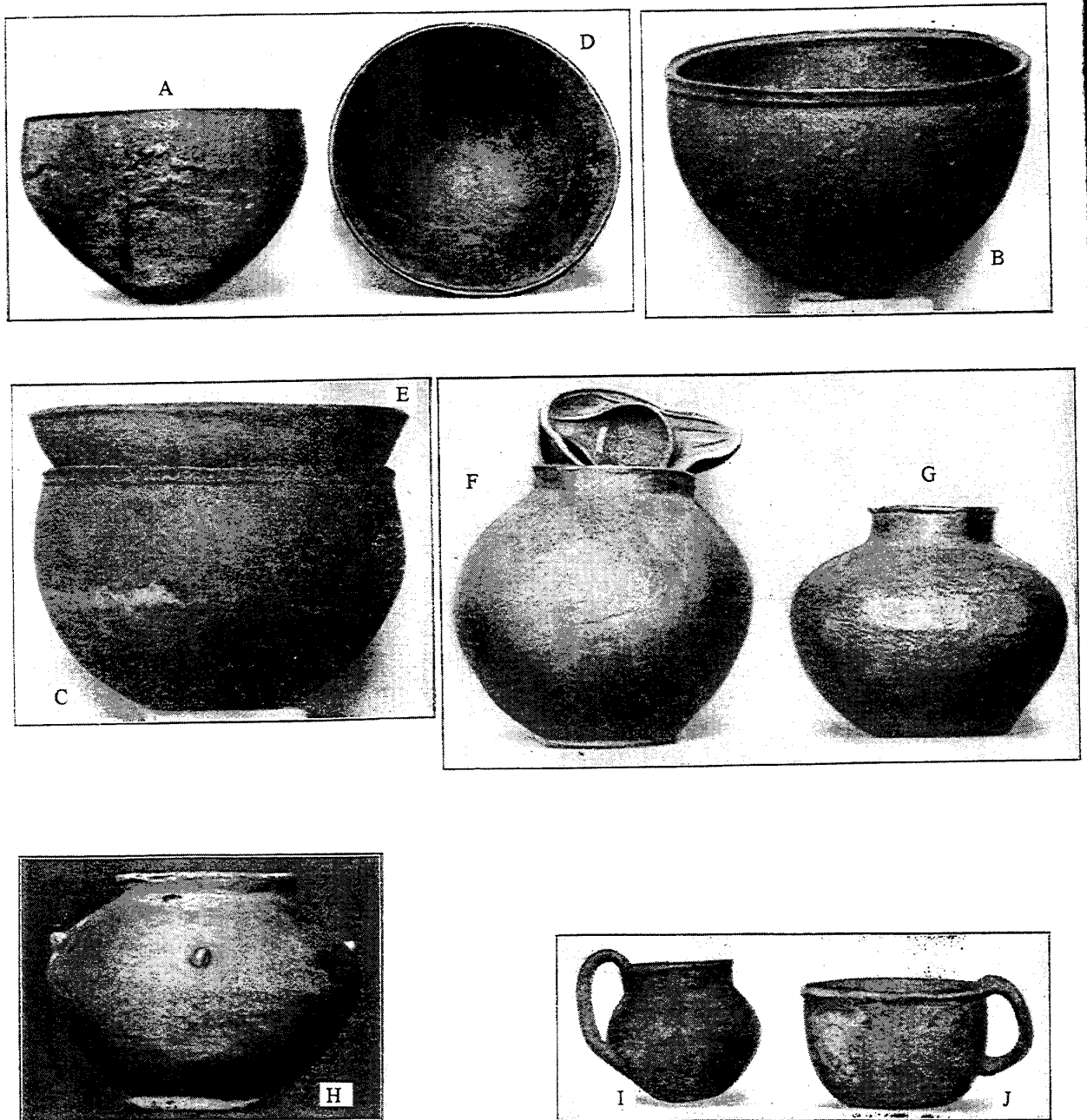


FIGURA 55: Vasilhame Guató (Fonte: Schmidt, 1942b).

Por último, as três “*matum*” que apresentam as seguintes características: vasilha “f” - 31,2 cm de altura e aproximadamente 18,2 cm de boca, contorno infletido, forma esférica, decoração simples, base plana, borda cambada e lábio aparentemente plano; as vasilhas “g” e “h” possuem cerca de 28 cm de altura e características semelhantes à anterior, sendo que a vasilha “h” apresenta como decoração alguns apliques na parede externa. Ambas apresentam cor avermelhada e são idênticas ao vasilhame retratado por Koslowsky (1895)¹⁶.

Nas figuras 32 e 33, estão representados os três tipos de vasilhas classificadas por Schmidt (1942b), que por sua vez, também foram descritas por Métraux (1963b) e Lima (1987).

Quando das pesquisas de Schmidt (1942b), os Guató utilizavam vasilhas com asas, semelhantes a xícaras ou “*mats’úugiírgn*” (vasilhames “i” e “j”), onde, apesar de se constatar uma influência da sociedade nacional, é possível notar formas semelhantes às panelas ou “*mik(i)r*” e às bilhas-d’água ou “*matum*”.

Na região do rio Caracará, Schmidt (1914, p. 262-268) coletou vários fragmentos de vasilhas cerâmicas, cujas espessuras das bordas geralmente permanecem entre de 0,5 cm a 1,1 cm, embora o autor tenha encontrado um único fragmento com uma espessura de 0,2 cm. Os fragmentos encontrados, em sua maioria, correspondem a vasilhas com decoração simples, sem quaisquer evidências de pinturas, sendo que em algumas foi constatada queima incompleta. As bordas o autor classificou em quatro tipos: 1º) “*de contorno simples e liso*”; 2º) “*salientes*”; 3º) “*salientes com incisões em forma de linhas curvas*”; 4º) “*salientes em formas de anel*” (Schmidt, 1914, p. 264).

¹⁶ Em Schmidt (1905 e 1942b) as respectivas medidas das alturas dos vasilhames “g” e “h” são 11,8 cm e 14,3 cm, o que faz pensar que estejam erradas, pois com estas medidas não poderiam estar enquadradas na categoria de “bilhas-d’água” ou “*matum*”. Outrossim, porque no caso do vasilhame “g” há uma nota abaixo da figura indicando que o seu tamanho equivale a 1/7 do tamanho natural, ou seja, aproximadamente 28 cm. Os erros devem ter ocorrido na gráfica. Por outro lado, é comum nas referidas publicações o uso de escalas que não correspondem às verdadeiras medidas dos artefatos, uma vez que o próprio etnólogo as relaciona no decorrer do texto.

Faz-se necessária uma análise atual dessas bordas para um estudo mais aprofundado da cerâmica Guató. No entanto, no que tange à decoração, é possível atestar que dos 77 cacos apresentados pelo autor, 90,9% apresenta decoração simples, e 9,1% incisa, sendo que as incisões são restritas aos fragmentos das bordas. Em alguns casos Schmidt (1912, p. 140) notou um tratamento de superfície mais apurado, e uma queima mais homogênea. Todavia, os dados apresentados sugerem que o acabamento da superfície do vasilhame Guató geralmente é pouco refinado.

Num aterro da região do rio Caracará, Schmidt (1914, p. 262) observou que os Guató utilizavam vasilhas do mesmo tipo dos descritos em Schmidt (1942b), e encontrou ainda uma contade-colar feita de cerâmica.

Em Schmidt (1922, p. 119), o autor faz referência a fragmentos de vasilhas com “impressão” de “espiga” de milho, encontrados num aterro na região do rio Caracará. É muito provável que seja um tipo de decoração escovada feita com sabugo de milho. Caso seja verídica esta constatação do autor, também é possível datar esse tipo de cerâmica, por termoluminescência, e inferir sobre o tempo do cultivo do milho (*Zea mays*) entre os Guató.

Na localidade de Talhamar, situada à margem do rio Paraguai, abaixo de Descalvado, Schmidt (1942a, p. 43-44) encontrou material cerâmico semelhante ao encontrado no “Aterrado”, que também está localizado à margem do rio Paraguai. Em outra publicação Schmidt (1940a, p. 59) descreve que a cerâmica encontrada no “Aterrado” corresponde à dos Guató - a maioria dos cacos apresenta uma queima irregular e decoração simples, e, provavelmente, corresponda a vasilhas de pequenas dimensões.

Até o presente momento não há elementos suficientes para uma comparação sistemática da cerâmica Guató com a dos aterros investigados pelo **Programa Arqueológico do MS - Projeto**

Corumbá, denominada provisoriamente de **Primeiro Grupo**. Isto requer um trabalho etnoarqueológico específico nos locais historicamente ocupados pelo grupo, tendo como um dos objetivos a coleta de material cerâmico para ser analisado com este propósito.

Numa comparação prévia, percebe-se que a cerâmica Guató, conhecida a partir do século XIX, apresenta nítidas diferenças em relação à do **Primeiro Grupo**. As principais são: a não constatação da decoração corrugada na cerâmica Guató e, basicamente, a ausência, até o presente momento, de vasilhas do tipo “*matum*” entre as formas reconstituídas para a do **Primeiro Grupo**. Sem embargo, as formas das vasilhas “*mik(i)r*” e “*mús’a*” assemelham-se a algumas formas que ocorrem na cerâmica do **Primeiro Grupo**, o que não significa dizer que os Guató sejam os responsáveis por essa nova cerâmica estudada pelo projeto de pesquisa acima referido. Isto porque essas formas de recipientes cerâmicos são muito comuns em outras tradições cerâmicas conhecidas no Brasil; como por exemplo, na tradição Taquara, característica da região Sul.

Mas é possível afirmar, com base nos dados até então conhecidos, que em ambos os casos trata-se de um vasilhame pequeno em relação, por exemplo, ao das tradições Tupiguarani e Aratu-Sapucaí, e, fundamentalmente, de uso doméstico. Talvez esta seja uma das principais características tecnológicas da cerâmica dos grupos canoeiros que se estabeleceram nos aterros do Pantanal Matogrossense.

2.5.2.3 Trançado e tecelagem

De acordo com Schmidt (1904 e 1942b), o trançado e a tecelagem dos Guató apresentam a mesma simplicidade que caracteriza os demais elementos da sua cultura material. O autor apresenta um detalhado estudo sobre o trançado e a tecelagem do grupo.

O trançado Guató é uma atividade masculina e se enquadra, em função da matéria-prima utilizada e de sua elaboração, no macroestilo do trançado de palha, ao qual se refere Ribeiro (1987b). Foi classificado por Schmidt (1942b) em dois tipos: da folha simples e da folha flabeliforme.

Os Guató utilizam basicamente a palha da palmeira acuri (*Scheelea phalerata*) em seus trançados, sendo que o dos cestos é geralmente do tipo xadrezado, enquanto que o das esteiras pode ser do tipo sarjado. Fabricam, principalmente para uso e conforto doméstico, esteiras de dormir feitas de acuri, denominadas “*mádaakúts'i*”, e feitas de taboa (*Typha dominguensis*) chamadas de “*miró*”, além de abanos para fogo ou “*tiakanatá*”. Como meio de transporte de carga fabricam cestos ou “*mu(n)dá*”.

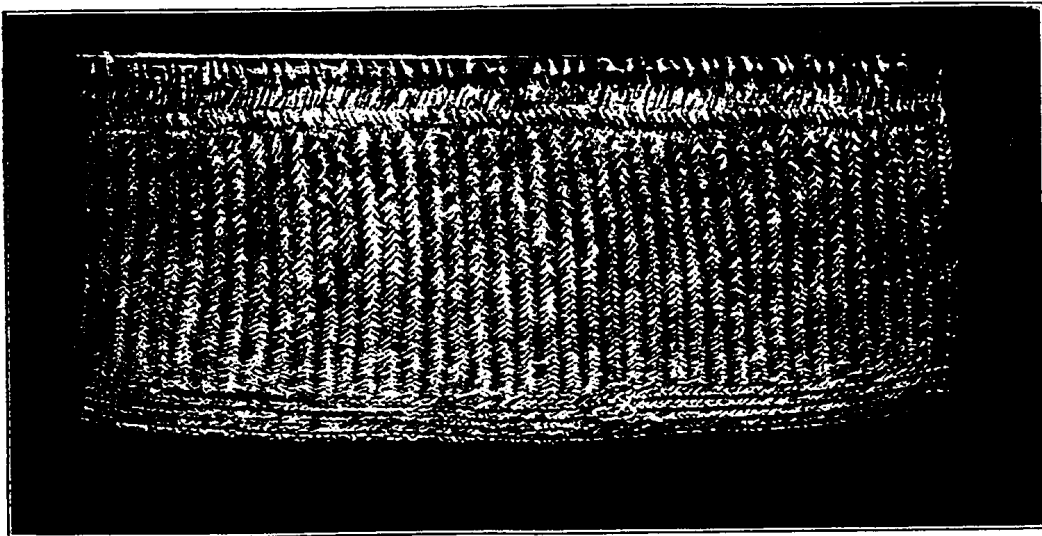


FIGURA 56: Esteira feita de palha de acuri (*Scheelea phalerata*) (Fonte: Schmidt, 1942b)

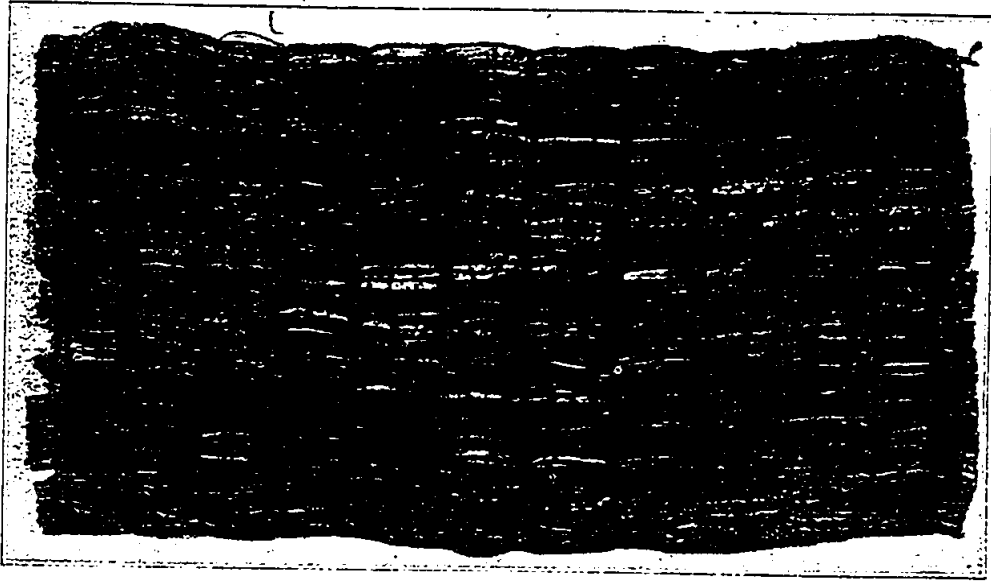


FIGURA 57: Esteira feita de taboa (*Typha dominguensis*) (Fonte: Schmidt, 1942b).

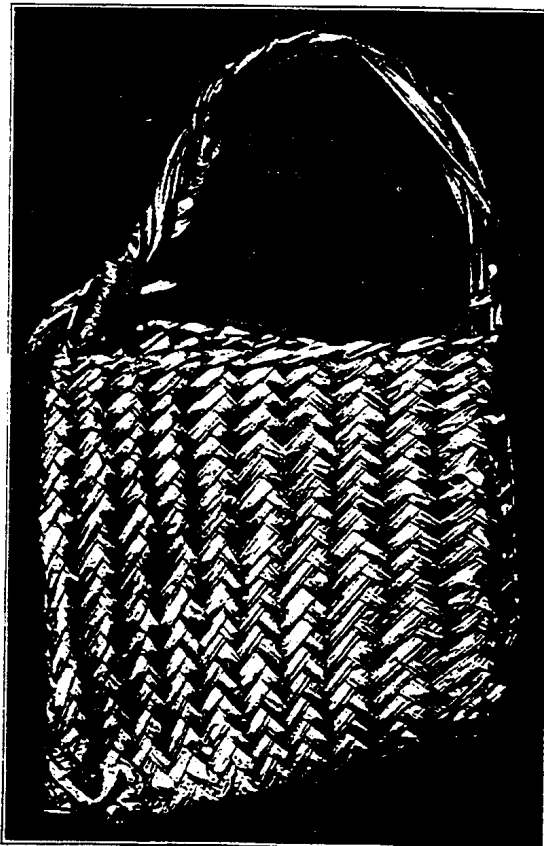


FIGURA 58: Cesto feito de palha de acuri (*Scheelea phalerata*) (Fonte: Schmidt, 1942b).

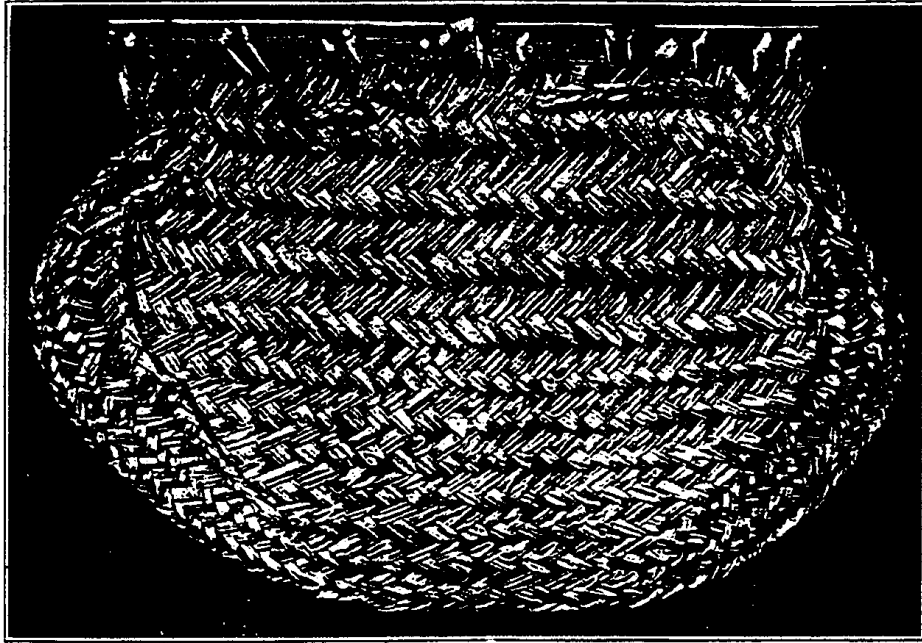


FIGURA 59: Abano de fogo feito de palha de acuri (*Scheelea phalerata*) (Fonte: Schmidt, 1942b).

Através da tecelagem os Guató fabricam, com fibra de tucum (*Bactris glaucescens*) e para o conforto pessoal, abano de mosquito ou “mapara” e, de maneira mais apurada e segundo a técnica do entretorcido, mosquiteiro ou “mageetó” - que também foi descrito por Silva (1930). Ambos são indispensáveis para a região devido à quantidade de mosquitos que ocorrem em certas épocas do ano. Com algodão (*Gossypium* spp.) fabricam, também para conforto pessoal, abano de mosquito ou “mapara” e ligadura para pulso ou “mavaerúta”. Schmidt (1942b), embora não descreva, menciona também o uso de redes de dormir feitas de fibras de algodão e de tucum.

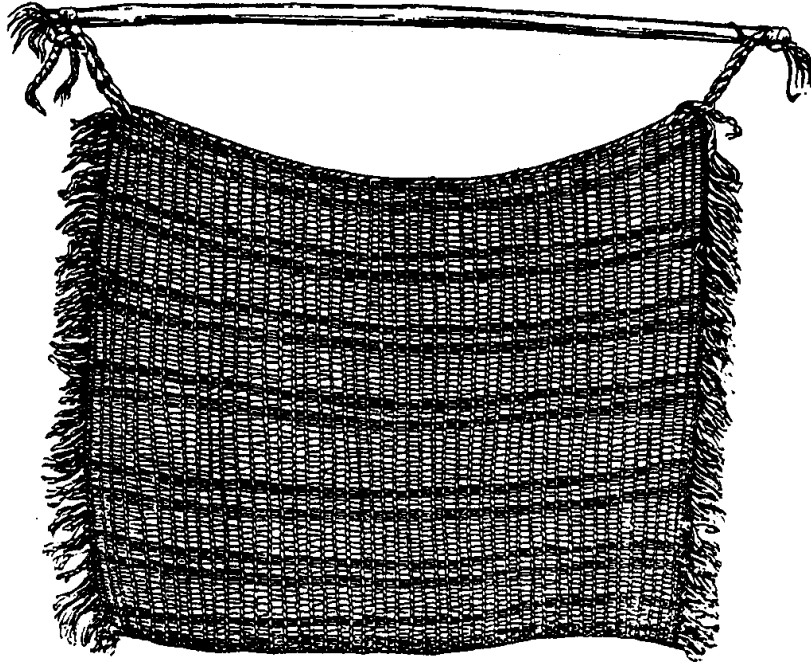


FIGURA 60: Abano de mosquito feito de fibras de tucum (*Bactris glaucescens*)

(Fonte: Manizer, 1967).

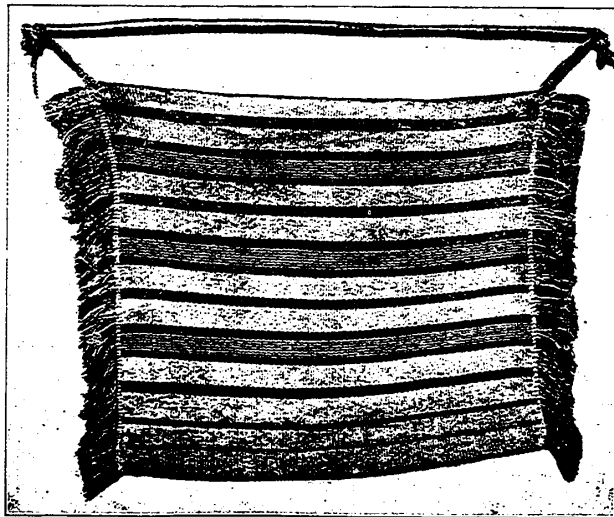


FIGURA 61: Abano de mosquito Guatán feito de fibras de algodão (*Gossypium* spp.)

(Fonte: Schmidt, 1942b).

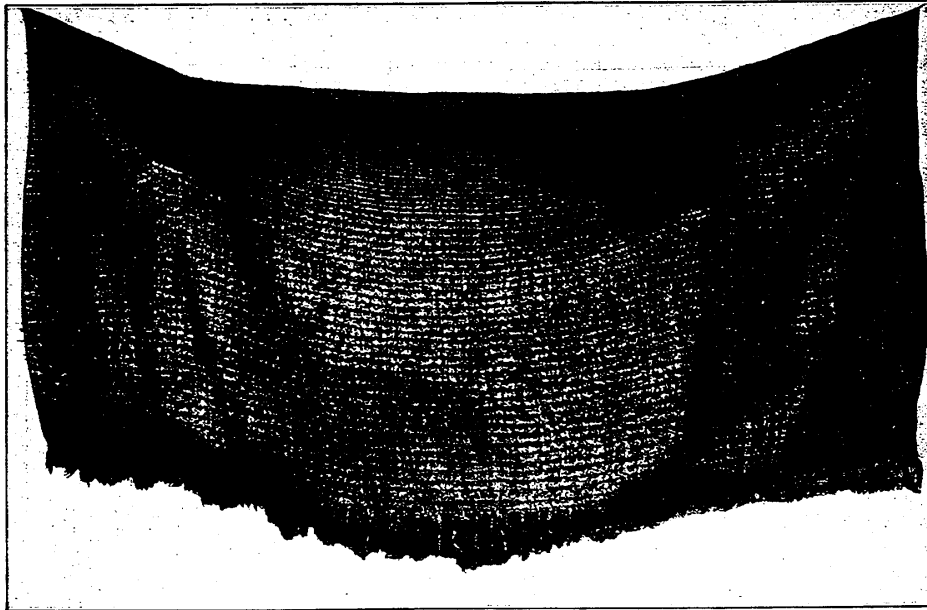


FIGURA 62: Mosquiteiro feito de fibras de tucum (*Bactris glaucescens*) (Fonte: Schmidt, 1942b).

2.5.2.4 Outros

Entre as outras matérias-primas utilizadas, destaca-se o couro que é muito usado, por exemplo, para forrar o chão antes de dormir, como cobertura de abrigos provisórios e para forrar o chão na secagem do arroz (*Oryza latifolia*).

Utilizam pele de vários mamíferos, tais como: anta (*Tapirus terrestris*), ariranha (*Pteronura brasiliensis*), capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), lontra (*Lutra longicaudis*), jaguatirica (*Felis pardalis*), onça-parda (*Felis concolor*) e onça-pintada (*Panthera onca*).

As peles geralmente poderiam ser descarnadas, estiradas e secadas ao sol, embora também pudessem ser curtidas com a casca de algumas espécies taníferas; como por exemplo, angico (*Piptadenia peregrina*), jatobá (*Hymenaea* spp.), gonçalo (*Astronium fraxinifolium*) e ingá (*Inga*

spp.), que são encontradas na mata ciliar.

Além disso, Schmidt (1942b, p. 189) menciona que o peso do fuso utilizado na tecelagem poderia ser feito com osso de “tartaruga”, ou seja, cágado (Quelonia).

Em suma, fica evidente que a cultura material Guató é muito simples e sem grandes variações tecnológicas quanto aos produtos finais, embora satisfaça as necessidades exigidas pelo grupo, sendo esta sua principal característica do ponto de vista da funcionalidade dos artefatos.

CONCLUSÃO

Os dados contidos na documentação escrita, somados às informações obtidas através de relatos orais, possibilitaram aduzir que o Guató é um típico representante dos grupos canoieiros que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense. Portanto, o conhecimento de seus assentamentos e da sua forma de subsistência é de fundamental importância para o entendimento da adaptação ecológica dos demais grupos canoieiros que ali existiram no passado, especialmente os ceramistas que estão associados a aterros.

Com base em fontes etnohistóricas, foi possível elucidar, ainda que de maneira aproximada, que a área de ocupação do grupo está inclusa entre os paralelos de 16°30' a 21°00' de latitude Sul e os meridianos de 56°30' a 58°30' de longitude Oeste de Greenwich. Trata-se de uma área de considerável extensão, cuja estratégia de ocupação do espaço está relacionada a três fatores cultural e ecologicamente importantes a sua subsistência: 1º) organização social baseada em famílias autônomas umas das outras; 2º) grande mobilidade espacial em decorrência do uso da canoa como principal e decisivo meio de transporte, cuja característica está intimamente associada ao etos cultural do grupo; 3º) existência de diferentes assentamentos que são ocupados sazonalmente.

A subsistência de cada família depende fundamentalmente da sua própria capacidade autônoma de obter os recursos necessários para sua sobrevivência. Por outro lado, a diversidade biológica que

caracteriza o habitat Guató favorece a exploração de uma gama de recursos faunísticos e florísticos, através das atividades de pesca, caça e coleta.

De acordo com informações orais, os Guató possuem três tipos básicos de assentamentos, segundo sua localização na paisagem: *marrabóró* ou “aterro”, *modidjécum* ou “beira de rio” e *macáirapó* ou “beira de morraria”. São locais associados às áreas inundáveis que compreendem a maior parte da região, em geral ocupados sazonalmente - os *modidjécum* e os *macáirapó* principalmente durante a seca, e os *marrabóró* destacadamente na cheia.

Em relação aos *marrabóró*, é possível afirmar *a posteriori* que eles são formados por um conjunto de fatores de ordem natural e antrópica. Representam uma forma de manejo do ambiente, uma interferência direta do homem na paisagem local. É o resultado, entre outras coisas, do trabalho humano de retirar sedimentos, conchas de gastrópodes aquáticos e conchas de bivalves, de pontos mais baixos, para serem depositados em locais naturalmente elevados. Para as famílias sua principal função era a de servir de assentamentos protegidos das inundações periódicas.

Apesar das limitações impostas pelos dados etnográficos, haja vista a não realização de pesquisas etnoarqueológicas, é possível apontar os aterros como os principais vestígios materiais das manifestações culturais que ocorrem nas áreas inundáveis da região. São testemunhos materiais de um tipo de estratégia de sobrevivência característica dos grupos canoeiros que ocuparam o Pantanal Matogrossense. Neste sentido, as fontes etnohistóricas investigadas sugerem que as últimas ocupações cerâmicas dos aterros, que correspondem a grupos já extintos, devem datar em torno do início da Conquista Ibérica.

Numa perspectiva mais ampla, supõe-se que os demais grupos ceramistas que ocuparam as áreas inundáveis da região, assim como o Guató, deveriam apresentar algumas características culturais em comum, uma vez que deveriam estar submetidos a pressões naturais semelhantes, senão

às mesmas. São elas: ser canoieiros de grande mobilidade espacial, ter uma semelhante forma de organização social, possuir a mesma dinâmica de assentamentos sazonais, subsistir fundamentalmente da exploração dos recursos naturais ali existentes, e portar uma tecnologia de nível bastante simples quanto aos produtos finais.

Como sugestão para trabalhos futuros, destaca-se a necessidade iminente de se desenvolver pesquisas etnoarqueológicas na área historicamente ocupada pelo grupo, com o propósito de averiguar os dados etnográficos ora apresentados, além de aprofundar o estudo acerca dos assentamentos e da subsistência Guató. No caso, a prioridade deverá ser para aquelas áreas onde seja possível contar com representantes que dominam a língua original, como é o caso da região do rio Caracará. A partir desses estudos será possível, por exemplo, uma maior comparação da cultura material Guató com aquela que ocorre nos aterros e demais sítios superficiais relacionados à cerâmica do **Primeiro Grupo**, em busca de um modelo de ocupação pretérita para as áreas inundáveis do Pantanal.

Por outro lado, muitas informações ainda podem ser recolhidas através de relatos orais junto aos Guató que atualmente residem na cidade de Corumbá. Outrossim, se faz necessário ampliar as pesquisas a respeito de outros grupos canoieiros que se estabeleceram na região, destacadamente o Guaxarapo e o Payaguá, sobre os quais existe uma vasta documentação a ser explorada pelos arqueólogos.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, Aziz Nacib. O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios. *Revista brasileira de geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, n. 50, p. 9-57, 1988. Tomo especial.
- _____. Páleo-climas quaternários e pré-história da América Tropical. *Dédalo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 1. p. 9-25, 1989. Publicações avulsas. (Anais da 4ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).
- ADÂMOLI, Jorge. O Pantanal e suas relações fitogeográficas com os cerrados - discussão sobre o conceito de "Complexo do Pantanal". In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 32º, 1981, Teresina. *Anais ... Teresina: Sociedade Botânica do Brasil*, 1982. p. 109-119.
- _____. A dinâmica das inundações no Pantanal. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ... Brasília: EMBRAPA, Centro de Difusão e Tecnologia*, 1986a. 265 p. p. 51-61. (Série Documentos, 5).
- _____. Fitogeografia do Pantanal. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais... Brasília, EMBRAPA, Centro de Difusão e Tecnologia*, 1986b. 265 p. p. 105-106. (Série Documentos, 5).
- ALINCOURT, Luiz d'. Reflexões sobre o systema de defesa que se deve adoptar na fronteira do Paraguay, em consequencia da revolta e dos insultos praticados ultimamente pela nação dos indios Guaicurus ou Cavalleiros. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Universal de Laemmert, t.20, p. 360-365, 1857.
- _____. *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975. 207 p. (Coleção Reconquista do Brasil, 25).
- ALMEIDA, Fernando Flávio M. de. Traços gerais da geomorfologia do Centro-Oeste brasileiro. In: ALMEIDA, Fernando Flávio M. de, LIMA, Miguel A. de. *Planalto centro-ocidental e Pantanal Mato-Grossense*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1959. 170 p. p. 7-65.

- AMARAL FILHO, Zebino P. do. Solos do Pantanal Mato-Grossense. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ...* Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265 p. p. 91-103. (Série Documentos, 5).
- AYALA, S. Cardoso, SIMON, F. *Album graphico do Estado de Matto-Grosso*. [s. n.]: Hamburgo, 1914.
- AZANHA, Gilberto. *Relatório Guató*. Campo Grande: Centro de Trabalho Indigenista-MS, fev. 1991. 28 p. (não publicado).
- AZARA, Felix de. Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata. Estudio preliminar y notas aclaratorias por Fernando Marquez Miranda. In: GAIBROIS, Manuel Ballesteros (Org.). *Viajes por America del Sur*. Madrid: Aguilar, t. 2, 1962. p. 331-497.
- BALDUS, Herbert. Max Schmidt 1874-1950. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo: Museu Paulista, Nova Série, v. 5, p. 253-260, 1951.
- _____. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*: São Paulo: Comissão do 4º Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, 1954. 859 p.
- _____. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. Hannover: Kommissionsverlag Münstermann-Druck GMBH, v. 2, 1969. 864 p. (Völkerkundliche Abhandlungen, Band 4).
- BANKS, Vic. *The Pantanal: Brazil's forgotten wilderness*. San Francisco: Sierra Club Books, 1991. 254 p.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique de. Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em 1846. *Revista trimensal de historia e geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: João Ignacio da Silva, t. 9, p. 376-397, 1869.
- BERG, Maria Elisabeth van den. Formas atuais e potenciais de aproveitamento das espécies nativas e exóticas do Pantanal Mato-Grossense. SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ...* Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265 p. p. 131-136. (Série Documentos, 5).
- BERTELLI, Antônio de P. *O paraíso das espécies vivas, Pantanal de Mato Grosso*. São Paulo: Cerifa, 1984. 333 p.
- BERTHOD, Manuel. Testemunho do padre Manuel Berthod sobre a história das reduções do Itatim (20-03-1652). In: CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952. 367 p. p. 98-103. (Manuscritos da Coleção de Angelis, 2).
- BINFORD, Lewis R. Smudge pits and hide smoking: the use of analogy in archaeological reasoning. *American antiquity*. v. 32, n. 1, p. 1-12, Jan. 1967.
- _____. Methodological considerations of the archeological use of ethnographic data. In: LEE, Richard B., DE VORE, Irven (Ed.). *Man the hunter*. Chicago: Aldine, 1973. p. 268-273.

- _____. Willow smoke and dog's tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American antiquity*. v. 45, n. 1, p. 4-20, Jan. 1980.
- BITENCOURT, Ana Luisa V. Projeto Corumbá - sub-região do Abobral: a implantação dos aterros. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6ª, 1991, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: CNPq/FINEP/Universidade Estácio de Sá, v. 2, p. 792-800, 1992.
- BLUMA, Fritz V. Sítios arqueológicos em Mato Grosso. *Dimensão*. Corumbá: UEMT, Centro Pedagógico de Corumbá, a. 3, n. 3, p. 133-38, set. 1973.
- BOLLAND, Henry. *Exploraciones practicadas en el Alto Paraguay y en la laguna Gaiba*. Buenos Aires: [s. n.?], 1901. apud SCHMIDT, Max. *Estudos de etnologia brasileira*. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901; seus resultados etnológicos. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942b. 393 p. (Coleção Brasileira - Série 5ª, 5).
- BORRERO, Luis Alberto, YACOBACCIO, Hugo Daniel. Etnoarqueología de asentamientos Aché. Cazadores-recolectores del Paraguay Oriental. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. Paris, v. 75, p. 7-33, 1989.
- BOSSI, C. Batolomé. *Viage pintoresco por los ríos Paraná, Paraguay, Sn Lorenzo, Cuyabá y el Arino tributario del Grande Amazonas con la descripción de la Provincia de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineralojico y sus producciones naturales*. Paris: Dupray de la Mahérie, 1863. 153 p.
- BRANDÃO, Antônio Luiz. Carta destinada ao ilm^o e exm^o sr. presidente da Província de Mato Grosso (Cuiabá, 13 de janeiro de 1872). In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1872. (manuscrito).
- BROWN JR., Keith S. Zoogeografia da região do Pantanal Mato-grossense. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ...* Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265 p. p. 137-178. (Série Documentos, 5).
- BUENO, José Antônio P. Extracto do discurso do presidente da Provincia do Mato-Grosso, o doutor José Antônio Pimenta Bueno, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em o dia 1 de março de 1837. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, t. 2, p. 172-176, 1916.
- CABEZA DE VACA, Alvar N. *Naufragios y comentarios*. Edición, introducción y notas de Roberto Ferrando. 2ª ed. Madrid: Raycar, 1984. 318 p. (Selección Historia, 16 - Serie Cronicas de América, 3).
- _____. *Naufregios e comentários*. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L & PM, 1987. 256 p. (Coleção L & PM/História - Série Os Conquistadores, 3).
- CALDAS, João Augusto. *Memoria historica sobre os indigenas da Provincia de Matto-Grosso*. Rio de Janeiro: Moraes & Filhos, 1887. 61 p.

- CAMPBELL, John M. Territoriality among ancient hunters: interpretations from ethnography and nature. In: MEGGERS, Betty (Ed.). *Anthropological archaeology in the Americas. The Anthropological Society of Washington*. Washington: Theo. Gau's sons Inc., 1968. p. 1-21.
- CAMPOS, Antônio P. de. Breve noticia que dá o capitão Antônio Pires de Campos do gentio barbaro que ha na derrota da viagem das Minas do Cuyabá e seu reconcavo, ... *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Rio de Janeiro: D. Luiz dos Santos, t. 25, p. 437-449, 1862.
- CARDOSO, Paulo A. *Relatório de viagem aos Guatós*. Brasília: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio-FUNAI, 1985. 32 p. (não publicado).
- CARMACK, Robert M. *Etnohistoria y teoría antropológica*. Traducción de Flavio Rojas Lima. Guatemala: Ministério de Educación/José de Pineda Ibarra, 1979. 47 p. (Cuadernos del Seminario de Integración Social Guatemalteca, 26).
- CARAVELLO, Júlio César. Fauna terrestre e aquática. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ... Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265 p. p. 179-182. (Série Documentos, 5).*
- CARVALHO, Newton de O. Hidrologia da bacia do Alto Paraguai. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ... Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265p. p. 43-49. (Série Documentos, 5).*
- CARVALHO, Sílvia M. S. Chaco: encruzilhada dos povos e **melting pot** cultural. In: CUNHA, Manuela C. da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras, 1992. 614 p. p. 457-474.
- CASTELNAU, Francis. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para. Histoire du voyage*. Paris, 1850-1851. 6 t. apud BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do 4º Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, 1954. 859 p.
- _____. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, t. 2, 1949. 379 p. (Coleção Brasileira, 266-A).
- CÉSAR, José Vicente. Guató reaparecem após 40 anos. *Revista da atualidade indígena*. Brasília: [s. n.?], a. 3, n. 17, p. 51-54, 1979.
- CHAMBERLAIN, Alexander F. The Carayan, Caririan, Chavantean and Guatoan linguistic stocks of South America. *Science*. v. 37, n. 948, p. 344, 1913.
- CHANG, K. C. Major aspects of the interrelationship of archaeology and ethnology. *Current Anthropology*. v. 8, n.3, p. 227-243, June 1967.
- _____. *Nuevas perspectivas en arqueología*. Traducción de Enrique Bernárdez y Miguel Rivera Dorado. Madrid: Alianza, 1976. 175 p. (Sección Humanidades, 627).
- CHAPARRO, Marcelo, BEZERRA, Maria Angélica de O. *Moluscos do Pantanal do Abobral - uma*

- abordagem arqueológica*. Corumbá: UFMS, Centro Universitário de Corumbá, 1993. 18 p. (não publicado).
- CHIARA, Vilma. Armas: bases para uma classificação. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 2, 1987. 448 p. p. 117-137.
- CONCEIÇÃO, Cláudio de A., PAULA, José Elias de. Contribuição para o conhecimento da flora do Pantanal Mato-Grossense e sua relação com a fauna e o homem. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ...* Brasília: EMBRAPA, Centro de Difusão de Tecnologia, 1986. 265 p. p. 107-130. (Série Documentos, 5).
- CONFLITOS DA MISSÃO DO ITATIM COM O BISPO DE ASSUNÇÃO E COM ALGUMAS BANDEIRAS PAULISTAS. C. 1650. [anônimo?]. In: CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952. 367 p. p. 84-97. (Manuscritos da Coleção de Angelis, 2).
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO-MS. *Dossiê Guató*. Campo Grande, 1988. 12 p. (não publicado).
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Mato Grosso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Brasília, v. 1, 1939. 269 p.
- _____. *Pantanais Matogrossenses (devassamento e ocupação)*. Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1946. 170 p. (Coleção Biblioteca Geográfica Brasileira - Série A, 3).
- _____. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1969. 741 p. (Coleção Cultura Brasileira - Série Estudos, 2).
- COSTA E SILVA, Paulo P. *Estudo bibliográfico da história, geografia e etnologia de Mato Grosso*. Cuiabá: CCS, 1992. 333 p. (Coleção Coisas de Mato Grosso, 3).
- CRUVINEL, Noraldino Vieira. *Relatório de viagem aos Guató*s. Processo FUNAI/BSB/4683/77, 1977. p. 82-127. apud CARDOSO, Paulo A. *Relatório de viagem aos Guató*s. Brasília: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio/FUNAI, 1985. 32 p. (não publicado).
- CUNHA, H. Pereira. *Viagens e caçadas em Mato Grosso*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949. 207 p.
- DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth. (Org.). *Aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. 156 p. p. 141-156.
- DEL'ARCO, Jeferson O., SILVA, Régis H. da S., TARAPANOFF, Igor et al. Geologia. In: PROJETO RADAMBRASIL. *Folha SE.21 e parte da folha SE.20*. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria-Geral, 1982. 451 p. p. 25-160. (Série Levantamento de Recursos Naturais, 27).
- DORTA, Sônia F. Coleções etnográficas: 1650-1955. In: CUNHA, Manuela C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras. 1992. 614 p. p. 501-528.

- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Apresentação à edição brasileira de Lucrécia D'Aléssio Ferrara. São Paulo: Perspectiva, 1983. 184 p. (Coleção Estudos, 85).
- FERREIRA, Joaquim A. Notícia sobre os índios de Matto-Grosso dada em officio de 2 de dezembro de 1848 ao ministro e secretário d'Estado dos Negócios do Imperio, pelo director geral dos índios da então Provincia. *O Archivo*. Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso. Cuiabá: [s. n.], a. 3, v. 2, 1905. p. 79-96. Edição fac-similar completa 1904-1906. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993. (Coleção Memórias Históricas, 3).
- _____. In: AYALA, S. C. & SIMON, F. *Album graphico do Estado de Matto-Grosso*. Hamburgo: [s. n.], 1914. p. 88-97.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. 25ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1.838 p.
- FERRER, Diogo. Ânua do padre Diogo Ferrer para o provincial sôbre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim (21-8-1633). In: CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952. 367 p. p. 29-49. (Manuscritos da Coleção de Angelis, 2).
- FIGUÊIREDO, Lima. *Índios do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 348 p. (Coleção Brasileira, 163).
- FLORENCE, Hércules. Esboço da viagem feita pelo sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. Tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Etnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. 38, Segunda parte, p. 355-469, 1875.
- _____. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1929*. Tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948. 343 p.
- FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., v. 1, 1880.
- FRANCO, Maria do Socorro M., PINHEIRO, Rui. Geomorfologia. In: PROJETO RADAMBRASIL. *Folha SE.21 Corumbá e parte da folha SE.20*. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria-Geral, 1982. 451 p. p. 161-224. (Série Levantamento de Recursos Naturais, 27).
- GANDÍA, Enrique de. *Historia del Gran Chaco*. Buenos Aires: Juan Roldan, 1929. 211 p.
- GARCÍA, Eduardo Alfonso C. *Índices técnico-econômicos da região do Pantanal Mato-Grossense*. Corumbá: EMBRAPA, Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual, 1981. 81 p. (Série Circular Técnica, 7).
- _____. *O clima no Pantanal Mato-Grossense*. Corumbá: EMBRAPA, Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual, 1984. 39p. (Série Circular Técnica, 14).

- GARCÍA, Eduardo Alfonso C., CASTRO, Luís Hernán R. Análise da freqüência de chuva no Pantanal Mato-grossense. In: *Pesquisa agropecuária brasileira*. Brasília: EMBRAPA, n. 21, v. 9, set. 1986. p. 909-925.
- GEOGRAFIA DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria Técnica, v. 4, 1977. 364 p.
- _____. _____. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, v. 1, 1989. 267 p.
- GIRELLI, Maribel. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1994. 176 p.
- GODOI FILHO, José D. de. Aspectos geológicos do Pantanal Mato-Grossense e sua área de influência. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ...* Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265 p. p. 63-76. (Série Documentos, 5).
- GUERRA, Antônio T. *Dicionário geológico-geomorfológico*. 5ª ed. Revisão e atualização de Ignez Amélia Teixeira Guerra e Antônio José Teixeira Guerra. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. 446 p.
- GUZMÁN, Ruy Díaz de. *Anales del descubrimiento, población y conquista del río de la Plata*. Observación, notas, etc. de Roberto Quevedo. Asunción: Comuneros, 1980. 305 p.
- HARTMANN, Thekla. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. Berlin: Reimer Verlag, v. 3, 1984. 724 p. (Völkerkundliche Abhandlungen, Band 9).
- HASSLER, Emir. Zentralsüdamerikanische Forschungen Fernschau. *Jahrbuch der Mittelschweizerischen Geographisch-Commerziellen Gesellschaft in Aarau*. Aarau: [s.n.?], v. 2, 1988. p. 1-138, 1888. apud BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do 4º Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, 1954. 859 p.
- ISTO É. São Paulo: Três Editorial, n. 1.304, set. 1994. 112 p.
- JARDIM, Ricardo José G. Creação da Directoria dos Indios na Provincia de Mato Grosso. *Revista trimensal de historia e geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: João Ignacio da Silva, t. 9, p. 548-554, 1869.
- KERSTEN, Ludwig. *Las tribus indígenas del Gran Chaco hasta fines del siglo XVIII*. Una contribución a la etnografía histórica de Sudamérica. Traducción de Jorge von Hauenschid. Advertencia preliminar del Professor Eldo Serafín Morresi. Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, Facultad de Humanidades, 1968. 130 p.
- KLAMMER, Gerhard. Die Paläowüste des Pantanal von Mato Grosso und die pleistozäne Klimageschichte der brasilianischen Randtropen. *Zeitschrift für Geomorphologie*. Berlin: Gebrüder Borntraeger, Band 26, Helf 4, p. 393-416, 1982.
- KOSLOWSKY, Julio. *Tres semanas entre los indios Guatós. Excursión efectuada en 1894*. La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo, 1895. 30 p. Separata de la Revista del Museo de La Plata. t. 6.

- KRAMER, Carol (Ed.). *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York: Columbia University, 1979. 292 p.
- LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Coni Hermanos, 1910. 2 t.
- LAVINA, Rodrigo. *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etno-história e sugestões para arqueólogos*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1994. 171 p.
- LEHMANN, Alberto; SCOTTI, Pietro. La collezione etnografica sudamericana Boggiani del Museo Etnologico de Berlino. *Atti della Accademia Ligure di Scienze e Lettere*. Genova: [s.n.?], v. 28, p. 121-141, 1972. apud HARTMANN, Thekla. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. Berlin: Reimer Verlag, v. 3, 1984. 724 p. (Völkerkundliche Abhandlungen, Band 9).
- LEITE, Alexandre José. Relatório exigido pelo presidente da Província, Augusto Leverger, em ofício de 10 de junho de 1869 (Cuiabá, 27 de julho de 1869). In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1869. (manuscrito).
- LEVERGER, Augusto [Barão de Melgaço]. Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do S. Lourenço até o Paraná. *Revista trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Rio de Janeiro: D. Luiz dos Santos, t. 25, p. 211-284, 1862a.
- _____. Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do rio Sepotuba até o rio S. Lourenço. *Revista trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: D. Luiz dos Santos, t. 25, p. 287-352, 1862b.
- _____. Condições administrativas da Provincia de Matto-Grosso apresentadas em relatório de 13 de janeiro de 1852 ao ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio, pelo presidente, Augusto Leverger. *O arquivo*. Revista destinada à vulgarização de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso. Cuiabá: [s. n.], a. 1, v. 3, p. 143-150, 1905. Coleção fac-similar completa 1904-1906. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993a. (Coleção Memórias Históricas, 3).
- _____. Tabella de latitudes e longitudes de diversos logares de Matto-Grosso, determinadas por observações astronomicas, pelo Barão de Melgaço. *O arquivo*. Revista destinada à vulgarização de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso. Cuiabá: [s. n.], a. 1, v. 3, p. 161-166, 1905. Coleção fac-similar completa de 1904-1906. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993b. (Coleção Memórias Históricas, 3).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução de Jorge Constante Pereira. Lisboa: Edições 70, 1986. 416 p. (Coleção Perspectivas do Homem - Série As Culturas, As Sociedades).
- _____. *Antropologia estrutural*. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. 456 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 7).
- LIMA, Tânia A. Cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 2, 1987. 448 p. p. 173-229.
- LINS NETO, José Gondim, PEREIRA, Luiz Rogério, GUTMAN, César Roberto. *Relatório do deslocamento à região habitada pelos índios Guató*. Campo Grande: FUNAI, 1991. 17 p. (não publicado).

- LIZARRAGA, Reginaldo de. Carta del obispo del río de la Plata, fray Reginaldo de Lizarraga, al rey, en que informa sobre el estado eclesiástico de su diócesis, 30 de septiembre de 1609. In: REVELLO, José Torre (Org.). *Documentos históricos y geográficos relativos a la conquista y colonización rioplatense*. Memorias y relaciones históricas y geográficas, introdução de José Torre Revello. Buenos Aires: Casa Jacobo Peuser, t. 1, 1941. p. 211-217.
- LOUKOTKA, Cestmír. Linguas indígenas do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: a. 5, v. 54, p. 147-174, 1939.
- _____. *Classification of south american indian languages*. Los Angeles: Latin American Center of University of California, 1968. 453 p. (Reference Series, 7).
- LOUREIRO, Rui Lopes de, LIMA, João Paulo de S., FONZAR, Benedicta Catharina. Vegetação: as regiões fitogeográficas, sua natureza e seus recursos econômicos. In: PROJETO RADAMBRASIL. *Folha SE.21 Corumbá e parte da folha SE.20*. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria-Geral, 1982. 451 p. p. 329-372. (Série Levantamento de Recursos Naturais, 27).
- LOZANO, Pedro. *Historia de la conquista del Paraguay, río de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires, Imprenta Popular, 1874-1875. 5 t.
- _____. Exame necessário do padre Lozano sobre o manifesto do padre Vargas Machucha (1760). In: CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952. 367 p. p. 311-330. (Manuscritos da Coleção de Angelis, 2).
- MACERATA, José Maria de. *Relatório de frei José Maria de Macerata ao sr. Zefirino Pimentel Moreira Freire, onde descreve as diversas nações de índios que residem em diversos lugares da Província de Mato Grosso (Cuiabá, 5 de dezembro de 1843)*. Transcrição de Alfredo Sganzerla. Cuiabá, 1843. 9 p. (não publicado).
- MACROZONEAMENTO GEOAMBIENTAL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande: Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, FIPLAN-MS, 1989. 242 p.
- MAGALHÃES, Almicar A. B. *Impressões da Comissão Rondon*. 5ª ed. Ilustrada, actualizada e aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. 445 p. (Coleção Brasileira, 211).
- MAGALHÃES, José V. C. de. Ensaio de anthropologia: região e raças selvagens. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. 36, 2ª Parte, 1873. p. 359-508.
- _____. *O selvagem*. Prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975. 159 p. [Em apêndice o fac-símile da 1ª edição de 1876]. (Coleção Reconquista do Brasil, 16).
- MAGALHÃES, Nícia W. de. *Conheça o Pantanal*. São Paulo: Terragraph, 1992. 390 p.
- MALHANO, Hamilton B. Glossário da habitação. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 2, 1987. 448 p. p. 93-94.
- MANIZER, G. G. *A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1928)*. Tradução de

- Oswaldo Peralva. Edição póstuma organizada por B. G. Xprintsin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. 244 p. (Coleção Brasileira, 329).
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS/FNDE, 1992. 80 p.
- MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Erlangen: Druck von Junge & Sohn, 1867. 2 v.
- MAUSS, Marcel. *Manual de etnografia*. Tradução de J. Freitas e Silva. Prefácio de Denise Paulme. Lisboa: Dom Quixote, 1993. 250 p. (Coleção Nova Enciclopédia, 44).
- MELLO, Raul S. de. *História do Forte de Coimbra*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, v. 1, 1958. 292 p.
- MENDONÇA, Rubens de. *Bibliografia mato-grossense*. Cuiabá: Edições UFMT, 1975. (Coleção Esboços e Levantamentos, 13).
- MÉTRAUX, Alfred. Estudios de etnografía chaqueña. *Anales del Instituto de Etnografía Americana*. Tradução de Salvador Canals Frau. Cuyo: Universidad Nacional de Cuyo, v. 5, p. 263-314, 1944.
- _____. The native tribes of eastern Bolivia and western Matto Grosso. *Bulletin*. Washington: United States Government Printing Office/Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, n. 134, 1942. 182 p. apud BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do 4º Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço e Comemorações Culturais, 1954. 859 p.
- _____. Ethnography of the chaco. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). *Handbook of south american indians*. New York: Cooper Square Publishers, v. 1, 1963a. 624 p. p. 197-370.
- _____. The Guató. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). *Handbook of south american indians*. New York: Cooper Square Publishers, v. 1, 1963b. 624 p. p. 409-419.
- _____. Armas. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 2, 1987. 448 p. p. 139-161.
- MONOYER, E. Les indiens Guatos du Matto-Grosso. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. Paris: [s.n.?], v. 2, p. 155-158, 1905.
- MONTEIRO, Salvador, KAZ, Leonel (Ed.). *Expedição Langsdorff ao Brasil*. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de Mello Filho e outros. Rio de Janeiro: Alumbramento/Livroarte, v. 3, 1988. 135 p. (Aquarelas e desenhos de Florence).
- MOURA, Pedro de. Bacia do Alto Paraguai. *Revista brasileira de geografia*. São Paulo: IBGE, a. 5, n. 1, p. 3-38, jan.-mar. 1943.
- MOURE, Amédée. *Les indiens de la Province de Mato-Grosso (Brésil)*. Paris: E. Thunot et Ce, 1862. 56 p.

- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a Província de Matto Grosso*. São Paulo: Henrique Schoroeder, p. 182-185, 1869. apud PALÁCIO, Adair P. *Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Tese (Doutorado em Ciências) - Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1984. 155 p.
- MURDOCK, George P., FORD, Clellan S., HUDSON, Alfred E. et al. *Guía para la clasificación de los datos culturales*. Versión castellana preparada por el Instituto Indigenista Nacional de Guatemala y la Unión Panamericana. 3ª ed. Washington: Secretaría General de la Organización de los Estados Americanos, 1963. 295 p. (Serie Manuales Técnicos, 9).
- NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE. Washington: National Geographic Society, v. 122, n. 3, Sep. 1962. 458 p.
- NEWTON, Dolores. Cultura material e história cultural. In: RIBEIRO, Berta (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987. 448 p. p. 15-25.
- NIMUENDAJU, Curt. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. 97 p.
- NOELLI, Francisco Silva. *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS*. Dissertação (Mestrado em História, Área de Concentração em História Ibero-Americana) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993. 2 v.
- OBBERG, Kalervo. Indian tribes of northern Mato Grosso, Brazil. *Publication*. Washington: Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology/United States Government Printing Office, n. 15, 1953. 144 p.
- OLIVEIRA, João Baptista de. Relatório da catechese e civilização dos índios destinado ao conselheiro Herculano Ferreira Penna Serra, digníssimo presidente da Província de Mato Grosso (Cuiabá, 28 de abril de 1862). In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1862a. (manuscrito).
- _____. Carta endereçada ao ilm^o e exm^o sr. Herculano Ferreira Penna, digníssimo presidente da Província de Mato Grosso (Cuiabá, 10 de julho de 1862). In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1862b. (manuscrito).
- _____. Carta endereçada ao exm^o e ilm^o sr. conselheiro Herculano Ferreira Penna, digníssimo presidente da Província de Mato Grosso (Cuiabá, 2 de maio de 1864). In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1864. (manuscrito).
- OLIVEIRA, Jorge E. de. *A utilização da analogia etnográfica no estudo dos aterros da região pantaneira de Corumbá, MS*. Comunicação apresentada na 7ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, João Pessoa, 1993. 7 p. (no prelo).
- OLIVEIRA, Jorge E. de; PEIXOTO, José Luis dos S. *Arqueologia no Pantanal: o Projeto Corumbá*. Comunicação apresentada no Seminário-Feira de Pesquisa e Pós-Graduação da

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1993a. 3 p. (não publicado).
- _____. *Diagnóstico de avaliação do impacto do Gasoduto Bolívia-Brasil ao patrimônio arqueológico do Estado de Mato Grosso do Sul - trecho Corumbá-Terenos (km 0-350)*. Trabalho de consultoria técnica em Arqueologia, Porto Alegre, 1993b. 96 p. (não publicado).
- OLIVEIRA, Roberto C. de, LARAIA, Roque de B., OLIVEIRA, A. G. de. *Os índios do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul*. Relatório, Brasília, 1979. 134 p. (não publicado).
- ORIOLI, Álvaro Luiz, AMARAL FILHO, Zebino P. do, OLIVEIRA, Ademir Benedito de. Pedologia: levantamento exploratório de solos. In: PROJETO RADAMBRASIL. *Folha SE.21 Corumbá e parte da folha SE.20*. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria-Geral, 1982. 451 p. p. 225-328. (Série Levantamento de Recursos Naturais, 27).
- PAIVA, Melquíades Pinto. *Aproveitamento de recursos faunísticos do Pantanal Mato-Grossense: pesquisas necessárias e desenvolvimento de sistemas de produção mais adequados à região*. Brasília: EMBRAPA, DPP, 1984. (Série Documentos, 7).
- PALÁCIO, Adair P. *Os Guató*. Comunicação apresentada na 11ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Recife, 1978. 10 p. (não publicado).
- _____. *Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Tese (Doutorado em Ciências) - Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1984. 155 p.
- _____. Aspects of the morphology of Guató. In: ELSON, Benjamin F. (Ed.). *Language in global perspective*. Dallas: Sumer Institute of Linguistic, p. 363-371, 1986.
- _____. Guató: uma língua redescoberta. *Ciência hoje*. v. 5, n. 29, p. 74-75, 1987.
- PALÁCIO, Adair P. & RODRIGUES, Aryon D. *Marcadores de pessoas em Guató e Kadiwéu*. Comunicação apresentada na 18ª Reunião do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo. São Paulo, 1979. 3 p. (não publicado).
- PASSOS, José Afonso de M. B. *Alguns petróglifos em Mato Grosso com apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia*. Tese (Livre-Docência em História, disciplina de Pré-história) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1975. 79 p.
- PETRULLO, Vicent M. Primitive peoples of Matto Grosso. *The Museum Journal*. Philadelphia: n. 2, v. 23, p. 91-178, 1932.
- PLANELLA, João José. *Instrumento de trabalho: a revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Porto Alegre: PUC-RS, 1983. 341 p. (não publicado).
- POSEI, Darrel A. Etnobiologia. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 1. 1987a. 302 p. p. 15-25.
- _____. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 1, 1987b. 302 p. p. 173-185 p.

- POTT, Arnildo. *Pastagens no Pantanal*. Corumbá: EMBRAPA, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal, 1988. 58 p. (Documentos, 7)
- PRANCE, G. T., SCHALLER, G. B. Preliminary study of some vegetation types of the Pantanal, Mato Grosso, Brasil. *Brittonia*. New York, v. 32, n. 2. p. 228-251, 1982.
- PROJETO RADAMBRASIL. *Folha SE.21 Corumbá e parte da folha SE.20*. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria-Geral, 1982. 451 p. (Série Levantamento de Recursos Naturais, 27).
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1992. 605 p.
- QUIROGA, José. Descripción del río Paraguay desde la boca del Xauru hasta la confluencia del Paraná (1838). In: ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del río de la Plata*. Prólogos y notas de Andrés M. Carretero. Buenos Aires: Plus Ultra, t. 6, 1970. 803 p. p. 65-88.
- RAMIRES, Mário. A volta de maguató, o frango d'água pantaneiro. *MS Cultura*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, a. 3, n. 7, p. 37-46, 1987.
- REFERENCIAL HIDROGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande: FIPLAN-MS, Coordenadoria de Geografia e Cartografia, 1990. 177 p.
- REGISTRO DA CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA DIRETORIA GERAL DE ÍNDIOS COM A PRESIDÊNCIA DA PROVÍNCIA (1848-1872). Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1848-1872. (manuscrito).
- REGO, Maria do Carmo de M. Artefactos indígenas de Matto Grosso. *Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 10, p. 175-184, 1899.
- RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987a. 3 v.
- _____. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 2, 1987b. 448 p. p. 283-321.
- _____. *Dicionário do artesanato indígena*. Ilustrações de Hamilton Botelho Malhano. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988. 344 p. (Coleção Reconquista do Brasil - 3ª Série Especial, 4).
- RIBEIRO, Darcy. Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e ciências sociais*. Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Educacionais, a. 3, n. 6, v. 2, p. 5-102, 1957.
- _____. *Os índios e a civilização*. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 509 p.
- RIZZINI, Carlos T., COIMBRA FILHO, Ademar F., HOUAISS, Antônio. *Ecossistemas brasileiros*. Edição bilíngüe português-inglês. Rio de Janeiro: Enge-Rio/Index, 1988.
- RODRIGUES, Aryon D. Tarefas da lingüística no Brasil. *Revista brasileira de lingüística teórica e*

- aplicada*. São Paulo: Centro de Lingüística Aplicada do Iázigi, n. 1, v. 1, p. 4-15, 1966.
- _____. Línguas Ameríndias. In: *Grande enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1970. apud PALÁCIO, Adair Pimentel. *Guató: a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*. Tese (Doutorado em Ciências) - Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1984, 155 p.
- _____. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986. 135 p.
- RODRIGUES, Sandra N., MATSUNAKA, Yuri, DUARTE, Paulo. Guató: povo canoeiro do Pantanal. *Boletim Kaguateca*. Campo Grande: Associação de Índios Desaldeados Kaguateca “Marçal de Souza”, n. 2, 1991. 4 p.
- ROGGE, Jairo Henrique, SCHMITZ, Pedro Ignacio. Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6ª, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro, CNPq/FINEP/Universidade Estácio de Sá, 1992. p. 781-791.
- _____. *Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais*. Comunicação apresentada na 7ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, João Pessoa, 1993. 11 p. (no prelo).
- ROHDE, Richard. *Original-Mittheilungen aus der Ethnologischen Abtheilung der Königlichen Museen zu Berlin*. Berlin: [s.n.?], 1885. p. 11-16. apud BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do 4º Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, 1954. 859 p.
- RONDON, Cândido Mariano da S. *Índios do Brasil do centro, noroeste e sul de Mato-Grosso*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios/Ministério da Agricultura, v. 1, 1946. 366 p.
- _____. *Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato-Grosso, apresentadas às autoridades do Ministério da Guerra*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949. 333 p.
- RONDON, Frederico. *Na Rondônia ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. 281 p. (Coleção Brasileira, 130).
- RONDON, J. Lucídio N. *No Pantanal e na Amazônia em Mato Grosso*. São Paulo: Urupês, 1971. 209 p.
- _____. *Tipos e aspectos do Pantanal*. São Paulo: Urupês, 1972. 160 p.
- ROOSEVELT, Theodoro. *Através do sertão do Brasil*. Tradução de Conrado Erichsen. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 228 p. (Coleção Brasileira, 232).
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Rondônia*. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. 285 p. (Coleção Brasileira, 39).
- ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. *Guia Prático de Antropologia*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. 2ª ed. São Paulo: Cultrix,

1973. 431 p.

SÁ, Joseph Barboza de. *Ralação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus principios thé os prezentes tempos*. Cuiabá: Edições UFMT, 1975. 55 p. (Coleção Ouro e Mel, 12).

SAUER, Carl O. As plantas cultivadas na América do Sul tropical. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, v. 1, 1987. 302 p. p. 59-90.

SCHINDLER, Helmut. *Die Reiterstämme des Gran Chaco*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1983. 242 p. (Völkerkundliche Abhandlungen, Band VIII).

SCHMIDT, Max. Die Guató. *Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft*. Sitzung vom 15 Feb. 1902, p. 77-89, 1902.

_____. Das Feuerbohren nach indianischer Weise. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, Band 35, Heft 1, 75-80, 1903.

_____. Ableitung südamerikanischer Geflechtmuster aus der Technik des Flechtens. *Zeitschrift fuer Ethnologie*. Berlin, Band 36, Heft 3-4, p. 490-512, 1904.

_____. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900 bis 1901*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1905. 456 p.

_____. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, Band. 44, Heft 1, p. 130-174, 1912.

_____. Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv*. Berlin: Druck und Verlag von B. G. Teubner, Band 4, Heft 6, p. 251-283, 1914.

_____. Verhältnis zwischen Form und Gebrauchszweck bei südamerikanischen Sachgütern, besonders den keulenförmigen Holzgeräten. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, Heft 1, p. 12-39, 1918.

_____. Die Anfänge der Bodenkultur in Südamerika. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, Band 54, p. 113-122, 1922.

_____. Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Mato-Grosso; September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, Band 60, Heft 1-3, p. 85-124, 1928.

_____. Hallazgos prehistóricos en Matto-Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Asunción: Imprenta Guarani, n. 1, t. 5, p. 27-62, 1940a.

_____. Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Asunción: Imprenta Guarani, n. 1, t. 5, p. 63-71, 1940b.

_____. Resultados de mi tercera expedición a los Guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Asunción: La Comena, t. 5, n. 6, p. 41-75, 1942a.

_____. *Estudos de etnologia brasileira*. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901; seus

resultados etnológicos. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942b. 393 p. (Coleção Brasileira - Série 5ª, 5).

_____. Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los metodos de agricultura de los Indígenas sudamericanos. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo: Museu Paulista, Nueva Serie, v. 5, p. 239-252, 1951.

_____. Comments on cultivated plants and agricultural methods of south american indians. In: LYON, Patricia (Ed.). *Native South America*. Boston/Toronto: Little, Brown and Company, 1974. apud PALÁCIO, Adair P. *Guató: a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*. Tese (Doutorado em Ciências) - Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1984. 155 p.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Programa Arqueológico do MS - Projeto Corumbá. *Trabalhos apresentados no VI Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas*. PUCRS - 2 a 4 de maio de 1991. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1993. 47 p. p. 40-47.

SCHMITZ, Pedro Ignacio, BARBOSA, Altair Sales. *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1985. 60 p.

SERRA, Ricardo F. de A. Parecer sobre o aldêamento dos indios Uaicurús e Guanás, com descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. *Revista trimensal de história e geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: João Ignacio da Silva, t. 7, p. 204-218, 1866.

SGANZERLA, Alfredo. *A história do frei Mariano de Bagnaia: o missionário do Pantanal*. Campo Grande: FUCMT, 1992. 462 p.

SILIMON, Lehel de. *Fichas de registro de pesquisa arqueológica*. Sítios arqueológicos MT-MI-01, MT-MI-03, MT-MI-04 e Mt-MI-08. Cuiabá: Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, Setor de Pesquisas de Recursos Naturais e Antropologia, 1972a. (não publicado).

_____. *Fichas de registro de pesquisa arqueológica*. Sítios arqueológicos MT-MI-07, MT-MI-08 e MT-MI-13. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Museu Rondon, 1972b. (não publicado).

SILVA, Antônio S. da. Une moustiquaire des indiens Guatós (Brésil). *Annals of the XXIII International Congress of Americanists*. New York: [s.n.?], Session 23, 1930. 4 p. Separata.

SILVA, Tereza C. da. Contribuição da geomorfologia para o conhecimento e valorização do Pantanal. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ... Brasília, EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia*, 1986. 265 p. p. 77-90. (Série Documentos, 5).

SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ... Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia*, 1986. 265 p. (Série Documentos, 5).

SIQUEIRA, Elizabeth M., COSTA, Lourença A., CARVALHO, Cathia Maria C. *O Processo histórico de Mato Grosso*. 3ª ed. Cuiabá: Guaicurus, 1990. 298 p.

- SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*. São Paulo: Resenha Tributária, v. 1, 1973. 237 p.
- STEFAN, Élvia R. O Pantanal Mato-Grossense. *Separata da Revista brasileira de geografia*. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, a. 26, n. 3, p. 170-190, 1964.
- STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil central*. Tradução de Egon Schaden. Prefácio de Herbert Baldus. São Paulo: Departamento de Cultural, 1940. 715 p. Separata renumerada da Revista do Arquivo, n. 34-58.
- SUSNIK, Branislava. Material arqueológico del area alto-paraguayense (Puerto 14 de Mayo). *Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museo Etnográfico Andrés Barbero*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", t. 3, v. 1, p. 81-103, 1959.
- _____. Clasificación de las poblaciones indígenas del area chaqueña. *Manual de etnografía paraguaya*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", p. 209-212, 1961.
- _____. Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento antropológico*. Asunción,: Universidad Católica, n. 1-2, v. 7, p. 85-107, 1972.
- _____. *Etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1978. 156 p. (Serie Los Aborígenes del Paraguay, 1).
- _____. *Cultura Material*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1982. 239 p. (Serie Los Aborígenes del Paraguay, 4).
- _____. *Prof. Dr. Max Schmidt: su contribución etnológica y su personalidad*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1991. 54 p.
- _____. *Introducción a las fuentes documentales referentes al indio colonial del Paraguay*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1992. 46 p.
- TARIFA, José Roberto. O sistema climático do Pantanal; da compreensão do sistema à definição de prioridades de pesquisa climatológica. SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1º, 1984, Corumbá. *Anais ... Brasília: EMBRAPA, Departamento de Difusão e Tecnologia, 1986. 265 p. p. 9-27. (Série Documentos, 5)*.
- TAUNAY, Visconde de [Alfredo d'Escragolle Taunay]. *Entre nossos índios Chanés, Terenas, Guanás, Kinikinaus, Laianas, Guatós, Guaycurús, Caingangs*. São Paulo: Melhoramentos, 1940. 134 p.
- TECHO, Nicolas del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sanz. Prólogo de Blas Garay. Madrid: A. de Uribe y Compañía, 1897. 5 t.
- TOVAR, Antonio. *Catalago de las lenguas de America del Sur*. Buenos Aires: Sudamericana, 1961. 412 p.
- VALVERDE, Orlando. Fundamentos geográficos do planejamento do município de Corumbá. In: *Revista brasileira de geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, n. 34, v. 1, p. 49-144, 1972.

- VELTHEM, Lúcia H. van. Equipamento doméstico e de trabalho. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes/FINEP, v. 2, 1987. 448 p. p. 95-108.
- VIEIRA, Henrique José. Relatório da catechese e civilização dos índios destinado ao ilm^o e exm^o sr. capitão de mar e guerra Augusto Leverger, dignissimo presidente da Provincia de Mato Grosso (Cuiabá, 28 de dezembro de 1852). In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1852. (manuscrito).
- _____. _____. (Cuiabá, 16 de dezembro de 1853). Transcrição de Elizabeth Madureira Siqueira. In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província (1848-1872)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1853. (manuscrito).
- _____. Relatório do estado de catechese e civilização dos índios desta Provincia destinado ao digníssimo presidente da Provincia, senhor chefe de divisão Augusto Leverger (Cuiabá, 3 de dezembro de 1855). Tradução de Elizabeth Madureira Siqueira. In: *Registro da correspondência oficial da Diretoria Geral de Índios com a presidência da Província*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1855. (manuscrito).
- _____. Relatório do estado de catechese e civilização dos indigenas da Provincia de Mato Grosso. Transcrição de Elizabeth Madureira Siqueira. In: *Índios (1853-1859)*. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 1856. p. 72-75. (manuscrito).
- WILLEY, Gordon R. *An introduction to american archaeology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, v. 2, 1971. 559 p.
- WILSON, Jim. *Guato word list*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1959. 11 p. (não publicado).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)